



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

LUCIANE TEIXEIRA DA SILVA

A CASA ESCOLA DA PESCA DE OUTEIRO-BELÉM/PA:  
para o trabalho e para a liberdade

SÃO CARLOS - SP  
DEZEMBRO 2022

LUCIANE TEIXEIRA DA SILVA

A CASA ESCOLA DA PESCA DE OUTEIRO-BELÉM/PA:  
para o trabalho e para a liberdade

Texto apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação do Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, como requisito para a obtenção do título de Doutora em Educação. Orientador: Prof. Dr. Paolo Nosella.

SÃO CARLOS - SP  
DEZEMBRO 2022

da Silva, Luciane Teixeira

A casa escola da pesca de Outeiro-Belém/Pa: para o trabalho e para a liberdade / Luciane Teixeira da Silva -- 2022.  
385f.

Tese de Doutorado - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Paolo Nosella

Banca Examinadora: Paolo Nosella, Ludmila Cavalcante, Marisa Bittar, Ney Cristina de Oliveira, Roseli Esquerdo Lopes

Bibliografia

1. Educação. 2. Pedagogia da alternância . 3. Formação profissional. I. da Silva, Luciane Teixeira. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Educação

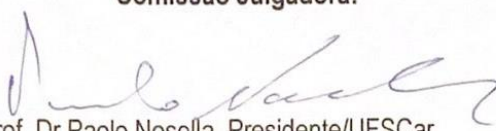
---

**Folha de Aprovação**

---

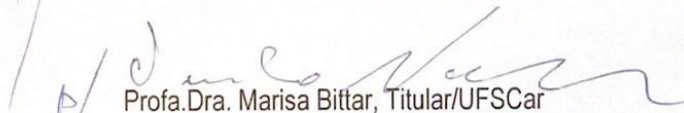
Defesa de Tese de Doutorado da candidata Luciane Teixeira da Silva, realizada em 07/12/2022.

**Comissão Julgadora:**

  
Prof. Dr. Paolo Nosella, Presidente/UFSCar

  
Profa. Dra Ludmila Cavalcante, Titular/ UEFS

  
Profa. Dra., Ney Cristina de Oliveira, Titular/ UFPA

  
Profa. Dra. Marisa Bittar, Titular/UFSCar

  
Profa. Dra. Roseli Esquerdo Lopes, Titular /UFSCar

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação.

Este trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Agradeço sinceramente pelo apoio financeiro fundamental para a realização desta pesquisa.

*Para Gramsci, as diversas formas produtivas e suas correlatas formas escolares são expressões da busca da liberdade por parte do homem. (Paolo Nosella – A Escola de Gramsci, p.196, 2016)*

*Dedico este trabalho à minha família, especialmente à minha mãe, ao meu companheiro, à minha sobrinha Ana Beatriz e aos ex-alunos da Casa Escola de Pesca, que me ensinaram muito.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu querido, grande incentivador, parceiro e orientador, professor Paolo Nosella, por ter acreditado no meu projeto, por ter proporcionado orientações assertivas sobre o que deveria ser feito e por ter me oportunizado muito mais do que a realização de um doutorado, mas a dilatação do espírito

Agradeço em especial a todos que contribuíram para a realização desta pesquisa, por meio das entrevistas, empréstimos de materiais e arquivos pessoais. Sou profundamente grata aos jovens egressos da Escola da Pesca que aceitaram participar das entrevistas e à prof. Fátima Seabra por todo seu apoio à realização da pesquisa.

Estendo o meu agradecimento ao programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos. Aos professores do Departamento de Educação, em especial à professora Marisa Bittar, João Virgílio Tagliavini e Amarílio Ferreira, pelo apoio e pelo aprendizado. Agradeço também pela participação na banca de qualificação e por todas as orientações para a tese e para a vida. Agradeço aos funcionários da Universidade Federal de São Carlos e aos técnicos do PPGE e da Biblioteca Comunitária da UFSCar, onde passava longas horas.

Agradeço a professora Ludmila Cavalcante por todas as orientações e direcionamentos nesse trabalho, assim como aos professores que aceitaram participar da Banca da Defesa, prof. Ney Cristina de Oliveira, Prof. Roseli Esquerdo Lopes e Prof. Elmo Lima.

Ao meu companheiro Ronaldo Lima Araujo pelo incentivo, estímulo e amor dedicados a mim durante os períodos que estive ausente ou reclusa por conta do trabalho com a tese. À minha família, especialmente à minha mãe Maria de Lourdes Teixeira da Silva e aos amigos que fiz ao longo dessa caminhada. Agradeço em especial à Rafael Bida e Evandro Azevedo que me acolheram na cidade de São Carlos, me deram apoio, colo, carinho e atenção, muito obrigada.

Agradeço a Leila Lopes (*in memoriam*) por toda a sensibilidade e pelo acolhimento que foi proporcionado a mim nos meus primeiros meses em São Carlos, eu era uma estrangeira naquela cidade e ela me recebeu de braços abertos.

Aos colegas da Associação Nacional de Pós-Graduandos e do Movimento Estudantil, combativos e atuantes pelos direitos dos estudantes.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES pela concessão da bolsa de doutorado.





## RESUMO

A tese está situada no campo da pesquisa historiográfica, particularmente da História das Instituições Escolares. Tem como objeto de estudo a Casa Escola da Pesca, uma escola pública municipal localizada na região insular do município de Belém, capital do estado do Pará. A escola oferta o Ensino Fundamental e Médio por meio da Educação de Jovens e Adultos. Oferta ainda os cursos de Formação Inicial em Pesca e Aquicultura e Técnico em Recursos Pesqueiros, em cada etapa, respectivamente. Utiliza-se da Pedagogia da Alternância na organização do ensino. O objetivo central é recontar a história da Escola da Pesca tomando como fio condutor a própria Pedagogia da Alternância. A Escola é o resultado de uma política educacional e econômica que enunciava a valorização do Desenvolvimento Sustentável iniciada nos anos de 1990. Tinha como meta incluir a região das ilhas de Belém na dinâmica econômica cuja população ribeirinha vivia do trabalho da pesca artesanal na cadeia produtiva do pescado. O objetivo proposto para a escola foi o de atender os filhos dos trabalhadores da pesca, oferecendo formação escolar e formação técnica em pesca, tomando a Pedagogia da Alternância como o meio para a integração e o equilíbrio entre o conhecimento tradicional escolar e as novas técnicas do trabalho. A sua experiência da Pedagogia da Alternância é parte do movimento e evolução dessa pedagogia. Foram realizadas entrevistas com alunos egressos das primeiras turmas formadas no Ensino Fundamental e com pessoas envolvidas no processo de criação e de instalação da Casa Escola da Pesca. Além disso, serviram de fontes documentos produzidos pela e para a escola. Os trabalhadores da pesca fazem parte de uma população de maioria analfabetos ou com média de 3 anos na escola. A formação para seu trabalho acontece nas famílias pela observação e prática. A criação de uma escola da pesca foi a concretização do desejo de acesso à Educação Básica. As entrevistas com os egressos revelaram que estudar na Escola da Pesca significou uma mudança de vida e de ampliação de perspectiva sobre o trabalho e a família, o que chamo de liberdade.

**Palavras chaves:** Pedagogia da Alternância. Formação Profissional. Pescadores. Casa Escola da Pesca.

## ABSTRACT

The thesis is situated in the field of historiographical research, particularly the History of School Institutions. Its object of study is the Casa Escola da Pesca, a public municipal school located in the insular region of the municipality of Belém, capital of the state of Pará. The school offers Primary and Secondary Education through Youth and Adult Education. It also offers Initial Training courses in Fishing and Aquaculture and Technical courses in Fishing Resources, in each stage, respectively. It uses the Alternation Pedagogy to organize its teaching. The main objective is to retell the history of the Escola da Pesca, taking the Alternation Pedagogy as the common thread. The School is the result of an educational and economic policy that enunciated the valorization of Sustainable Development initiated in the 1990s. Its goal was to include the region of Belém's islands in the economic dynamic whose riverside population lived from the work of artisanal fishing in the productive chain of the fish. The proposed objective for the school was to attend the children of the fishing workers, offering school education and technical training in fishing, taking the Alternation Pedagogy as the means for the integration and the balance between traditional school knowledge and the new work techniques. Their experience of the Alternation Pedagogy is part of the movement and evolution of this pedagogy. Interviews were conducted with students who had graduated from the first classes and also with people involved in the process of creation and installation of the Casa Escola da Pesca. In addition, we used as sources documents produced by and for the school. Fishery workers are part of a population that is mostly illiterate or with an average of three years in school. The training for their work takes place in the families through observation and practice. The creation of a fishing school was the materialization of the desire to have access to Basic Education. The interviews with the graduates revealed that studying at the Escola da Pesca has meant a change in their lives and in their perspective about life, work, and family. Most of the interviewees do not work in fishing, nor do they live in the region of the islands anymore. The school became a space of family, of memories, and of some personal projects.

**Keywords:** Pedagogy of Alternance. Professional Training. Fishermen. School of fishing.

## RÉSUMÉ

Cette thèse se situe dans le domaine de la recherche historiographique, surtout l'histoire des institutions scolaires. L'objet d'étude est la Casa Escola da Pesca, une école publique municipale située dans la région insulaire de la ville de Belém, capitale de l'État du Pará. Cette école offre la formation élémentaire et secondaire ou moyen de l'éducation des jeunes et des adultes. Il propose également des cours de formation initiale en pêche et aquaculture et des cours techniques en ressources halieutiques. Cette école-là utilise la pédagogie d'Alternance pour s'organiser pédagogiquement. L'objectif central est de retracer l'histoire de l'Escola da Pesca, en prenant comme idée maîtresse la pédagogie d'Alternance. Cette école est le résultat d'une politique éducative et économique qui énonce la valorisation du développement durable initiée dans les années 1990. Il avait pour objectif l'inclusion de la région des îles de Belém dans la dynamique économique dont la population riveraine vivait du travail de la pêche artisanale dans la chaîne productive du poisson. L'objectif proposé pour l'école était d'accueillir les enfants des pêcheurs, en leur offrant une formation scolaire et technique dans le domaine de la pêche, en prenant la pédagogie d'Alternance comme moyen d'intégration et d'équilibre entre les connaissances scolaires traditionnelles et les nouvelles techniques de travail. Leur expérience de la pédagogie d'Alternance s'inscrit dans le mouvement et l'évolution de cette pédagogie. Des entretiens ont été menés avec d'anciens élèves des premières promotions et également avec des personnes impliquées dans le processus de création et d'installation de la Casa Escola da Pesca. Par ailleurs, les sources utilisées étaient des documents produits par et pour l'école. Les travailleurs de la pêche font partie d'une population qui, pour la plupart, est analphabète ou n'a été scolarisée que trois ans en moyenne. La formation à leur travail se déroule dans les familles par l'observation et la pratique. La création d'une école de pêche a été la concrétisation du désir d'accès à l'éducation de base. Les entretiens avec les diplômés ont révélé que les études à l'Escola da Pesca ont signifié un changement dans leur vie et dans leur perspective sur la vie, le travail et la famille. La plupart des personnes interrogées ne travaillent pas dans la pêche et ne vivent plus dans la région des îles. L'école est devenue un espace pour la famille, les souvenirs et certains projets personnels.

**Mots-clé:** Pédagogie de l'alternance. Formation professionnelle. Pêcheurs. École de pêche.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de Belém e suas ilhas, destaque para a ilha de Caratateua.....	19
Figura 2 – Ponte Enéas Martins antes da sua inauguração em 26 de outubro de 1986.....	22
Figura 3 – Mapa de Belém e Ilhas com destaque para a localização das Unidades Educacionais para o Desenvolvimento Sustentável.....	33
Figura 4 – Extrato do Contrato nº. 103/2007/SEMEC - Diário Oficial do Município de Belém, Segunda-feira, 13 de agosto de 2007.....	49
Figura 5 – Prefeito Duciomar Costa propõe parceria para ressocialização de presos.....	50
Figura 6 – Placa de inauguração da Casa Escola da Pesca.....	52
Figura 7 – Vista aérea da Casa Escola da Pesca com acesso ao rio Maguari em destaque.....	62
Figura 8 – Fachada da Casa Escola da Pesca com o letreiro e o símbolo da escola.....	63
Figura 9 – Fachada da Casa Escola de Pesca em 2008.....	64
Figura 10 – Fachada da Casa Escola de Pesca com seus alunos em 2014.....	65
Fonte: arquivos da CEPE, 2014.....	65
Figura 11 – Acesso terrestre à Casa Escola da Pesca, estrada Itaieua. Destaque para a placa indicando o bairro na Ilha de Caratateua.....	66
Figura 12 – Acesso terrestre à Casa Escola da Pesca, entrada da Passagem São José.....	67
Figura 13 – Acesso pelo rio à Casa Escola da Pesca. A imagem mostra o trapiche da escola com barcos atracados.....	67
Figura 14 – Alunos da CEPE paramentados para o trabalho no Laboratório de Beneficiamento do Pescado.....	68
Figura 15 – Aluno realizando tratamento da matéria-prima.....	68
Figura 16 – Aula sendo realizada no laboratório.....	69
Figura 17 – Aula prática no tanque escavado com lona para a criação de tambaquis na escola.....	70
Figura 18 – Dormitórios da Casa Escola da Pesca.....	71
Figura 19 – Uma das salas de aula da Casa Escola da Pesca.....	71
Figura 20 – Alunos da CEPE realizando estágio obrigatório na Amazonas Indústrias Alimentícias S.A. (AMASA): uma empresa japonesa de processamento e beneficiamento de pescado localizada em Belém e especializada em camarão rosa.....	82
Figura 21 – Alunos da CEPE fazendo visita técnica ao Mercado do Ver-o-Peso em Belém. Local de venda e negociação de pescados.....	83
Figura 22 – Alunos da CEPE (Ensino Médio) posando para foto em frente a fachada da Escola da Pesca.....	85

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Unidades Educacionais que formavam as Escolas da Rede para o Desenvolvimento Sustentável.....	32
Quadro 2 – Matriz Curricular da Casa Escola da Pesca – Ensino Fundamental e Formação Inicial.....	77
Quadro 3 – Quantidade de instituições que se organizam em Alternância no Brasil com a designação das esferas gestoras.....	102

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Desenho curricular, organização da Matriz Curricular do Ensino Médio –Técnico em Recursos Pesqueiros .....	78
Tabela 2 – Temas geradores das Quinzenas de Alternância adaptados em tabela .....	80

## LISTAS DE SIGLAS

AIMFR	Associação Internacional de Movimentos Familiares de Formação Rural
ARCAFAR	Associação Regional das Casas Familiares Rurais
ARQUIA	Associação de Remanescente de Quilombolas das Ilhas de Abaetetuba
CEASA	Centrais de Abastecimento do Pará
CEB	Comunidades Eclesiais de Base
CEFFAS	Centros Educativos Familiares de Formação em Alternância
CEPAL	Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe
CEPE	Casa Escola da Pesca
CEPNOR	Centro Nacional de Pesquisa e Conservação da Biodiversidade Marinha do Norte
CINBESA	Companhia de Tecnologia da Informação de Belém
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CODEM	Companhia de Desenvolvimento e Administração da Área Metropolitana de Belém
CONSilHAS	Conselho das Ilhas
EFAS	Escolas Famílias Agrícolas
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
FUNBOSQUE	Fundação Centro de Referência em Educação professor Eidorfe Moreira – Escola Bosque
FUNDEB	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos profissionais da Educação
FUNPEA	Fundação de Apoio à Pesquisa, Extensão e Ensino em Ciências Agrárias
GRUPEMA	Grupo de Pesquisa em Educação e Meio Ambiente
ICMBIO	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
ISEBE	Instituto dos Educadores de Belém
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEPES	Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo
MMIB	Movimento das Mulheres das Ilhas de Belém
MOVA	Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos
ONU	Organização das Nações Unidas
PARFOR	Plano Nacional de Formação de Professores
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PM-PA	Polícia Militar do Estado do Pará
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PPVA	Projeto Profissional de Vida do Aluno
PROJOVEM	Programa Nacional de Inclusão de Jovens
PRONERA	Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária
PSDB	Partido da Social-Democracia Brasileira
PT	Partido do Trabalhadores
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
REUNI	Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
SEDUC	Secretaria do Estado de Educação
SEGEP	Secretaria Municipal de Coordenação Geral do Planejamento e Gestão
SEMEC	Secretaria Municipal de Educação

SEMEC	Secretária Municipal de Educação
SESC	Serviço Social do Comércio
UEDS	Unidades para o Desenvolvimento Sustentável
UEPA	Universidade do Estado do Pará
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFRA	Universidade Federal Rural da Amazônia
UNAMA	Universidade da Amazônia
UNEFAB	União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura



## SUMÁRIO VOLUME I e II

<b>APRESENTAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA</b> .....	1
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
Por que a Casa Escola da Pesca como objeto de pesquisa? .....	11
Objetivos .....	15
Método e a construção das fontes .....	15
Estruturação.....	16
<b>CAPÍTULO 1 HISTÓRIA, ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO DA CASA ESCOLA DA PESCA</b> .....	18
Belém, do continente às ilhas.....	18
O reordenamento do território.....	23
A reorganização do Sistema de Municipal de Educação e as Unidades para o Desenvolvimento Sustentável .....	25
A Escola Bosque na Ilha de Caratateua .....	35
A criação da Casa Escola da Pesca .....	38
Formação para trabalhar na Casa Escola da Pesca.....	53
As parcerias.....	53
A Casa Escola da Pesca como um lugar de muitas intenções .....	55
<b>CAPÍTULO 2 A CASA ESCOLA DA PESCA</b> .....	61
O prédio escolar – a estrutura física da Casa Escola da Pesca .....	61
Quadro funcional e professores.....	72
Os alunos.....	73
O Ensino Fundamental na Casa Escola da Pesca e curso de Iniciação Profissional em Pesca e Aquicultura - área de Recursos Pesqueiros .....	74
Ensino Médio – Técnico em Recursos Pesqueiros.....	75
O Saber - Base comum e Base técnica.....	76
O ano escolar e a Alternância.....	79
Os projetos .....	81
Visitas Técnicas e Estágio Supervisionado.....	82
Avaliações.....	83
Projeto Profissional de Vida do Aluno.....	84
A formação com foco na instrumentalização e a alternância em movimento. ....	85
<b>CAPÍTULO 3 A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA E O PLANO PEDAGÓGICO DA CASA ESCOLA DA PESCA</b> .....	89
Origem da primeira experiência: intuição e saber prático sob orientação da Igreja Católica .....	90
A prática atual: saber institucionalizado e formação para o emprego.....	94
O desenvolvimento da Pedagogia da Alternância no Brasil .....	98
As pesquisas sobre Pedagogia da Alternância no Brasil.....	102

Uma Alternância à brasileira.....	106
O Plano Pedagógico da Casa Escola da Pesca .....	111
Perfil do Egresso, entre o desejado e o alcançado.....	115
A Pedagogia da Alternância como forma organizativa ou como princípio orientador? .....	117
<b>CAPÍTULO 4 FONTES VIVAS: RECURSOS DE INFORMAÇÃO E INSPIRAÇÃO.....</b>	<b>123</b>
As entrevistas – Fontes vivas .....	123
Os idealizadores da escola.....	126
Professora Therezinha da Mota Gueiros e Senhor Rosivaldo Batista – da ideia à realização .....	126
Sobre a criação da Casa Escola da Pesca .....	127
Desenvolvimento e implementação do projeto .....	130
Os elaboradores e realizadores do projeto.....	136
Mary Jose Almeida e Neubervan Ribeiro – a escrita do projeto.....	136
Sobre a criação da Casa Escola da Pesca .....	137
As professoras Fátima Seabra e Edilzane Almeida Correia.....	150
<b>O perfil alcançado – os alunos egressos.....</b>	<b>151</b>
Jailson Albuquerque.....	153
Brenno Dias.....	160
Deivid Dutra.....	161
Charles André Campos Barbosa .....	166
Origem familiar .....	168
Ingresso na Casa Escola da Pesca .....	169
A vida na Escola da Pesca.....	170
A trajetória após a Casa Escola da Pesca .....	174
Algumas reflexões sobre a escola e a vida nas ilhas .....	179
Marcos César.....	183
Origem Familiar .....	184
Ingresso na Casa Escola da Pesca .....	186
A vida na Casa Escola da Pesca .....	188
Um pouco sobre os seus conhecimentos acerca do matapi .....	190
Para o trabalho e para a liberdade .....	192
A liberdade .....	194
Trabalho e Educação .....	198
<b>CONCLUSÕES .....</b>	<b>204</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>210</b>
LEGISLAÇÃO E DOCUMENTOS DO MUNICÍPIO DE BELÉM E DO ESTADO DO PARÁ. 210	
LEGISLAÇÃO E DOCUMENTOS – BRASIL .....	211
NOTÍCIAS DE JORNAIS .....	212
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	212

<b>VOLUME II – APÊNDICES E ANEXOS</b> .....	220
<b>APÊNDICES</b> .....	221
APÊNDICE 1 - Roteiro de entrevista Egressos CEPE – Ensino Fundamental.....	222
APÊNDICE 2 – Roteiro de entrevista com os idealizadores da escola.....	223
APÊNDICE 3 – Termo de Consentimento livre e esclarecido.....	224
<b>ANEXOS</b> .....	226
Anexo A – Plano de Estudos de Alternância – Casa Escola da Pesca – ano 2020.....	227
Anexo B – Relatório de Acompanhamento de Visita de Alternância - 2020.....	255
Anexo C – Projeto Casa Escola da Pesca – ano 2007 – projeto 2.....	257
Anexo D – Plano Pedagógico do Curso técnico em Recursos Pesqueiros – ano 2017 .....	298
Anexo E – Projeto Político Pedagógico – ano 2013 .....	308

## **APRESENTAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA**

O interesse pela temática da Educação do Campo foi sendo construído ao longo do meu processo de formação. Tive a oportunidade de fazer a minha graduação em Pedagogia na Universidade do Estado do Pará, entre os anos de 2008 e 2012, no período matutino. Enfatizar isso é importante, pois sabemos que a realidade de estudar no período noturno, ou até mesmo vespertino, é bem diferente: às vezes, nem a biblioteca abre depois após as 18h e há pouca participação nos grupos de pesquisa.

Estudar no período da manhã permitiu-me integrar nas atividades que a Universidade tinha para oferecer. Durante todo o período de 4 anos de curso eu trabalhei, fiz estágios, no Serviço Social do Comércio do Pará - SESC/PA, nos Cursos de Valorização Social. Um conjunto de cursos livres ofertados aos comerciários filiados ao SESC. Ali aprendi muito sobre a Educação de Adultos e sobre as pessoas que, depois de um dia exaustivo de trabalho, ainda encontram tempo para estudar. Trabalhei na Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa. Era um trabalho no setor administrativo, na secretaria do Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Úmido. Em seguida, comecei a trabalhar na Universidade onde eu estudava, como monitora da disciplina Filosofia da Educação. Foi um período fantástico. Trabalhava em sala de aula auxiliando a professora nas atividades burocráticas.

Paralelo aos estágios, participei do Grupo de Pesquisa em Educação e Meio Ambiente – GRUPEMA; realizei atividades de pesquisa de campo, reuniões de grupo, apresentação de trabalho e primeiras publicações. Junto a isso, nos últimos períodos do curso, tinha o trabalho como monitora. Estar inserida nesse ambiente me atraiu para o trabalho de pesquisa. Naquele período, o Grupo de pesquisa se dedicava ao projeto “Entre rios, matas e saberes: territorialidades de práticas socioeducativas de comunidades rurais-ribeirinhas e suas interferências para a sustentabilidade local”. Procurávamos identificar práticas educativas em uma comunidade ribeirinha da Ilha de João Pilatos, localizada no município de Ananindeua, na Região Metropolitana de Belém. Fazíamos visitas semanais à escola da comunidade, entrevistamos os moradores, professores e alunos. Esse período me ensinou muito sobre humildade na pesquisa de campo, sobre construir relações com as pessoas, sobre saber “chegar” no campo e saber perguntar às pessoas que estão ali. Foi quando aprendi a trabalhar com a pesquisa.

A gente queria saber tudo o que eles faziam na comunidade, sobre sustentabilidade e as práticas que desenvolviam de proteção ao meio-ambiente e como isso dialogava com a educação escola e não escolar. Ao longo desse período realizei a minha pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso sobre o “espaço interação”, a sala de informática da escola.

Queria entender o impacto dessa sala no aprendizado dos alunos. Resultou em um trabalho que misturava a tecnologia educacional, territorialidade e comunidades ribeirinhas, por isso recebeu o título de “Interface (s) entre Tecnologia e Espaço Escolar no Universo Ribeirinho Amazônida”. Graças à minha querida orientadora, prof. Dra. Maria das Graças Silva, aprendi a me guiar no meio das minhas ansiedades.

Além de aprender sobre pesquisa, aprendi muito sobre Educação Escolar em comunidades ribeirinhas, sobre o conflito entre o currículo oficial e os saberes e os conhecimentos dos alunos, os saberes em circulação na comunidade e na escola e sobre as dificuldades dos alunos em concluir a escolarização, e sobre a Educação do Campo na Amazônia, tema que eu pude aprofundar, pois, as disciplinas da graduação tratavam de forma superficial. Conheci mais sobre as turmas multisseriadas, as escolas anexas, o desafio do transporte escolar, as crianças que acordam cedo demais para ir à escola e ficam esperando pelo barco nas margens dos rios. Também aprendi sobre a rede de apoio que existe para que as crianças cheguem até a escola, da mãe que fica olhando todo mundo entrar e sair do barco, dos pais que constroem os trapiches para que as embarcações possam atracar e outras muitas coisas.

A Educação do Campo na Amazônia se tornou um tema que me motivava a continuar na pesquisa e me manter próximo do Grupo de Pesquisa e da Universidade. Como já tinha pensado em seguir na área acadêmica, o caminho mais acertado era realizar uma pós-graduação. No ano seguinte à minha conclusão, em 2013, ingressei no mestrado em Educação na Universidade Federal do Pará, seguindo os conselhos da minha orientadora de graduação, que dizia que isso abriria os meus horizontes e me permitiria novas experiências. O que de fato aconteceu.

Ingressei com um projeto que dava continuidade à pesquisa que desenvolvia na Ilha de João Pilatos. O projeto foi criticado por ser muito restrito e por “chover no molhado” já que eu havia acabado de realizar uma pesquisa no mesmo local. Fui aconselhada a pesquisar sobre Comunidades Remanescentes Quilombolas, localizadas no município de Abaetetuba, distante 122 km, de Belém por rodovia, mas também acessível por barco, já que Abaeté, como a cidade é chamada, é cortada por rios e possui muitas ilhas e uma grande população ribeirinha.

Pensei que estaria entrando em um território conhecido. Me enganei um pouco. As Comunidades Remanescentes Quilombolas são bem mais organizadas. Acessar à sua escola dependia de uma aprovação prévia dos líderes da comunidade, que queriam entender muito bem a minha pesquisa e saber das minhas intenções. Com toda razão, a Comunidade é muito ameaçada. O tempo todo a legitimidade do seu território é questionada. Além disso, eles tinham preocupação sobre o uso de informações, como fotografias e depoimentos.

Apresentei os documentos necessários à Associação de Remanescente de Quilombolas das Ilhas de Abaetetuba – ARQUIA. Não me conheciam, mas ao compreenderem sobre a pesquisa e percebendo o meu esforço, pois precisava sair de Belém e passar dias em Abaeté, após algumas conversas, me permitiram realizar a pesquisa na escola Estadual Santo André, a única que atendia à comunidade, da Educação Infantil ao Ensino Médio. Para chegar à escola eu esperava no porto de Abaeté, com os professores da escola, o transporte escolar, uma embarcação de madeira, que nos levaria até a comunidade. Era em média 1h30m de uma viagem muito agradável até à escola, com algumas paradas para buscar os alunos. Digo agradável por que o barco balançava pouco.

Nesta pesquisa estava mais sozinha, sem o grupo. Só eu estava pesquisando sobre essa comunidade, o que tornou as coisas um pouco mais cansativas. Mesmo assim, comecei a minha pesquisa sobre a Escola Santo André. Por conta do transporte, passava o dia inteiro na comunidade; comia merenda escolar, participava das aulas e fui fazendo amizade com as pessoas. Aprendi muito sobre o processo de reconhecimento do Território Remanescente Quilombola e como a identidade Quilombola, promovida por meio da reafirmação de sua ancestralidade, é uma das formas de reivindicar seus direitos. É por intermédio dessa identidade que os jovens ingressam na universidade e conseguem financiamento para o seu trabalho. É também por meio da sua identidade que a escola trabalha de forma positiva o passado africano e não apenas os resquícios da escravidão, exaltando a cultura, os valores e os conhecimentos. Sobre isso tratei na minha dissertação, sobre a forma como a identidade quilombola se manifestava nas práticas da escola, resultando no trabalho “Educação escolar e identidade quilombola: um enfoque na comunidade Nossa Senhora do Perpetuo Socorro, município de Abaetetuba, estado do Pará”.

Além da realização do trabalho, o período do mestrado me permitiu participar de eventos e apresentar trabalhos em outras universidades, conhecer outros estados e outros professores e instituições. A possibilidade de fazer o doutorado em outro lugar ia se tornando mais real. As condições financeiras eram o maior impedimento. Naquele momento, eu era bolsista do CNPQ e essa era toda a minha renda. Assim que defendi o mestrado, comecei a procurar trabalho como professora. Além do lado financeiro, sentia que precisava viver um pouco fora da universidade, depois de ter engatado graduação e pós-graduação.

Comecei a trabalhar como professora eventual em algumas cidades do interior do Pará. Ministrava as disciplinas pelo período de 15 dias, de forma intensiva, uma das formas de oferta de turmas de graduação no interior do estado, onde há pouca oferta para professores efetivos.

Viajei por várias cidades como professora pela Universidade Federal do Pará e pela Universidade do Estado do Pará, nas turmas regulares e nas turmas ofertadas por meio do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica - PARFOR, no período de férias escolares. Além disso, realizei algumas provas de concurso públicos para docente da educação superior. Não fui aprovada, mas fui adquirindo experiência, o que é importante nas seleções.

Em 2017 realizei concurso público para professora substituta da Universidade Federal Rural da Amazônia, para atuar na sede da instituição em Belém, o que seria muito bom, pois não precisaria mais ficar me deslocando e seria a oportunidade de conseguir dois anos de contrato com uma Universidade. Fui aprovada e comecei a trabalhar nas turmas de graduação do curso de Licenciatura em Computação, no curso de Licenciatura em Letras Libras. Quem já trabalhou como substituto sabe do que eu vou falar. Eu adorava trabalhar ali, mas me atribuíram os horários menos desejados pelos outros professores, como por exemplo, às sextas-feiras de 20h até 22h. Todas as sextas alguma doença ou evento inesperado acontecia com algum aluno.

Havia decidido que queria ser uma boa professora, queria ser reconhecida por um trabalho comprometido e sério. Não foi fácil, não podia errar. Planejava as aulas com muito zelo e sempre pensando nos meus alunos. As turmas em que dava aula na UFRA eram de cursos recentes, que divergiam um pouco da tradição da universidade, cursos “rurais”. Estes cursos foram criados por meio do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI. Os alunos tinham outro perfil, haviam ingressado pelo Enem, alguns estavam sem estudar há muito tempo. Eles ficavam maravilhados e também assustados com a universidade. Trabalhar com turma de ingressantes foi muito bom, pois me permitiria apresentar-lhes esse novo mundo.

Trabalhava no período da tarde e da noite. Meus alunos eram na maioria trabalhadores; muitos vinham de uma jornada de trabalho, outros começavam a jornada após as aulas. Me orgulha lembrar que tive sensibilidade de saber negociar os atrasos e as saídas mais cedo. É um autoelogio sincero. Sabia que eles não tinham o mesmo tempo e disposição dos alunos de outro turno, mas de nenhuma forma deixei de exigir aplicação nas atividades.

Tudo isso me deu mais certeza de que queria continuar como professora de graduação, em uma universidade. Sabia que para isso teria que fazer o doutorado e produzir conhecimento por meio da pesquisa e divulgá-lo. Já me sentia mais preparada para essa etapa. Decidi fazer a seleção em um programa de fora, em outro estado. Comecei a fazer pesquisas sobre o processo seletivo, universidades e linhas de pesquisa. Toda a minha referência de pesquisa eu tinha

construído na graduação e no mestrado, nos grupos de pesquisas e como professora. Foi para essas referências que me voltei quando pensei na pesquisa do doutorado.

A pesquisa sobre a Educação do Campo na Amazônia emitia uma forte atração, mas eu não queria voltar para as comunidades ribeirinhas, queria conhecer novos espaços. Também não queria insistir nos problemas vivenciados por essas escolas, com a falta de estrutura, as turmas multisseriadas, etc. Há muito material sobre isso e muitos pesquisadores tratam com dedicação sobre o tema. Queria fazer a pós no Rio de Janeiro ou em São Paulo, na capital. Um ano antes da minha primeira seleção, visitei a cidade de São Carlos, porque meu enteado estava estudando na UFSCAR e fiquei encantada com o clima da cidade, dos estudantes, de tudo ali.

Comecei a pesquisar sobre o Programa de Pós-graduação em Educação da UFSCAR e sobre as linhas de pesquisa. Duas me chamaram atenção: "Estado, política e Formação Humana" e "História, Filosofia e Sociologia da Educação". Embora já estivesse pesquisando sobre as linhas, ainda não sabia o que iria pesquisar. Retornando às minhas referências, entendi que ao falar sobre a Educação no Campo poderia me aproximar de uma escola que tivesse uma trajetória positiva.

Havia uma escola do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, no assentamento Palmares, no interior do estado, que desenvolvia um trabalho interessante. Mesmo sendo do MST a escola recebia apoio do município e de outras instituições e trabalhava por meio de temas geradores. Além das escolas de assentamento, em minhas pesquisas apareciam as Escolas Famílias Agrícolas, em Altamira, na Ilha do Marajó. Pensei que poderia desenvolver uma pesquisa sobre isso, mas não me sentia motivada o suficiente, inclusive por já existirem pesquisas e materiais sobre essas escolas.

Nesse período, de busca por um objeto, o meu companheiro foi realizar uma palestra na Casa Escola da Pesca sobre o Ensino Médio Integrado. Me convidou para ir junto. Não conhecia a escola e achei o projeto muito interessante. Fiquei lá conversando com a diretora e conheci alguns espaços. Fiquei pensando sobre Educação do Campo na Escola da Pesca. A Pedagogia da Alternância era um ponto que chamava atenção na escola, mas não me interessei logo de cara. No caminho de volta meu marido falou "em São Carlos tem o Nosella, que estuda sobre Pedagogia da Alternância". Foi o suficiente para mudar as coisas.

Eu já conhecia a Pedagogia da Alternância, como uma metodologia da Educação do Campo. De qualquer forma, não conseguia naquele momento enxergar um projeto que pudesse submeter à seleção de um doutorado. Os objetos de pesquisas não são construções puras dos nossos interesses. Como ensina Bourdieu (2007), o campo científico cria os mecanismos que



legitimam os objetos e os métodos na sua hierarquia de valores. A escolha por determinado objeto revela a referência à hierarquia e os investimentos na estrutura de oportunidades de lucro material e simbólico. Precisava identificar na Escola da Pesca ou na Pedagogia da Alternância valor suficiente para propor uma pesquisa de doutorado, por isso fui em busca sobre o que o campo já me oferecia sobre o tema.

Comecei a pesquisa sobre a Escola da Pesca na internet e encontrei a tese publicada em 2015, defendida na UFPA, pela prof. Nazaré Diniz Serrat, com o título “Na Belém ribeirinha, a juventude e o direito à escolarização com educação profissional: análise da experiência da Casa Escola da Pesca”. A autora trata da realidade socioeducacional da juventude ribeirinha que vive na região das ilhas, demarca bem esses atores sociais como “uma população tradicional da Amazônia paraense, os ribeirinhos” que vivem da atividade da pesca de maneira principal e do extrativismo. É um trabalho que tem como foco a juventude e o papel da Escola da Pesca enquanto um espaço de garantia de direitos que reconhece a condição social dos jovens. Foi a partir dessa leitura que consegui identificar novas leituras para o meu projeto.

No trabalho de Diniz, a Alternância é pouco tratada, apenas como a forma como a escola se organiza. Nas minhas pesquisas, a Pedagogia da Alternância chamava mais atenção, pois era colocada como uma pedagogia alternativa, diferenciada para o campo, ao mesmo tempo insuficiente, embora estivesse em expansão no Ensino Superior. Havia pouco conteúdo acerca dos elementos pedagógicos da Alternância, mostrava-se mais sobre sua contribuição para o desenvolvimento das comunidades e das pessoas.

Decidi enviar um e-mail ao professor Paolo Nosella, informando do meu interesse em realizar o doutorado com ele. A resposta demorou poucos dias. O e-mail retornou com algumas perguntas de sondagem. Com o tempo descobri que esse era o jeito dele de conhecer mais sobre as pessoas que se interessavam por essa temática.

Junto com a resposta, veio um convite, “venha à São Carlos”. Tomei um susto, mas aceitei. Tinha pouca coisa escrita. Em anexo enviou-me um texto para ler. Estudei como se fosse a minha vida. Pensei que fosse fazer perguntas sobre o texto. Nosso encontro não foi sobre isso. Após me receber em sua casa, o professor Nosella me fez uma série de perguntas sobre a minha vida pessoal. Talvez isso tenha me inspirado a escrever estas primeiras páginas. Perguntou sobretudo, dos estudos à família, o que eu gostava de fazer, as minhas impressões sobre não fazer nada etc. Nenhuma pergunta sobre o texto enviado em anexo.

Eu pouco falei sobre o meu projeto para realizar no doutorado, apenas sobre a escola que havia pensado estudar, a casa Escola da Pesca. Ele me disse para fazer a seleção. Eu

comecei a ler sobre as suas produções, sobre o livro *Origens da Pedagogia da Alternância no Brasil* e outros diversos artigos sobre o assunto. Escrevi um projeto sobre o tempo comunidade desenvolvido na Escola da Pesca. Submeti a seleção. Não passei na primeira tentativa. Estava muito nervosa na entrevista. Mesmo sendo frustrante uma reprovação, ganhei mais um ano para estudar e me preparar.

Retomei os meus estudos sobre a Escola da Pesca e no ano seguinte fiz novamente a seleção. Um projeto parecido, mas com a estrutura bem diferente. Tive tempo para produzir e participar de eventos que me contabilizaram pontos na avaliação curricular, e de me aprofundar na Alternância. Fiz o que os manuais de pesquisa orientam. Procurei o que já havia sido publicado acerca da Pedagogia da Alternância, Educação do Campo, Escola da Pesca. Encontrei teses, dissertações e artigos que me deram indicações.

Continuei meu investimento na Pedagogia da Alternância e na Casa Escola da Pesca, procurando entender sobre a organização da escola e especialmente do tempo comunidade. As pesquisas mostravam uma lacuna sobre a análise dos elementos pedagógicos que fazem parte desta pedagogia. Além disso, notícias recentes mostravam uma certa crise sobre esse movimento pedagógico. Algumas escolas de Alternância estavam sendo fechadas por falta de financiamento. No ano seguinte, fui aprovada e me mudei para São Carlos e passei a vivenciar de forma intensa as disciplinas e as orientações.

Como é de costume, o projeto de entrada passa por diversas revisões e questionamentos. Além disso, estava muito confusa e o objeto de pesquisa ainda não estava claro. Com o auxílio do meu orientador e dos professores, comecei a entender de que forma poderia desenvolver a pesquisa. Ele me passou a tarefa de ler todos os seus livros publicados em parceria com a professora Ester Buffa sobre as principais instituições escolares da cidade de São Carlos, em ordem de publicação: *Schola Mater*, Escola Industrial e Escola de Engenharia. São livros que narram o processo de criação e instalação dessas escolas e também apresentam alguns depoimentos de ex-alunos. É possível identificar a análise do particular sem perder a noção do geral. Por meio da criação dessas instituições é contada a história de São Carlos e do estado de São Paulo e o que elas instituíram para a região.

Foi a partir da leitura desse material que eu comecei a entender sobre a História das Instituições Escolares, as referências e a forma de tratar sobre o tema. Por meio da análise do processo de criação, instalação e de entrevista com os egressos da Escola Pesca, eu poderia caracterizar a prática da Alternância desenvolvida pela escola, e isso é uma forma de mostrar os diversos usos da Pedagogia da Alternância no Brasil. O meu objeto é a Escola da Pesca, por

meio da história da sua criação e instalação será possível entender o processo de desenvolvimento da Pedagogia da Alternância no Brasil.

Como foi ensinado por Umberto Eco (2012), é muito importante ter acesso às fontes. Por ser uma escola fundada no tempo recente, em 2008, alguns documentos referentes à sua criação, como os Diários Oficiais do Município estão disponíveis na internet. O acesso às fontes vivas também foi possível por conta de uma rede de contatos entre as pessoas que trabalhavam e que ainda trabalham na Secretaria Municipal de Educação de Belém e também na Casa escola da Pesca e da Escola bosque, tinha as condições necessárias para iniciar a pesquisa sobre essa instituição.

A pesquisa sobre as Instituições Escolares situa-se no âmbito da história da educação. Novos objetos surgem como expressão das abordagens decorrentes da escola dos Annales e da nova história francesa. A transformação ocorre tanto nos objetos como também na forma de trabalhar do pesquisador e nas fontes de pesquisa que são ampliadas. As tradicionais fontes de pesquisa do historiador, os documentos, se tornam insuficientes, abrindo a possibilidade para as mais diversas fontes.

Além disso, a pesquisa na linha da História das Instituições Escolares não me impediria de retornar às minhas referências sobre Educação no Campo, nem sobre a Alternância. No Brasil, a Educação do Campo é um movimento que se organiza em torno de dois princípios centrais: a emancipação dos sujeitos que vivem no campo e do próprio campo. Mesmo sendo um dos espaços mais produtivos do Brasil, com expressiva participação no PIB, 26,6% de no que se refere apenas ao agronegócio no ano de 2020, e em crescimento (CNA, 2021) e, historicamente, espaço dos principais ciclos de desenvolvimento, o campo é visto como espaço de atraso e de pouco desenvolvimento, apenas como um espaço de exploração das riquezas, riquezas que não ficam no campo, nem para os sujeitos do campo. A riqueza acumulada vai para as cidades e os centros urbanos; resultado de uma profunda ruptura entre campo e cidade.

A Educação do Campo se apresenta com uma tarefa contra hegemônica, ao defender uma visão de valorização do campo e dos sujeitos, mostrando novas formas de produzir no campo, menos predatórias e mais sustentáveis. Demarca o que é o espaço do campo, como ele se caracteriza e se constitui. Podemos até pensar que, em determinado nível, isso pode reforçar a fragmentação entre o espaço do campo e da cidade, embora, a integração entre esses dois espaços seja o esperado, pois o campo depende da cidade e a cidade do campo, no entanto, no momento atual, é preciso diferenciar os dois.

Não é apenas uma questão de território e costumes. É uma fragmentação mais profunda, Raymond Williams na obra o campo e a cidade: na história e na literatura, exemplifica:

A divisão e oposição entre cidade e campo, indústria e agricultura, em suas formas modernas, representa a culminação crítica do processo de divisão e especialização do trabalho que, embora não tivesse início com o capitalismo, foi desenvolvido dentro do capitalismo a um grau extraordinário e transformado. Esta divisão fundamental se manifesta sob outras formas: a separação entre o trabalho mental e trabalho braçal, administração e execução, entre política e vida social. Os sintomas desta divisão podem ser encontrados em todos os setores da vida que, agora, é comum a todos nós: na ideia e na prática das classes sociais; nas definições convencionais de trabalho e educação: na distribuição física de comunidade; e na organização temporal do dia, da semana, do ano e da existência. (WILLIAMS, 1989, p.407).

Campo e cidade são espaços diferentes, mas o que os separa é a fragmentação que desassocia o próprio homem de si. Quando a Pedagogia da Alternância foi criada, em 1935, Abbé Granereau desejava uma escola que formasse chefes e líderes rurais, capazes de desenvolver física e mentalmente pessoas para o trabalho e a vida no campo, que não fosse mais imperativo ir para a cidade em busca de condições melhores.

A divisão entre campo e cidade promove uma separação entre os setores inclusive na educação, eu consigo compreender que na Pedagogia da Alternância é possível ser realizada uma integração maior entre conhecimentos, não uma aproximação entre campo e cidade, mas dos conhecimentos tecnológicos, dos avanços humanos para o trato com a terra ao mesmo tempo da valorização do espaço urbano. A Alternância é uma via possível de integração.

Uma vez que é possível considerar a Pedagogia da Alternância no Brasil como uma proposta contra hegemônica:

Essa perspectiva se revela na organização das escolas a partir da luta dos trabalhadores, da luta de classes, e ao passo em que essa escola surge para defender um tipo de educação e um tipo desenvolvimento do campo, ela potencializa a identidade dos sujeitos do campo, que passam a compreender seu espaço não só como lugar de produção, mas como modo de vida e de cultura, essa perspectiva, impulsiona uma outra possibilidade de contra hegemonia, que é a luta e defesa de um projeto específico de desenvolvimento do campo, pautado na agricultura familiar e em práticas agroecológicas opondo-se a modelos históricos e atuais de exploração do campo, vinculados aos interesses do capital econômico. (MAGALHÃES E SILVA, 2020, p. 15).

## INTRODUÇÃO

O título deste trabalho foi construído a partir das análises das entrevistas realizadas com os egressos da Casa Escola da Pesca. Nos depoimentos, os entrevistados diziam que a escola havia mudado a trajetória das suas vidas, que após o ingresso na escola eles conseguiram ter perspectivas em relação aos estudos, ao trabalho, à família e à vida.

O objetivo é apresentar a história da Escola Municipal Casa Escola da Pesca, a partir das suas origens e desenvolvimento no tempo, e ainda revelar por meio da identidade dos sujeitos que habitaram a escola, os alunos egressos, e da sua prática pedagógica, a Pedagogia da Alternância, um pedaço da história da educação no município de Belém, capital do estado do Pará. O questionamento, para o trabalho ou para a liberdade, foi uma forma de construir uma argumentação sobre o papel dessa escola e sobre o que foi instituído por ela.

Lembro da primeira vez que visitei a Casa Escola da Pesca, fiquei encantada com o que vi. Já conhecia aquela escola por meio de pesquisas, notícias e de colegas que trabalhavam lá. É uma escola que chama atenção, por ser municipal e ofertar Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação Profissional, trabalhar com a Pedagogia da Alternância com a prioridade de atender os filhos de pescadores e trabalhadores da pesca da região insular do município de Belém. A pesca é umas das profissões mais antigas e necessárias da região.

A escola fica afastada do centro de Belém, são 30 quilômetros de distância por via terrestre, para chegar até lá passamos por grandes avenidas de uma área mais nova do município, que possui um fluxo intenso de pessoas e automóveis e onde podemos ver portos privados, empresas de logística e transportadoras. Em seguida passamos pelo Distrito Industrial de Icoaraci, atravessamos também o Furo do Rio Maguari pela ponte Dr. Eneias Pinheiro para chegar até a ilha de Caratateua. Ao chegar passamos por bairros movimentados, condomínios de luxos que contrastam com as casas e os comércios populares e mais empresas de transportes, indústrias e pela Praia Grande, uma das atrações do lugar.

O caminho que nos leva até a escola vai se afastando de suas características movimentadas e se torna cada vez mais silencioso e com menos movimento. Casas como em pequenos sítios vão surgindo. Até que chegamos na rua que dá acesso à escola, uma placa indica onde devemos seguir pela direita, uma rua que não é asfaltada e com algumas casas ao redor, no final dela encontramos a Casa Escola da Pesca, o seu prédio principal, em madeira e com uma arquitetura que lembra as casas ribeirinhas da região, porta, janela e um pátio coberto, o seu nome escrito na parte superior da entrada, com a imagem de um tambaqui talhado em madeira, em volta uma imensa área verde.

Ali está a casa, ao seu redor a escola, com as salas de aula, bibliotecas, laboratórios, dormitórios e auditórios como uma Casa-Escola. Ela não passa despercebida, mas fica um pouco escondida, é preciso ir até ela para entendê-la melhor.

### **Por que a Casa Escola da Pesca como objeto de pesquisa?**

A Casa Escola da Pesca foi criada para atender trabalhadores e os filhos de trabalhadores da pesca da região insular de Belém, uma porção de 42 ilhas que compõem o território da Capital paraense e onde vivem pelo menos 10% da população (GUERRA, 2015). A pesca e a captura de camarão são as principais atividades realizadas nessa região, são fontes de proteína animal e junto com o açaí compõem a dieta principal das famílias. Além da alimentação, a pesca é também o meio de trabalho dessa população, é fonte de renda e emprego por meio da venda e da troca do pescado.

A Escola da Pesca foi criada por meio de um projeto desenvolvido na Fundação Escola Bosque, através de um convênio firmado entre a Fundação e a Federação de Pescadores do Estado do Pará, em 17 de abril de 2008; com o objetivo de ofertar formação profissional inicial em pesca e aquicultura junto com os anos finais do Ensino Fundamental. Após 3 anos de funcionamento, começou a ofertar o Ensino Médio integrado ao curso Técnico em Recursos Pesqueiros. Momento em que também deixou de ser um projeto e se tornou uma escola pública do Sistema Municipal de Belém

A região insular de Belém a que me refiro neste trabalho é composta pela ilha de Caratateua e Mosqueiro, as ilhas centrais e menores ilhas adjacentes, Jutuba, Paquetá, Cotijuba, e outras e ainda do distrito de Icoaraci. Nestas ilhas e no distrito vivem as famílias de trabalhadores da pesca, uma parcela deles é filiada à Colônia de Pescadores artesanais de Icoaraci, Z-10. A organização social dos pescadores é feita assim, as colônias são vinculadas à Federação do Estado e ao Movimento de Pescadores do Estado do Pará, que por sua vez são vinculadas à Confederação dos Pescadores do Brasil. Nem todos os pescadores são filiados às Colônias, mas elas ainda são o maior ponto de concentração de forças da categoria e por onde eles são identificados.

A ilha de Caratateua marca a sua importância por conta do volume populacional, extensão territorial e sua história de 128 anos de fundação. Também, é nesta região que está localizado o Distrito Industrial de Icoaraci, fundado em 1981, um parque com mais de 30 empresas que atuam na construção naval, extrativismo vegetal, beneficiamento de madeira e distribuição (CODEC, 2020), além disso, na ilha está localizado o Terminal Portuário de Outeiro, local de escoação da

produção. A principal atividade dos moradores da ilha gira em torno do trabalho na capital no setor de serviços, do turismo nas praias da ilha e da pesca artesanal.

A pesca artesanal pode ser caracterizada pela produção própria dos materiais, os pretechos da pesca, pelo trabalho familiar e pela pouca utilização de recursos tecnológicos. A atividade é desenvolvida de forma extrativista, depende da sazonalidade do pescado e das condições da natureza. Essa modalidade representa 70% da produção do pescado no estado do Pará. A captura do pescado é a etapa que está na base da cadeia produtiva do pescado, são os que mais trabalham e recebem menos (SANTOS, 2005). No caso da região das ilhas, o que é capturado é vendido nas próprias ilhas ou nos mercados de peixe de Icoaraci e Outeiro, ou como foi dito, fica para a alimentação das famílias.

Os pescadores artesanais são ainda a parcela de trabalhadores que encontram mais dificuldades em realizar financiamento para atividade e qualificação para o trabalho. Os pescadores paraenses passam em média 3 anos na escola, são analfabetos, e não tem acesso a nenhuma atividade de qualificação; o que eles aprendem sobre o trabalho são realizando as atividades, com conhecimentos passados pelas famílias, é uma população idosa, e seus descendentes não querem continuar trabalhando com a pesca (SANTOS, 2005).

A relação entre a região continental e a região das ilhas é marcada hora pelo abandono, hora por uma ação reativa dos poderes públicos. Belém cresce da sua parte continental e vai construindo a sua periferia na margem da cidade, e esse crescimento se estende até a região insular, marcado pela ocupação de suas principais ilhas, Caratateua e Mosqueiro. A ação reativa acontece, principalmente, em função do crescimento do número de moradores das ilhas, por conta da ocupação desordenada do território que provoca danos ao meio ambiente e o abandono social.

Em relação à Educação, até o ano de 1994 havia apenas uma escola de Ensino Fundamental completo, até a então 8ª série, localizada na Ilha de Cotijuba para atender a população ribeirinha das ilhas, e outras pequenas escolas anexas, com turmas multisseriadas para as turmas dos primeiros anos. O Ensino Médio era ofertado apenas no Distrito de Icoaraci, porção do continente e em outras escolas de Belém, dessa forma os alunos das ilhas, deveriam se deslocar de suas comunidades por meio de viagens de barco para continuar os estudos.

A região das Ilhas que fazem parte do território insular de Belém, são de responsabilidade da Prefeitura Municipal. A criação da Escola da Pesca foi sustentada pelos objetivos de promover estratégias para o desenvolvimento das ilhas, o desenvolvimento sustentável e combater o alto índice de analfabetismo entre os pescadores e principalmente

ofertar a formação profissional inicial entre os filhos desses trabalhadores. Esse objetivo está exposto em todos os documentos da escola que tive acesso.

A Fundação Centro de Referência em Educação Ambiental Professor Eidorfe Moreira – FUNBOSQUE, tem como objetivo desenvolver a Educação Ambiental e o desenvolvimento sustentável no município de Belém, tem a Escola da Pesca como uma de suas unidades pedagógicas. A FUNBOSQUE está localizada na Ilha de Caratateua, existe desde 1995 e já atendia uma parcela da população escolar das ilhas. Cabe destacar que até os anos de 1990 e até mesmo no momento atual em 2021, a educação formal é ofertada nessa região por meio de escolas- anexos e turmas multisseriadas, envolvendo profissionais que apesar das condições conseguem desenvolver o seu trabalho com a população dessa região.

A escolha da Casa Escola da Pesca como objeto para a realização dessa pesquisa acontece por alguns motivos, primeiro porque ela representa um diferencial dentro das unidades escolares do município de Belém e inclusive do Brasil, por ser uma escola municipal que oferta formação profissional técnica de nível médio e formação profissional no Ensino Fundamental. A oferta do Ensino Médio e da formação profissional não são obrigações legais dos municípios brasileiros e sim do governo estadual e federal, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Menos de 1% das escolas municipais no Brasil realizam oferta semelhante à da Escola da Pesca.

Além disso, existem outras escolas técnicas já estabelecidas na cidade de Belém, que poderiam abrigar uma nova formação profissional, como o Instituto Federal de Formação Técnica e Tecnológica – IFPA, criado em 1909 como Escola de Aprendizes Artífices do Pará e desde 2008 Instituto Federal de Educação Técnica e Tecnológica. A Escola Técnica Estadual Magalhães Barata, fundada em 1989, além de outras 9 instituições públicas, apenas no município de Belém, com data de criação anterior ou próxima da Escola da Pesca.

São fatores que chamam atenção sobre a criação dessa escola e que considero merecerem atenção, pois revelam um movimento diferenciado dentro do sistema municipal, que procura ampliar seu raio de atuação, por meio da formação profissional.

Além disso, a atividade da pesca artesanal é uma das principais fontes de renda e alimentação para as famílias da região insular, em uma população que é constituída de pobres, com pouco acesso à recursos de saúde, saneamento básico e educação, nesse cenário a Escola da Pesca foi criada, objetivando “a formação de filhos de pescadores da Região das Ilhas com o propósito da redução da pobreza e a melhoria da gestão dos recursos naturais do Município” (PMB, 2010a).



Os documentos da escola mostram o objetivo de ofertar uma formação para a promoção da aquicultura, dessa forma as famílias teriam acesso ao pescado ao longo de todo o ano, acesso a tecnologias para a navegação e criação de pescados e a promoção de uma formação cidadã, de pessoas capazes de intervir, de identificar e agir diante dos problemas da sua comunidade. Estudar as origens e desenvolvimento da Escola da Pesca é a oportunidade de explicitar a singularidade dessa instituição por meio das marcas que ela deixou nos alunos que passaram por ela e o que foi instituído. Além disso, também será possível analisar a prática da Pedagogia da Alternância.

Indicando esses objetivos, pode parecer que a pesquisa seguiria dois caminhos distintos, ao contrário, devo afirmar que eles estão integrados. Me baseio na hipótese de que a Pedagogia da Alternância desenvolvida pela Casa Escola da Pesca representa o resultado de um processo de tradição e renovação dessa pedagogia, que no Brasil vem sendo desenvolvida desde o ano de 1969 e no mundo desde 1935. A tradição é representada pela sua umbilical relação com o campo, com o espaço rural e o seu desenvolvimento. E a renovação pela sua apropriação para a promoção de formações para a qualificação profissional, e sobretudo a adaptação ao mercado de trabalho.

A iniciativa da promoção de formação pela Pedagogia da Alternância pela Casa Escola da Pesca, revela uma atuação que se difere do que vem acontecendo nas demais experiências de movimentos sociais e populares do campo brasileiro, o que até então conferia uma identidade para Alternância no Brasil, essa atuação tem resultados em experiências que apresentam uma diversidade de concepções e projetos em torno dessa Pedagogia.

Tal diversidade tem gerado no interior da experiência brasileira conformações e gerado novos conflitos, como a necessidade do movimento da Pedagogia da Alternância em definir a sua autonomia como movimento, identificando os princípios da sua atuação, não em sentido restrito, que poderia até mesmo engessar a Alternância, mas no sentido de dar direção. Encontrar as contradições nesses projetos e assim as finalidades que a formação por alternância vem assumindo é importante e decisivo para o futuro da própria Alternância.

A análise da experiência da Casa Escola da Pesca, também vai no sentido de identificar a que projeto humano está vinculado à atuação/prática desenvolvida. Qual seja, tornar os filhos dos pescadores mais competitivos, ampliar o potencial da região insular com o trabalho da pesca artesanal, por meio do ensino de técnicas modernas de manejo do pescado ou promover o desenvolvimento sustentável e autonomia das pessoas que vivem na região insular.

Estudar uma instituição educativa implica em expor o seu sentido e o significado do que foi instituído por ela, assim, essa pesquisa é uma busca para revelar o que a Escola da Pesca inaugura como escola, para os seus alunos, para as suas famílias e para a região insular de Belém.

## **Objetivos**

Os objetivos deste trabalho foram descrever e analisar o processo de fundação e instalação da Casa Escola da Pesca e caracterizar a sua proposta de prática da Pedagogia da Alternância na oferta de Educação Profissional voltada a atividade da pesca às populações da região insular do município de Belém. Como desdobramento desse objetivo central, definimos os seguintes objetivos específicos:

a) Analisar a relação trabalho e educação por meio do estudo de uma instituição escolar, pois, “as formas de trabalho que caracterizam uma sociedade marcam também sua educação e suas instituições escolares” (NOSELLA, 2001).

b) Aprofundar o conhecimento acerca do trabalho como princípio organizador da educação. Especialmente na região amazônica, onde formas de trabalho mediadas por alta tecnologia “convivem” com o trabalho artesanal.

c) Reconstruir a história da Casa Escola da Pesca por meio de uma opção metodológica que concebe o particular como expressão do desenvolvimento geral. Considerando, a Casa como a expressão de uma política educacional aliada a uma política de desenvolvimento.

d) Caracterizar a proposta de práticas pedagógicas pautadas na Pedagogia da Alternância realizada pela Casa Escola da Pesca.

## **Método e a construção das fontes**

O trabalho está situado no campo da pesquisa da História das Instituições Escolares. De acordo com Sanfelice, “nenhuma instituição escolar tem o sentido da sua singularidade explicitado, se tomada apenas em si mesma” (SANFELICE, 2006, p.25), isso significa que ao estudar determinada instituição é necessário se preocupar sobre as contradições econômicas, sociais, políticas, culturais etc. É necessário ainda, fazer o uso de um referencial que privilegia a análise da relação entre o local e o geral, considerando as instituições escolares enquanto um espaço de múltiplas determinações e ricas relações, que ao analisadas podem nos revelar o seu sentido e a sua identidade da instituição.

Ainda de acordo com Sanfelice (2007) é importante adquirir um passaporte que garanta a entrada na Escola, “O que me dá o passaporte de ingresso é o conjunto de fontes que levanto,

crítico e seleciono, e nenhum tipo de fonte deve ser interdito” (SANFELICE, 2007, p.77). Ou seja, é necessário ter fontes e o pesquisador ter acesso a elas para a construção da pesquisa.

A fonte é uma construção do pesquisador, resultado da relação entre a sua posição, como um intérprete, com as suas questões e com os destinatários do seu estudo. A forma como essa construção é realizada revela o meu interesse e ainda o meu posicionamento enquanto pesquisadora. (RAGAZZINI, 2001). Para a realização deste trabalho foram utilizadas as fontes da escola, por meio de documentos disponíveis, como o Projeto Político Pedagógico, Planos Pedagógicos, instrumentos de registros da Alternância, Diários Oficiais do Municípios, Jornais e Blogs.

Além das entrevistas realizadas com pessoas que trabalhavam na Secretaria Municipal de Educação de Belém no período de gestação do projeto Escola da Pesca, de professores e ex-gestores da Escola que estavam no período de implementação e de Alunos Egressos das primeiras turmas de Ensino Fundamental. A partir do conteúdo produzido por essas fontes foi possível (re) construir o caminho percorrido para a criação e instalação da Escola da Pesca, o processo de implementação e os seus primeiros anos de funcionamento.

Por meio do conteúdo das entrevistas com os egressos foi possível descrever as trajetórias escolares dos ex-alunos, mostrando a sua origem familiar, a condição de sua família, a sua relação com o trabalho com a pesca, como foi estudar na Escola da Pesca e os rumos tomados após a formatura. As fontes citadas existem e foi possível ter acesso a elas. As pessoas que participaram do processo de criação e instalação da Casa Escola da Pesca estão vivas, foram muito solicitadas para conversar sobre a escola. Inclusive pelas entrevistas já realizadas percebe-se um sentimento positivo em relação à escola. No capítulo 4 são apresentados as entrevistas e o perfil dos entrevistados.

## **Estruturação**

A tese possui uma apresentação, introdução, quatro capítulos e a conclusão. Além de apêndices compostos pelos roteiros de entrevistas e anexos que são as transcrições das entrevistas, projetos, planos e relatórios da Casa Escola da Pesca e documentos referentes a Administração Municipal de Belém. A primeira parte encontra-se no volume I e os apêndices e anexos estão no volume II. Ao início de cada capítulo há um pequeno resumo sobre os pontos abordados, assim como, ao final há uma síntese daquele capítulo apresentando as inferências e conclusões sobre os temas que foram tratados.

O primeiro capítulo intitulado: “história, estrutura e funcionamento atual” situa o território onde a escola está localizada e problematiza o processo de desenvolvimento da cidade

de Belém, a partir do continente até às ilhas. Em seguida, discuto sobre a reorganização do Sistema Municipal de Educação no primeiro governo municipal de Hélio Gueiros, momento o desenvolvimento sustentável é retomando como um discurso para sustentar as políticas de desenvolvimento, ampliação e uso dos espaços na cidade. Falo sobre esses pontos porque eles estão relacionados ao processo de criação e fundação da Escola Bosque na Ilha de Caratateua e mais tarde pela criação da Casa Escola da Pesca. Por fim, falo da estrutura criada para o processo de criação e fundação da Casa Escola da Pesca.

Nesse cenário o Desenvolvimento sustentável é colocado como a via de alternativa para o desenvolvimento de Belém, a partir de uma série de ações para a organização do espaço urbano, o que resulta na inclusão da região das ilhas na organização administrativa do município por meio do Plano Diretor e da criação de distritos administrativos. Ainda no primeiro capítulo são apresentadas as movimentações políticas, os personagens envolvidos, esse capítulo é finalizado com a criação da Escola

O Segundo capítulo apresenta a Casa Escola da Pesca, a sua estrutura física, humana e pedagógica, com a descrição do prédio escolar, os estudantes atendidos, os professores, os conteúdos e ainda, a organização do Ensino Fundamental e Médio e o ano escolar. O terceiro capítulo apresenta algumas reflexões acerca da Pedagogia da Alternância e do Plano Pedagógico da escola, o capítulo não está finalizado. O quarto capítulo apresenta a pesquisa com as fontes vivas, as entrevistas realizadas e análises. Por fim, temos as conclusões, referências bibliográficas, anexos e apêndices.

## **CAPÍTULO 1 HISTÓRIA, ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO DA CASA ESCOLA DA PESCA**

O objetivo do primeiro capítulo é descrever processo de criação da Casa Escola da Pesca. Na primeira parte, apresento o território da cidade de Belém, partindo do continente até chegar à área da região insular que trato neste trabalho, localizada na porção norte do território belenense, que tem como principais ilhas, Mosqueiro, Cotijuba e Caratateua, está última onde está situada a Casa Escola da Pesca.

Em seguida, eu apresento os antecedentes da criação da Escola da Pesca a partir dos anos de 1990, período em que há a intensificação de políticas municipais para o reordenamento do território urbano de Belém e a reorganização do Sistema Municipal de Educação. Por conta dessa mudança são estabelecidos dois subsistemas de escolas, de um lado as Unidades de Educação Básica, e de outro as novas Unidades para o Desenvolvimento Sustentável, que tinham a função de promover qualificação profissional, valorizando as vocações dos bairros onde estavam localizadas, promovendo a Educação Ambiental e o desenvolvimento sustentável.

Por conta dessa divisão foram criados dois Liceus de Artes e Ofícios e unidades escolares, uma delas foi a Fundação Centro de Referência em Educação Ambiental Professor Eidorfe Moreira Escola Bosque, ou simplesmente, FUNBOSQUE, em Caratateua. Foi necessário fazer esse percurso porque é possível identificar que a partir do processo de reordenamento do território, as ilhas passaram a ser incluídas como distritos administrativos do município de Belém. Essa inclusão foi conflituosa, especialmente para a população que vive nas ilhas. Houve resistência a essa “união”, por outro lado, ela também resultou na organização popular e na reivindicação por direitos, como transporte, trabalho e escolas.

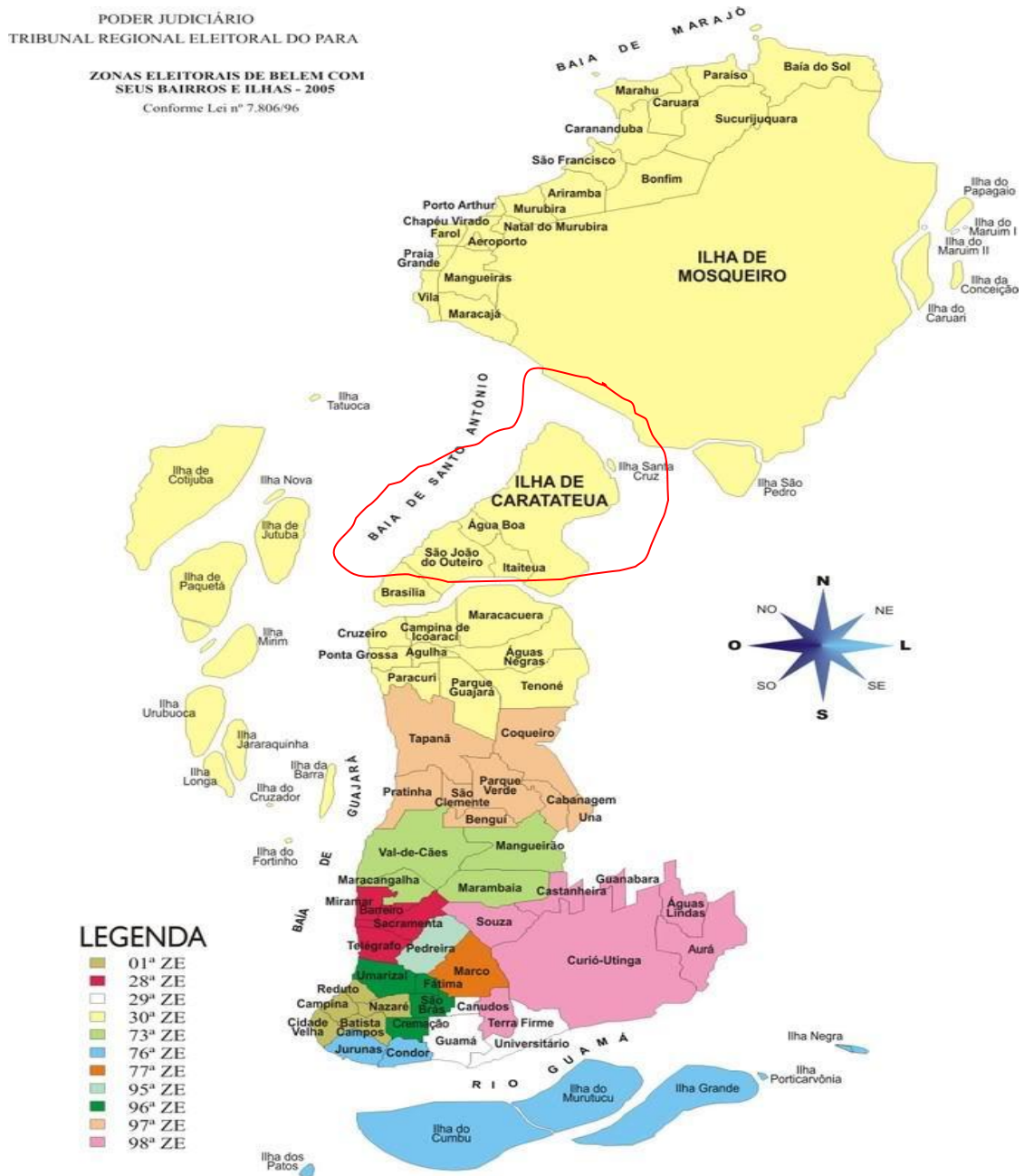
A Casa Escola da Pesca surgiu a partir de um projeto da Fundação Escola de Bosque e até o presente momento a CEPE é uma unidade pedagógica da fundação, em vias de se tornar uma escola independente. Na parte final do capítulo descrevo o processo de criação da Casa Escola da Pesca, com as determinações financeiras e as pessoas envolvidas desde o surgimento da ideia sobre a Escola até o desenvolvimento e implementação do projeto.

### **Belém, do continente às ilhas**

O título do tópico remete a uma forma de apresentar ao leitor uma breve síntese sobre a constituição da cidade de Belém, principalmente de como ela foi se expandindo e ocupando seu

atual território, partindo de sua parte continental até chegar em suas ilhas. Além de ser uma forma de situar o leitor sobre a ilha de Caratateua, onde a Casa Escola da Pesca está localizada, a opção de começar do “continente” para em seguida chegar ao território insular foi a forma escolhida para descrever a condição dessa região em Belém.

Figura 1 – Mapa de Belém e suas ilhas, destaque para a ilha de Caratateua



Fonte: Tribunal Regional Eleitoral do Pará (2006). Imagem retirada do site: <http://400anosdebelem.blogspot.com/p/blog-page.html>. Alterações da autora, 2021.

É importante destacar que as ilhas tratadas nesse trabalho se referem às localizadas na parte norte do município. Como é possível observar no mapa existem outras ilhas em Belém, banhadas pelo Rio Guamá e pela Baía do Guajará.

Belém é uma cidade de mais de 400 anos, fundada em 1616, período da dinastia de Felipe II da Espanha, momento em que ele dominava este lado do mundo. Muito antes da fundação da Província do Grão-Pará, unidade administrativa que existiu entre o final do Período Colonial e início do Período Imperial do Brasil, populações indígenas já ocuparam as ilhas (e o continente) do que um dia fariam parte da cidade de Belém. As populações originais aos poucos foram desaparecendo e ao longo dos séculos as ilhas serviram para diversas funções como colônias agrícolas, prisões, internatos e isolamento sanitário (GUERRA, 2003). Atualmente as duas principais ilhas, Mosqueiro e Caratateua<sup>1</sup> (também chamada de Outeiro), abrigam bairros populosos da região metropolitana, sendo conhecidas por suas praias de água doce e pela oferta de turismo e lazer.

O território insular de Belém é composto por 43 ilhas<sup>2</sup>, 2/3 da sua área total (GUERRA, 2015), “com uma população difusa e que tem somado, historicamente, menos de 10% do total do município, ficando esquecidas pela ação governamental até o primeiro quartel do século XX.” (GUERRA, 2015 p. 584). Foi apenas a partir do final dos anos de 1980 e início de 1990 que os poderes públicos municipal e estadual, começaram a atuar de forma sistemática na região das ilhas, segundo Trindade (2000), principalmente como resposta à dinâmica de ocupação que aconteceu de forma desordenada, segundo o autor, isso representa a expressão espacial de Belém.

A ocupação desordenada pode ser considerada como resultado do discurso da integração da região Amazônica com o restante do Brasil, ocupação feita em nome da exploração, reordenamento e ocupação do território, o que resultou no aumento populacional que ocorreu na capital Belém e no estado do Pará no período, impulsionado sobretudo pela migração, por conta da instalação de diversas empresas estatais brasileiras e estrangeiras, abertura de rodovias, construções de hidrelétricas, entre outros projetos.

Destaco, mais uma vez, essa construção a partir do continente, porque desta forma é mais objetivo explicar que a ação dos poderes públicos, municipais e estaduais para as Ilhas aconteceu a partir do continente, tomando como modelo o centro urbano, a cidade, e isso é uma

---

<sup>1</sup> Caratateua é um termo indígena que significa “lugar das grandes batatas”, ainda há registros que a ilha era utilizada como cemitério de animais pelos indígenas. Outeiro é uma denominação portuguesa, que significa morros. Fonte: <http://www.belem.pa.gov.br/ver-belem/caratateua>.

<sup>2</sup> O Anuário Estatístico do Município de Belém (2010) informa que 39 ilhas compõem o território. Outros trabalhos informam 42 ou 38 ilhas. Considero o número de 43 ilhas, pois os autores citados aceitam como território as ilhas habitadas e não habitadas.

marca dessa atuação, como sendo uma ação “de fora para dentro”, como caracterizado por Assunção (2005), acerca do tratamento reservado à ilha de Caratateua pela prefeitura de Belém, por meio das políticas públicas para a educação, a autora explica da seguinte forma:

[...] mais como uma ação reativa à expansão do processo de urbanização, do que como uma ação intencional, capaz de inserir em seu território, o desenvolvimento de políticas públicas, que pudessem oferecer respostas aos anseios, dificuldades e expectativas, dos segmentos que habitavam a ilha naquele momento. (ASSUNÇÃO, 2005, p.26).

Nesse contexto de transformações, foi muito importante a participação popular, uma forma de chamar atenção para os problemas das ilhas. Os movimentos sociais se organizaram, passaram a reivindicar cada vez mais os seus direitos no que se refere a trabalho, moradia, educação, transporte, segurança, lazer e cultura. Os movimentos conseguiram mobilizar os moradores, o que pode sugerir um movimento endógeno da região das ilhas, marcados pelo resgate da cultura e pelo reconhecimento desse espaço e desses sujeitos por eles mesmos. Reis (2009) destaca entre esses movimentos o Conselho das Ilhas (CONSILHAS) e o Movimento das Mulheres das Ilhas de Belém (MMIB).

Belém e seu território insular viveram no final dos anos de 1980 e início de 1990 um aumento constante da sua população e também o processo de reordenação do seu espaço urbano, concentrado até então na parte continental, onde fica o centro urbano, político e comercial. Essa reordenação significou a expansão do centro de Belém e a expansão em direção à periferia, resultando na criação de novos bairros e avenidas e maior ocupação das duas principais ilhas, Mosqueiro e Caratateua.

Foi necessário integrar fisicamente esses dois territórios, a ligação com o continente aconteceu por meio das construções das pontes Sebastião Rabelo de Oliveira, inaugurada em janeiro de 1976, fazendo a ligação com a ilha de Mosqueiro, e a ponte Enéas Martins, em outubro de 1986, ligando a Ilha de Caratateua ao continente, além da criação de uma linha regular de transporte fluvial para a ilha de Cotijuba (GUERRA, 2015). Antes o acesso às ilhas de Mosqueiro e Caratateua só era possível por meio de balsas e embarcações.



Figura 2 – Ponte Enéas Martins antes da sua inauguração em 26 de outubro de 1986



Fonte: autor desconhecido. Imagem retirada do site: Nostalgia Belém, 2021.  
<https://www.outeironews.com/noticia/293/conheca-a-historia-de-chico-sampaio-o-morador-que-foi-homenageado-com-nome-do-novo-trapiche-da-brasilia-em-outeiro>.

A construção dessa ligação física não foi suficiente para superar a presença de um sentimento de distância entre Belém e a suas ilhas, que pode ser percebido em vários momentos da história da cidade, como por exemplo, pela integração tardia com a parte continental e o não reconhecimento das necessidades dos moradores locais. Durante muito tempo o arquipélago ficou destinado apenas ao lazer e ao turismo, a população que vivia ali não era assistida pelos governos, a não ser em períodos de férias ou feriados de carnaval, quando recebiam os moradores de Belém.

O ponto alto desse distanciamento ocorreu no ano de 1993 quando houve a realização de um plebiscito para decidir sobre a emancipação das principais ilhas, Caratateua e Mosqueiro e do distrito de Icoaraci. A maioria dos moradores decidiu pela não separação. De qualquer forma, isso representava a existência de um movimento que estava descontente com a situação vivida e que desejava mudanças. De acordo com Assunção (2005, p. 55) no mesmo ano houve uma grande mobilização da população da ilha contra a instalação do porto da empresa Amazônia Química e Mineral S/A – SOTAVE, com uma área de mais de 300 mil metros quadrados para importação e exportação de adubos e agrotóxicos na ilha. O porto seria

transferido de Belém para a Ilha de Caratateua, causando imensos danos ambientais. A pressão popular deu certo, e o fato acendeu o debate sobre a questão ambiental. Desde 2002 a Companhia Docas do Pará é a gestora do local que passou a se chamar “Terminal Portuário de Outeiro”. Atualmente é um dos terminais estratégicos do estado por conta da sua localização e profundidade (COMPANHIA DOCAS DO PARÁ, 2021).

As pesquisas de Reis (2009), Assunção (2005) e Guerra (2015) apontam que a partir de 1990 passou a haver uma grande movimentação política voltada para a região insular de Belém, em diversos setores, alguma dessas pesquisas se dedicaram a analisar a situação educacional e as utilizo como fontes para a pesquisa. O material aponta uma série de projetos e ações educacionais para a região, que são colocados em prática por meio das políticas públicas do poder municipal e estadual. De acordo com Azevedo (2003), “Política Pública é tudo aquilo que um governo faz ou deixa de fazer, incluindo os impactos da sua omissão” (AZEVEDO, 2003, p. 38). As Políticas Públicas educacionais, por sua vez, são aquelas ações voltadas para a regulação e orientação dos Sistemas de Ensino, no caso da educação escolar (OLIVEIRA, 2010). A primeira dessas políticas que apresento é sobre o território e em seguida sobre a educação.

### **O reordenamento do território**

Toda essa movimentação estava em conformidade com a Constituição Federal de 1988 e não se restringia apenas às ações educacionais, mas também para as áreas de habitação, saneamento básico, promoção do emprego e renda, entre outras, que receberam mais demandas e manifestações no momento após a ditadura militar brasileira, de 1964 a 1985, que pode ser caracterizado pela proposta de grandes reformas políticas, econômicas, sociais e da ampla participação popular.

A Constituição 1988 orienta que os municípios com mais de 20 mil habitantes deveriam elaborar o seu Plano Diretor para a ocupação e ordenamento do espaço urbano e rural. Em 1991 o município de Belém tinha 1.244.688 habitantes (IBGE, 2010), e elaborou o seu plano. O Plano Diretor Urbano de Belém, Lei nº 7.603 de janeiro de 1993, apresentava diversas diretrizes para o reordenamento político, econômico e social do município, especialmente em relação ao transporte urbano, saneamento, abastecimento, e o enfrentamento aos déficits da educação básica.

No ano seguinte, em 1994, acontece a publicação do Plano Diretor das Ilhas de Caratateua e Mosqueiro, Lei nº 7.684/94, declarado como um "instrumento básico da política de desenvolvimento e expansão urbana, para fazer cumprir a função social das ilhas” (BELÉM, 1994b, p.1). O Plano ainda determinava a descentralização da gestão do território municipal

por meio da criação de distritos administrativos. O artigo 301, que tratava sobre a educação, destacava como prioritária a Política de Educação de Belém, entre outras coisas indicava como objetivo da Lei a “compreensão histórica da cidade fundamentado na análise de seus distritos e bairros” (BELÉM, 1993). No ano seguinte, por meio da Lei n. 7.682 de 1994 são criados os 8 distritos no município<sup>3</sup>.

Nesse período, entre os anos de 1993 e 1996, Hélio da Mota Gueiros, do Partido da Frente Liberal – PFL, foi eleito para assumir a prefeitura de Belém. Gueiros, morto em 2011, era um político experiente, foi deputado federal e senador, seu cargo anterior ao de prefeito foi o de Governador do estado do Pará, pelo Partido Movimento Democrático Brasileiro - MDB, depois identificado pela sigla PMDB, que atualmente retornou para o MDB.

Ao assumir o cargo, em 1993, Gueiros apresentou seu programa de gestão para o mandato, intitulado “Caminhando com o Povo” e também um Planejamento Estratégico para o município, documentos que apresentavam as estratégias e os principais caminhos que deveriam ser seguidos para o alcance das metas (GUEIROS, 1993b; GUEIROS, 1993c). Foi em sua gestão que as principais ações para o reordenamento urbano do município foram feitas, inclusive na área da educação. Além disso, seu governo promoveu uma mudança importante na estrutura do Sistema Municipal de Educação, ação que resultou na criação da Fundação Escola Bosque, da qual a Escola da Pesca é uma das unidades pedagógicas.

O governo de Gueiros produziu um discurso da modernização de Belém por meio do desenvolvimento sustentável, e em particular, foi pela área da educação que essa ideia foi sendo implementada, especialmente por conta da reorganização do Sistema Municipal de Ensino, com a criação de dois subsistemas educacionais, organizadas em torno, de um lado, das Unidades Básicas e, de outro, das Unidades para o Desenvolvimento Sustentável.

Baseados em pesquisas produzidas pelo próprio governo municipal, para construir e subsidiar o plano de governo, os documentos apresentados mostravam um panorama dos problemas municipais indicando que, em determinado nível, todos estavam interligados. A pobreza urbana da capital paraense era o problema central apontado pelas pesquisas de Gueiros, pois ela se revelava como “expressão econômica”. Como resultado do crescimento desordenado, Belém encontrava-se com um alto índice de trabalho informal e criminalidade, sem recursos financeiros e sem condições de gerar recursos. O maior problema identificado, a

---

<sup>3</sup> Distrito Administrativos de Mosqueiro – DAMOS, do Entroncamento – DAENT, de Outeiro – DAOUT, da Sacramento – DASAC, de Belém – DABEL, de Icoaraci – DAICO, do Benguí – DABEN, do Guamá – DAGUA.

pobreza urbana ou a “metropolização da pobreza” (*sic*), se revelava presente em outros aspectos como a saúde, saneamento básico e educação.

Ainda no ano de 1994, é criado o Sistema Municipal de Educação de Belém, Lei 7.722/94, composto pela Secretária Municipal de Educação como órgão executivo e o Conselho Municipal de Educação com a função de fiscalizar o sistema. No capítulo III esta lei trata da Educação Ambiental, indicando em seu artigo 7º a Educação Ambiental como prioridade relevante do sistema próprio de educação, reservando à Escola Bosque de Outeiro a responsabilidade ecológica e técnica.

A política educacional do município ficou orientada da seguinte forma: a Escola Bosque como referência em Educação Ambiental para as escolas do município, responsável pela oferta da Educação Básica e de formação profissional inicial na área ambiental, por ser organizada como uma fundação a Escola Bosque possui autonomia para realizar convênios e parcerias com instituições públicas e privadas e gerenciar os seus recursos. Nesse bojo, o ISEBE - Instituto dos Educadores de Belém cumpria o papel de ofertar formação continuada para professores da rede pública do município, baseada na renovação das práticas em sala de aula e no desenvolvimento de materiais didáticos.

### **A reorganização do Sistema de Municipal de Educação e as Unidades para o Desenvolvimento Sustentável**

A criação da Fundação Escola Bosque foi muito importante para o cenário da educação em Belém, um marco dentro no sistema público municipal e o princípio do estabelecimento de um modelo de Educação Ambiental como orientadora do projeto de educação de Belém. Nos anos seguintes é a partir dela que é criada a Casa Escola da Pesca como uma de suas unidades pedagógicas, sendo a sua criação estratégica no contexto da ocupação da Região Insular.

Belém era considerada uma metrópole “inchada”, em 1994 a população aproximada era de quase 1.300.000 habitantes que encontravam precariedade nos serviços públicos de todos os níveis. Gueiros construiu seu plano de governo reconhecendo essa situação e indicando que para superá-los seria necessário, primeiramente, modernizar a gestão, tornando-a descentralizada, investindo no desenvolvimento sustentável de Belém para resgatar a sua “vocação verde” e a sua relevância enquanto “Portal da Amazônia”.

A fórmula colocava em prática o discurso da eficiência na gestão pública, incluindo a participa o de empresas privadas na gestão. O fator principal nesse contexto de desenvolvimento era a educa o, que a partir da leitura dos documentos pode ser traduzida

como uma forma de investimento. “A educação estaria apta a humanizar e a sustentar a modernidade” (GUEIROS, 1993a, p. 29).

“Educação para sustentar e humanizar a modernidade” esse era o título do último tópico do planejamento estratégico e resumia a proposta geral de Gueiros. Para investir no “fator humano” e assim produzir uma Belém moderna, o papel da educação foi considerado fundamental. Para isso considerava-se necessário aprimorar qualitativamente a Educação Básica, superar tendências arcaicas e principalmente transformar o professor, a valorização do magistério aconteceria por meio da oferta de formação continuada e do desenvolvimento nos professores de competências modernas para ensinar. Também estavam elencados, fomentar a autonomia da escola e promover a instrumentação eletrônica por meio da informática (GUEIROS, 1993a).

Em relação à educação, para colocar em prática o seu planejamento estratégico, Gueiros nomeou a professora Therezinha da Mota Gueiros para a Secretaria Municipal de Educação, uma pedagoga, ex-professora da Universidade Federal do Pará e ex-diretora do seu Centro de Filosofia e Ciências Humanas (atual Instituto de Filosofia e Ciências Humanas), defensora dos direitos dos professores, e da Educação Infantil, esposa de Gueiros, a primeira-dama do município. A professora Therezinha também foi Secretária de Educação do Estado do Pará, enquanto Gueiros foi governador entre os anos de 1987 e 1991.

Nesse contexto foi produzida a Pesquisa Domiciliar Educacional pela Secretaria Municipal de Educação, no ano 1994, realizada entre 26 de agosto e 02 de setembro daquele ano, que entrevistou 7.400 domicílios no total. Na cidade de Belém foram 6.611 e 789 na ilha de Cotijuba e nos distritos de Mosqueiro, Icoaraci e Outeiro. Os domicílios foram selecionados a partir do cadastro das famílias na concessionária de energia elétrica, esse cadastro permitiu identificar de forma precisa a localização dos domicílios.

Inclusive é indicado no relatório que 5% dos domicílios localizados em ocupações irregulares, também conhecidas como áreas de invasão, não estavam cadastrados na concessionária por não possuírem acesso à energia elétrica na época, dentre eles, 5 áreas estavam em Belém e 70 domicílios na Ilha de Cotijuba (PMB, 1995, volume 2). Os papers publicados na série realidade educacional, apresentavam os dados da pesquisa e em seguida a análise sobre eles, ao final direcionava formas de superação dos problemas, é uma pesquisa bem escrita e apresentada, são documentos que registram bem aquele momento da cidade.

A série pesquisa: realidade educacional, criada em 1995, é uma série de *papers* que relatam as pesquisas realizadas pelo Núcleo Setorial de Planejamento da SEMEC, com o objetivo de manter a comunidade da Prefeitura Municipal de Belém informada sobre a realidade educacional infantil e fundamental do

município de Belém. Os textos abordam temas que são evidenciados a partir da análise de dados obtidos nas diversas pesquisas realizadas pela SEMEC e através da documentação referente às escolas, disponíveis no Núcleo Setorial de Planejamento. (PMB, 1995, volume 1, s.p).

O aumento da população do estado do Pará desde a década de 1970 havia provocado o aumento populacional, especialmente na capital. Situação que demandava mais ações do poder público municipal, especialmente na sua competência educacional o Ensino Infantil e o Ensino Fundamental. A SEMEC então realiza essa pesquisa com os objetivos de mapear a condição educacional de Belém, para conhecer a realidade educacional e assim melhor subsidiar as suas ações dentro do município. Esse diagnóstico incluiu as principais ilhas da região insular, o que permitiu identificar os déficits da região.

A série Pesquisa Realidade Educacional tem 3 volumes. O primeiro trata do rendimento escolar, com base nos dados do ano letivo de 1994, referentes à 1ª e 3ª série do Ensino Fundamental. O volume 2 trata da situação das escolas, apresenta os dados referentes ao déficit escolar de 0 a 14 anos de idade, oferta de vagas em creches municipais, disponibilidade de vagas, etc. Por fim, o volume 3 apresenta os dados referentes às vagas e matrículas do município. Os três volumes representam um trabalho que objetiva colocar em números a realidade educacional do município e apontar para a superação dos problemas.

Com base nessa pesquisa e nos dados apresentados nos três volumes da série Realidade, a SEMEC, por meio da consultoria do professor Pedro Demo<sup>4</sup>, chega a algumas conclusões. Abandono, repetência e evasão são os principais problemas do município, que atingem principalmente bairros da região periférica e a região das ilhas, onde a falta de estrutura e a pobreza são indicados como razões centrais. A pesquisa ainda revela que na época havia 9.721 crianças fora da escola, mas também existiam 4.242 vagas sobrando na rede. O que poderia ser resolvido com o remanejamento dos alunos.

Também é apontada a insatisfação das famílias com a escola e o pouco crédito à educação ofertada pelas escolas públicas, e que seria necessário restituir a credibilidade da escola junto à população. O documento também indicava a “quase total” universalização da Educação Básica em Belém, o que era um indicador do cumprimento do papel da SEMEC em relação ao Ensino Fundamental.

---

<sup>4</sup> Pedro Demo é professor titular aposentado e professor emérito da Universidade de Brasília. Formado em Sociologia, Phd e pós-doutor. Durante o governo de Hélio Gueiros como prefeito de Belém e Governador do estado, ele trabalhou como assessor da Secretaria Municipal e Estadual de Educação. De acordo com seu currículo, sua assessoria subsidiava os programas de formação permanente de professores da Educação Básica e para a alfabetização de crianças. Ficou no cargo até março de 2005.

O outro grande problema identificado foi o fraco desempenho dos professores que, como apresentado, trabalhavam por meio de metodologias reprodutivistas, resultado da sua formação em cursos com didáticas nada inovadoras e ainda por conta dos cursos de formação continuada ofertados que só serviam para favorecer a “indústria do certificado”. A solução indicada para o problema era pensar de forma mais moderna, implementando metodologias baseadas no “aprender a aprender”, como defendia Pedro Demo em seus escritos acadêmicos. As escolas devem ter autonomia para construir seu próprio Projeto Político Pedagógico, e assim, se tornarão capazes de identificar e enfrentar os seus problemas. Era necessário, ofertar uma “formação continuada robusta com foco em um trabalho de pesquisa”, para melhorar a qualidade da educação e do ensino por meio do uso de didáticas novas, isso justificava que não seria necessário criar escolas, mas reorganizar as que existiam no sistema e promover a formação continuada dos professores pelo Instituto de Educadores de Belém – ISEB.

O Instituto foi organizado a partir da estrutura já existente da Faculdade Estadual de Educação do Pará, onde atualmente fica o prédio Instituto de Previdência do Município de Belém. O professor Pedro Demo também desenvolveu consultoria para a construção dos cadernos “Caminhos da Educação” um material educativo para os professores e gestores onde era apresentado as estratégias, projetos e ações da prefeitura para superar os desafios constatados naquela pesquisa. Os pontos principais destacados nesses cadernos foram: Formação para sustentar e humanizar a modernidade/ aprimoramento qualitativo da educação/ ampliação e aparelhamento da rede física/ autonomia da escola/ instrumentação eletrônica (informática) e modernização da gestão do Sistema Municipal de Educação.

Como consultor da Secretaria Municipal de Educação de Belém, Pedro Demo estabeleceu junto com a professora Therezinha Gueiros uma parceria de muitos resultados. Juntos foram os responsáveis pelo desenvolvimento de diversos projetos e ações para a Educação Básica e para a formação de professores, especialmente pelo projeto pedagógico das formações ofertadas pelo ISEB.

Existem diversas opiniões sobre essa atuação, de um lado afirmam que as suas ideias eram completamente fora da realidade do município de Belém, consideradas elitistas, restritas e não democráticas. Por outro lado, Pedro Demo e a professora Therezinha Gueiros são apontados como pessoas de pensamento moderno e progressista, focados no desenvolvimento da região. A inovação e as experimentações educacionais podem ser consideradas como uma marca dessa parceria, mesmo que tenham acontecido de forma restritas e descontinuadas.

Além disso, Pedro Demo também trabalhava com uma concepção de desenvolvimento sustentável, baseado nas orientações de organismos internacionais como a Organização das Nações Unidas - ONU, O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, Comissão Econômica para a América Latina - PNUD e Comissão Econômica para a América Latina e Caribe - CEPAL. Pode ser considerado inclusive como um promotor dessas ideias, convergia com elas e procurava aplicá-las em suas atividades. Nas suas orientações para a educação era evidente a centralidade dada ao ensino de português e de matemática, o foco nas medições e avaliações e a gestão focada na eficiência.

Em um de seus textos “Educação e Desenvolvimento Sustentável: sobre o enfoque integrado do desenvolvimento”, trabalho que faz parte da série Caminhos da educação, o professor Demo sintetiza algumas de suas ideias sobre a relação entre educação e desenvolvimento, baseado no que defendiam tais organismos. Segundo ele, o desenvolvimento deveria ter apenas uma adjetivação, a humana, e não mais econômica ou social. Por isso, defendia a “política de desenvolvimento humano”. Ao centralizar o desenvolvimento apenas no caráter humano creditava à educação o papel central para a promoção da equidade e da competitividade, e celebrava que o desenvolvimento sustentável “trouxe, entre outras preocupações relevantes, aquela voltada para a necessária integração do social no econômico” (DEMO, 1996, p.49).

Essa visão e engajamento de Demo e Therezinha Gueiros na Secretaria Municipal de Educação de Belém sobre o desenvolvimento sustentável, foi registrada nesses documentos e expressos nas ações e nas políticas do governo municipal, nos anos seguintes os projetos e ações para a educação tinham a marca de ambos e buscavam promover o desenvolvimento das vocações produtivas da cidade, o desenvolvimento de novas didáticas e das inovações pedagógicas e no avanço da modernização da gestão do municipal. Tudo isso em nome do desenvolvimento sustentável do município, tendo a educação como impulsionadora.

Baseado nessas evidências, o governo de Hélio Gueiros realizou uma “expansão criteriosa” da rede municipal de ensino. Afirmava que o problema da educação era qualitativo e não quantitativo e que as escolas existentes deveriam superar as didáticas reprodutivistas e promover o “aprender a aprender”. Para o professor Newton Duarte (2001), as pedagogias do “aprender a aprender” fazem parte de uma corrente educacional contemporânea, da qual a Pedagogia das Competências faz parte. Para Duarte, o termo "aprender a aprender" é bastante usado em textos de políticas de cunho neoliberais como uma forma de criar algumas ilusões,



como por exemplo, de que o conhecimento é uma construção subjetiva e ainda pela promoção do individualismo (DUARTE, 2001, p.39).

É possível identificar nesses documentos a intenção de colocar os professores e as famílias dos alunos como os responsáveis pelo desempenho escolar, colocando o poder público apenas como um gestor, ora presente, ora ausente. Além disso, não era apenas uma questão de melhoria na qualidade das atividades didáticas, do trabalho em sala de aula, mas de uma mudança de postura e da função da educação.

Além da proposta de superação desses problemas mais didáticos, outra proposta também recebe atenção, a promoção da profissionalização de trabalhadores informais em bairros periféricos, com a criação de Liceus de Artes e Ofícios na cidade de Belém. Com a finalidade de garantir uma formação mínima aos trabalhadores e aprimorar suas competências já existentes, promovendo assim a inclusão social e produtiva. Em certo nível isso inverte a função do município com a educação, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, deve ser focada no Ensino Infantil e Fundamental e não na Educação Profissional ou na realização de cursos de Formação Inicial e Continuada. De qualquer modo, indica a intenção do governo em “dar uma chance” por meio da educação não formal a uma parcela de moradores da cidade de Belém.

Sobre a criação de Liceus de Arte e Ofícios o planejamento de Gueiros indica as seguintes finalidades:

[...] trata-se de proporcionar a todos que busquem profissionalização inicial ou aprimoramentos, sem requisito prévio, no contexto de uma chance não formal. Em parte, ser oportunidade aberta aos trabalhadores e empresários informais, em parte pode significar aprimoramento de condições de competência para qualquer atividade de interesse. (GUEIROS, 1993c, p.31).

O objetivo desses liceus seria ofertar no âmbito do Sistema Municipal de Ensino formação profissional básica para os trabalhadores, como uma forma de incluí-los em alguma atividade produtiva por meio do acesso à cursos. Essa possibilidade é encarada como uma proposta criativa e inovadora dentro do município.

O planejamento estratégico elencou seus três componentes essenciais: o econômico, o social e o ambiental. Os ramos econômicos prioritários definidos foram o do turismo e da construção civil. O turismo deveria ser desenvolvido prioritariamente nas ilhas, explorando o potencial turístico, hoteleiro, assim como o mercado informal de artesanato e comidas típicas.

Desenvolvimento sustentável, educação e meio ambiente aparecem imbricados em uma fórmula para superar os problemas da realidade de Belém, a profissionalização deveria ter relação com o contexto da cidade. Assim, os cursos oferecidos pelos Liceus não seriam cursos

imprevistos, eles deveriam ter uma relação com o bairro onde estavam inseridos, como uma forma de favorecer cada “vocação”. Bairros urbanos deveriam ter cursos de atividades urbanas, as ilhas deveriam ter cursos voltados para o turismo e o artesanato. Como colocado no documento o objetivo era promover a inserção econômica e incluir Belém na modernidade sem fazer perder as suas tradições.

No contexto educacional o planejamento do governo de Gueiros estava em sintonia com as ações do Governo Federal, principalmente no que se refere a universalização do Ensino Fundamental. Como colocado antes, fazia parte de suas metas modernizar a administração da educação, promover uma expansão qualitativa da rede, fomentar a autonomia das escolas por meio da elaboração o Projeto Político Pedagógico, garantir aos profissionais do magistério formação continuada que deveria ser ofertada pelo Instituto de Educadores de Belém - ISEB. Essas ações se transformaram em Lei, pela instituição do Sistema Municipal de Belém, Lei nº 7.722/94.

Para colocar em prática o projeto dos Liceus e tomando como justificativa os resultados da Pesquisa Realidade Educacional, que afirmava que não havia a necessidade de criar escolas, houve a divisão do Sistema Municipal de ensino em dois subsistemas: a Rede de Unidades de Educação Básica e a Rede de Unidades de Educação para o Desenvolvimento Sustentável. O Decreto Municipal nº 29.205/96 regulamentou essa mudança e descrevia em seu parágrafo único a seguinte prioridade:

Será dada prioridade à expansão da Rede Municipal de Educação com **unidades especiais** que se caracterizam como micro sistemas sócio-econômico-culturais, com o apoio na **educação profissionalizante, ambiental e no turismo ecológico**, viabilizando uma produção cultural significativa e, ao mesmo tempo, **permitindo a profissionalização em serviços mais condizentes com o perfil das várias micro regiões que compreendem o Município de Belém**. (PMB, 1996, grifos meus).

O quadro abaixo apresenta as unidades que compunham a Rede para o Desenvolvimento Sustentável, sua localização e função.

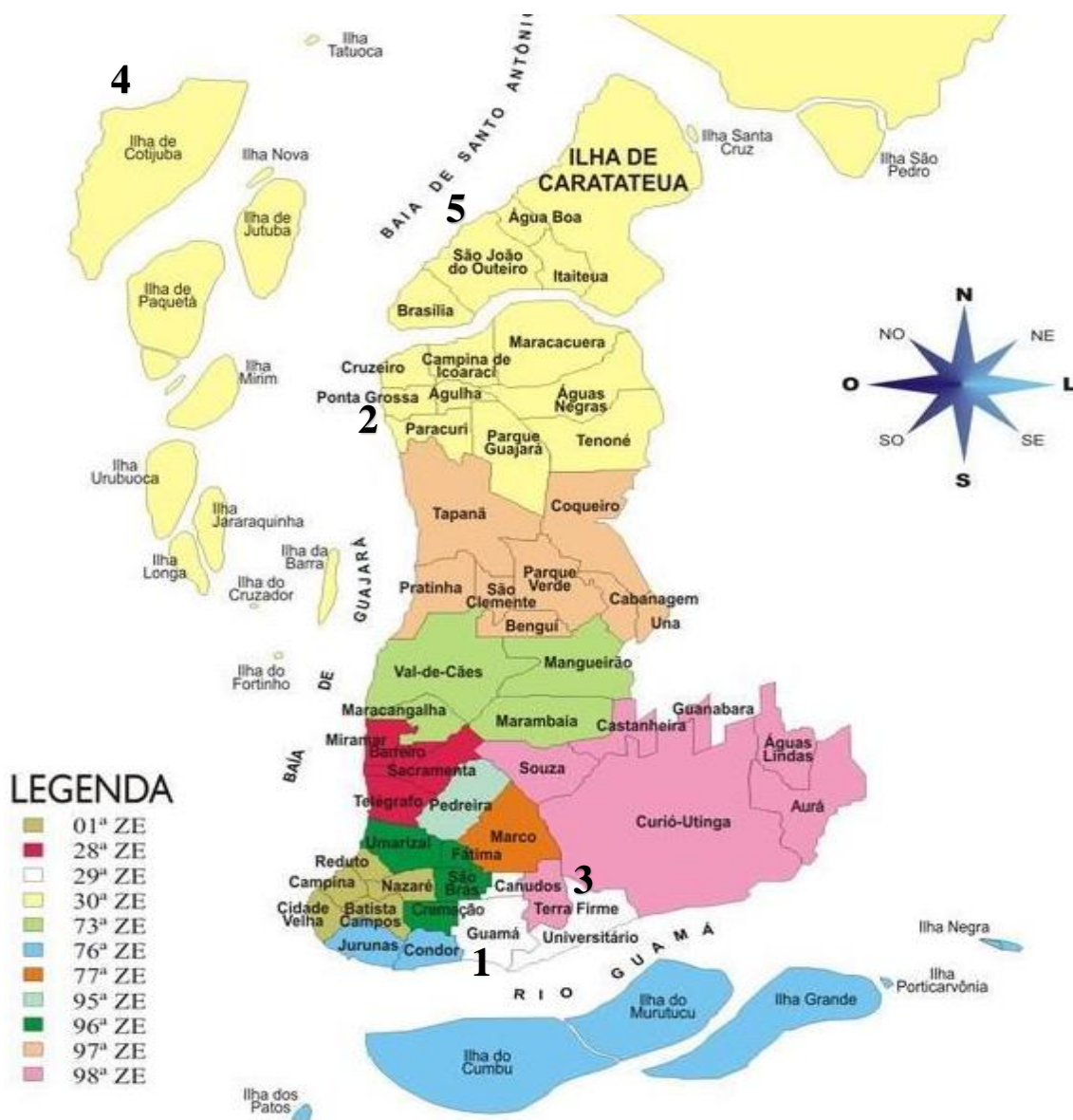
Quadro 1 – Unidades Educacionais que formavam as Escolas da Rede para o Desenvolvimento Sustentável

Unidade	Função e Localização
O Liceu de Artes e Ofícios Rui Meira -1	Educação não formal com jovens e adultos, cursos profissionalizantes – Bairro do Guamá
O Liceu escola de Artes e Ofícios Mestre Raimundo Cardoso - 2	Formar pessoas capazes de trabalhar com a cerâmica Tapajônica e Marajoara – Distrito de Icoaraci
A Escola Parque Amazônia - 3	Educação infantil e ensino fundamental – vocações das comunidades – Bairro da Terra – Firme
O Liceu de Artes e Ofício de Hotelaria da Ilha de Cotijuba - 4	Sem informações – Ilha de Cotijuba
O Centro de Referência em Educação Ambiental – Escola Bosque Professor Eidorfe Moreira - 5	Educação infantil, Ensino Fundamental e Médio, modalidade regular e Educação de Jovens e Adultos, cursos profissionalizantes em fauna, flora e ecoturismo. - Ilha de Caratateua

Fonte: produzido pela autora.

Os bairros ou microrregiões onde as UEDs foram instaladas são bairros populosos da periferia de Belém, alguns considerados violentos e com a característica de abrigar o trabalho informal e trabalhadores com baixa escolarização. Geograficamente, compreendem dois extremos da cidade, exceto pela escola de Cotijuba, onde o acesso só é possível por embarcações. A imagem abaixo indica os bairros e a ilha onde os liceus foram instalados. O Liceu da Ilha de Cotijuba nunca foi construído.

Figura 3 – Mapa de Belém e Ilhas com destaque para a localização das Unidades Educacionais para o Desenvolvimento Sustentável



Fonte: Tribunal Regional Eleitoral do Pará (2006) – Imagem retirada do site: <http://400anosdebelem.blogspot.com/p/blog-page.html> - Alterações da autora, 2021.

Cada uma dessas unidades pedagógicas deveria atuar na oferta de cursos de acordo com o perfil da sua microrregião, perfil construído com base na sua história e tradição de trabalho e cultura, sempre tomando como base a Educação Ambiental. Por exemplo, o Liceu Escola Raimundo Cardoso e a Escola Bosque, são escolas localizadas em uma região marcada pela relação mais próxima da vida ribeirinha, dos rios e igarapés e da cultura Marajoara, do trabalho com a pesca, onde vivem e trabalham artesãos e são encontrados oficinas e olarias para a produção de artesanato, também é uma região turística que atrai visitantes, por conta da sua localização à margem da Baía do Guajará, das praias e dos centros de artesanato. Já a Escola

Rui Meira e Parque Amazônia estão em bairros mais próximos às áreas urbanas, onde o trabalho é mais voltado para a prestação de serviços.

As escolas deveriam trabalhar por meio da oferta de educação formal e informal, Educação Infantil, Ensino Fundamental, cursos profissionalizantes e instrumentais, construindo seu projeto baseado em sua identidade e das necessidades dos moradores. Martins (2014) resume estas escolas assim:

A Escola Municipal Parque Amazônia, localizada no bairro da Terra Firme, que dispõe de uma base pedagógica e tem como um de seus principais objetivos a geração de renda de seu meio; o Liceu de Artes e Ofícios Rui Meira, localizado no bairro do Guamá, voltado para a formação de recursos humanos na área de serviços em geral; a Fundação Escola Bosque Professor Eidorfe Moreira, Centro de Referência em Educação Ambiental localizado na ilha de Caratateua; e o Liceu Escola de Artes e Ofícios Mestre Raimundo Cardoso, centro de um projeto de desenvolvimento sustentável que dispõe de uma base física, uma base comunitária organizada, uma base cultural e uma base pedagógica, integrando de forma especial os produtores de cerâmica da Sociedade de Amigos de Icoaraci – SOAMI. (MARTINS, 2014, p. 316-317).

O Liceu de Artes e Ofício de Hotelaria da Ilha de Cotijuba nunca foi construído, pelo menos não encontrei registros sobre a sua criação, estrutura ou funcionamento, mas o Liceu aparece na Lei nº 7.722/94, que cria as Unidades para o Desenvolvimento Sustentável. A Escola Municipal Parque Amazônia atualmente oferta apenas a Educação Infantil e Ensino Fundamental com turmas regulares e de Educação de Jovens e Adultos. O prédio do Liceu de Artes e Ofícios Rui Meira não é mais uma escola, hoje abriga um Centro de Referência de Assistência Social – CRAS, mas ainda mantém o nome em sua fachada. O Liceu Escola de Artes e Ofícios Mestre Raimundo Cardoso se tornou a primeira escola cívico militar de um projeto piloto do governo federal, e passou a se chamar Escola Cívico Militar "liceu", está sob a tutela da Marinha do Brasil, atende o Ensino Fundamental regular em dois turnos e turmas de EJA no período noturno.

O Projeto das Unidades para o desenvolvimento sustentável foi desmanchado e atualmente as suas escolas fazem parte do único sistema municipal de Educação. A escola Bosque de Outeiro se tornou o Centro de Referência em Educação Ambiental do município e foi nela que surgiu o projeto para a Casa Escola da Pesca.

Assim, a partir da reorganização do Sistema Municipal, em dois subsistemas, propostas por Gueiros, temos a criação de uma escola “Escola Bosque”, que deveria ser a escola satélite no que se refere ao modelo de educação ambiental que se desejava implementar no município. Temos quase um “esquema de pirâmide” aqui, das UEDS, é criada a Escola Bosque, que se transforma em fundação que, em seguida, cria a Casa Escola da Pesca.

## **A Escola Bosque na Ilha de Caratateua**

O projeto Escola Bosque foi idealizado por Mariano Klautau junto com os membros do Conselho de Moradores da Ilha de Caratateua – CONSILHAS. Klautau foi o mais expressivo dos conselheiros, era morador da ilha, sociólogo e professor, ao longo de sua vida concebeu diversos projetos para a região insular de Belém e foi o responsável por mobilizar a organização dos moradores e por ser um porta-voz dos seus pedidos, alguns divulgados em jornais da cidade. Nesses textos, Klautau, por meio do CONSILHAS, conseguia traduzir os anseios da Ilha, sempre destacando os aspectos humanos, culturais e sociais. A Escola Bosque foi uma dessas traduções.

Para Klautau e os representantes do CONSILHAS, a ilha de Caratateua precisava de uma escola no interior da ilha, com capacidade de usufruir e preservar a sua natureza e promover a melhoria da qualidade de vida dos seus moradores por meio da educação. Klautau faleceu no ano de 2010 aos 74 anos e deixou outros projetos escritos. O projeto da Escola Bosque foi publicado no jornal impresso **O Liberal**, em maio de 1993 (PMB, 1995, volume 1, p.10). O mesmo documento também foi apresentado à Secretária de Educação do município, a professora Therezinha Gueiros, a proposta foi bem recebida e discutida com a Diretora de Ensino da SEMEC, a professora Rita Nery, alguns meses depois foi dado início a sua execução. Houve pressão popular para que isso fosse encaminhado, não foi apenas a convergência de boas intenções e bons projetos.

O projeto foi implementado no conjunto das ações do governo municipal para resgatar a identidade de Portal da Amazônia de Belém e o investimento na Educação Ambiental, embora a necessidade de escolas para as Ilhas fosse evidente, apenas a construção de uma escola não resolveria os problemas.

Até a inauguração da Escola Bosque, em 1995, a região de Outeiro contava apenas com uma escola municipal que ofertava turmas até a 4ª série do Ensino Fundamental. No ano de 1994, 149 crianças moradoras da ilha, entre 7 e 14 anos, nunca sequer tinham ido à escola, segundo dados da pesquisa sobre a realidade educacional do município (PMB-SEMEC, 1995). Para continuar os estudos entre a 5ª e 8ª série (atuais e 6º e 9º ano) e o Ensino Médio era necessário procurar vagas nas escolas estaduais no distrito de Icoaraci e em Belém, as famílias que não tinham condições de assegurar essa mudança viam seus filhos abandonar os estudos e começar a busca por emprego ou alguma renda.

A principal escola que atendia a região das Ilhas naquele momento estava (e ainda está em funcionamento) na Ilha de Cotijuba, a Escola Estadual de Ensino Fundamental Professora Marta da Conceição. O nome da escola homenageia uma ex-funcionária do Educandário

Nogueira de Farias. Uma escola correcional que recebia menores infratores vindos de Belém e começou a funcionar em 1932 (PINTO, 2020). Marta não tinha o cargo de professora formada, trabalhava como merendeira e ensinava as crianças a ler e a escrever. As famílias locais não queriam que seus filhos estudassem junto com menores infratores, por conta disso, em 1967 algumas aulas começaram a ser ministradas na sede do Clube 15 de agosto, em 1969 o educandário Nogueira foi desativado e a escola que funcionava no clube recebeu o aval da Secretaria do Estado de Educação - SEDUC e passou a se chamar Escola 15 de agosto. Entre 1970 e 1973 apenas uma professora, Mariana do Anjos, trabalhava em todos os turnos e com turmas multisseriadas.

Após a reforma, em 1984, a escola passou a se chamar Escola de Ensino Fundamental Professora Marta da Conceição, o nome foi escolhido por uma consulta popular. Atualmente a escola também oferta o Ensino Médio. Para atender toda a demanda da região até a 4ª série, a Escola Marta da Conceição contava com uma série de escolas anexas, que são as escolas que não possuem autonomia de gestão, dependem da escola sede para receber recursos, professores e para existir dentro do sistema, essas escolas atendem um número menor de alunos, a maioria forma turmas multisseriadas, onde ao mesmo tempo, na mesma classe estão alunos de séries diferentes, com idades diferentes atendidos pelo mesmo professor.

Na maioria dos casos, as escolas anexas são um jeito encontrado para atender localidades distantes, já que não se pode ou não se quer construir uma escola inteira ou ofertar um transporte escolar digno, é construído um arremedo de escola, muitas delas funcionavam, e ainda funcionam em espaço improvisados como: quintais, barracões e pátios da casa de algum morador. Em um cenário mais otimista a escola anexa pode ser vista como um projeto de escola sede, se tornando uma escola no futuro, com autonomia e um projeto próprio, mas não é isso que acontece. Essa era a realidade da oferta de educação escolar formal nas ilhas, e ainda é, atualmente as escolas anexas ainda existem. Mesmo com as escolas anexas, a educação formal chegava nas ilhas e apesar das precariedades crianças e adolescentes conseguiam finalizar o Ensino Fundamental e Médio.

Nesse cenário, a construção da criação da Escola Bosque parecia muito pertinente para a realidade da região, uma vez que havia crianças fora da escola e não havia vagas para matrícula, de qualquer modo, ao mesmo tempo, a sua grandiosidade parecia se opor às necessidades básicas que os alunos e as famílias precisavam. O projeto arquitetônico da Escola foi elaborado pela arquiteta e esposa de Klautau, Dula Maria Bento de Lima e sua construção custou aproximadamente 5 milhões de reais. A Escola foi construída em uma área de 120 mil

metros quadrados de floresta, num espaço que valoriza e interage com a natureza. Era um empreendimento único na região Norte e no Brasil, alguns anos mais tarde a ideia foi reproduzida também no estado do Amapá (FLORENZANO, 2016; BEMERGUY, 2010).

O Centro de Referência em Educação Ambiental – Escola Bosque Professor Eidorfe Moreira foi criado pela Lei n. 7.747/95, alterada pela Lei Delegada n.002/95, vinculando a Escola diretamente ao gabinete do prefeito. Localizada na Ilha de Caratateua, no bairro de São João de Outeiro, o projeto ambicioso nasceu como escola, mas se transformou em um Centro de Referência em Educação Ambiental, seu nome homenageia a Eidorfe Moreira, paraibano de nascença, geógrafo, professor e pesquisador da Universidade Federal do Pará.

A escola começou atendendo a 750 alunos, com turmas de Educação Infantil, Ensino Fundamental, Médio e Cursos técnicos. Na modalidade regular e principalmente na modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Diversos alunos matriculados eram moradores das ilhas e precisam do transporte escolar em lanchas e barcos, gastando em média 2h a 1:30 para chegar na escola. No interior do Distrito de Outeiro há outras ilhas menores e o deslocamento para a parte central também é feito por meio de rabetas e canoas em rios estreitos. Nos anos seguintes a Escola Bosque, por meio da prefeitura de Belém, inaugurou diversas escolas anexas nas ilhas de Belém, com a oferta de turmas multisseriadas, como uma forma de tentar atender a demanda de alunos. Uma dessas anexas foi a Casa Escola da Pesca.

As atividades da escola Bosque, ainda em caráter experimental, começaram em agosto de 1995, foi inaugurada em definitivo em abril de 1996 com a função de ser o Centro de Referência em Educação Ambiental do município, no bojo dos Liceus idealizados pela gestão Gueiros, com autonomia financeira, administrativa e patrimonial, possuía os seguintes objetivos:

- I. atuação e manutenção da Educação infantil e Escola de Primeiro Grau, em regime de tempo integral, com currículos próprios e ênfase para Educação Ambiental na integração harmônica entre o homem e a natureza que o cerca;
- II. atuação e manutenção da Escola de Segundo Grau, em tempo e atenção integral, em **caráter profissionalizante, voltado para cursos que preparem os estudantes para o gerenciamento dos bens da Amazônia e – em especial – do Arquipélago do Guajará**, com ênfase aos cursos de formação de técnicos em manejo da fauna, da flora e em ecoturismo.
- III. atuação e manutenção, por meios próprios ou por convênios e acordos a serem celebrados com outras instituições, nacionais e internacionais, governamentais e não governamentais **de cursos, oficinas, encontros e programas de educação formal e não formal**, assim entendidos os projetos de pesquisas e de atendimento comunitário em **todas as áreas do conhecimento que envolvam o estudo do meio-ambiente, aí incluídas até experiências inovadoras em termos de desenvolvimento humano sustentado.** (BELÉM, 1995 – grifos meus).



A Fundação Escola Bosque existe até o presente momento e se tornou um espaço de disputas políticas, há quem considere a escola um projeto interessante e imprescindível, mas ainda distante dos moradores da ilha de Caratateua. Por outro lado, os defensores que acreditam que a reformulação e expansão da escola não são necessárias. A FUNBOSQUE é uma das poucas escolas municipais de Belém que oferta o Ensino Médio, a Educação Profissional e a Educação Infantil. Abriga o Ecomuseu da Amazônia, Casarão da Cultura entre outros projetos, sendo um imenso e rico campo de pesquisa e uma das escolas mais bonitas que eu já tive a oportunidade de conhecer. Precisei escrever sobre ela nesse trabalho, pois é por meio dessa instituição que surge a Casa Escola da Pesca.

### **A criação da Casa Escola da Pesca**

A ideia do projeto da Casa Escola da Pesca, foi inspirada na Casa Família do Mar, escola localizada no município de São Francisco do Sul, Estado de Santa Catarina, após uma visita do então diretor da Secretaria de Pesca e Aquicultura do Estado do Pará, o sr. Rosivaldo Batista, no ano de 2006. Ao retornar para Belém a ideia de criar uma escola “da pesca” foi apresentada à Diretoria de Pesca e Aquicultura do estado do Pará, a intenção era construir a escola no município de Vigia, a 101 km de distância de Belém, na microrregião do Salgado, importante polo pesqueiro do estado. Mas a ideia não foi colocada em prática, segundo o sr. Rosivaldo<sup>5</sup>, em entrevista realizada, o projeto não foi adiante por conta de mudanças no governo estadual, pela saída do Simão Jatene do PSDB em 2007 (governador de 2003 a 2007, reeleito em 2011 até 2019) e a eleição de Ana Júlia Carepa do PT (governadora de 2007 a 2011).

Em seguida, a proposta foi apresentada à professora Therezinha da Mota Gueiros, então Secretária de Educação do município de Belém e presidente da Fundação Escola Bosque – FUNBOSQUE. Após a sua apresentação à professora Therezinha a ideia da escola começou a ganhar forma, imediatamente passam a ser organizados os recursos humanos para a elaboração do projeto escrito.

A proximidade entre Gueiros e o sr. Rosivaldo favoreceu a realização desse projeto, a relação entre os dois já existia desde os Governos municipal e estadual de Hélio Gueiros (como governador de 1987 a 1991 e como prefeito de 1993 a 1997). Para ele era acessível conversar com a então secretária de Educação, o que tornava mais fácil a apresentação de novas ideias. Após o encontro com a professora Therezinha foi realizada uma reunião na Secretaria

---

<sup>5</sup> A entrevista completa encontra-se no capítulo 4.

Municipal de Educação de Belém, onde a ideia para o projeto de uma escola voltada para a juventude e para os filhos dos pescadores que viviam nas ilhas foi apresentada e bem aceita.

A questão das Escolas para a população das ilhas era um antigo problema que as gestões municipais evitavam enfrentar e que as Unidades para o Desenvolvimento Sustentável não conseguiram resolver. Havia um déficit de vagas, alunos fora da escola, evasão, abandono, distorção idade-série e um trânsito muito grande de alunos que precisavam sair do seu local de moradia nas ilhas e ir em direção ao distrito de Icoaraci e a Belém para ter acesso às escolas, o que era feito por meio do transporte escolar fluvial, barcos de madeiras e lanchas, o que é considerado, por diversos motivos como, o valor do combustível, por precisar garantir a segurança dos alunos com equipamentos de proteção e manutenção das embarcações; além disso, para os alunos, essas longas viagens diárias eram um fator que pesava na decisão de parar os estudos.

Naquele momento na região das ilhas havia uma juventude que quando acessava às escolas, era numa condição precária, em escolas anexas, turmas multisseriadas, longos períodos de transporte. A escola não vislumbrava nenhuma perspectiva de mudanças ou melhorias em suas vidas. Além disso, a esses jovens o principal acesso à emprego ou renda era por meio de atividades relacionadas à pesca artesanal, no papel de ajudante dos pais ou entre amigos. Outros, ainda trabalhavam de forma permanente com a família, precisando passar vários dias em alto mar, o que os afastavam da escola. A pesca era a principal ocupação deles, o trabalho da família e uma forma de conseguir dinheiro. Essa atividade era mediada por conhecimentos adquiridos com a família, com os amigos, no dia a dia.

Um dos ex-alunos da Escola da Pesca que participou das entrevistas disse em seu depoimento que “quando você vive na ilha, é como se fosse uma roda, ela sempre gira do mesmo jeito, você pesca, arruma família e fica por ali, a ilha não te oferece nada”, a fala dele ilustra bem a pobreza da região, o abandono social e a violência. Tudo isso contrasta com o valor capital da atividade pesqueira. A saída encontrada pelo governo municipal para tentar equilibrar a situação foi a criação de uma escola voltada especificamente para os filhos de pescadores, oferecendo educação básica e formação inicial para o trabalho com a pesca.

Em entrevista realizada o senhor Rosivaldo ressaltou que uma escola voltada para a formação em pesca sempre foi uma reivindicação das Colônias de Pescadores de Belém, de outros municípios do estado do Pará e de Sindicatos e Associações. E ele tem razão, é possível identificar que as reivindicações por educação e formação para os trabalhadores da pesca estão presentes em diversos documentos que representam e reúnem os pedidos deste setor, por exemplo, a 3ª Conferência Nacional de Aquicultura e Pesca, realizada no ano de 2009 em

Brasília, apresenta em seu texto base as perspectivas para o desenvolvimento da pesca artesanal e a baixa escolaridade dos pescadores, as condições precárias de trabalho são um dos problemas colocados. A elevação da escolarização e o acesso à formação profissional são apontadas como estratégias fundamentais de desenvolvimento para o setor nas regiões do país.

A cidade de Belém é apontada como uma das principais capitais do Brasil na produção da pesca artesanal e industrial, e a população das ilhas têm nessa atividade a sua principal fonte de alimentação e de renda, fazia todo o sentido a criação de uma escola para atender a realidade de parcela da população da região metropolitana. Uma escola que ofertasse a escolarização, o acesso a educação básica, abrindo portas para a elevação da escolarização, aliado com a formação profissional para o trabalho com a pesca, aos moldes do que foi visto em Santa Catarina, na Casa Família do Mar.

De acordo com as entrevistas realizadas com os idealizadores da escola havia duas grandes necessidades centrais que justificavam a criação da Escola da Pesca, a primeira tinha origem na falta de escolas para a população que vivem nas ilhas, que provocava abandono escolar, crianças em situação de rua, violência e pobreza. A segunda, a necessidade econômica de incluir aquelas famílias na chamada cadeia produtiva da pesca.

O termo ‘cadeia produtiva’ é utilizado para explicar o conjunto de etapas de transformações que determinada matéria prima sofre até chegar a um produto final. A cadeia produtiva é a racionalização desse processo. De acordo com Santos (2005), o primeiro segmento da cadeia produtiva de pescado é o suprimento de bens e insumos para a realização da atividade da pesca. Desde a carpintaria naval, compra de motores, “petrechos”, que são os materiais para a pesca, o gelo, o combustível, alimentação dos trabalhadores, ou seja, todo os recursos e materiais necessários para a realização do “esforço da pesca”.

Na base da cadeia encontra-se a produção do pescado, que envolve empresas da indústria da pesca e os pescadores artesanais, que respondem pela maior parte da produção. Esta etapa é a que absorve mais mão-de-obra. A etapa seguinte é a comercialização, momento em que o produto é armazenado, processado e distribuído. No caso da pesca artesanal o armazenamento é feito por meio do congelamento ou da salga do pescado. Na pesca industrial, esta é uma etapa mais complexa, o pescado é capturado e conservado, o processamento ocorre quando se faz o corte, resfriamento e a comercialização. A condução dos produtos aos canais de comercialização é feita por meio da figura do atravessador, no caso da Pesca Artesanal e na pesca industrial é mediada por empresas que trabalham no mercado interno e externo. Por fim, a última etapa da cadeia é o mercado consumidor, as feiras, supermercados e o prato pronto.

De acordo com Santos (2005), toda essa estrutura é influenciada e poderá sofrer variação de acordo com o ambiente institucional, o governo, as instituições reguladoras, de apoio financeiro, universidades, institutos de pesquisa e instituições de capacitação e recursos humanos. Como outra atividade do setor produtivo, está vulnerável ao mercado e ao capital. Agora é importante caracterizar o contexto de onde estou falando de cadeia produtiva do pescado e do agronegócio.

A pesca artesanal e industrial, extrativista ou a produção pela aquicultura, o beneficiamento do pescado, a exportação e a gastronomia compõem um nicho do mercado que movimentam milhões de dólares anualmente. Sobre a produção e exportação do pescado no Brasil, Santos (2005) mostra que o estado do Pará é responsável por 63% da produção de pescado da região norte. No contexto da cadeia produtiva do pescado, existem os pescadores artesanais, moradores de comunidades ribeirinhas e que em Belém, vivem em sua maioria na região insular.

Essa população possui um modelo de produção que varia entre as famílias que pescam para o consumo próprio e para a troca. E aquelas que se organizam em cooperativas, que negociam o seu produto com empresas, por exemplo. Ambos são responsáveis por uma grande parcela da produção do pescado consumida na Região Metropolitana de Belém e a maioria do pescado é produzido de forma artesanal, de base extrativista.

Lembra quando eu falei que a cadeia produtiva era o processo de racionalização da produção? Então, o agronegócio é a “ciência” que orienta essa racionalização. Promover a inclusão das famílias dos ribeirinhos na cadeia produtiva do pescado foi uma das motivações para a criação da Casa Escola da Pesca. Cabe lembrar também, como o agronegócio afeta a produção familiar, o fato de que a cidade de Belém pouco se industrializou, especialmente quando comparada com os vizinhos Manaus e São Luís e ainda como o trabalho se apresenta na região Amazônica.

A pesca artesanal é uma atividade do setor primário da economia, pensar essa atividade por meio das concepções de agronegócio e de cadeia produtiva, é buscar, torna-la mais racional e mais lucrativa, como sustentam autores como Santos (2005) e Rufino (1999). Também, a pesca artesanal é uma atividade da agricultura familiar, base da alimentação das famílias e, além disso, por não viverem em um ambiente urbano, são populações rurais ou como alguns autores como Queiroz e Neto (2019) e outros se referem, são rurais – ribeirinhas, especialmente, por conta da sua localização próxima os rios e pela relação mantida com eles, como parte de sua vida e de quem são.

O conceito de agronegócio indica entre outras coisas uma visão global para determinada atividade; por exemplo, no caso da pesca, por meio da ação do agronegócio todas as etapas dessa atividade devem ser administradas em função do melhoramento do processo, da cadeia produtiva, visando o lucro, maior exploração da mão da obra, é uma outra lógica de produção, um outro modelo de desenvolvimento que “disputa” espaço com a agricultura familiar.

O termo agronegócio engloba todas as atividades vinculadas e decorrentes da produção agropecuária tais como: o extrativismo vegetal, silvicultura, agricultura, pecuária, pesca e aquíicultura. Envolve as relações sociais, tecnológicas, produtivas e financeiras estabelecidas desde a fabricação de insumos, passando pela produção de matérias-primas e processamento, até o mercado consumidor. Não é uma terminologia puramente acadêmica, pois o seu significado ultrapassa a dimensão das universidades e institutos de pesquisa avançadas no campo das medidas de política, economia e gestão de negócios, o que lhe atribui um caráter dinâmico e abrangente para tratar das questões relacionadas ao desenvolvimento socioeconômico. (SANTOS, 2005, p. 63).

Além disso, “produz um tipo de organização e produção no campo homogeneizadores, que tem gerado como resultado, a utilização exacerbada de agrotóxicos, o aumento da violência contra trabalhadores rurais, defensores dos direitos humanos e ambientalistas e a concentração de terra” (SILVA e MAGALHÃES, 2020, p.40). A tradição da Educação do Campo e do Movimento Social Camponês no Brasil é de produzir uma lógica oposta, que entre outras coisas, valoriza o uso sustentável dos recursos naturais, a agroecologia etc. além disso, produz também um movimento político e social que se contrapõem ao agronegócio.

Para mim souo estranho ouvir uma proposta para uma escola, no território rural-ribeirinho, que busca alinhar-se ao agronegócio e inclusão na cadeia produtiva, baseado na compreensão de que isso fosse promover inclusão econômica, melhoria da qualidade de vida etc. Ficou evidente de que era essa a intenção, contudo, como a realidade é composta de múltiplas determinações, o projeto da Escola da Pesca não foi escrito sozinho, como veremos adiante e a formo como isso orientou intencionalidades para a escola.

Além disso, cabe destacar ainda que nesse contexto da pesca, no pequeno recorte que é mostrado aqui, é possível ilustrar as formas como o trabalho é desenvolvido na Amazônia. Tipos de produção altamente modernos, orientados por tecnologias e formas de gestão eficientes e controladas estão presente no mesmo contexto com modelos tradicionais, de base manual, com pouco controle da gestão e o trabalho não formalizado.

Edna Castro no artigo publicado em 1998: “Tradição e modernidade: a propósito de formas de trabalho na Amazônia” estuda as noções de trabalho a partir da análise de processos de trabalho e padrões de gestão na Amazônia. Por meio das variadas formas de trabalho encontradas na região a autora examinou os aspectos do trabalho desenvolvidos pelas ditas

populações tradicionais, também fez algumas análises sobre os padrões modernos de gestão em empresas da região.

Para a autora, o trabalho na Amazônia é marcado por uma diversidade de organizações, apresentações e condições. Existem na região denúncias de trabalho escravo<sup>6</sup>, de semiescravidão, informalidade, insalubridade, falta de segurança, entre outras. Micro e pequenas empresas de produção familiar e empresas transnacionais de capital globalizado “convivem” por aqui. A gestão dessas empresas, embora haja o rótulo da modernidade, ainda é baseada em relações de poder paternalistas e de dominação. A autora também destaca:

Outra dimensão a observar é a precarização do mercado de trabalho. Com técnicas obsoletas e mantendo relações paternalistas, pequenos empreendimentos, muitos deles em moldes familiares, alimentam a indústria de ramos como a madeira, castanha, palmito, pescado e outros produtos derivados do extrativismo regional. Independente do porte e dos processos de produção, esses empreendimentos articulam-se como numa cadeia produtiva, ora sob processos técnicos e padrões de organização do trabalho bastante rudimentares, ora revelando investimentos maciços em capital. É o caso das inúmeras usinas de fabricação de gusa e ligas, do sudeste do Pará e do Maranhão, que se utilizam ainda de trabalho semiescravo, com forte participação infantil, nas carvoarias que funcionam à base de madeira nativa. (CASTRO, 1998, p. 19).

Não acho que seja correto afirmar que modernidade e tradição disputam espaço, porque não há a possibilidade de competição. O que temos é a coexistência de diversas formas de produção. O extrativista, o pescador realiza a sua função dentro da cadeia produtiva, mas de uma maneira marginalizada, sua forma de trabalhar é diferente, assim como, sua técnica, suas condições de trabalho e em sua velocidade. Elementos que são incompatíveis com os padrões definidos pelas grandes empresas orientadas pelo agronegócio e constantemente aceleradas mudanças do capital.

Outro ponto que gostaria de considerar, porque acho importante para entender e também para analisar a ideia de criação da casa escola da pesca, é fato de que a cidade de Belém, em seu processo de metropolização, pouco se industrializou, ao contrário, se tornou uma metrópole da prestação de serviços, aprofundo essa análise na síntese do capítulo. A partir de agora, descrevo o processo de elaboração do projeto da Casa Escola da Pesca.

Em sua posição de Secretária de Educação a professora Therezinha Gueiros viabilizou os recursos humanos, materiais e financeiros para a criação da Casa Escola da Pesca, passou a tarefa

---

<sup>6</sup> A autora usa os termos, trabalho escravo e semiescravidão. Outros autores utilizam os termos trabalho análogo à escravidão ou escravidão contemporânea, para se referir a formas de trabalho degradante, com horas exaustiva, uso de violência física e tortura, sem pagamento de salário e com restrições da liberdade dos trabalhadores.

de elaboração do projeto da Escola para a SEMEC sob os cuidados da professora e consultora da instituição, professora Rita Carvalho Nery, falecida em 2011, foi uma das responsáveis pela criação da Fundação Escola Bosque em Outeiro. Nery, constituiu uma equipe que ficou responsável pela elaboração do projeto escrito, o senhor Rosivaldo sempre foi uma figura presente. O que se pretendia era uma escola aos moldes da Casa Escola do Mar, em Santa Catarina. Uma escola que oferta Educação Básica por meio da Educação de Jovens e Adultos e a Pedagogia da Alternância, com o objetivo central de incluir os pescadores artesanais na cadeia produtiva do pescado e promover o aumento da escolaridade da população da região insular.

A equipe responsável pela elaboração do projeto foi composta por Mary Jose Pereira da Silva e Neubervan Ribeiro Vieira, então funcionários do quadro temporário da SEMEC e voluntários no Programa do Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos – MOVA. Os dois trabalhavam sob a orientação da professora Lucidéa de Oliveira Santos, então Diretora de Ensino e da professora Rita Nery. Para dar início a produção do projeto da escola, Mary Jose e Neubervan, realizaram visitas às ilhas que possuíam maior número de famílias: Ilhas de Cotijuba, Paquetá, Jutuba e Outeiro. Também foram feitas visitas à Colônia de Pescadores de Icoaraci.

Durante essa etapa de levantamento de dados para conhecer a realidade da região, foram feitas entrevistas com as famílias dos pescadores artesanais, onde eles puderam compartilhar a sua condição de vida, o trabalho desenvolvido na pesca e principalmente puderam falar sobre as suas reivindicações por escolas e por formação para o trabalho com a pesca. Em entrevista realizada com Mary e Neubervan, eles explicaram como foi a realização dessa etapa de levantamento de dados e de diagnóstico.

Então, nós fomos várias vezes reunir na Colônia dos pescadores de Icoaraci, na Z-10. Nessas reuniões os pescadores foram relatando pra nós todas as dificuldades deles, voltando a questão da escola dos filhos, e foi a partir de tudo isso que nós construímos de fato o projeto, voltado a realidade deles. (MARY JOSE PEREIRA, entrevista, pesquisa de campo, 2020).

Durante essa entrevista, fiz a seguinte pergunta: “os pescadores, o que eles queriam para os filhos deles?” A resposta foi direta: "Eles queriam que os filhos deles estudassem" disse Mary Jose<sup>7</sup>. Além disso, eles relataram o quanto foi importante entender a realidade das famílias de pescadores para pensar sobre o projeto da Escola.

Foi nesse primeiro contato que nós tivemos com os pescadores que conhecemos de fato a sua realidade. Confesso que eu não sabia como funcionava. Quanto tempo eles passam em alto-mar, e, principalmente, que a família do ribeirinho e do pescador tem toda uma estrutura, e essa estrutura vai do pai até o filho mais novo. Todos possuem as suas devidas funções, que

---

<sup>7</sup> A entrevista encontra-se no capítulo 4.

acabavam prejudicando a escola. O ritmo deles é diferenciado do ritmo escolar, do ano letivo. O aluno que passa 15 dias com o pai pescando, quando volta (à escola) está totalmente perdido com conteúdo, ele não consegue alcançar os objetivos, ele vai repetir de ano e acabar desistindo. É uma coisa que eu tenho muito orgulho (ter participado da elaboração projeto) quando você consegue pesquisar e se envolver nessa área, estávamos precisando muito disso, eu acho que nós conseguimos resolver muitos problemas, quando você realmente mergulha na situação, não só ficando no gabinete imaginando o que seria melhor para o aluno, mas ir lá de fato, saber o que está acontecendo. (NEUBERVAN RIBEIRO, entrevista, pesquisa de campo, 2020).

Por meio desse levantamento de dados, os dois pesquisadores puderam constatar a dinâmica da pesca na região das ilhas e identificar que a produção de pescado no setor artesanal variava de acordo com a época do ano. Por exemplo, entre os meses de dezembro a março, chamado período de entressafra, “o peixe vai para a foz, tornando-se difícil sua captura e conseqüentemente redução do volume no mercado” (PMB, 2007a, p.3). Nesse período a situação financeira se agrava para as famílias, pois não há uma infraestrutura para realizar a pesca em alto-mar, os pescadores não possuem embarcações próprias e precisam dividir seus ganhos com os donos da embarcação, o atravessador, que leva o pescado até as feiras e mercados, e assim ficam com a maior parte dos lucros.

O pescador artesanal está na ponta da Cadeia Produtiva, é o responsável pela fabricação dos apetrechos da pesca, pela realização do trabalho “pesado” para a captura do pescado, mas ele não possui a infraestrutura necessária para as etapas seguintes, a conservação e a venda do produto, etapa em que é necessária a refrigeração adequada, galpões de armazenamento, equipamentos e conhecimento de técnica para o beneficiamento do pescado. Por conta disso, uma parte do que é capturado é vendido por um preço muito baixo em feiras e mercados nas próprias ilhas, outra fica para o consumo da família. A renda das famílias dos pescadores sofre tanto pela falta de infraestrutura como pela escassez do pescado, em alguns momentos do ano, quando buscam complementar a sua renda, com a extração e venda do açaí e captura do camarão.

Com base nesse levantamento e a partir da leitura de referências sobre a Pedagogia da Alternância, a Educação do Campo e sobre a dinâmica da produção do pescado, os dois pesquisadores, apoiados pelos outros funcionários da SEMEC produziram uma primeira versão do projeto, datada de fevereiro de 2007, que aqui vou chamar de Projeto 1. Nesse primeiro documento são apresentados dados da Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca do Estado, com base no seguro defeso do ano de 2004, onde foram contabilizados 70 mil pescadores em todo o Brasil; 13.984 se encontravam no estado do Pará, local que foi identificado o maior índice de analfabetos, além disso, o documento informava que a média de anos de estudos dos pescadores paraenses é de 3 anos, enquanto a média nacional variava entre 5 a 7 anos (PMB, 2007a).



A primeira versão ainda apontava que naquele momento a Colônia de Pescadores de Icoaraci contava com 864 pescadores cadastrados, sugerindo uma alta demanda de famílias:

Ilha de Jutuba: 52 associados; Ilha de Cotijuba: 30 associados; Ilha de Paquetá: 60 associados; Ilha de Outeiro: 70 associados. Os demais associados são das ilhas de: Jararaca, Patos, João Pilatos, Nova e Murinini, sendo que estes números representam apenas 30% da comunidade pesqueira associada, segundo a colônia de Icoaraci 70% dos pescadores dessa área não participam de nenhuma organização representativa do setor pesqueiro. (PMB, 2007a, p.5).

O projeto 1 foi produzido pela equipe da professora Rita Nery, resultou diretamente das pesquisas realizadas nas ilhas. Tive acesso a essa cópia por meio da Mary Jose e do Neubervan. O projeto apresenta: justificativa, objetivos, metas, parcerias, público, contextualização, metodologia, proposta pedagógica, avaliação, recursos e cronograma de execução. Esta versão também menciona que a Escola deverá existir a partir da criação de uma associação das famílias dos pescadores, que terão “as responsabilidades jurídicas, econômicas de gestão e de implementação do Projeto Educativo. As famílias e as comunidades pesqueiras são responsáveis conjuntamente pela formação dos jovens, que de forma organizada gerenciam o projeto” (PMB, 2007a).

O documento indica, entre outras coisas, que a Escola da Pesca deveria ser gerida pelas famílias dos pescadores em conjunto com a SEMEC e a própria escola. A meta inicial era receber 25 alunos, com previsão para 75, ofertando turmas para as séries finais do Ensino Fundamental, pautado na Pedagogia da Alternância e em seus instrumentos pedagógicos, com o objetivo de, por meio dessa pedagogia, favorecer as vivências comunitárias dos seus alunos. Além de promover a qualificação profissional para o trabalho com a pesca, ofereceria o acesso às tecnologias e técnicas de criação mais sustentáveis e que pudessem ser mantidas a longo prazo, a fim de que as famílias tivessem renda por meio do pescado em todo o período do ano.

O projeto previa que a Escola da Pesca deveria ser criada a partir de uma parceria com a Federação dos Pescadores do Estado do Pará, a organização de ordem social dos pescadores, a Colônia de Pescadores, promovendo o acesso à linha de crédito para o financiamento da pesca artesanal. Entre despesas com pessoal, material de consumo, material permanente e aparelhagem da Casa, o orçamento do projeto ficou em R\$319,983 mil reais. Dinheiro que deveria ser custeado pela SEMEC por meio do Fundo Ver-o-Sol, fundo municipal criado para fomentar a geração de renda.

Em seu depoimento, Neubervan e Mary Jose registraram que os objetivos apresentados para a Escola e a necessidade dos moradores da região das ilhas eram diferentes. Para a SEMEC o maior problema enfrentado por essas pessoas era a falta de escolas, violência e acesso à

educação. No entanto, a partir da pesquisa eles detectaram que faltavam muitas outras coisas às famílias, por conta disso eles escreveram um projeto que pretendia incluir a família dos alunos e toda a comunidade. Na entrevista eles contam: “colocamos um pouco de Paulo Freire ali, um pouco de Pedagogia Libertadora”.

Ao conhecer de perto a realidade das famílias eles entenderam que não podia ser apenas uma escola. A escola da pesca não deveria ser apenas para os filhos de pescadores, mas deveria alcançar toda a realidade das ilhas, com a oferta de cursos, oficinas etc. Por isso que a primeira versão do projeto é bem ampla e ambiciosa, entende os alunos como multiplicadores de conhecimento, reconhece a importância de uma Associação das famílias dos pescadores das ilhas e reconhece ainda, a Pedagogia da Alternância como uma forma para integrar a família dos pescadores e a escola.

A segunda versão do projeto, que vou chamar de projeto 2, é uma versão mais robusta e completa, datado de maio de 2007, quem me cedeu a cópia foi o senhor Rosivaldo Batista na ocasião da nossa entrevista. A segunda versão foi baseada no projeto 1, mas os nomes dos autores não aparecem, nem as etapas preliminares de pesquisa realizadas pela SEMEC. O projeto é identificado com o seguinte tema “Casa/Escola da Pesca - Uma proposta alternativa de Educação para a população pesqueira da Região Insular de Belém”. Datado para ser executado entre agosto de 2007 e fevereiro de 2009. Essa segunda versão inclui o orçamento para o início das atividades e detalha de forma mais precisa como o projeto deverá ser desenvolvido. Esse documento foi o mesmo apresentado na FUNBOSQUE e a SEMEC, pode-se dizer que é uma versão mais burocrática.

O projeto 2 define os objetivos da escola de forma mais pontual, ela deveria ser concebida como um “Centro de Educação em Nível Fundamental que contempla a qualificação para o trabalho e as vivências comunitárias” (PMB, 2007b, p. 10). Vinculada à FUNBOSQUE, ofertando Educação Básica, na etapa do Ensino Fundamental, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos e a Qualificação profissional de Formação Inicial em Pesca e Aquicultura, com a sua prática orientada pela Pedagogia da Alternância. O documento detalha a organização curricular da Escola, as disciplinas, os períodos de estudos

Nele, a CEPE é classificada como um projeto piloto dentro do Sistema Municipal de Educação e tem como proposta a oferta de conhecimentos e domínio de novas tecnologias, eficiência nas atividades laborais, respeito ao meio-ambiente e preservação das espécies, fala claramente que o objetivo é formar novos aquicultores, especialmente para a criação do pescado e do camarão. A Alternância é compreendida como a ponte que fará a ligação entre a escola e a comunidade.

O projeto 2 previa 15 professores para as disciplinas da Base Nacional Comum e 08 funcionários do administrativo. O orçamento indicado é de 780.059,90 mil reais. A fonte do dinheiro foi a própria SEMEC, a FUNBOSQUE, o Fundo Municipal de Assistência ao Estudante. Todo o processo de implementação da Casa Escola da Pesca foi mediado pela FUNBOSQUE, os recursos financeiros, professores e funcionários, que foram remanejados para o começo das atividades. No segundo semestre do ano de 2007 foi dado início a esse processo e a uma série de parcerias e ações, a primeira delas é a escolha do local de instalação.

O primeiro local pensado para a instalação da Escola foi na Avenida Arthur Bernardes, pela proximidade de alguns portos e empresas de pesca no município de Belém, mas logo foi descartado por ser distante da FUNBOSQUE, a Escola Sede, e não ter acesso por meio fluvial. Em seguida, o local escolhido para a sua instalação foi a Ilha de Outeiro, em um terreno que já havia uma estrutura semelhante a uma casa de madeira, rodeado de área de floresta e acesso para um igarapé, o que permitia o transporte por embarcações pela Baía do Guajará, facilitando o acesso dos futuros alunos que viriam das ilhas. Com área total de 2,7 hectares e 500 metros quadrados, o terreno foi alugado pelo valor de 3.500 reais para o período de 2 de agosto de 2007 até 31 de dezembro do mesmo ano. A fonte do recurso foi o Fundo Municipal de Assistência ao Estudante. O extrato do contrato, publicado no diário oficial do município de 13 de agosto de 2007 indica que o contrato de aluguel foi assinado por Therezinha Gueiros e o então dono no imóvel, João Claudio Tupinambá Arroyo.

Figura 4 – Extrato do Contrato n°. 103/2007/SEMEC - Diário Oficial do Município de Belém, Segunda-feira, 13 de agosto de 2007.



# Diário Oficial

do Município de Belém

---

*Duciomar Gomes da Costa*  
Prefeito Municipal de Belém



PREFEITURA DE  
**BELEM**  
METRÓPOLE DA AMAZÔNIA

Belém-Pará-Ano XLIX - N° 10.958  
Segunda - Feira, 13 de Agosto de 2007

---

**NOTÍCIAS - P M B**

IVIIIIIIIS.

#### EXTRATO DO CONTRATO N°. 103/2007/SEMEC

**PARTES:** Secretaria Municipal de Educação e JOÃO CLÁUDIO TUPINAMBÁ ARROYO.

**OBJETO:** A locação do imóvel para fins não-residenciais, destinado ao funcionamento do Projeto Casa Escola da Pesca - CEPE, que visa promover a inclusão social de jovens filhos de pescadores e trabalhadores da pesca.

**FUNDAMENTO LEGAL:** Lei 8.666/93 e alterações.

**VIGÊNCIA:** 2 de agosto de 2007 e término em 31 de dezembro de 2007.

**VALOR GLOBAL:** R\$ 3.500.00 (três mil e quinhentos reais).

**CLASSIFICAÇÃO ORÇAMENTÁRIA:** 208.21.12.361.0011.2024 - 339036.00 - fonte 010100-007 FME.

**FORO:** Belém - PA

**DATA:** 02/08/2007.

**ASSINATURA:** Therezinha Moraes Gueiros e JOÃO CLÁUDIO TUPINAMBÁ ARROYO.

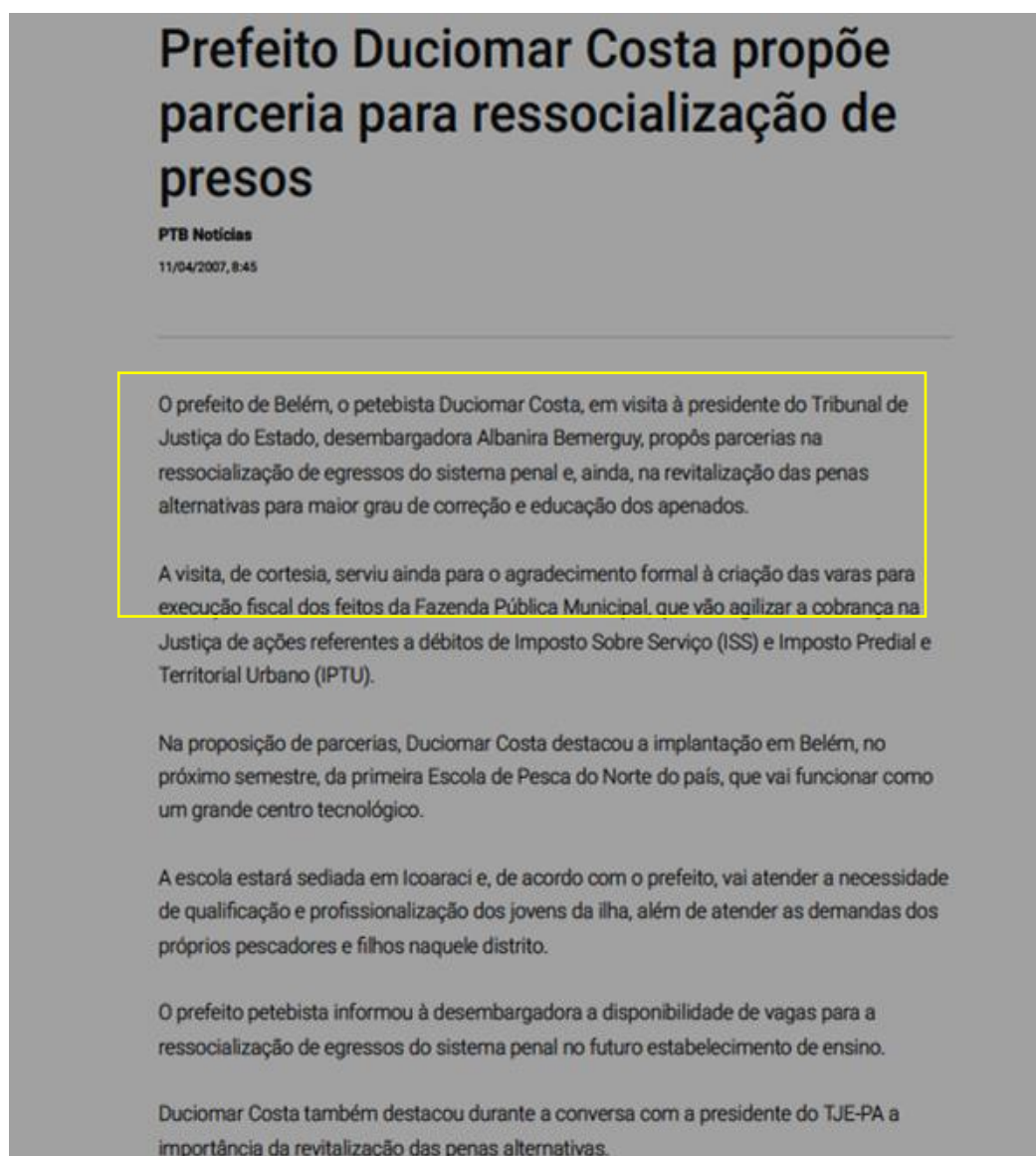
Fonte: Diário Oficial do Município de Belém. Imagem retirada do site CINEBASA, 2021.

Com a assinatura do contrato é dado início ao processo de reforma e melhorias no espaço, construção de duas salas de aula e alojamento para os estudantes e professores, laboratório e biblioteca. O ano de 2007 foi o período de instalação da escola, escrita do projeto, captação de recursos e remanejamento dos funcionários da FUNBOSQUE.

No ano de 2008 estava em vigor o primeiro mandato de Duciomar Costa, do Partido Trabalhista Brasileiro - PTB, ele ficou no poder de 2005 a 2012 e manteve como Secretária de Educação a professora Therezinha Gueiros. Duciomar apresentou um programa de Governo intitulado “Belém Metrópole da Amazônia” em 2005, que tinha como objetivo central afirmar Belém no centro do desenvolvimento da Amazônia, como metrópole econômica e cultural; seu governo contava com o apoio do então Governador do Estado, Simão Jatene do Partido da Social-Democracia Brasileira - PSDB. Em sua mensagem à Câmara de Vereadores, que abriu o ano legislativo em 2005, indicou que deveria dar atenção para a saúde, educação e o desenvolvimento urbano e ambiental para alcançar seus objetivos (COSTA, 2005).

Algumas reportagens da época, entre os anos de 2007 e 2008, mostram Duciomar se referindo a Escola da Pesca, além de ser uma para os filhos dos trabalhadores da pesca, também seria usada para a ressocialização de egressos do sistema penal, anunciada como “A primeira escola da Pesca do Norte do Brasil”. Inclusive ele realizou uma reunião junto com a então presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Pará para tratar do assunto, no entanto, essa informação, sobre a CEPE também servir como espaço para a ressocialização de presos, só aparece nessas reportagens, atreladas ao nome de Duciomar.

Figura 5 – Prefeito Duciomar Costa propõe parceria para ressocialização de presos



Fonte: PTB Notícias. Imagem retirada do site: <https://ptb.org.br/prefeito-duciomar-costa-propoe-parceria-para-ressocializacao-de-presos/>.

No ano seguinte, em 2008 é renovado o contrato de aluguel do terreno para a instalação da escola, para o período de 03 de janeiro de 2008 até 31 de dezembro de 2008, pelo valor global de R\$8.400,00 (oito mil e quatrocentos reais).

Para entender melhor a criação da Casa Escola da Pesca é preciso retomar, mesmo que de forma breve, a discussão acerca da Educação Ambiental e do Desenvolvimento Sustentável, porque elas podem ser consideradas respostas ao processo de desenvolvimento implementado na cidade de Belém que, como a maioria das grandes cidades e metrópoles, primeiro cresce e se expande e em seguida precisa lidar com os problemas de um crescimento desordenado e inorgânico. Por isso considero importante apresentar a relação de Belém e suas ilhas e a criação da Fundação Escola Bosque para em seguida retomar a criação da CEPE.

Enquanto uma unidade pedagógica da FUNBOSQUE, a Casa Escola da Pesca passa a receber recursos financeiros e materiais para o início de suas atividades, professores são convidados a participar da implementação desse projeto. Além disso a CEPE deveria estar alinhada com o projeto pedagógico da sua mantenedora, que é voltado para a Educação Ambiental com foco para o desenvolvimento sustentável, turismo e ecologia. Além disso, a instalação de uma Fundação de Referência em Educação Ambiental e da Casa Escola da Pesca em uma das ilhas de Belém representa uma intenção política de integrar esse espaço e promover a educação em um ambiente até então esquecido.

O terreno onde o projeto foi desenvolvido e atualmente está localizada a escola foi alugado e realizada a reforma da já existente casa de madeira que ficou destinada como pavilhão administrativo. Além disso, foi construído uma sala de aula com capacidade para 30 alunos e um terceiro pavilhão para o dormitório. Foram selecionados 30 alunos para a primeira turma, a partir de seleção realizada pela Escola Bosque, Federação dos Pescadores, Colônia e Associação de Pescadores. O critério determinante era a filiação da família, geralmente na figura do pai ou irmão, em alguma dessas associações. A seleção foi feita por meio de uma análise documental, foram solicitados aos alunos: comprovante de residência, para mostrar que os alunos viviam nas Ilhas, comprovante de filiação ao trabalho com a pesca e o documento escolar, para informar a última série e a escola que o aluno passou.

Os alunos deveriam ter entre 15 e 24 anos de idade e concluído a primeira etapa do Ensino Fundamental (antiga 1ª a 4ª série) os menores de idade apresentavam autorização dos pais, especialmente por conta do período de Alternância integral na escola, documento dispensado aos demais. A primeira turma admitiu apenas rapazes, apenas em 2015 foi aberta a primeira turma feminina.

O projeto Casa Escola da Pesca teve seu início em 17 de abril de 2008, por meio da assinatura do Convênio entre Prefeitura Municipal de Belém, representada pela Fundação Escola Bosque e a Federação das Indústrias de Pesca do Estado do Pará. Assinado na data da inauguração da escola, já no seu endereço oficial na Passagem São José, n. 70 no Bairro de Itaitéua, na ilha de Caratateua. Alguns meses depois este terreno, que era alugado, foi desapropriado pela Companhia de Desenvolvimento da Área Metropolitana de Belém - CODEM.

Estavam presentes na inauguração o senhor Rosivaldo Batista, na posição de coordenador geral da escola, a professora Therezinha Gueiros, como Secretária de Educação do Município e Presidente da Fundação Escola Bosque, o senhor Orlando Palheta Lobato representando a Federação das Indústrias de Pesca, o prefeito de Belém, Duciomar Costa, representantes do Conselho de Moradores da Ilha de Caratateua e da Colônia de Pescadores.

As atividades da escola tiveram início no dia da assinatura do convênio, em uma segunda-feira, já com a previsão para mais uma turma de 30 alunos no segundo semestre.

Figura 6 – Placa de inauguração da Casa Escola da Pesca



Fonte: imagem feita por a autora na pesquisa de campo, 2019.

## **Formação para trabalhar na Casa Escola da Pesca**

Para compor o quadro de funcionários, técnicos e professores, que iriam trabalhar na Casa Escola da Pesca, os funcionários do quadro efetivo da Escola Bosque e da Secretaria Municipal de Educação foram convidados a participar do projeto. Eles deveriam trabalhar em regime de dedicação exclusiva ao projeto, seriam, assim, retirados de suas funções da FUNBOSQUE e SEMEC. Eram docentes das disciplinas da Base Comum e também das disciplinas da formação profissional, por conta dos cursos oferecidos no âmbito da FUNBOSQUE, a escola já contava com profissionais da Engenharia de Pesca e Engenharia Ambiental, etc. Alguns profissionais não conseguiam fazer dedicação exclusiva e trabalhavam nas duas instituições. Além de técnicos pedagógicos e administrativos.

Antes de iniciar o projeto, os professores que aceitaram participar fizeram formações sobre a Pedagogia da Alternância e sobre a proposta da Escola da Pesca. As formações foram realizadas no espaço da FUNBOSQUE e contaram com a colaboração do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação na Amazônia - GEPERUAZ, da Universidade Federal do Pará, com a participação do professor Salomão Hage, pesquisador da Educação do Campo, da professora Rita Nery e do senhor Rosivaldo.

Em entrevista a professora de biologia Edilzane, recorda que foi um desafio dado aos professores pois não se sabia muito sobre a Pedagogia da Alternância e uma escola com internato era uma novidade dentro do município, eles ficaram preocupados com tamanhas responsabilidades. Apenas no ano de 2012 foi realizado concurso público para da FUNBOSQUE, o certame tinha vagas específicas para a Escola da Pesca, com o provimento de vagas para professores, técnicos e auxiliares administrativos.

Fizeram parte da gestão dos primeiros anos da CEPE como um projeto, Rosivaldo Batista, como Coordenador Geral; Aline Chagas Aarão, como diretora; Sandra Regina Gomes, como Coordenadora Pedagógica; Valdemar da Silva Dias, como Coordenador do Curso do Inicial Profissional em Pesca e Aquicultura, e Mônica Elizabeth de Melo e Silva, como Engenheira de Pesca e professora da Qualificação inicial para o trabalho.

## **As parcerias**

O ano de 2008 foi importante para o estabelecimento de diversas parcerias entre a Escola da Pesca e outras instituições, em junho foi estabelecido convênio de cooperação técnica entre a Prefeitura Municipal de Belém/PA, através da Escola Bosque; O Fundo Municipal De



Solidariedade para Geração de Emprego e Renda Ver-O-Sol e a Universidade Federal Rural da Amazônia – UFRA, por meio de seu Instituto Socioambiental e Recursos Hídricos e a Fundação de Apoio à Pesquisa, Extensão e Ensino em Ciências Agrárias – FUNPEA.

Em 2009, o Ensino Fundamental e a Formação Profissional Inicial em Pesca e Aquicultura foram autorizados a funcionar na Escola pelo Conselho Municipal de Educação de Belém, embora o curso já estivesse funcionando há um ano. No final deste ano aconteceu a formatura da primeira turma da escola, no ano seguinte, em 2010, é possível identificar o reconhecimento do sucesso do projeto, por meio da expansão de parcerias da escola e de novos recursos financeiros que foram injetados, assim como ampliações estruturais.

Os recursos financeiros repassados por essas parcerias eram somados ao repasse realizado pela FUNBOSQUE e foram utilizados para manutenção e ampliação da estrutura física da Casa Escola da Pesca. As parcerias estabelecidas pela Escola resultaram ainda na oferta de mais ambientes para a realização das atividades, uma vez que as instituições cediam os seus espaços para aulas, visitas de campo, estágios e pesquisa.

Em agosto de 2010 é efetivada parceria com o Consulado do Japão (PMB, 2010b) para a doação de R\$146.020,32; o que garantiu a aquisição de uma lancha e a construção do trapiche da escola, um pequeno porto reservado para atracar embarcações. No mesmo ano, é licitado a construção do auditório da escola, instalação de ar-condicionado nos alojamentos dos alunos e nos laboratórios, compra de móveis, locação de barcos, compra de acessórios marítimos para as aulas e equipamento de processamento de dados.

É importante considerar que o nome da Fundação Escola Bosque permitiu construir essas parcerias, afinal a FUNBOSQUE já desenvolvia um trabalho sério voltado para a Educação Ambiental e para o Desenvolvimento Sustentável no município e no estado do Pará.

Também foi no ano de 2010, dois anos após o início de suas atividades, é expedido o seu estatuto legal pela Portaria 031/2010 de 02 de fevereiro, publicada no Diário Oficial do Município de Belém nº 11.556, transformando o projeto Escola da Pesca em uma Escola Pública Municipal, como uma unidade pedagógica da FUNBOSQUE.

A portaria possui duas resoluções, a primeira onde são reafirmados os dois principais objetivos, estabelecidos por meio do Convênio entre a prefeitura de Belém e a Federação das Indústrias da Pesca do Estado do Pará e a segunda que resolve, assim, criar a Casa Escola de Pesca.

Como publicado, a então presidente em exercício da Fundação Centro de Referência em Educação Ambiental Escola Bosque professor Eidorfe Moreira – FUNBOSQUE, a professora Therezinha Moraes Gueiros resolve:

Art. 1º - **Criar** a Casa Escola da Pesca como Escola Municipal vinculada à Fundação Centro de Referência em Educação Ambiental Escola Bosque Professor Eidorfe Moreira, **implantada através do Convênio firmado entre essa Fundação e a Federação dos Pescadores do Estado do Pará – FEPA, em 17 de abril de 2008.**

Art. 2º - A Casa Escola da Pesca tem por objetivo **a formação de filhos de pescadores e trabalhadores da pesca na Região** das Ilhas com propósito de **reduzir a pobreza e melhorar a gestão dos recursos naturais do Município de Belém/Pará.** (PMB, 2010 – grifos da autora).

A portaria retirou o caráter experimental da escola e ela passa a fazer parte do conjunto de escolas da Rede Municipal do Ensino de Belém. Os objetivos indicados nos documentos foram: formar filhos de pescadores e trabalhadores da pesca da região das Ilhas e reduzir a pobreza pela melhoria da gestão dos recursos naturais do município de Belém.

No ano de 2015, a Escola da Pesca passou a ofertar o Ensino Médio Integrado ao Curso Técnico em Recursos Pesqueiros, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, em período integral e organizado por meio da Pedagogia da Alternância. A oferta do Ensino Médio para a conclusão da Educação Básica na Escola da Pesca foi uma reivindicação das famílias e dos alunos. O curso foi viabilizado por meio do Programa Nacional de Inclusão de Jovens - ProJovem Urbano, programa do Governo Federal para a integração da EJA à Educação Profissional e Ensino Médio.

De acordo com Projeto Político da CEPE, a opção pelo Ensino Médio Integrado, foi uma maneira de dar continuidade ao percurso profissional já ofertado pela escola, iniciado no Ensino Fundamental, dessa forma os alunos da escola completariam todo o percurso da Educação Básica permeado pela formação profissional. A opção pelo integrado chama atenção, em razão da legislação permitir outras formas de organização e oferta do Ensino Médio.

### **A Casa Escola da Pesca como um lugar de muitas intenções**

O capítulo 1 foi construído com base em documentos da Escola da Pesca, leis e, principalmente, dos depoimentos dos idealizadores da escola. O objetivo era o de situar a relação da cidade de Belém com a suas mais de 30 ilhas, mais 10% da sua população, e ainda descrever o processo de criação da escola. Foi possível identificar como o fator humano, além dos fatores econômicos foram importantes para delinear a análise entre o que foi pensado enquanto projeto de escola e o que foi instituído por ela, a partir do que foi observado na fala dos alunos.

A concentração de políticas públicas, dos variados níveis, na parte ocidental, assim como a concentração da população nessa região, deixou às ilhas um legado, diria um pouco imaginado, até folclórico, especialmente sobre os ribeirinhos, das formas como vivem, se alimentam, se divertem e o que fazem. Isso pode ter gerado um certo distanciamento e até mesmo o sentimento de que “somos diferentes.”

O discurso da modernização pela via do desenvolvimento sustentável, passava pela preservação da imagem de uma Belém fincada em suas origens e tradições, sejam elas indígenas e ribeirinhas, mas Belém não soube lidar com as suas populações tradicionais. Identifico que a criação da Casa Escola da Pesca, revela, em parte, esse estranhamento, especialmente quando os aspectos econômicos superam o humano. Buscaram por meio da criação da escola, envolvido em um discurso de desenvolvimento econômico resolver os históricos problemas sociais da região.

O discurso do desenvolvimento sustentável de Gueiros foi baseado em uma corrente de educação ambiental, que pretendia promover o uso dos recursos naturais ao mesmo tempo que promovia o desenvolvimento econômico. Para recuperar a vocação verde de Belém seria necessário racionalizar o uso desses recursos, e promover um desenvolvimento sustentável que focasse no econômico e ainda se sustentasse como modelo de preservação do meio ambiente. É possível perceber nos documentos que a visão econômica se sobressai e além disso, esse modelo de desenvolvimento sustentável não se sustentou, uma vez que a ideia do lucro está acima da preservação.

A criação de uma escola para a formação com o trabalho de pesca, vem integrar a trajetória construída em torno da ideia da cidade de Belém como uma “metrópole da Amazônia”, que começou a ser difundida no Governo estadual de Hélio Gueiros. Para a construção dessa metrópole sonhada, os governantes da cidade tinham a tarefa de equilibrar o desenvolvimento e a ocupação do território com a preservação do verde, das matas e rios que ainda existem por aqui. Mas o território amazônico da cidade de Belém não é vazio, as pessoas que vivem aqui, estão há muito tempo sem acesso aos seus direitos básicos. Cidadãos Amazônida paraenses, que queriam escola, saúde, trabalho, transporte de qualidade, cultura e lazer e, devo informar, ainda querem.

Além disso outro fator se faz presente, a cidade de Belém não se industrializou. Veloso (2020), ao analisar o processo de metropolização de 3 capitais Amazônidas, Manaus, Belém e São Luís, conclui que a capital manauara teve em sua dinâmica de urbanização e metropolização marcada pela criação do Polo Industrial na década de 60, o que resultou na implementação de um modelo na região, o polo industrial focado na montagem de produtos, o

que de acordo com o autor, freou o uso dos recursos das florestas e concentrou em Manaus a sua principal área urbana. São Luís, também se industrializou, por meio dos portos, ferrovias e da exploração do minério.

Enquanto Belém possui pouquíssimas indústrias e é hoje uma cidade de serviços, focada no terceiro setor. Ainda de acordo com Veloso, esse fator contribuiu para o intenso uso dos recursos naturais. O autor destaca que na Amazônia os processos de urbanização desenrolados após a década de 60, que visavam a integração da Amazônia ao restante do Brasil, se processou como uma urbanização diversificada dentro do mesmo contexto regional “não é a homogeneização desse fenômeno o principal elemento do espaço regional, mas sim a coexistência de formas e conteúdos urbanos diversos” (VELOSO, 2020, n.p). Nesse contexto, Belém, aos poucos perde a sua identidade de metrópole da Amazônia, inclusive para outras cidades do interior do estado do Pará, que foram se urbanizado e se tornando centros das suas regiões, como Altamira, Marabá e Santarém.

Com esse cenário começa a ideia do projeto da Casa Escola da Pesca, pensando para colocar em prática essa ideia do desenvolvimento sustentável e a busca pela promoção de uma formação para o trabalho com a pesca, visando a inclusão da população das ilhas na dinâmica produtiva do pescado. Mas ao longo do processo de criação da escola, foi se revelando outras questões e necessidades dessas populações, como por exemplo, a inevitável inclusão das famílias para esse processo de desenvolvimento, a incompatibilidade entre o projeto de desenvolvimento desejado e o que de fato as comunidades queriam ou precisavam. Além disso, a falta de estrutura econômica para realizar essa implementação, somado ao fato da pouca força da indústria da pesca na capital, projetou um ambiente incerto para a criação da escola, a participação de distintos personagens revela o encontro dessas diferentes visões e o que foi o resultado delas.

O processo de criação da Escola envolveu muitos personagens, com diferentes pontos de vistas acerca da finalidade que a escola deveria ter e a forma como ela deveria ser constituída, os nomes aqui expostos trabalharam para que a escola fosse criada e existisse para atender os filhos (e filhas) de trabalhadores da pesca da região insular do município de Belém. Embora seja possível afirmar, que cada grupo contribuiu a partir de uma visão diferente, hora baseada em objetivos econômicos sob a lógica do capital, hora em visões freiriananas, a escola é o resultado dessas diferentes visões.

A visita à escola de Santa Catarina pelo senhor Rosivaldo e a sua equipe foi o que deu início a uma sucessão de acontecimentos que resultou na criação da Escola. Pelo trabalho que

já desenvolvia na área do abastecimento urbano, ele conhecia as necessidades dos trabalhadores da pesca e as suas reivindicações por escola e por formação. A formação para o trabalho com a pesca artesanal era negligenciada, não havia em Belém formação própria para essa atividade, resultando em um reforço para constituição de um grupo de trabalhadores composto por analfabetos ou semianalfabetos, com poucos anos de escolarização, idosos e dependentes de instrumentos e conhecimentos limitados para a realização do trabalho.

As escolas de formação profissional já existentes em Belém oferecem/iam cursos técnicos para pessoas que concluíram ou estão concluindo o Ensino Médio, na modalidade integrada ou concomitante, organizados em períodos letivos regulares, com aulas todos os dias, para alunos que pudessem estar todos os dias na escola e que tivessem pelo menos concluído o Ensino Fundamental, condições que dificultavam o ingresso de jovens vindo da região das ilhas. A Fundação Escola Bosque, dentro do Sistema Municipal, possuía a estrutura e características mais adequadas para abrigar uma instituição para a oferta da formação inicial em pesca e aquicultura.

Conhecer a escola de Santa Catarina e a sua oferta de formação para o trabalho com a pesca por meio de uma organização específica, a Pedagogia da Alternância, que permite ao aluno manter o vínculo com a sua família e o seu território, foi a motivação para o começo dessa iniciativa no estado do Pará. O primeiro local pensado para a instalação da Escola foi o município de Vigia, naquele contexto ele teria o apoio do governo estadual, que era liderado por Simão Jatene do PSDB, a troca de governo, segundo o senhor Rosivaldo, e consequentemente a troca de pessoas na gestão retirou as condições para que o projeto fosse realizado em Vigia.

A tentativa seguinte foi no município de Belém, onde ele tinha relações próximas com a secretária de educação, professora Therezinha Gueiros, por meio dessa relação ele encontrou condições favoráveis para dar início ao processo. O senhor Rosivaldo havia saído do cargo no governo no estado e assumido outro na Prefeitura de Belém, na gestão de Duciomar Costa - PSB, isso permitiu que o projeto fosse colocado em prática, a partir das suas orientações pessoais e do que foi visto na Casa Escola do Mar.

De qualquer forma, a professora Therezinha poderia ter excluído esse projeto da sua mesa, mas por que ela aceitou? Foi o seu faro para bons projetos ou a necessidade real de criação de uma escola para atender os jovens das ilhas? Como secretária ela lidava com um antigo problema, a falta de escolas para atender a população da Região Insular além disso, de boas escolas capazes de conseguir atender a realidade e a necessidade dessas pessoas e traduzi-las em suas práticas. Ainda, segundo a própria professora Therezinha, ela recebia denúncias da

população e de jornais locais sobre adolescentes e crianças, supostamente vindas da região das ilhas, que passavam o dia na orla de Icoaraci e em Outeiro, andando e brincando nas praias e praticando furtos e pequenos crimes. Era necessário também dar uma resposta para isso.

A criação dessa nova escola foi uma forma de responder a vários problemas que atingiam aquela região, por meio da escola seria possível ofertar qualificação para o trabalho e formação escolar. Mas, ao subestimar a situação, os anseios e as condições econômicas para colocar em prática esse projeto, a Casa Escola da Pesca se torna uma escola com o foco para a formação instrumental e aligeirada, uma escola para os “pobres e desvalidos”, uma característica histórica da Educação Profissional brasileira.

É possível observar na história, que as escolas voltadas para esse grupo, têm a função moralizante e econômica de dar direcionamento para a vida dos jovens pobres. Petitat (1994), ao falar das escolas da caridade Lyon, descreve sobre essas duas funções:

Os jovens que não são adequadamente educados ordinariamente caem na vagabundagem e não mais nada além de arrastar os pés pelas ruas. Ficam agrupados nas esquinas, entretendo-se com conversas dissolutas, tornando-se indóceis, libertinos, dados ao jogo, blasfemadores e briguentos. (PETITAT, 1994, p. 109).

A construção projeto da Casa Escola da Pesca, em particular pela realização das pesquisas in loco de Mary José e Neubervan, revelou por meio do contato com as famílias, Colônias de Pescadores e a vida nas ilhas, um cenário que poderia parecer evidente, as pessoas não precisam só de escola. Esses dois pesquisadores constataram que era necessário investir também nas famílias, a escola não deveria ser apenas para os filhos, deveria ser para todos. Inclusive essa ampliação dos objetivos da Casa Escola da Pesca pode ser percebida quando o projeto, datado de agosto de 2007, indicava que uma das metas da escola seria implementar uma Associação dentro da comunidade pesqueira, para compartilhar o gerenciamento da CEPE, orientação que não foi efetivada.

Mas se "a história é um entrelaçamento de virtude e fortuna" dois pesquisadores freirianos foram designados para realizar essa tarefa e essa influência não passou despercebida. Eles afirmaram em entrevista, “colocamos Paulo Freire no projeto (da Escola da Pesca), colocamos a Pedagogia Libertadora ali”. Essas pitadas de Freire com certeza podem ser percebidas quando entendemos que a escola se organiza para promover uma leitura de mundo para transformá-lo. Fazer os seus alunos entenderem sobre a vida em comunidade, sobre a criação de projetos, sobre a autonomia, e esses princípios se mantêm muito forte na escola, inclusive é por conta dele que eu acredito que os alunos foram mais longe do que foi previsto e

estabelecido pela escola. Talvez, isso tenha contribuído para o processo de libertação dos alunos, tema tratado mais adiante.

Outro ponto relevante é a ausência de discussão acerca da Educação do Campo, no projeto da Escola da Pesca. A Pedagogia da Alternância e o desenvolvimento econômico sustentável são as questões mais tocadas. Isso não é gratuito, uma vez que, a questão da relação entre a Educação do Campo e o agronegócio revelam dois caminhos antagônicos. A Educação do e no Campo pressupõe uma dinâmica de relação com o meio ambiente e de reconhecimento dos sujeitos do campo completamente opostas ao do agronegócio.

Por fim, a análise do processo de criação da Casa Escola da Pesca e a sua escolha pela prática da Pedagogia da Alternância revelam a necessidade de estar atento às utilizações dessa pedagogia, e de se questionar, seriamente, sobre as orientações que ela assume. No caso da CEPE, a Alternância é uma forma de organização, não uma orientação pedagógica, aquela que se apresenta contra hegemônica, fruto do movimento do campo. Isso pode ser resultado da sua organização municipal, por conta da sua estrutura, da pouca (talvez, ausência total) de participação das famílias, sindicatos e organizações. É como se a Pedagogia da Alternância fosse apenas a base organizativa, aí dela deixa de ser pedagogia e se torna apenas uma alternância entre dois espaços.

## **CAPÍTULO 2 A CASA ESCOLA DA PESCA**

O objetivo do capítulo 2 é apresentar a estrutura física e o funcionamento da Escola, os alunos, os cursos, as disciplinas, projetos e um pouco do seu projeto pedagógico, análise que deverá ser aprofundado nos capítulos finais. É importante destacar essa estrutura pois permite ao leitor conhecer sobre o objeto que trato neste trabalho. Além disso, essa descrição é um retrato de como a Escola da Pesca funciona e é organizada, onde está situada no território da Ilha de Caratateua, como é a sua arquitetura, e a maneira que desenvolve a Pedagogia da Alternância. O capítulo foi construído a partir das visitas de campo realizadas desde do ano de 2018 até fevereiro de 2020 na escola, interrompidas pela pandemia do novo Coronavírus, por depoimentos e documentos da escola.

### **O prédio escolar – a estrutura física da Casa Escola da Pesca**

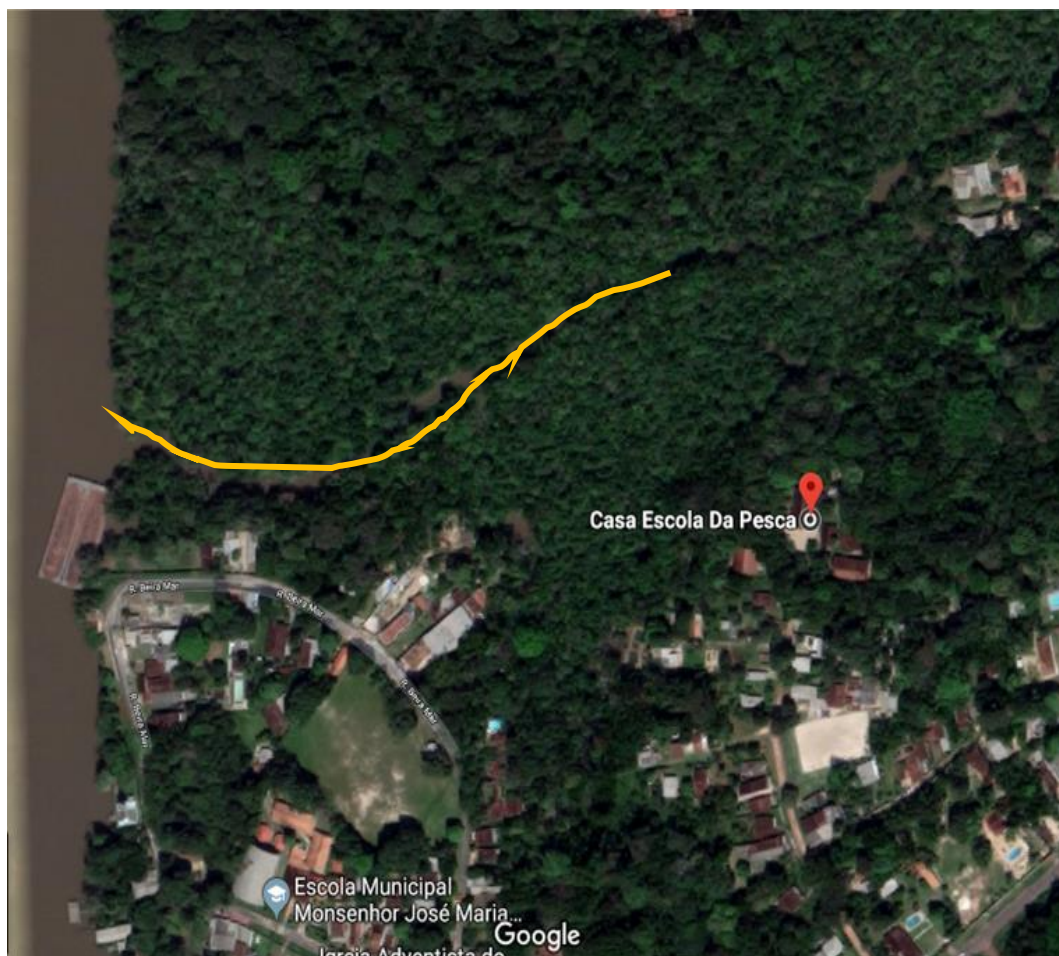
A Casa Escola da Pesca ocupa uma área de 2,7 hectares na Ilha de Caratateua, está localizada na Passagem São José, n.70, bairro Itaiteua, distrito de Outeiro. Recebe o nome de “Casa” por ser um espaço com estrutura física, condições e o clima necessários para o acolhimento e troca de conhecimentos nas quinzenas da Alternância na escola. Também é uma forma de mostrar a ligação com a escola que foi inspirada, a Casa Escola do Mar.

A estrutura física da Casa é composta por uma construção central de madeira e mais 2 pavilhões, um trapiche (porto) para o trânsito de pequenas e médias embarcações, como barcos, canoas e rabetas. Nos pavilhões estão distribuídos os espaços para as aulas práticas, o laboratório de beneficiamento do pescado, laboratório de informática, auditório e 2 salas de aula. Há ainda espaços para as aulas práticas ao ar livre como no tanque de criação de tambaquis, horta e a própria área verde da escola, que também funciona como um espaço de atividades.

Antes de ser uma escola o terreno era uma chácara familiar, já possuía a casa de madeira que hoje ocupa os setores administrativos e o trapiche para atracação das embarcações. Logo após a compra do terreno pela Prefeitura de Belém, a casa foi reformada e no terreno foram construídas as salas de aulas, laboratórios e a área reservada para o tanque escavado para a criação de peixes. A figura abaixo apresenta a visão aérea da Casa Escola da Pesca, é possível observar que a escola é rodeada de vegetação, também utilizada como espaço das suas atividades.



Figura 7 – Vista aérea da Casa Escola da Pesca com acesso ao rio Maguari em destaque



Fonte: *Google Maps*, 2019. Adaptado pela autora.

A casa de madeira é a construção central da escola, é o prédio que avistamos logo quando chegamos, possui uma placa com um peixe talhado em madeira na fachada; esse prédio comporta os setores administrativos: secretaria, diretoria, arquivo e a biblioteca, além do refeitório, depósito e cozinha. No piso superior há uma pequena sala de estudos e leitura. A sua construção é toda em madeira de lei, piso e paredes, o teto é coberto com telhas e possui janelas grandes que se destacam na construção. Assim que entramos há uma recepção, à esquerda a sala da diretora e uma saída para o corredor e a escada da parte superior, onde há uma pequena sala de estudos, do lado direito há um corredor com várias janelas e duas portas, a primeira é a secretaria e o arquivo escolar, a segunda é a biblioteca, no final do corredor fica a cozinha e o depósito.

Figura 8 – Fachada da Casa Escola da Pesca com o letreiro e o símbolo da escola



Fonte: Facebook da Casa Escola da Pesca.

A construção em madeira ainda possui uma estrutura anexa coberta, sem paredes, que serve como refeitório e local para reuniões e atividades. Essa parte da escola lembra as casas ribeirinhas, que também são de madeiras e possuem amplos espaços de ventilação, como pátios, essas casas são muito quentes durante o dia, mesmo com a proximidade do rio há pouco vento circulando e a evaporação constante aumenta a sensação de calor, por isso são abertas.

As fotografias abaixo são da fachada do pavilhão central da Casa Escola de Pesca. A primeira imagem do ano de 2008 é do período de sua inauguração. A fonte desse registro é um blog local da Ilha de Caratateua, que celebrava a sua fundação. A segunda fotografia também é da fachada, vários anos mais tarde, onde aparecem os alunos retornando às suas comunidades ao fim da alternância na escola. Os outros dois pavilhões foram construídos para o funcionamento da escola, são construções em alvenaria e comportam as salas de aula, auditório e o laboratório de informática, e o alojamento dos estudantes e monitores, com vestiário, banheiros e armários.

Figura 9 – Fachada da Casa Escoa de Pesca em 2008



Fonte: Blog Jornal do Feio, 2008.

Figura 10 – Fachada da Casa Escola de Pesca com seus alunos em 2014



Fonte: arquivos da CEPE, 2014.

A cozinha e o refeitório estão na construção principal de madeira onde os alunos fazem 5 refeições: café-da-manhã, lanche, almoço, lanche da tarde e jantar. Todas as refeições são preparadas na escola, quatro funcionários preparam e distribuem a alimentação aos estudantes. O espaço também é utilizado para as atividades noturnas, como os serões. Do início das atividades até o ano de 2018 todos os alunos dormiam na escola, as quinzenas eram divididas entre grupos de meninos e meninas, por conta do internato da alternância. Em razão da violência e riscos de assaltos na região não foi mais possível manter a internato; além disso, a direção alega que não havia como manter professores-monitores no turno da noite, por serem poucos e em função da violência. Atualmente os alunos não dormem mais na escola, eles retornam para as suas casas todos os dias, falo mais sobre isso no final do tópico.

A escola possui seu próprio porto, chamado também de trapiche, esse é o nome comum dado pelas populações ribeirinhas aos locais domésticos para o embarque e desembarque de pequenas e médias embarcações. O trapiche da escola é uma construção em madeira sobre as

águas, serve para atracar e guardar os barcos, as canoas e as rabetas<sup>8</sup>. Na Casa Escola de Pesca é por este trapiche que saem as embarcações com os monitores para as visitas de alternância das comunidades e por onde os alunos que moram nas ilhas acessam a escola. É o principal local de acesso e trânsito da escola pelo rio até as comunidades e outros lugares. As imagens abaixo mostram os acessos à escola, a primeira o trapiche, com o acesso pelo rio. Ainda é possível chegar na escola por meio terrestre, o acesso é por uma via pavimentada, em seguida uma pequena rua sem asfalto que dá acesso à escola.

Figura 11 – Acesso terrestre à Casa Escola da Pesca, estrada Itaieua. Destaque para a placa indicando o bairro na Ilha de Caratateua.



Fonte: imagem feita por a autora na pesquisa de Campo, 2020.

---

<sup>8</sup> Segundo o **Dicionário Online de Português**, rabeta é uma pequena embarcação com motor de propulsão acoplado na traseira e conduzido manualmente com a ajuda de um bastão. As rabetas são como canoas que deixaram de ser usadas com a força do remo e passaram a ser usadas com a força de um motor.

Figura 12 – Acesso terrestre à Casa Escola da Pesca, entrada da Passagem São José.



Fonte: imagem feita por a autora na pesquisa de Campo, 2020.

Figura 13 – Acesso pelo rio à Casa Escola da Pesca. A imagem mostra o trapiche da escola com barcos atracados.



Fonte: Facebook da Casa Escola da Pesca.

O Laboratório de Beneficiamento e Processamento do Pescado é um espaço para aulas práticas, com mesas, pias, refrigeração e todos os acessórios necessários para o cuidado com o pescado; ainda há uma cozinha semi-industrial para o preparo de alimentos. Um das técnicas

ensinadas aos alunos é o reaproveitamento dos resíduos do pescado, como por exemplo, para a preparação de hambúrguer de peixe (*fishburger*), pastas e até base para doces. Para participar das atividades no Laboratório de beneficiamento do pescado, os alunos precisam estar vestidos com roupas apropriadas, que são equipamentos de trabalho, para a garantia da sua proteção e higiene no manuseio com o pescado. Eles vestem jalecos, botas, máscara, avental e luvas.

Figura 14 – Alunos da CEPE paramentados para o trabalho no Laboratório de Beneficiamento do Pescado



Fonte: foto retirada da capa do PPP da CEPE, ano de 2013, autor: não informado.

Figura 15 – Aluno realizando tratamento da matéria-prima



Fonte: Agência Belém, arquivos da CEPE, 2017.

Figura 16 – Aula sendo realizada no laboratório



Fonte: Facebook da Casa Escola da Pesca.

No ano de 2019 foi inaugurado no espaço da CEPE a Escola Criativa de Gastronomia, que oferta no período noturno o curso Técnico em Gastronomia, o público-alvo são os moradores da ilha de Caratateua que já terminaram o Ensino Médio e trabalham na praia com restaurantes e em barracas de comida, além disso, essa iniciativa busca valorizar o título de Cidade Criativa da Gastronomia de Belém, concedido pela UNESCO. Por conta da construção da Escola de gastronomia houve uma reforma e ampliação no Laboratório de Beneficiamento e Processamento de Pescado.

Outro espaço muito importante para as atividades da escola é o tanque de criação de peixes. O tanque é do tipo escavado com lona e tem capacidade para a criação de até 70 peixes simultaneamente. Os alunos estudam sobre todo o processo de cultivo dos peixes (reprodução, incubação de ovos, eclosão, larvicultura e alevinagem). No tanque da escola é possível realizar desde a parte da alevinagem (que são os peixes bebês) até quando estão prontos para o consumo. Nesse processo os alunos aprendem sobre alimentação, manejo, controle da qualidade da água, construção e manutenção do tanque e todos os assuntos que compreendem o cultivo. As aulas sobre o cultivo de outros pescados (crustáceos, moluscos e quelônios) acontecem na fazenda da Universidade Federal Rural da Amazônia e em empresas privadas do setor pesqueiro, que são parceiras da escola. A escola



ainda possui uma horta para cultivo de ervas e plantas medicinais. Os espaços são utilizados para atividades práticas tanto do Ensino Fundamental, quanto do Ensino Médio.

Figura 17 – Aula prática no tanque escavado com lona para a criação de tambaquis na escola



Fonte: Facebook da Casa Escola da Pesca.

O dormitório dos alunos é um quarto com camas de madeira do tipo beliche e pode atender até 36 alunos. Os quartos possuem armários e banheiros com chuveiros na parte externa; é um espaço apertado, as camas são próximas e há pouca ventilação, o quarto possui um aparelho de ar-condicionado. Quando acontecia a alternância na escola, cada quinzena recebia um grupo de meninas ou meninos, é interessante falar que mesmo quando era ofertado a possibilidade de ficar na escola, nem todos os alunos dormiam lá, alguns já eram adultos, com famílias ou filhos pequenos, eles chegavam cedo na escola e retornavam todos os dias para as suas casas.

Figura 18 – Dormitórios da Casa Escola da Pesca



Fonte: arquivos da CEPE, 2017.

As salas de aula são bem comuns, com cadeiras e mesas de ferro e plástico azul, o quadro e uma mesa maior para os professores; são salas grandes e arejadas, assim como o auditório da escola, com o teto alto e janelas. O pavilhão das salas também abriga a sala dos professores, onde há armários e uma mesa grande para reuniões e muito papel. A biblioteca da escola é pequena, mas muito aconchegante, fica no pavilhão principal, na parte em madeira, próximo da vegetação ao redor da escola, lá estão os livros didáticos, mapas e quadros de eventos da escola, há ainda mesas de estudos e cadeiras onde alunos e professores se reúnem. Ao lado fica a sala da secretaria dividindo o espaço com o arquivo, bem próximo fica a sala da diretoria, com uma grande janela, mesa e a central de internet da escola.

Figura 19 – Uma das salas de aula da Casa Escola da Pesca



Fonte: Facebook da Casa Escola da Pesca

A Casa Escola da Pesca conta com uma longa lista de empresas e Instituições Públicas e privadas que são parceiras para o desenvolvimento das disciplinas, estágios e vivências dos alunos. Os alunos saem da escola e utilizam a estrutura física desses espaços, como por exemplo, a já citada Fazenda Escola da UFRA, no município de Castanhal a 81 km de Belém, e as cooperativas de beneficiamento de caranguejo, pescados, camarões; o 26º Batalhão do Corpo de Bombeiro, localizado a 200 metros da escola, e o Centro de Instrução Almirante Braz de Aguiar, centro de formação da Marinha Mercante localizado em Belém, onde os alunos aprendem sobre a navegação e uso de equipamentos náuticos. Há ainda a parcerias que vão até a escola para a realização das atividades, como as instituições citadas, a Capitania dos Portos da Amazônia Oriental e a Marinha do Brasil, que ofertam cursos para a licença de condução de embarcações (Arrais-amador) aos alunos e membros da comunidade.

### **Quadro funcional e professores**

Professores, técnicos de nível fundamental, médio e superior fazem parte do quadro funcional da Escola da Pesca. Segundo o PPP do ano de 2013, havia 31 funcionários na escola, entre servidores temporários e efetivos do município. O último levantamento realizado, durante o período de pesquisa de Campo no final do ano de 2019, mostra que 21 pessoas faziam parte do quadro da CEPE. É muito importante falar que o quadro de funcionários da CEPE é próximo de uma situação flutuante, variando sempre o número de funcionários. Foi possível identificar alguns motivos: o número de funcionários temporários é superior ao número de efetivos, aqueles que são aprovados em concurso público, com investidura do cargo. Além disso, há um rodízio de professores e técnicos na escola, uma situação que se tornou recorrente, pois não são realizados concursos públicos pela prefeitura de Belém desde o ano de 2012.

Por esses motivos não me senti confortável de fazer um quadro com os nomes e cargos dessas pessoas, mesmo tendo acesso à essa informação, que se encontra no PPP nos anexos deste trabalho, apenas para exemplificar ao longo da realização da pesquisa de Campo entre 2019 e início de 2020, o quadro de funcionários mudou pelo menos 3 vezes. Assim, considere importante nomear, indicar a função e quantidade do quadro funcional de professores e técnicos e administrativos.

Trabalham na Escola da Pesca professores das disciplinas da Base Nacional Comum e também da Formação profissional. Eles são profissionais aprovados em concurso para a Fundação Escola Bosque e que foram remanejados para a Escola da Pesca ou acumulam trabalho nas duas instituições. Nos primeiros anos da Escola Pesca, os professores e

funcionários que trabalhavam lá tinham dedicação exclusiva, toda a sua carga horária era dedicada à CEPE, já faz alguns anos que isso não é mais possível.

Os professores das disciplinas comuns possuem formação em nível superior de graduação, em Licenciatura nas áreas específicas, são formados em Licenciatura em Química, Física, História, etc. A maioria deles possui pós-graduação lato-sensu e stricto-sensu. Os professores das disciplinas de formação profissional também são oriundos da Escola Bosque, são profissionais de nível superior, bacharéis em Engenharia de Pesca, Química Industrial e Engenharia Florestal. Ainda há profissionais técnicos, que desenvolvem atividades na parte de Aquicultura. Os professores também trabalham na função de coordenadores de curso. Não é ofertado nenhuma formação específica para o trabalho na Escola da Pesca, mas os professores realizam cursos de aperfeiçoamento ofertados pela FUNBOSQUE. Como já foi exposto, nem todos os membros do quadro docente são concursados, a maioria são contratados.

Os funcionários do quadro administrativo são: o Diretor (a) da escola, Coordenador Pedagógico, Secretário Escolar, Motorista, Merendeira, Piloto de lancha e Coordenadora de projeto. Eles possuem formação superior, de nível médio e nível fundamental, estão na mesma situação dos demais, alguns são funcionários remanejados da Escola Bosque e concursados, e maioria na condição de temporários. Durante os últimos 7 anos a professora Fátima Seabra ocupou o cargo de diretora da escola, os seus depoimentos foram importantes para o desenvolvimento desta pesquisa, ela saiu do cargo no início do ano de 2020.

Como já foi citado, diversos projetos são desenvolvidos na Escola, com o apoio de instituições parceiras. A Universidade Federal do Pará (UFPA), a Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA) e a Universidade do Estado do Pará (UEPA) desenvolvem projetos na escola, estágios docentes, atividades de pesquisa e realizam a visita de alunos de graduação dos seus cursos, esses alunos desenvolvem trabalhos com os alunos da CEPE, não são professores, mas seu trabalho, em certa forma, faz parte do processo de formação. Assim como os profissionais da Marinha Mercante e da Marinha do Brasil e de outras instituições.

## **Os alunos**

A principal origem dos alunos das Casa Escola da Pesca é a região das ilhas próximas a Caratateua e Mosqueiro; para o ingresso nas primeiras turmas era exigido que os candidatos fossem, obrigatoriamente, filhos de trabalhadores da pesca e moradores da região insular de Belém. Mas, nos últimos anos a escola também tem recebido alunos que não vivem nas ilhas e nem trabalham com a pesca. Eu sei que isso pode soar contraditório, mas por lei a escola não

pode recusar a matrícula de nenhum aluno, a falta de escolas e vagas de Ensino Fundamental ainda é comum na região e a Escola da Pesca acaba recebendo alunos que vivem próximo a ela.

Além disso, para o ingresso é necessário que o aluno tenha a partir dos 15 anos de idade para matrícula no Ensino Fundamental e 18 anos para o Ensino Médio. Uma idade limite não foi colocada. As primeiras turmas da CEPE, no ano de 2009, atendiam apenas o Ensino Fundamental e o curso de Iniciação profissional em Pesca e Aquicultura - área de recursos pesqueiros, as turmas eram formadas apenas de pessoas do sexo masculino. Desde 2014 a Escola oferta o Ensino Médio integrado ao curso Técnico em Recursos Pesqueiros.

Para o Ensino Fundamental o aluno precisa ter concluído as séries iniciais desta etapa, ou seja, o 1º ao 5º ano (antiga 1ª a 4ª série), ser alfabetizado e ter a idade mínima de 15 anos completos até o início do ano letivo. Ainda, é necessário comprovar ser filho de pescadores ou trabalhar com a atividade pesqueira, uma exigência aplicada com as primeiras turmas.

Os alunos que chegam até a CEPE estudavam em escolas das ilhas, a maioria com turmas multisseriadas e escolas anexas. As turmas são heterogêneas, alunos mais jovens e outros mais velhos, com família e experiência de trabalho, convivem no interior da escola. Isso é uma característica da Educação de Jovens e Adultos, agregar diferentes perfis de aluno. A escola também recebe alunos que estavam fora da escola ou abandonaram os estudos.

### **O Ensino Fundamental na Casa Escola da Pesca e curso de Iniciação Profissional em Pesca e Aquicultura - área de Recursos Pesqueiros**

Ao ingressar na Casa o aluno concluirá o Ensino Fundamental na modalidade da Educação de Jovens e Adultos, cursando a 3ª totalidade equivalente ao 6ª e 7ª ano do ensino regular e a 4ª totalidade equivalente ao 8ª e 9ª ano. Ao mesmo tempo, ele realizará o curso de Iniciação Profissional e Pesca e Aquicultura. Todo esse percurso possui 18 meses de duração, são 800h organizadas em 3 semestres.

Após o ingresso na escola, em um ano e meio o aluno receberá o certificado do Ensino Fundamental e um certificado de formação profissional inicial que a escola denomina como Qualificação Profissional de Formação Inicial em Pesca e Aquicultura. O egresso desse curso deverá ser competente nas disciplinas do currículo regular e possuir as seguintes habilidades e competências para o trabalho com a pesca, explicadas no PPP em 3 pontos.

Primeiro, os egressos devem ser capazes de “afirmar sua dignidade como pessoa, cidadão e profissional” (CEPE, 2013, p.19-20). Isso deverá acontecer por meio de um processo contínuo de reflexão, ação e reflexão. Eles também precisam ser capazes de identificar

problemas e encontrar soluções, trabalhar em grupo, assumir responsabilidade e tomar iniciativas, continuar seu processo de aprendizagem no Ensino Médio, inclusive com outros cursos de formação.

O segundo ponto trata sobre a utilização de recursos tecnológicos. O egresso deverá identificar e saber utilizar aparelhos eletrônicos para a navegação como sonda, GPS, bússola, entre outros. Além de saber aplicar conhecimento básico sobre mecânica naval, ser capaz de fazer avaliações meteorológicas e por fim conhecer o funcionamento e realizar manutenções de máquinas e motores marinhos.

O último ponto é sobre o desenvolvimento de habilidades com a piscicultura, a criação de peixes, de espécies alimentícias e ornamentais e de outros como carcinicultura (criação de crustáceos), ranicultura (criação de rãs), mitilicultura (mexilhões), ostreicultura (ostras) e quelônios. Da mesma forma, os egressos devem ser capazes de realizar as seguintes atividades do trabalho com a pesca:

a) Construção de tanques, viveiros e tanque-rede; b) Práticas de manejo hídrico e alimentar adequados à atividade aquícola; c) Utilização de técnicas de conservação do pescado (Salga, defumação, filetagem, resfriamento e congelamento); d) Aproveitamento de resíduos do pescado (pele, escamas, carapaças e vísceras); e) Formas de comercialização do produto final; f) Praticar a agricultura por meio de horta escolar; g) Conhecer, interpretar e cumprir a legislação ambiental e sanitária, direcionando suas ações dentro desses requisitos legais (unidade de conservação, defesa, preservação código de condutas, técnicas de manejo e legalização); h) Conhecer e distinguir as diferentes formas de organização social dos profissionais da pesca como os sindicatos, associações, cooperativas, fundações, colônia e federação de pescadores. (CEPE, 2013, p. 20).

### **Ensino Médio – Técnico em Recursos Pesqueiros**

A Casa Escola da Pesca oferta o Ensino Médio integrado à formação profissional Técnica em Recursos Pesqueiros, também desenvolvido na modalidade de Jovens e Adultos em tempo integral, com a organização orientada pela Pedagogia da Alternância, o curso é ofertado desde 2015. É desejável que o ingressante nesta etapa tenha concluído o Ensino Fundamental na Casa, embora a escola atende estudantes vindos de outras escolas. Também é esperado que os alunos sejam filhos de pescadores ou trabalhadores da pesca, a idade mínima para o ingresso é de 18 até o início do ano letivo. O Ensino Médio na modalidade da E.J.A se organiza em duas totalidades, a 1ª totalidade equivale ao 1º ano e 2º ano do E.M regular. A 2ª totalidade ao 3º ano do Ensino Médio.

O curso tem duração de quatro semestres sequenciais, com a carga horária total de 1730 h, 240 horas destinadas às atividades de Estágio Supervisionado, produção e apresentação do Projeto Profissional de Vida do Aluno, também chamado “Trabalho de Conclusão de Curso”.

O Ensino Médio está organizado em módulos que segundo o Plano Pedagógico do Curso, segue uma sequência lógica e se complementa à medida que os alunos avançam no curso. A Alternância ocorre, como no Ensino Fundamental, em um período de quinzenas. Uma quinzena na Escola englobando aulas teóricas, aulas práticas, visitas técnicas e estágio supervisionado.

Ao concluir o curso o aluno recebe a certificação em Técnico em Recursos Pesqueiros. O perfil do egresso é a de um técnico habilitado para o planejamento e execução de atividades relacionadas com a pesca extrativista; a supervisão e operacionalização de sistemas de produção aquícola; capaz ainda de gerenciar e desenvolver técnicas para uma produção sustentável; é o perfil de um profissional capaz de atuar em todas as etapas do processo de produção. O plano ainda informa que o aluno deverá “atuar de forma empreendedora”, isso significa que ele deverá ser capaz de atender as demandas sociais da região em que vive e atua. O perfil do egresso é resumido no trecho abaixo, retirado do Plano Pedagógico do Curso.

O Técnico em Recursos Pesqueiros estará habilitado para o planejamento e execução de atividades relacionadas à pesca extrativa, ao controle de qualidade, captura, desembarque, processamento e beneficiamento do pescado, auxiliam na condução da embarcação à área de pesca, à operação de equipamentos de navegação, à utilização de procedimentos de armação, construção e manutenção de utensílios de pesca, promoção da extensão pesqueira, análise do mercado e promoção da comercialização de produtos pesqueiros, estando apto para atuar na gestão dos diversos elos da cadeia produtiva da pesca. (CEPE, 2017, p.1).

## **O Saber - Base comum e Base técnica**

Nas duas etapas, Ensino Fundamental e Médio as disciplinas são estruturadas em duas bases: comum e técnica, e as disciplinas são distribuídas aos longos dos 18 meses de formação, orientadas pelo tripé pedagógico da escola: Educação de Jovens e Adultos, Educação Profissional e Pedagogia da Alternância.

As disciplinas da base comum atendem as duas etapas por meio da Educação de Jovens e Adultos e são distribuídas e organizadas em função das totalidades de cada etapa; as disciplinas da base técnica são para a formação profissional inicial e de nível técnico; os temas geradores são uma forma de organização utilizada pela Pedagogia da Alternância.

A Base comum, a Base técnica e os temas geradores são comuns às duas etapas da educação básica ofertada pela Casa Escola de Pesca, contudo, se distinguem pela distribuição da

carga horária e pela forma como são trabalhadas com os alunos. O quadro e a tabela abaixo expõem a organização das disciplinas do Ensino Fundamental. Por uma questão de organização, os temas geradores serão tratados no tópico seguinte, que discute os instrumentos da Alternância.

Quadro 2 – Matriz Curricular da Casa Escola da Pesca – Ensino Fundamental e Formação Inicial

Ciências da Sociedade	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Filosofia</li> <li>● Educação cidadã</li> <li>● Geografia</li> <li>● História</li> </ul>
Ciências da Natureza	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Matemática</li> <li>● Ciências</li> <li>● Química</li> <li>● Física</li> </ul>
Códigos e Linguagem	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Artes</li> <li>● Língua Portuguesa</li> <li>● Inglês</li> </ul>
Qualificação para o Trabalho	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Cada disciplina é referente a um tema gerador; recebem o mesmo nome do tema.</li> </ul>

Fonte: Projeto da Casa Escola da Pesca 2007 e Projeto Político Pedagógico 2013.  
Adaptado no quadro pela autora (2019).

As disciplinas de Língua Estrangeira Moderna, no caso da CEPE, a língua inglesa, informática e qualificação para o trabalho entram no currículo por meio da “parte diversificada”. Essa organização é baseada no Decreto 5.154/05 do Conselho Nacional de Educação, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Profissional e altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96), na qual a formação profissional inicial está incluída. A tabela abaixo organiza a distribuição das disciplinas do Ensino Médio ao longo das quinzenas de Alternância e a carga horária dedicada a cada uma delas.



Tabela 1 – Desenho curricular, organização da Matriz Curricular do Ensino Médio –Técnico em Recursos Pesqueiros

<b>MÓDULOS</b>	<b>DISCIPLINAS</b>	<b>CH -Teórica</b>	<b>CH – Prática</b>
<b>I MÓDULO (3 QUINZENAS)</b>	Metodologia Científica I	30	10
	Introdução à Pesca e Aqüicultura	40	20
	Introdução à Limnologia	40	20
	Educação Ambiental	30	10
	Fundamentos de estatística	25	15
	Saúde, Higiene e Segurança do Trabalhador na pesca e Aqüicultura	40	20
	Marinharia e Confecção de apetrechos de pesca	30	30
	Tecnologia Pesqueira	60	20
<b>II MÓDULO (3 QUINZENAS)</b>	Biologia aquática e pesqueira	60	20
	A Embarcação e sua Navegação	60	20
	Máquinas, motores e equipamento pesqueiro	50	30
	Estatística Pesqueira	30	10
	Administração e Legislação dos Recursos Pesqueiros	40	20
	Extensão Pesqueira	50	10
<b>III MÓDULO (4 QUINZENAS)</b>	Piscicultura	80	20
	Tecnologia do Pescado	80	20
	Topografia e Construções Aquícolas	40	20
	Associativismo e cooperativismo pesqueiro	30	10
	Estágio supervisionado I	0	150
<b>IV MÓDULO (3 QUINZENAS)</b>	Metodologia Científica II	20	10
	Fundamentos de nutrição e patologia na aqüicultura	60	20
	Ranicultura e produção de plantas aquáticas	30	10
	Empreendedorismo no agronegócio da cadeia produtiva do pescado	30	10
	Carcinicultura	40	20
	Fundamentos de Economia e Comercialização	40	20
	Extração e Cultivo de Moluscos	30	10
	Estágio supervisionado II	60	30
<b>CARGA HORÁRIA TOTAL: 1.730 horas</b>			

Fonte: Plano Pedagógico do Curso Técnico em Recursos Pesqueiros, 2017.

## **O ano escolar e a Alternância**

A Casa Escola da Pesca é uma escola pública Municipal e segue o calendário escolar das Escolas da Rede Municipal de Ensino de Belém. As aulas começam no mês de março e seguem até o mês de junho. Em julho há uma pausa para as férias escolares e os alunos retornam em agosto para a segunda etapa do ano e as aulas seguem até meados de dezembro, quando há novamente uma pausa entre os meses de janeiro e fevereiro.

O Ensino Fundamental e o Ensino Médio têm a duração de 3 semestres, em média 1 ano e meio. O ano escolar é organizado em 12 quinzenas de Alternância na Escola. Essas quinzenas são organizadas em função de temas geradores, esses temas servem também, de base para a produção do Plano de Estudos que deverá ser desenvolvido no período de alternância na comunidade.

O período de Alternância na escola tem a duração de 15 dias, começando na segunda-feira, os alunos que vivem nas comunidades ribeirinhas são recolhidos pelo barco da escola em pontos de encontros definidos em cada localidade, na sexta-feira os alunos retornam à sua comunidade, o barco da escola faz o mesmo percurso e eles são deixados, passam o final de semana em suas comunidades e retornam na segunda-feira novamente. São 5 dias úteis de alternância na escola, em um período de 3 semanas, totalizando 15 dias.

Os alunos acordam às 6h30 da manhã, se preparam e tomam café, às 7:30 começam as atividades: aulas teóricas, aulas práticas, visitas técnicas, etc. As aulas seguem até o horário do almoço, 12h, os alunos retornam às 14h para a segunda etapa do dia que segue até às 18h, horário do jantar. Todas essas atividades são acompanhadas por professores da escola. Eles se revezam para acompanhar o período noturno dos alunos e dormir na escola. O horário da noite é reservado para a realização de serões, exibição de filmes e projetos de atividade física.

Ao final da quinzena de Alternância na escola os estudantes retornam às suas comunidades munidos do Plano de Estudos, produzido a partir do tema gerador daquela quinzena. Os estudantes vão passar 15 dias em sua comunidade e ao retornar para a nova quinzena da escola deverão apresentar em turma o resultado daquele plano, que pode ser a resolução das atividades propostas, resultado de alguma discussão ou relatório sobre o andamento de algum projeto.

O Plano de Estudos é o instrumento pedagógico da Alternância, não é um dever de casa ou um projeto que o aluno vai desenvolver em sua comunidade a partir de uma técnica aprendida na escola. O plano vai permitir a extensão da escola até a comunidade, assim como a entrada da comunidade na escola. O objetivo é que o aluno consiga refletir em sua comunidade, em sua família o tema gerador da quinzena e ao retornar à escola ser capaz de

articular as reflexões com os conteúdos escolares. A tabela abaixo apresenta os temas geradores das 12 quinzenas de alternância na escola.

Tabela 2 – Temas geradores das Quinzenas de Alternância adaptados em tabela

Quinzenas	Temas Geradores
1ª quinzena	O jovem e a Casa-Escola da Pesca: Família, Comunidade e Cidadania (Quem somos nós e o que queremos ser?);
2ª quinzena	Água é Vida: Origem da Água e da Vida, Qualidade da Água e Conservação dos Ambientes Aquáticos;
3ª quinzena	Ecossistemas Amazônicos: ambientes de terra firme, floresta, várzea, igapó, mangue, campo, cerrado, etc;
4ª quinzena	Aquicultura com ênfase em Piscicultura;
5ª quinzena	Aquicultura com ênfase em Carcinicultura;
6ª quinzena	Saúde e Segurança do Trabalhador da Pesca;
7ª quinzena	Tecnologia do Pescado e Segurança Alimentar;
8ª quinzena	Uso de Equipamentos Eletrônicos na Navegação e Pesca e Mecânica Naval;
9ª quinzena	Pesca Artesanal (Subsistência e Comercial) e industrial;
10ª quinzena	Sistemas de produção e instrumentos de trabalho na Amazônia;
11ª quinzena	Ecoturismo e Pesca esportiva;
12ª quinzena	Formas de organizações sociais (associativismo, cooperativismo e empreendedorismo) e Projeto Profissional de Vida.

Fonte: planejamento escolar da CEPE, 2017. Adaptado pela autora, 2019.

Para exemplificar a dinâmica da Casa, a partir dos temas geradores: ao iniciar a terceira quinzena o aluno começa a trabalhar com o tema **Ecossistemas Amazônicos: ambientes de terra**

**firme, floresta, várzea, igapó, mangue, campo, cerrado etc.** O tema gerador tem a função de ser o motivador e o fornecedor de assuntos para serem trabalhados, é o fio condutor que vai atravessar todas as atividades naquela quinzena. As aulas das disciplinas básicas serão sobre ele, assim como as da base técnica, as aulas práticas e as atividades de visitas, se houver.

A partir do tema gerador o aluno também deverá produzir o seu Plano de Estudo para a alternância na comunidade. Em seu plano ele pode definir como objetivo identificar características do ecossistema amazônico na sua comunidade, verificando como o ecossistema implica a organização da sua família. Dessa forma, o aluno poderá ser capaz de perceber que por morar distante do rio, vive em uma área de terra firme, por isso sua casa é de alvenaria e não de madeira, mas ele e sua família trabalham no mangue.

Ao retornar para a quarta quinzena o aluno apresenta o seu Plano de Estudo, se os objetivos foram alcançados, o que ele descobriu, os outros alunos debatem, fazem perguntas orientadas e observados pelo professor. Ou seja, a Alternância não são dois momentos separados que caminham para lados opostos, eles se integram. A partir desses debates o tema gerador da quarta quinzena é iniciado.

A definição desses temas está alinhada ao objetivo da Casa, a formação para o trabalho com a pesca. Embora alguns desses temas possam ser adaptados, caso haja uma necessidade de mudanças ou reorganizações, são temas que estão alinhados à formação e não em uma grade fixa. A possibilidade de ter uma organização mais flexível é uma característica que possibilita várias adaptações.

## **Os projetos**

Uma grande parte das atividades da Casa Escola da Pesca são desenvolvidas por meio de projetos, a cada período letivo eles são realizados. Através dos projetos os professores e alunos podem realizar e complementar o que fazem em sala de aula e nos laboratórios. Na CEPE os projetos são uma forma encontrada de manter atividades permanentes, o sentido assumido do projeto é o de colocar uma ideia em prática e a partir dela promover aprendizados e alcançar alguns objetivos. Alguns projetos dão tão certo na Casa que eles se tornam regulares, todo ano ou semestre eles acontecem, outros não. Ainda, eles são uma forma de poder aproveitar todo o potencial de desenvolvimento da proposta da Casa, que não seria possível abarcar em nas disciplinas, e principalmente, os projetos são uma forma de estimular um trabalho transdisciplinar.

Os projetos são desenvolvidos ao longo da quinzena ou semestre letivo. Através deles é possível integrar as bases comuns e técnicas e de viabilizar as parcerias da escola com empresas,

universidades e outras instituições. Os projetos também são uma ferramenta de atuação dos professores e importantes para dinamizar a prática escolar. Professores, monitores e alunos são responsáveis pelo encaminhamento das atividades e pela socialização dos resultados. Projetos voltados para a Educação Ambiental recebem mais destaque pela escola.

Os projetos regulares, realizados em quase todos os períodos letivos, são: o projeto **Sabor Ecológico** que objetiva produzir receitas com frutas da região. O projeto **Gestão de Resíduos**, tem como objetivo reciclar os resíduos de pescado (peles, espinhas, escamas, etc.) que seriam descartados pelas empresas de pesca industrial, para produção de compostagem e também para a criação de acessórios, como por exemplo, espinhas de peixes que se transformam em bijuterias.

### Visitas Técnicas e Estágio Supervisionado

A relação teoria e prática ao longo do curso é realizada pela divisão da carga horária nesses dois momentos, como pode ser observado nos quadros com as disciplinas. A disciplina de Estágio Supervisionado I desenvolve atividades de pesca extrativista ou pesca a bordo (de navios de pesca industrial) e o beneficiamento do pescado. O estágio supervisionado II consolida os conhecimentos da pesca extrativista por meio do trabalho com a tecnologia do pescado.

Figura 20 – Alunos da CEPE realizando estágio obrigatório na Amazonas Indústrias Alimentícias S.A. (AMASA): uma empresa japonesa de processamento e beneficiamento de pescado localizada em Belém e especializada em camarão rosa.



Fonte: Facebook da Escola de Pesca.

Figura 21 – Alunos da CEPE fazendo visita técnica ao Mercado do Ver-o-Peso em Belém. Local de venda e negociação de pescados.



Fonte: Facebook de Escola de Pesca.

As visitas fazem parte das atividades das disciplinas e são momentos em que o estudante tem a oportunidade de observar o trabalho desenvolvido por uma empresa ou colônia de pescadores, por exemplo. O Estágio Supervisionado é o momento em que o aluno sai da tutela da escola e começa a se portar como um futuro profissional. As atividades acontecem sob a supervisão de monitores ou professores.

Segundo a professora Fátima Seabra, ex-diretora da Escola, o estágio é um momento de formação que gera ansiedade em alguns estudantes, pois os alunos sabem que se eles realizarem “um bom trabalho”, a empresa pode chamá-los para um emprego fixo o que segundo ela é o objetivo de muitos alunos: “se formar, começar a trabalhar, ficar embarcado e garantir o melhor para eles”. Ficar embarcado se refere ao período em que os trabalhadores ficam em alto mar, trabalhando e vivendo dentro do navio.

### **Avaliações**

De acordo com o Projeto Político Pedagógico, as avaliações são aplicadas como um processo contínuo envolvendo as três etapas prática-teoria-prática. Os alunos são observados numa ótica global, por meio do diálogo, pela participação em atividades coletivas e individuais. Os elementos avaliativos mais utilizados são os seminários, atividades escritas e avaliação do plano de estudo. Segundo o Projeto Político da CEPE a avaliação é considerada uma intervenção pedagógica e não uma ação com o objetivo de apenas apresentar uma nota ou diagnóstico.

O PPP também apresenta como critério de avaliação “Aproveitamento de conhecimentos e experiências anteriores” (CEPE, 2013, p. 59) que significa que a escola procura valorizar os conhecimentos dos alunos acerca do trabalho com a pesca, aqueles conhecimentos trocados junto com os pais e a família. Isso é um aspecto muito importante se a gente lembrar que a CEPE trabalha por meio da Educação de Jovens, alguns dos alunos que chegam até a escola são pessoas com experiências riquíssimas de trabalho e conhecimento sobre a pesca artesanal, mas que não possuíam acesso à escola formal. O projeto ainda cita as avaliações institucionais feitas à Escola.

### **Projeto Profissional de Vida do Aluno**

O Projeto Profissional de Vida do Aluno é um projeto que deve ser escrito pelo aluno concluinte, seja do Ensino Fundamental ou do Ensino Médio, sob a orientação de um professor. O projeto do aluno é uma etapa avaliativa do seu processo de formação e deve expressar as suas aspirações, anseios, aptidões e a capacidade de empreendimento dos jovens. O objetivo é que nesse projeto os alunos desenvolvam as suas intenções profissionais e projetos de vida para quando saírem da escola, articulando essas intenções com os conteúdos e as vivências proporcionadas pela Casa Escola da Pesca. Esse Trabalho de Conclusão de Curso, é um instrumento utilizado da Pedagogia da Alternância, que cada escola adapta conforme a sua realidade e necessidade.

Figura 22 – Alunos da CEPE (Ensino Médio) posando para foto em frente a fachada da Escola da Pesca



Fonte: Facebook da Escola da Pesca.

Na CEPE é solicitado ao aluno que o seu projeto tenha aplicabilidade seja para a comunidade ou para o mercado. É um momento que o aluno pode escrever sobre uma ideia sua que surgiu durante uma disciplina ou um estágio, que ele acredita que pode ser aplicada na sua comunidade, ou família, ou mesmo na criação de uma pequena empresa. O projeto deve ser socializado aos membros da escola e aos colegas:

Este projeto transforma-se em uma ação concreta de inserção profissional na perspectiva de ocupação e geração de renda, pois a escola deve articular com seus parceiros para conseguir linha de crédito para financiar projetos, como o “Pronaf Jovem” que por meio de recursos federais coloca a disposição dos jovens rurais, recursos para o financiamento de suas propostas produtivas. (CEPE, 2013, p.31).

### **A formação com foco na instrumentalização e a alternância em movimento.**

Neste capítulo busquei descrever a forma como a escola está fisicamente estruturada, e isso também foi uma maneira de revelar a sua organização e intenção pedagógica. Foi possível identificar na construção do espaço físico da Escola da Pesca as opções político-pedagógicas feitas, como, por exemplo, a preservação da casa de madeira, original no terreno, o que pode indicar uma forma de guardar a origem do lugar e o espírito de uma casa, afinal desde o princípio,



a CEPE foi pensada para funcionar em regime de internato e receber os alunos pelo período de três semanas. Pode indicar ainda limitações financeiras na construção. A partir das minhas análises, acredito que seja referência à uma casa e a um espaço de acolhimento.

A estrutura física da Casa Escola da Pesca não é um arranjo, o projeto foi planejado e desenvolvido para atender as necessidades da futura escola. As outras construções, salas de aula, dormitório, auditório e laboratório são mais novas e revelam as adaptações feitas no espaço e contribuem para o alinhamento da escola os seus objetivos pedagógicos, ajudam a definir o que se espera que a escola ofereça, a formação com ênfase na prática para o trabalho com a pesca. A construção de poucas salas de aula indica que o uso seria restrito à pequenas turmas, o que favoreceria a vida em comunidade, por outro lado, reafirmava a ênfase na prática e dificultaria a criação de novas turmas.

Como foi possível observar nos conteúdos curriculares, e pelos registros fotográficos, as disciplinas ofertadas na escola e a sua estrutura pedagógica revelaram o direcionamento voltado para a prática e para a instrumentalização. Em nome da qualificação para o trabalho, promove-se o aperfeiçoamento sobre o uso das tecnologias de navegação e produção do pescado, esse movimento é reforçado também nos estágios e visitas de campo, onde é recomendado, de acordo com a fala dos professores e da então diretora, que os alunos busquem se destacar para serem percebidos, e talvez no futuro, consigam um emprego naquele lugar.

Em seu projeto e em sua organização, e especialmente pela escolha da Pedagogia da Alternância como prática orientadora, esperava-se que a CEPE tivesse uma prática assentada na busca por uma formação humana mais inteira possível, baseada na alternância e no desenvolvimento do território. No entanto, a partir do que foi observado não seria difícil confundir a Escola da Pesca com uma escola técnica regular.

Quando analisei o percurso que o aluno realiza na CEPE, foi possível perceber como ele é organizado para que aluno conheça e seja capaz de atuar sobre todas as etapas do processo de produção da pesca industrial e da aquicultura, os documentos indicam que o objetivo é que os alunos, os futuros profissionais, sejam independentes no que se refere à pesca, com condições de trabalhar na área ou ainda de viver do cultivo do pescado. Enquanto na prática, os alunos alternam entre aulas teóricas, aulas práticas, estágios enquanto estão na escola. E quando estão na sua comunidade produzem um plano de estudo que se assemelha a uma apostila.

A escola possui um laboratório de tecnologia do pescado, onde os alunos utilizam materiais doados por indústrias pesqueiras para as atividades de preparação, congelamento e para a criação de receitas com o pescado. Também existe um tanque escavado para o cultivo de

tambaquis que agrega um ambiente para análise de alimentação dos peixes. São os dois espaços principais da escola e os mais lembrados pelos alunos e professores. As outras atividades relacionadas a pesca, como a reprodução dos alevinos, são realizadas em empresas privadas e em locais parceiros, como a Capitânia dos Portos

Atualmente, o constante rodízio de professores na escola revela uma fragilidade do quadro funcional e da organização da escola, os novos professores precisam se adaptar rapidamente à dinâmica da escola e eles acabam por não receber formação específica para o trabalho com a Pedagogia da Alternância, fica a cargo da iniciativa pessoal do professor buscar por essa formação. Os alunos egressos, relatam que nas primeiras turmas havia professores que se dedicavam exclusivamente a escola, em período integral, o que permitia a realização do internato, além da construção e fortalecimento de um vínculo com eles.

De acordo com os depoimentos e do Projeto Político da Escola foi estabelecido que a organização curricular deve ser desenvolvida por meio da transdisciplinaridade, ou seja, que as disciplinas se encontrem uma com as outras e se integrem. No caso da CEPE, o esperado é que ocorra uma integração entre as disciplinas da Base Comum, da Base técnica e dos temas geradores da Alternância. No entanto, o que se observa é que hora a ênfase é colocada nas disciplinas comuns, hora na prática profissional e os temas geradores são como uma bússola, indicando o caminho a ser percorrido, mas no final do dia o foco recai nas disciplinas práticas, pois são elas que dão um suporte para a prática profissional.

A ênfase da Escola da Pesca ser voltada à prática não me causou surpresa, embora eu defenda que as escolas devam ofertar uma educação mais inteira possível. Inclusive, a relação entre o trabalho e educação, assentada em uma compreensão do trabalho como aquilo que constitui os sujeitos, pressupõem a valorização e a integração do trabalho manual e intelectual. Quando retornei a origem da escola, foi possível identificar que a CEPE nasceu com esse selo, com essa finalidade, de se preocupar com a formação dos filhos dos trabalhadores da pesca para diminuir a pobreza. Essa relação indica que a concepção do trabalho assumida pela escola é aquela vinculada ao emprego, e para isso o foco na técnica e na prática seriam fundamentais.

A crítica da ênfase na técnica e na instrumentalização também vai no sentido de como isso se afasta das bases orientadoras da Pedagogia da Alternância e da Educação do Campos, e reduz a alternância a intervalos de tempo. Isso pode revelar um tipo de uso para Alternância, a sua evolução, como também a carência de compressão das suas bases filosóficas ou ainda a insuficiência de princípios teóricos orientadores dessa Pedagogia, essa é a minha hipótese.

O que me chamou atenção foram os testemunhos que os alunos egressos da CEPE, com quem eu realizei as entrevistas falaram sobre as suas trajetórias escolares, especialmente após a passagem pela escola. No caso desses jovens eles foram muito além do que a escola propunha, por meio da fala deles, compreendi que a partir do ingresso na escola eles puderam dilatar os seus espíritos, que cresceram como pessoas, começaram a gostar de estudar, aprenderam sobre ter disciplina, entre outras coisas.

Mesmo a escola tendo sido pensada como uma escola para da pesca, com perdão pelo clichê, ela não ensinou apenas a pescar, ela forneceu outras diversas ferramentas, o que demonstra que a finalidade de uma escola não é definida apenas pelo que os seus documentos e projetos indicam que ela deva ser, mas principalmente pelas pessoas que a habitaram, como os professores, estudantes e funcionários que trabalharam ali. E no caso da CEPE, foi possível inferir que ela constitui um impacto tanto na formação profissional, como na formação pessoal de seus ex-alunos.

Embora a ênfase tenha sido na instrumentalização e na prática para o trabalho com a pesca, esteve presente também a valorização dos alunos enquanto sujeitos, isso gerou, em um nível subjetivo, um processo de libertação, de reconhecimento das suas potencialidades. Não posso me deixar de perguntar, como seria a resposta desses alunos se a Pedagogia da Alternância tivesse sido aplicada com toda a sua capacidade? Esse questionamento tem relação com o título, a alternância está sempre se movimentando, pode ser para frente, avançando ou sendo melhorada, também pode caminhar para trás, mas é uma pedagogia que está sempre se movimentando e causando um impacto em quem passa por ela.

### **CAPÍTULO 3 A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA E O PLANO PEDAGÓGICO DA CASA ESCOLA DA PESCA**

No terceiro capítulo da tese apresento a trajetória da Pedagogia da Alternância na França, onde foi fundada a primeira *Maison familiale rurale*, destaquei as finalidades daquela escola, em seguida apresentei um panorama atual da prática da Alternância naquele país. A seguir, evidenciei os aspectos da Pedagogia da Alternância desenvolvida no Brasil nos últimos 50 anos, propus a compreensão de que a prática brasileira da Alternância desenvolveu traços próprios, graças a sua identificação com o movimento da Educação do Campo. Ao final do capítulo, discuti sobre o plano pedagógico da Casa Escola da Pesca e apresentei algumas inferências sobre a sua prática da Pedagogia da Alternância.

Apresentei também os resultados das pesquisas acadêmicas produzidas em Programas de Pós-Graduação sobre a Pedagogia da Alternância, seus resultados indicaram a necessidade de explorar mais os aspectos pedagógicos e de discutir a adoção da Alternância em novos ambientes educativos e não escolares, a ampliação da utilização dessa pedagogia tem solicitado mais direcionamento acerca dos seus princípios orientadores. Em seguida apresentei dados sobre como a Alternância se expandiu no Brasil, na Educação Básica e no Ensino Superior, e como isso tem imposto mudanças, ainda lentas, na nossa legislação educacional, que em alguns momentos se mostrou insuficiente, inclusive para garantir o funcionamento das escolas que utilizam essa pedagogia.

A partir dessas constatações realizei algumas argumentações sobre a forma como essa Pedagogia vem se desenvolvendo e se adaptando ao longo do tempo, indicando que ela está em um processo de movimento e evolução, o que torna necessário reafirmar ou identificar e reconstruir os seus princípios. Por fim, a análise do Plano Pedagógico da Escola da Pesca revelou como a Pedagogia da Alternância, praticada na escola, representa o resultado desse movimento.

Para o trabalho da tese, considerei a prática pedagógica da CEPE, baseada na Alternância, o meu fio condutor para tratar sobre a história da escola, a partir dessa análise, foi possível me aproximar de algumas inferências sobre o que foi instituído por essa escola, por exemplo, o que foi exposto no capítulo anterior, que embora seja uma escola que se inspira nas Casas Familiares Rurais e se baseia na Pedagogia da Alternância, a CEPE se distancia do seu território e foca numa formação instrumental, voltada para a promoção da empregabilidade. Embora, meus olhos estivessem na Pedagogia da Alternância a análise da totalidade foi muito importante, precisei explorar as questões do território, do trabalho na Amazônia, das condições materiais, entre outros temas que foram discutidos até aqui.

O tamanho da Educação do Campo em meu trabalho, foi uma discussão cobrada<sup>9</sup> para o desenvolvimento da tese. Em resposta, procurei discutir a Educação do Campo ao longo do trabalho e não em um ponto específico, como forma de demonstrar que a Educação do Campo foi uma das bases da proposta dessa pesquisa, desde o início, desde a motivação para realizá-la. Embora, neste capítulo essa discussão tenha sido novamente levantada.

### **Origem da primeira experiência: intuição e saber prático sob orientação da Igreja Católica**

A Pedagogia da Alternância existe há mais de 80 anos, é um fato educativo surgido no ano de 1935, no espaço rural francês, na comuna de *Sérignac-Péboudou*; a partir da criação de uma escola baseada no alternar de dois espaços, o da própria escola, uma antiga casa paroquial, e da família, caracterizada pela vida em comunidade e no trabalho na propriedade familiar. A alternância entre dois espaços seria o fundamento básico das *Maison Familiale Rurale* – MFR. É uma experiência original, baseada em um princípio, que pode ser considerado o responsável pela sua continuidade: a oferta de uma educação capaz de melhorar a vida das pessoas que vivem no campo. O berço desta ideia foi iniciado pela oferta de uma formação de técnico-agrícola (GRANEREAU, 1968).

A primeira escola não foi planejada por pedagogos ou especialistas em educação, nem foi fruto da participação acadêmica, mas foi planejada pelas próprias famílias de agricultores, por membros de sindicatos rurais e da Igreja Católica. A primeira experiência foi guiada pela espontaneidade e pela necessidade e principalmente, orientada pela organização da Igreja Católica e influenciada pelo contexto da época e de eventos que aconteceram antes da sua fundação.

Ribeiro (2008) se contrapõem a ideia de que a Pedagogia da Alternância tenha surgido apenas no senso comum, decorrente da prática e da necessidade dos trabalhadores, ao analisar a sua origem na França e a continuidade dos trabalhos na Itália, a autora retoma a situação da Europa naquele momento "período entre guerras, no caso da França, e o período pós-guerra, na Itália" (RIBEIRO, 2008, p.33). A autora chama atenção que o contexto entre guerras produziu duas situações, a primeira foi o confronto entre o liberalismo, e do nazifascismo, e a ascensão do comunismo, alavancado por conta da Revolução Russa, em 1917 e chinesa em 1934.

No pós-guerra houve a promoção do estado de bem estar social e da guerra fria, o que resultou no retorno das preocupações da Igreja Católica com as questões sociais, "que explica sua posição conservadora, também em relação aos camponeses, expressa, entre outras estratégias,

---

<sup>9</sup> A "cobrança" foi feita durante a banca de qualificação.

pela criação da Ação Católica, por meio da qual procura antecipar-se ao movimento comunista internacional e à sua potencialidade de organização desses trabalhadores” (RIBEIRO, 2008, p.33).

A partir das pesquisas de Chartier (1986), a autora também destaca que:

A criação das CFRs, segundo o autor, é precedida de uma longa reflexão em que se destaca a presença atuante da Igreja Católica. Esta pretende, de um lado, denunciar a desumanização provocada pelo capitalismo e, de outro, alertar para o risco que pode representar a vitória do comunismo ateu. Sob essa ótica, podem ser identificados como antecedentes da criação de alternativas educacionais para os camponeses, materializadas nas CFRs e nas EFAs, as encíclicas papais (de Leão XIII) e a organização dos cristãos leigos no movimento social que toma o nome de Sillon, que começa com Marc Sangnier, publicitário francês, no final do século XX. (RIBEIRO, 2008, p.33).

*Sillon* é uma palavra francesa que significa sulco, aqueles espaços entre as plantações onde são colocadas as sementes. O objetivo dos *Sillons* era preparar os agricultores, como se prepara a terra para o cultivo. Os pioneiros da Alternância foram influenciados pela democracia cristã que tinha o objetivo de manter os agricultores afastados do comunismo e ainda, atuavam em função do abandono dos camponeses pelo Estado. Faziam isso por meio da promoção da qualificação e da gestão autônoma dos seus sindicatos.

Os objetivos propostos para a nova escola fundada em *Sérignac-Péboudou* foram sintetizados por Daniel Chartier (1978): a) formar uma elite capaz de restaurar a vida no campo; b) restabelecer o valor do trabalho com a terra; e c) suscitar as vocações dos agricultores no ambiente rural e em uma escola adaptada. Essas pessoas, que trabalhavam no campo, principalmente no cultivo da ameixa e do figo, queriam que seus filhos tivessem direito à uma educação que não negasse as suas origens camponesas e que fosse capaz de melhorar a vida no campo.

Para contar sobre o início da Alternância, a partir da experiência francesa, utilizei as referências de Daniel Chartier *Naissance d'une pédagogie de l'alternance* - O nascimento de uma pedagogia da Alternância, publicado em 1978 na revista *Mésonance*. Chartier foi estudante e monitor da Casa Familiar e um dos presidentes da União Nacional de Casas Familiares da França – UNMFREO. Foi um dos responsáveis pela ligação entre as experiências desenvolvidas nas escolas e as universidades, discutindo a Alternância a partir das Ciências da Educação. Também foram utilizadas as revisões de Ribeiro (2008), Nosella (2013), Begnami (2003). A outra referência é O Livro de Lauzun de Abbé Granereau, a quem gostaria de dar um pouco mais de destaque<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> Esse destaque é justificado por que essa obra narra, de acordo com Granereau, uma história antes de ter sido vivida, ela registra de forma íntima o processo de criação, instalação e gestão dessa primeira escola. Por isso, início com ela.

A história da Alternância é em parte a história de vida de Abbé Granereau, um sacerdote e militante do sindicalismo camponês; ele não foi o inventor da Alternância, mas foi quem registrou em seu diário a mobilização e organização em torno do projeto que deu início a primeira escola. Após a sua morte, os registros foram sistematizados na obra *Le Livre de Lauzun: Une histoire de premières Maisons familiales rurales* (O livro de Lauzun: uma história das primeiras casas familiares rurais), publicada em 1968 pelo *Comité d'Action École et Vie Rurale*, em seguida pela *L'harmattan* em 2007. A transformação do diário em livro aconteceu quando Granereau tinha mais de 80 anos, ele morreu em 1987 aos 102 anos. A obra foi traduzida para o português e publicada pela Editora da Universidade Federal do Ceará em 2020, sob o título - O livro de Lauzun: onde começou a pedagogia da Alternância.

Por ser uma adaptação de um diário, o livro é escrito em primeira pessoa, apresenta cartas trocadas, atas de reuniões, a descrição sobre os medos, as dificuldades e os êxitos que passaram, foi possível identificar nas linhas os sentimentos que o mobilizaram para colocar em prática aquele projeto. Ele era movido pela ideia de formar chefes para o desenvolvimento orgânico do seu território de origem, queria conservar um sentimento próximo e positivo em relação ao campo e a família, uma vez que a formação escolar resultava em um afastamento, pois os jovens precisavam ir para os centros urbanos estudar e não voltavam mais. Para se tornar dirigentes em suas comunidades era necessário dominar os instrumentos simbólicos da cultura, e a escola “local” não ofertava isso.

Ao ler o livro de Lauzun entendi que Granereau e seus companheiros queriam construir uma escola e não uma pedagogia; a pedagogia surge delineada pelas necessidades e condições que eles tinham. Eles reservaram um espaço para a escola, para o ensino teórico, com disciplinas para a formação sobre as conquistas modernas da ciência e da tecnologia. A formação técnica seria ofertada no interior da família, geralmente na figura paterna, dessa forma o aluno iria se especializar na atividade já dominada pela família, para não romper esse laço e ainda, para fortalecê-lo, por isso que os tempos e espaços são alternados, formação na escola e na família.

A inspiração de Granereau para a Alternância veio de um ambiente que ele já conhecia, dos seminários religiosos, e ainda pelo modelo do exército, o internato serviria para evitar a ruptura intelectual e emocional com o território. A escola se baseava na dialética entre a família, a propriedade rural e a escola.

Na primeira experiência, o ensino e a alternância foram firmados em três aspectos diferentes e complementares: a formação técnica e teórica, a formação geral e a formação humana e cristã (CHARTIER, 1978). A formação técnica ficou a cargo da família. Os estudos teóricos

ficaram sob a direção de um professor designado; a formação geral era variada e tinha o objetivo de ajudar os jovens a se situar no espaço e no tempo, possuía as seguintes disciplinas: história da profissão agrícola, geografia agrícola da França e do mundo, ciências para uma formação agrícola, história natural agrícola e noções de organização de uma secretaria, presidência e tesouraria agrícola. E, por fim, a formação humana e cristã, que se deve principalmente ao Padre Granereau, que acreditava que um líder, um militante, não nasce sem um sólido conhecimento sobre os planos humanos e cristãos, e que uma formação cristã proporciona uma íntegra e rigorosa formação intelectual, disciplinar e moral (CHARTIER, 1978, p. 58-59).

A disciplina, organização e participação são sentimentos que serão imbricados nas práticas dos 6 alunos, que aceitaram participar da primeira escola após a negociação com a sua família, em particular sobre o período de internato, onde havia um certo temor, são as impressões do padre registradas no diário. A materialização dessa escola só foi possível pelo apoio coletivo das famílias, uma vez que o problema enfrentado por Granereau não partia só dele, mas era uma reivindicação coletiva dos agricultores. Dessa forma, iniciaram as atividades na escola, 3 semanas de aprendizado na propriedade familiar e uma semana de aprendizado na escola.

Aos poucos a experiência foi sendo aperfeiçoada, expandindo-se e sendo replicada em outros lugares até ser sistematizada por técnicos em pedagogia (NOSELLA, 2013). De acordo com Silva (2012), já no ano de 1942, existiam 17 Escolas que trabalhavam com a Alternância na França com um total de 500 estudantes. Foi necessário criar coordenações e institucionalizar a prática. Em setembro de 1942 foi criada a União Nacional das Casas Familiares Rurais. A partir de 1945 começou a expansão internacional com a criação da AIMFR, a Associação Internacional, começando na Itália, onde o mesmo método é aplicado, mas, diferente da França, as escolas recebiam apoio do poder público municipal, com a participação de professores dessa rede, as motivações e organização foram diferentes das primeiras escolas, essas instituições recebem o nome de EFA - Escola Família Agrícola.

Ribeiro (2008) e Nosella (2013) chamam atenção que a mudança de nomenclatura de Casa para Escola não foi não é gratuito e aconteceu em função das finalidades das escolas instaladas. “As CFRs sem descuidar da formação escolar, dirigem seu foco para o trabalho agrícola, enquanto as EFAs, sem abrir mão do trabalho agrícola, estão mais direcionadas à escolarização formal” (RIBEIRO, 2008, p. 37). Atualmente na França ainda é utilizado o termo Centro de Formação por Alternância e MFR (Maison Familiale) no próximo tópico apresento um quadro atual da Pedagogia da Alternância na França.



## **A prática atual: saber institucionalizado e formação para o emprego.**

Ao longo do período de doutorado<sup>11</sup> tive a oportunidade de conhecer pesquisadores da Universidade de Tours na França, estudiosos da Alternância e da formação profissional no país. Após contato inicial por e-mail, fui até a cidade de Tours, conheci a universidade e conversei pessoalmente com os professores Samuel Rénier e Catherine Guillaumin. Conheci ainda algumas instituições como *Compagnons du Devoir* (Companheiros do dever), vizinha a universidade, uma unidade de um conjunto de instituições espalhadas pela França que ofertam formação profissional por meio da Alternância. Assim como, Centros de Formação por alternância, uns voltados para o trabalho no campo e na cidade. Instituições que atendem adolescentes e jovens.

A convite da Universidade Federal do Pará e do Grupo de Estudos em Trabalho e Educação, os dois professores vieram ao Brasil, e conheceram o trabalho do Grupo de pesquisa com a Alternância, inclusive visitaram a Casa Escola da Pesca. É muito importante marcar que tudo isso foi possível por conta do financiamento da Bolsa Capes. Esse intercâmbio foi muito significativo, fez com que eu e os colegas olhassem a Alternância a partir de um novo ponto de vista, e ainda nos permitiu conhecer a forma que ela vem sendo aplicada naquele país. Uma das conclusões que tive, foi que em alguns momentos analisamos a Pedagogia da Alternância, como uma pedagogia redentora, capaz de redimir os problemas sociais do campo.

Foi possível verificar que, atualmente na França, a Alternância é reconhecida como a principal estratégia de formação profissional, o caminho de excelência para o ingresso ao trabalho remunerado, especialmente na oferta da formação profissional inicial para os jovens. Também está presente na formação continuada, destinada aos desempregados ou às pessoas que buscam recolocação profissional.

Enquanto no Brasil, a Alternância assume um papel classista, da população do campo, na França ela assume um caráter mais institucionalizado, flexível e presente no espaço urbano e rural, adaptando-se rapidamente às aceleradas mudanças do mercado. De acordo com Gimonet (1984), para o início da transição da experiência nas *Maisons* para a institucionalização, foi necessário que o termo Alternância “tivesse o direito de reconhecimento, um longo e laborioso caminho marcado por numerosas experiências, movimentos, informações, colóquios, escritos e textos legislativos” (GIMONET, 1984, p. 41).

---

<sup>11</sup> Discuto melhor sobre essas experiências aqui: SILVA. L.T. A Pedagogia da Alternância na França: de uma discreta experiência a institucionalização na educação profissional. *Kiri-Kerê: pesquisa e ensino, Dossiê*, n.4, vol. 3, dez, 2020, p. 456-473.

O uso e disseminação da palavra Alternância no vocabulário das Ciências da Educação e na Legislação Educacional francesa vai ocorrer após importantes eventos promovidos pela União Nacional de Casas Famílias Rurais (*Union Nationale des Maisons Familiales Rurales*) e de seus parceiros; eventos como o Colóquio de Amiens com o tema “Uma outra escola” (*Une autre école*), realizado em março de 1968, e o Colóquio de Rennes, em 1973, intitulado “Ensino Superior em Alternância” (BACHELARD, 1994).

Passa-se da compreensão de Alternância que era, até então, praticada no interior das Casas para um conceito aberto, começa a ser discutido de forma ampla por outras posições e em meio a um contexto de renovação da política e da educação. Gimonet pontua o colóquio de Rennes como o responsável por causar a “euforia da Alternância” em diversos setores do sistema nacional. O autor destaca que problemas enfrentados pelos jovens como o desemprego e pelas críticas ao sistema educacional foram os principais responsáveis para que a Alternância conquistasse espaço e o seu reconhecimento legal.

A travessia da Alternância entre uma experiência bem-sucedida em uma comunidade no interior francês, nos anos 30, para uma pedagogia que se torna o caminho de excelência para a formação agora; também deve ser creditada ao que Guillaumin (2017) e Breton (2017) chamam de escolarização da vida profissional, um processo antigo na França e que pode ser entendido como, a transferência da formação profissional para o espaço escolar, não deixando-a apenas no espaço do trabalho.

Isso tem relação ao que era feito no passado, onde pessoas aprendiam determinada profissão de uma maneira informal, observando quem sabia mais, quem desenvolvia determinada atividade melhor, por meio da troca de experiências, saber ler ou escrever não era uma competência indispensável nesse contexto (GEAY, 2016). A industrialização transforma isso de forma muito radical, passa a ser necessário preparar um número maior de pessoas, para executar diferentes funções no processo de produção, que se torna extremamente acelerado.

Analisando a legislação francesa e sua própria história da educação, os autores concluem, junto com as mobilizações pelo reconhecimento da Alternância e as reivindicações em torno de uma escola mais ativa e ligada à realidade, há uma ação estatal de apropriação dessas reivindicações por meio da introdução da Alternância ao sistema escolar.

Após o final da Segunda Guerra, a evolução tecnológica provoca novas mudanças na formação profissional e os Centros de Aprendizagem se tornam *Lycées* profissionais. Em 1959 houve a criação de escolas exclusivas para a formação de técnicos. Brucy and Troger (2000 apud GUILLAUMIN, 2017, p.77) indicam o aumento contínuo das matrículas no ensino

profissional no período. O ensino e a formação técnico ou profissional aconteciam em estabelecimentos de ensino sem contato com a empresa<sup>12</sup>. “Há exceções, [...] o treinamento médico, paramédico e de engenharia: os períodos no local de trabalho são integrados ao treinamento, mas não são objeto de atenção pedagógica especial” (GUILLAUMIN, 2017, p.78, tradução nossa). Ou seja, até então, mesmo em áreas em que a formação ocorria por meio da conjugação de espaços distintos, ainda não existia a utilização da palavra Alternância.

As mudanças que começam a indicar a sua institucionalização iniciam a partir dos anos de 1980, quando, segundo Pair (2003 apud GUILLAUMIN, 2017, p. 80), há um aumento na duração da formação secundária, mas a qualidade dessa formação é criticada, uma vez que ao entrar no mercado de trabalho esses jovens não são considerados aptos. Da mesma maneira, há muitos jovens com certificados de formação profissional, mas desempregados. Em 1971 já havia sido promulgada a lei de reforma da formação profissional, conhecida como Lei Delors, que abriu caminho para as mudanças atuais.

Esta lei enquadra a formação profissional como educação permanente e passa a reconhecer a aprendizagem como resultado do período de treinamento prático e dos estudos. A lei também introduz sequências educativas nas empresas, a partir de 1979, nos cursos ofertados no Liceus profissionais, e cria o *Baccalauréat* profissional<sup>13</sup>, que passou a exigir para obtenção do diploma um período de estágio de 12 a 24 semanas na empresa. A palavra Alternância ainda não é utilizada, ele aparece anos mais tarde:

Desde 1992, a palavra "alternância" sob o status da escolarização é claramente mencionada nos textos oficiais que organizavam todos os cursos de treinamento preparatórios para diplomas técnicos e profissionais, em escolas de ensino médio profissionalizante e tecnológico<sup>14</sup>. (GUILLAUMIN, 2020, p. 355, tradução nossa).

A escolarização da vida profissional promoveu um controle tão forte sobre a oferta de educação profissional que acabou ficando fechado dentro da própria escola, a Alternância foi incluída como uma possibilidade de integrar esses dois campos, escola e empresa (emprego), até então opostos; por exemplo, segundo Guillaumin (2017), as alterações na legislação

---

<sup>12</sup> “L’enseignement et la formation technique ou professionnelle se déroulent dans les établissements scolaires sans contact avec l’entreprise. Il y a cependant des exceptions, l’apprentissage tel que défini plus haut, mais aussi les formations médicales, paramédicales, sociales, celles des ingénieurs: les périodes en milieu professionnel sont intégrées dans la formation mais ne font pas l’objet d’une attention pédagogique particulière.” (GUILLAUMIN, 2017, p,78)

<sup>13</sup> *Baccalauréat* é uma qualificação acadêmica realizada ao final do liceu (equivalente ao Ensino Médio brasileiro), permite o acesso ao Ensino Superior francês e a continuidade dos estudos.

<sup>14</sup> “Dès 1992, le mot alternance sous statut scolaire est clairement énoncé dans les textes officiels organisant toutes les formations préparant au CAP, BEP, Bac Pro, BTS etc. dans les lycées professionnels et technologiques”.

educacional “abriram as escolas às realidades da vida profissional, tendo como objetivo a progressão dos conhecimentos e saber fazer dos alunos” (GUILLAUMIN, 2017, p. 80, tradução nossa)<sup>15</sup>. Assim, a Alternância na França tenta superar a separação entre o trabalho e a escola por meio da Alternância, promovendo a aproximação desses dois espaços.

Geay (2016) argumenta que a Alternância se torna fundamental, dada a insuficiência dos estágios, sendo necessário inventar novas mediações didáticas, além da complexificação das formações, havia um conflito entre o que era ensinado na escola de formação e o que era realizado no trabalho. O desafio era encontrar o alinhamento correto, a ideia do alternar espaços entra em cena, não mais entre o território familiar do campo e a escola. Mas entre um centro de formação e a empresa.

A Alternância entra em cena por conta de um cenário de crise, onde apenas a formação escolar se mostrava insuficiente para realizar a oferta de formação profissional, e passa a ser indispensável uma etapa de formação na prática, os estágios na empresa. Me pergunto se isso altera radicalmente a função da Alternância, de formar chefes e líderes rurais, para formar empregados nos centros urbanos? Ou se de alguma forma, o princípio da Alternância é mantido e a sua finalidade que é alterada.

No momento atual na França, a Alternância se apresenta como a forma mais eficaz de encontrar uma profissão e se integrar mais facilmente na cultura da empresa. É uma pedagogia para o mercado de trabalho e para a promoção do emprego. A alternância é organizada em um tempo teórico e um tempo prático, que se alternam em semanas ou meses para cada tempo e recebem o nome de Alternância, de acordo com Guillaumin (2020), é um verdadeiro portal para o emprego e a integração profissional.

Existem atualmente dois dispositivos legais que organizam a Alternância na França, na formação profissional de nível secundário e nível superior, são eles o Contrato de Aprendizagem e o Contrato de Profissionalização. Esses contratos mediam a relação entre o Centro de Formação e Empresa (o local de trabalho), os alunos em alternância têm status de aluno - funcionário, recebem salários tanto pelo período de formação teórica, como de formação prática.

A partir do que analisei e puder observar durante as visitas às escolas e centros de formação, a Alternância praticada hoje na França se aproxima de uma formação aliada à prática, marcada pelo uso dos ateliês para as atividades práticas. A formação, no ensino secundário, se constitui com o ensino das disciplinas tradicionais do currículo, das disciplinas da área

---

<sup>15</sup> “ouvrir l'école aux réalités de la vie active et ont pour objet, la progression des connaissances et des savoir-faire des élèves”.

profissional, mais formação prática em ateliês<sup>16</sup> nas escolas e mais a prática na empresa. No ensino superior, a alternância acontece entre períodos de formação e estágio. Na educação de adultos, acontece entre os centros de formação e a empresa.

Foi possível identificar que prática da Alternância acontece de forma predominante entre empresas e escolas ou centros de formação, dependendo do foco da instituição e do público que ela recebe a ênfase se altera. A prática parece ser mais integrada entre os momentos de alternância, além disso existe as tentativas de fazer do momento de prática na escola um aprendizado, enquanto o momento na empresa deve ser de aplicação.

Não é uma formação, puramente instrumental, também é focada na prática e na aquisição de competências profissionais. Por fim, é muito evidente o foco no emprego e na entrada no mercado de trabalho, fiquei com a impressão de que isso acontece por conta do público que busca a formação por alternância, especialmente os adultos e jovens, são pessoas pobres, negras, transexuais e imigrantes de primeira e segunda geração, são sujeitos que de alguma forma estão excluídos e buscam na alternância o acesso ao emprego.

## **O desenvolvimento da Pedagogia da Alternância no Brasil**

A primeira Escola Família Agrícola do Brasil foi instalada na cidade de Olivânia, no município de Anchieta, no Espírito Santo. A escola foi fundada em 1969, começou ofertando o Curso de Técnico Agrícola. A organização da escola foi financiada e mediada pela Igreja Católica e por doações vindas da Itália, toda a sua organização foi liderada por Padre Humberto Pietogrande, pedagogo e religioso, que junto com os seminaristas ao chegarem nas cidades do interior do estado encontraram uma realidade que não lhes era estranha: o abandono no campo, falta de escolas e o êxodo rural, que naquele momento era provocado especialmente pela instalação de empresas multinacionais na região, essas empresas compravam o terreno das famílias para as suas instalações, forçando a sua saída para as periferias da cidade próximas, como Guarapari, Vitória e outras.

A organização de Pietogrande e seus seminaristas conseguiu apoio da comunidade rural local, que era católica, e de políticos da região que aceitaram a proposta para a criação de escolas no campo estruturadas na Pedagogia da Alternância. O Padre Humberto, tinha o desejo de criar as escolas e de realizar assistência social, nesse contexto foi criado na cidade de Anchieta o

---

<sup>16</sup> Os espaços dos ateliês são como a simulação de um ambiente de trabalho, na forma de organização das atividades, controle de tempo e qualidade. Por exemplo, tive a oportunidade de conhecer o ateliê para a formação de padeiros, as aulas começavam às 4h da manhã, para se aproximar do horário que um padeiro profissional começa a trabalhar. Além disso, são espaços bem equipados, com máquinas e matérias de boa qualidade.

Movimento Promocional de Educação do Espírito Santo – MEPES, entidade mantenedora das Escolas Famílias Agrícolas - EFA no estado (NOSELLA, 2013).

Pietogrande não trabalhou sozinho, ele contava com o apoio de estudantes seminaristas, que inclusive já haviam trabalhado como monitores em EFAS na Itália, outros estavam em período de formação pedagógica, uma das etapas para a formação de sacerdotes. O professor Nosella, que foi um desses jovens, conta que o serviço militar na Itália poderia ser prestado tanto no exército como em atividades sociais, alguns dos jovens que foram professores ou funcionários do MEPES estavam lá para cumprir o serviço militar por meio das atividades sociais.

Ao longo do período de doutorado tive a oportunidade de conhecer a EFA de Olivânia, ainda em funcionamento e mantida pelo MEPES. O Movimento mantém ainda o Centro de Formação em Alternância, responsável pela formação de monitores que trabalhavam nas Escolas, o Centro fica na cidade de Piúma no ES; também conheci esse espaço, que na ocasião, no ano de 2018, estava quase abandonado. O MEPES também conseguiu erguer hospitais, creches e centros de formação, que ainda estão em funcionamento por meio de parcerias públicas e privadas.

O Centro de Formação formou monitores que trabalhavam em CEFFAS de todo o Brasil e foram as pessoas responsáveis pela criação e manutenção de diversas escolas, que reproduziam ou tentavam reproduzir o modelo de Olivânia. Por pelo menos 20 anos, o centro em Piúma recebeu pessoas de todo o país para realizar cursos de formação de monitores para o trabalho com a Pedagogia da Alternância e isso permitiu ao MEPES, se não manter uma hegemonia sobre o que era alternância no Brasil, mas uma posição de referência, liderança e orientação para as demais escolas.

A primeira EFA de Olivânia foi a fonte inspiradora para outras escolas criadas no Espírito Santo e em estados próximos como Bahia e em Minas Gerais. Com a expansão da Alternância no Brasil, ela recebe algumas características que vão dando cor a sua identidade, a sua expansão em escolas do campo está diretamente vinculada à luta dos trabalhadores e trabalhadoras rurais pelo direito à educação e à permanência em suas terras.

Ainda no contexto da sua expansão, cabe destacar a intensa participação da Igreja Católica. O momento inicial da Pedagogia da Alternância no Brasil, coincide com uma forte organização do movimento camponês, liderado pelas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) da Igreja Católica, orientados pela Teologia da Libertação, pelas orientações do Concílio Vaticano II (1965) e pela III Conferências Geral do Episcopado Latino-americano

(Medellín,1968) redefiniram as diretrizes de atuação da Igreja fazendo “uma opção preferencial pelos pobres” (GUTIERREZ, 1975).

Ao mesmo tempo, o Brasil passava pelo período da ditadura militar (1964-1985) que levou ao exílio o educador Paulo Freire, que na época desenvolvia um amplo processo de alfabetização de adultos, no meio rural. Foi um período de perseguição, prisão e morte daqueles e daquelas que ousavam se organizar, o MEPES surge nesse contexto e a Pedagogia da Alternância é utilizada como uma ferramenta importante no processo educacional, organizacional e de resistência dos trabalhadores do campo. A Pedagogia da Alternância no Brasil, nasce com as marcas da resistência e como produto de um processo de luta de classes, a partir da perspectiva das comunidades rurais:

A Pedagogia da Alternância foi criando uma identidade territorial, o campo. Uma identidade de classe, os trabalhadores e trabalhadoras rurais, camponeses, indígenas, quilombolas, ribeirinhos/as, os movimentos sociais do campo. Ainda que não seja exclusiva do campo, a Pedagogia da Alternância, se expandiu e consolidou como uma das mais importantes formas de organização da educação do campo, defendendo um projeto educativo vinculado a um projeto de sociedade, que se contrapõe ao modelo de educação excludente, baseada na exploração predatória dos recursos naturais, no agronegócio e precarização da educação. (MAGALHÃES, 2009 apud MAGALHÃES E SILVA, 2020, p.7).

Atualmente, a Alternância é praticada no Brasil em Escolas Famílias Agrícolas e Casa Familiares Rurais, EFAS e CFR's respectivamente. Essas escolas são reconhecidas como Centros Educativos Familiares de Formação em Alternância e pela sigla CEFFAS, como uma forma de compreender essas escolas como um conjunto de instituições que têm um objetivo básico em comum, ofertar formação por Alternância. Ainda, é uma forma para dar unidade à organização legal na legislação educacional brasileira.

A organização em conjunto também pode ser entendida como uma estratégia de mostrar a força que esses diversos centros espalhados pelo país possuem. A rede de CEFFAS se organiza em associações, são lideradas nacionalmente pela União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas – UNEFAB. Ainda há Associações em cada região do país, como a Associação Regional de Casas Familiares do Sul - ARCAFAR-Sul, ARCAFAR-Norte e Nordeste etc. As escolas de cada região são filiadas às regionais, que cumprem uma função representativa e legal. É por meio dessas associações que as escolas se organizam politicamente, é por meio delas que as CEFFAS são representadas nos fóruns de educação e nos conselhos estaduais e municipais. Foi através dessa atuação que a Alternância se estruturou legalmente nos últimos 50 anos no Brasil.

A Pedagogia da Alternância é reconhecida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de forma muito discreta, é citada como uma das formas possíveis de organização das Escolas do Campo, no Artigo 23, que indica:

**Art. 23.** A educação básica poderá organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, **alternância regular de períodos de estudos**, grupos não-seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar. (BRASIL, 1996, grifos meus).

A LDB não é precisa ao falar sobre a Alternância, o que acaba dando margem para nomear qualquer organização que possua diferentes períodos de estudos de Alternância, além disso, abre espaço para questionar as escolas que possuem uma tradição com essa forma de ensino.

O movimento na atualidade trabalha para o reconhecimento mais preciso da Pedagogia da Alternância na legislação educacional brasileira, e isso é resultado de um processo organizado de reivindicações pelas entidades representativas em Brasília, o que tem apresentado alguns resultados. Em 2016 houve uma mudança na legislação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação – FUNDEB, pela portaria n.1344, de 30 de novembro de 2016; passando a regulamentar as matrículas em escolas comunitárias que ofertam a Educação do Campo e tenham como proposta pedagógica a formação por Alternância.

Por conta dessa mudança, essas escolas começaram a receber recursos do Fundo e passaram a ser reconhecidas como uma proposta de educação integral:

Com a nova orientação do Fundeb, as matrículas efetivadas por instituições comunitárias do campo conveniadas com o Poder Público serão computadas como de tempo integral para efeito de repasse de recursos baseado em maior fator de ponderação. O valor investido na mudança é de R \$325,7 mil. O custo por aluno passará a ser de R\$ 3,56 mil. (Assessoria de Comunicação Social–MEC, 2016).

Além disso, está em andamento a consolidação do Parecer e Proposta de Resolução, de junho de 2020, do Conselho Nacional de Educação – CNE, sobre normas e princípios para o reconhecimento e regulamentação da Pedagogia da Alternância na Educação Básica, na Educação Superior e na Formação de Profissionais da Educação. A resolução busca regimentar uma atividade que já vem sendo desenvolvida desde o final dos anos 90, quando a Pedagogia da Alternância rompe os espaços da Educação Básica, especialmente a partir da implementação do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA, criado em 1998.

Diante de todas essas mudanças e dos diversos usos da Pedagogia da Alternância tem se acelerado a necessidade de sua regulamentar legal e ainda da constituição de seus princípios orientadores, especialmente por conta da sua expansão para outras etapas além da Educação



Básica, o documento de junho de 2020, informa que atualmente existe 437 instituições que se organizam em Alternância em todos o Brasil, e apresenta ainda, o quadro abaixo:

Quadro 3 – Quantidade de instituições que se organizam em Alternância no Brasil com a designação das esferas gestoras.

<b>Esferas</b>	<b>Número</b>	<b>%</b>
Federal	15	3,4
Estadual	178	40,7
Municipal	85	19,5
Privada - Comunitária	159	36,4
Total	437	100,0

Fonte: Parecer e Proposta de Resolução de junho de 2020, Conselho Nacional de Educação.

### **As pesquisas sobre Pedagogia da Alternância no Brasil**

Desde a implementação da primeira Escola Família Agrícola, a Pedagogia da Alternância foi se expandindo e os Centros de Formação por Alternância foram sendo criados e constituídos em quase todo o território nacional. Nesse tópico eu discuti sobre as pesquisas realizadas sobre a Pedagogia da Alternância no Brasil em dois recortes temporais, como forma de caracterizar a produção do conhecimento sobre essa temática, evidenciando as linhas que orientam essas pesquisas e o que elas nos dizem sobre a prática da Alternância no Brasil. Além disso, foi uma forma de evidenciar que a nossa alternância tem resultados e eles podem ser analisados por meio das produções de pesquisa.

A Pedagogia da Alternância é um assunto em discussão na educação brasileira, como foi visto, são mais de 400 instituições utilizando essa pedagogia na Educação Básica e Superior, assim como é um assunto presente na legislação educacional. Em função disso, também é um tema recorrente na pesquisa dos Programas de Pós – Graduação em Educação e de outras áreas. Houve um período em que as pesquisas acadêmicas sobre a Pedagogia da Alternância eram mais tímidas, no entanto, houve um salto a partir do ano de 2003, como apontado na análise de duas revisões bibliográficas sobre a produção acadêmica a respeito da Pedagogia da Alternância no Brasil, os autores Teixeira, Bernartt e Trindade (2008) analisaram teses e dissertações

produzidas entre os anos de 1969 e 2006, e os autores Ferrari e Ferreira (2016), analisaram a produção entre o intervalo de 2007 a 2013, utilizaram como fonte o Banco de Teses e Dissertações da CAPES, os sites dos programas de pós-graduação e a pesquisa na internet.

A primeira pesquisa publicada em 2008 pelo trio de pesquisadores paranaenses, abrangeu um intervalo de 37 anos, entre 1969 e 2006, agrupando 46 trabalhos entre teses e dissertações. A pesquisa de Ferrari e Ferreira, publicada em 2016, abrange um recorte temporal menor, de apenas 7 anos, no entanto, superam o volume das pesquisas encontradas no período anterior. Foram localizados 73 trabalhos, destes 68 fazem parte da análise apresentada. Os outros foram descartados pois não foi possível encontrar os resumos e as versões completas.

Mesmo sendo feitas por autores diferentes, a segunda revisão propõe uma continuidade da primeira. A partir da análise realizada os autores, Teixeira, Bernartt e Trindade (2008) identificaram 5 linhas temáticas recorrentes onde os 47 trabalhos foram sendo alocadas. As mesmas linhas foram utilizadas pelos autores Ferrari e Ferreira (2016), são as seguintes:

1. Pedagogia da Alternância e Educação do Campo
2. Pedagogia da Alternância e desenvolvimento
3. Processos de implementação das CEFFAS no Brasil
4. Relação entre CEFFAS e famílias
5. Outras linhas temáticas (temas não se encaixam nas demais)

Os autores que analisaram as pesquisas entre os anos de 1977 e 2006, concluíram que 60,87% delas se enquadram nas duas primeiras linhas (Pedagogia da Alternância e Educação do Campo e Pedagogia da Alternância e desenvolvimento), destacam a primeira pesquisa sobre a Alternância no Brasil, a dissertação de mestrado de Paolo Nosella, defendida em 1977. Os autores consideram essa produção muito importante, pois além de ser a primeira, a sua estrutura de exposição ainda é utilizada nos trabalhos seguintes. A primeira parte dedicada à história da experiência, os antecedentes e a segunda parte à sua caracterização e a indicação dos principais problemas.

Assim como, os problemas apresentados por Nosella (1977) acerca da “estrutura e da manutenção das instituições; o problema da participação das famílias como partícipes do processo pedagógico; e o que o autor chama de o dilema metodológico da escolha entre currículo oficial e plano de estudo” (TEIXEIRA, BERNARTT E TRINDADE, 2008, p. 232). Esses assuntos são recorrentes nas pesquisas que o sucederam. Neste sentido esse trabalho é considerado como uma referência.

Os autores identificaram um consenso acerca das pesquisas sobre Pedagogia da Alternância no Brasil, a recorrência de pesquisas que a reconhecem como uma alternativa para

a Educação do Campo e a sua relação com o desenvolvimento do meio. Como lacunas, os autores destacam:

[...] existem aspectos que, em nosso entendimento, merecem estudos mais aprofundados, sobretudo no que tange à dinâmica da relação família – CEFFA, aos fundamentos teórico-metodológicos da Pedagogia da Alternância e às relações entre os CEFFAs e o Estado. (TEIXEIRA, BERNARTT E TRINDADE, 2008, p. 238).

A pesquisa de Teixeira, Bernartt e Trindade (2008), apresenta resultados interessantes acerca das temáticas das pesquisas sobre Alternância, a sua estruturação e as lacunas existentes. Além disso, apontam as regiões e as instituições que concentram o maior número de pesquisas realizadas, no topo a região sudeste e na base da região norte, a PUC-SP se destaca com 3 defesas. Os autores identificam uma grande produção entre 1977 e 2006, mas não de forma contínua, a partir dos anos 2000 a produção se torna mais frequente.

A segunda pesquisa, que abrange os anos de 2007 a 2003, apresenta algumas novidades em relação à primeira. Há um aumento da produção sobre Alternância e uma maior continuidade, quase todos os anos do intervalo ocorre uma defesa, além disso se amplia o número de pesquisas que são alocadas na linha “outros temas”, por conta da amplitude do raio de atuação da Alternância especialmente nos Institutos Federais de Educação Técnica e Tecnológica, na Educação de Jovens e Adultos e no Ensino Superior.

Os autores destacam que as pesquisas analisadas “endossam a necessidade de propostas alternativas de processos educativos em cuja o centro esteja os interesses dos trabalhadores rurais ou que residem no campo” (FERRARI E FERREIRA, 2016, p. 514-515). E reafirmam que a Alternância busca legitimar o conhecimento e a cultura dos sujeitos do campo, a partir de uma postura crítica e de problematização da realidade, em busca de uma vida mais igualitária e sustentável (FERRARI E FERREIRA, 2016).

Foi possível identificar a ressignificação da Alternância em função da sua adoção em novos contextos e pela participação de novos sujeitos. Ampliando a relação da Alternância com a formação de educadores do campo, por exemplo. O aumento da adoção da Alternância em Institutos Federais de Educação que segundo eles “revela que estas instituições têm buscado maneiras diferentes de enfrentar as dificuldades [...]” (FERRARI E FERREIRA, 2016, p. 515). É possível identificar ainda a ressignificação do ensino agrícola e das suas diretrizes, que procuram cada vez mais valorizar o campo.

Por fim, destacam a articulação da Educação de Jovens e Adultos e a Pedagogia da Alternância, que se apresentam como duas modalidades que têm em comum o enfrentamento à negação de direitos, especialmente o direito à educação, ampliando a atuação de políticas

públicas, e principalmente, atuando no reconhecimento das práticas sociais e do modo de vida das pessoas que produzem a sua existência no campo.

Os trabalhos de revisão sobre a produção acadêmica acerca da Pedagogia da Alternância no Brasil, desenvolvidos por Teixeira, Bernartt e Trindade (2008) e Ferrari e Ferreira (2016) retratam os temas mais desenvolvidos sobre a pesquisa em Alternância e identificam o raio da atuação da Alternância. O período das duas pesquisas abrange ao todo 44 anos, é possível observar que a Alternância no Brasil parte das escolas rurais, escolas de Ensino Fundamental em sua maioria, de uma iniciativa voltada exclusivamente para o espaço do campo, em seguida aparecem no Ensino Médio e nas modalidades da Educação Profissional e da Educação de Jovens e Adultos, permanecendo no Campo, reafirmando assim essa ligação com esse território.

É possível identificar ainda, que ao mesmo tempo que atua nas escolas de educação Básica, a sua prática se faz presente na Educação Superior nos cursos de graduação e formação continuada de instituições públicas. As duas revisões chegam a conclusões semelhantes, as pesquisas sobre Alternância no Brasil atrelam essa Pedagogia à educação do Campo e ao desenvolvimento do meio rural. Além disso, a revisão de Ferrari e Ferreira (2016) mostram que nos últimos anos, a partir de meados dos anos 2000, há o crescimento do número de pesquisa sobre Alternância, tendência já indicada por Teixeira, Bernartt e Trindade em 2008, como também mostram a ampliação do uso da Alternância em espaços novos, como o caso dos Institutos Federais e Universidades.

É possível inferir dos dados apresentados que a Alternância é um tema de pesquisa bastante discutido na Pós-graduação brasileira, como sinalizado pela primeira revisão ainda são pouco os trabalhos sobre os fundamentos teórico-metodológicos que sustentam a alternância, contudo as pesquisas tendem a focar em outros problemas e objetos. Isso pode indicar a presença de uma característica da própria pesquisa em Educação realizada no Brasil, os pesquisadores brasileiros são inclinados a aderir a novos temas sem antes consolidar a produção do conhecimento nos temas antigos (BITTAR E FERREIRA, 2006).

Outra coisa que chama atenção, e que é levantada em ambas as pesquisas, é o aumento das produções a partir dos anos 2000. É possível creditar esse aumento, a diversos fatores, primeiro deles é a expansão das vagas na graduação e na pós-graduação e ao acesso ao ensino superior. Do mesmo modo, o aumento de experiências com a Alternância permite o crescimento do número de pesquisas e mais problematizações sobre o tema.

O avanço nas pesquisas sobre Pedagogia da Alternância e ainda a discussão pela sua melhor compreensão na legislação educacional brasileira, da Educação Básica ao Ensino

Superior, justifica inclusive, a necessidade do estabelecimento de princípios basilares claros, de uma orientação brasileira, construída a partir da história da Alternância no Brasil, que não é a mesma de países europeus, africanos e da América Latina. A Alternância construída aqui possui as marcas da sociedade brasileira, é um reflexo dela, especialmente da ruptura entre o campo e a cidade, como colocado no início deste trabalho.

### **Uma Alternância à brasileira**

Ao longo do século XX a Pedagogia da Alternância foi aplicada em outros lugares da Europa, e em países africanos, como Senegal e ex-colônias francesas, chegando até na América Latina, no México, na Argentina e no Brasil. Como foi visto, as primeiras escolas surgiram no Estado do Espírito Santo em 1969, por meio da ação de padres e seminaristas italianos da Companhia de Jesus. Segundo levantamento realizado por Nosella (2013), entre o final da década de 90 e início dos anos 2000, as escolas da Pedagogia da Alternância funcionam em 21 dos 27 estados brasileiros. No último levantamento, de junho de 2020, entre escolas de Educação Básica e Ensino Superior são mais de 400 instituições no Brasil trabalhando com a Alternância.

Quando eu pensei em escrever com esse título “à brasileira”, a minha intenção foi mostrar que a Pedagogia da Alternância praticada no Brasil possui especificidades que lhe atribuem características próprias e distintas, daquelas desenvolvidas em outros lugares, inclusive no seu país de origem. Iniciei com a recuperação sobre a origem e a prática da atual da Pedagogia da Alternância na França, em seguida tratei sobre como a Alternância se desenvolveu no Brasil, depois apresentei os resultados das pesquisas, foi uma forma encontrada para mostrar essas especificidades e as diferenças que caracterizam a nossa Alternância.

As diferenças acerca da prática da Alternância vão existir, em diferentes contextos, em diferentes territórios, mas o que faz da Pedagogia da Alternância diferente em nossas terras é que ela assume um caráter contra hegemônico, ela foi “chamada” a se posicionar diante de nossas características mais marcantes, a falta de reforma agrária, a separação entre campo e cidade e a soberania do agronegócio, para estar ao lado de um projeto que reconhece essa separação, mas que buscasse o enfrentamento e a superação por meio da educação. Pelas características históricas e sociais do espaço brasileiro a Alternância por aqui deveria ser diferente, o movimento da Educação do Campo, foi o responsável por essa convocação.

A Pedagogia da Alternância pensada para o espaço rural europeu no período pós-guerra foi um produto histórico da sua época, constituída por meio da leitura daquela condição

campesina. A partir do seu processo de expansão para outras realidades, como ex-colônias e a América Latina, ela passa por um processo de releituras e adaptações, de conservação e renovação das suas práticas. É possível observar que as suas mediações didáticas pedagógicas se modificaram ao longo do tempo, por conta desses novos territórios e novos sujeitos. Os ritmos, tempos e escolas mudaram, mas permaneceu a tentativa de manter a ideia central, o objetivo de formar intelectuais orgânicos para o desenvolvimento do território.

As Escolas Famílias Agrícolas e as Casas Familiares Rurais nasceram da motivação por escola diferente para os camponeses, com origem na organização dos Sindicatos Rurais e da Igreja Católica, mas elas também nasceram no contexto da Revolução Industrial que acentuou diferenças e permitiu novas relações entre o campo e a cidade, provocaram a saída das famílias do campo em direção da cidade, resultando no estabelecimento de novas formas de trabalho e na necessidade de formação mais específicas para as novas atividades produtivas.

No entanto, a forma como a própria Revolução Industrial e as relações de trabalho se desenvolveram e se estabeleceram no Brasil foram bem diferentes. Jamil Cury (2002), num artigo muito interessante, onde discute sobre o direito à educação e o direito à diferença, argumenta sobre as distâncias na forma de validação desses direitos em países europeus e nas ex-colônias, como em países da América Latina e no Brasil.

Ele explica sobre as diferenças entre esses países no que se refere aos direitos consagrados em leis. Por aqui, seria necessário reavaliar o impacto sociocultural da própria colonização e da escravidão, e reconhecer que o nosso processo de conquista ao direito à educação foi lento e convive com desigualdades étnicas, de gêneros e infelizmente com muitas outras, por isso ele ainda foi amplamente consolidado, nesse sentido ele afirma:

Ao contrário de muitos países europeus, os países colonizados não contaram, desde logo, com processos de industrialização e de constituição de uma forte classe operária. Assim sendo, para as classes dirigentes, a educação não se impôs como uma necessidade socialmente significativa para todos. Não houve um processo social em que um outro ator social forte e organizado abrisse, desde logo, um conflito que cobrasse responsabilidades sociais. Ao ocuparem os aparelhos de Estado, as classes dirigentes se preocuparam muito mais com seus interesses exclusivos do que com um projeto nacional que englobasse dimensões mais amplas da cidadania para todos. A escravidão, o caráter agrário-exportador desses países e uma visão preconceituosa com relação ao “outro” determinaram uma estratificação social de caráter hierárquico. Nela, o outro não era visto como igual, mas como “inferior”. Logicamente as elites atrasadas desses países, tendo-se na conta de “superiores”, determinaram o pouco peso atribuído à educação escolar pública para todos. Na perspectiva dessas classes dirigentes, era suficiente para as classes populares serem destinatárias da cultura oral. Bastava-lhes um tipo de catequese em que o “outro” deveria ser aculturado na linha da obediência e da lealdade servil. (CURY, 2002, p.256 -257).

Como Curry argumenta, a consolidação do direito à educação no Brasil não aconteceu, a educação não foi considerada como uma necessidade imprescindível para todos, assim como, a educação escolar pública, as elites dirigentes viam o diferente como inferior, uma visão restrita e elitista de cidadania. Sobre essa exclusão o autor não está falando de forma especial dos sujeitos do campo, foi possível compreender que ele se refere ao todo. As análises da educação do campo permitem que a gente compreenda que o processo explicado por Cury acontece de forma mais profunda no espaço rural brasileiro. O que não era urbanizado e considerado moderno era o diferente e inferior.

Nesse contexto os movimentos sociais foram e são elementos importantes para tentar equacionar esse problema. O movimento por uma Educação Básica no Campo, constatou e denunciou o problema do abandono do campo, dos conflitos agrários, dos assassinatos no campo, da fome e da pobreza e de como o direito à educação no campo não foi consolidado, e busca desde então solucioná-lo, por vias da educação e da inserção política, trazendo essa situação para o campo político e social. No âmbito da educação, eu argumento que um dos assuntos que convergiram para o encontro da Educação do Campo com a Pedagogia da Alternância foi o trabalho e a formação para o trabalho. Outro fator agregador foi o território, e essas são as bases que sustentam o seu caráter contra hegemônico no Brasil.

A Pedagogia da Alternância à brasileira é marcada pelo reconhecimento da ruptura entre campo e cidade, da separação entre o trabalho com as mãos e do trabalho intelectual, que resulta no abandono do campo, para o qual fica reservado uma escola que é uma cópia empobrecida de uma escola urbana, com as salas, cadeiras, professores e horários parecidos com a da cidade, mas que não possuem estrutura e nem qualidade parecida e a nível qualitativo não se integra à realidade do espaço rural. Por meio da Pedagogia da Alternância, o alternar entre os dois espaços, família e comunidade, foi percebido como uma via para superar essa fragmentação.

Parto da separação entre trabalho intelectual e trabalho braçal ou trabalho com a cabeça e com as mãos, pois a sociedade de classes também é marcada pela separação das formas de trabalho, uns “nascem” para trabalhar com o seu corpo e suas mãos, enquanto outros para desenvolver um trabalho intelectual, com a cabeça. Essa separação não é resultado das condições das sociedades capitalistas modernas, desde os gregos isso já acontecia, quando se buscava justificar a separação entre servos e senhores.

Assumi a concepção de campo da Educação do Campo, que define o campo como o território, o espaço de vida e produção da existência de diversos grupos, dos assentados, indígenas, quilombolas, ribeirinhos, extrativistas etc. Nesse sentido, essa separação pode ser

observada na forma como o campo é visto e tratado no Brasil. Quem trabalha no campo, ou seja, quem trabalha com o corpo e não com a cabeça, não precisa de educação, não precisa de formação humana ampla. No entanto, por conta dos processos econômicos, e com a entrada da maquinaria no campo o trabalho desenvolvido se moderniza e assume-se a concepção de que essas pessoas precisam saber um pouco mais, especialmente para lidar com essa modernidade que entra na lavoura, nos rios e nos ramais, logo é necessário oferecer alguma educação para eles.

Quando tratamos da história da Educação do Campo no Brasil é possível observar, de acordo com a extensa literatura sobre o tema, a sua organização em três momentos, o primeiro do total abandono e incompreensão do que é o rural, o campo. Segundo, conhecido como ruralismo pedagógico, e o terceiro, ainda em vigor e até o presente lidando com questões dos dois primeiros momentos, que é o Movimento do por uma Educação *do e no* Campo.

O chamado ruralismo pedagógico, apresenta uma visão renovada acerca do campo, também trabalha na concepção de fixação no território, de contenção da migração, da saída para a cidade. Entre o total abandono e a visão renovada do campo existe um aspecto em comum, a ideia de que quem vive e trabalha no campo não precisa de muita formação, pois trabalham com o corpo e não com a cabeça. Em segundo lugar, esses projetos de educação não foram construídos pelos sujeitos do campo, não foram pensados por eles e consideram que a sua fixação no campo é benéfica, uma forma inclusive de proteção.

Quando o modelo econômico brasileiro baseado na monocultura do café entra em crise e gera problemas para a cidade, como a saída de pessoas do campo para os centros urbanos, começaram a pensar em soluções, mas aquele princípio não desaparece, quem vive no campo não precisa de muita educação, porque trabalha com o corpo. E esse segundo movimento busca adaptar os camponeses a novas técnicas e tecnologias de manejo, mas não deixar de querer fixar o homem no campo, fixação numa perspectiva de imobilização e limitação.

O movimento por uma Educação *do e no* Campo é construído para superar essas visões e se opor ao modelo de um campo esvaziado de cultura e de educação. A nomenclatura, do e no campo, confere essa oposição ao reconhecer que a Educação precisa ser o resultado dos projetos e anseios dos sujeitos que estão no campo, pensados por eles e para eles. De acordo com Caldart (2016):

A Educação do Campo (EdoC) se constituiu, no final da década de 1990, como uma articulação nacional das lutas dos trabalhadores do campo pelo direito à educação, materializando ações de disputa pela formulação de políticas públicas no interior da política educacional brasileira. [...] Luta por políticas ou medidas específicas em função de uma desigualdade histórica no atendimento aos direitos sociais da população trabalhadora do campo (camponeses, assalariados, “povos tradicionais” [...]) (CALDART, 2016, p.1-2).



A Educação do Campo tem múltiplas desafios, se constitui como um movimento social, não busca apenas a construção de escolas no campo, mas o reconhecimento das especificidades do campo, dos saberes, da cultura e do trabalho, denuncia as condições de vida desses sujeitos e buscar articular isso com a elaboração e implementação de políticas públicas, não foi e não é, apenas uma bandeira, mas é um movimento. E se identifica com a Pedagogia da Alternância, que nasce com esse pressuposto, melhorar a vida das pessoas no campo.

Alguns pontos convergem para a aproximação e a construção de especificidades da Pedagogia da Alternância à brasileira, como: o sentimento de dever para com o desenvolvimento do território, a necessidade de desenvolver nos sujeitos do campo as habilidades manuais necessárias para o trabalho produtivo, especialmente na propriedade familiar, ou seja, de encarar o trabalho como forma de produção da existência. mas também de promover a formação de intelectuais capazes de disputar os espaços políticos, a compreensão de que o território precisa de manutenção, da presença do estado, e isso será feito por meio da participação, da voz ativa dos sujeitos.

As relações religiosas, principalmente com as Comunidades Eclesiais de Base, que trabalham por meio da participação popular, foram muito importantes para a divulgação desses princípios, assim como, a pedagogia libertadora de Paulo Freire, que sustenta a ideia de transformação, tomando a realidade como ponto de chegada e de partida, assim como é a favor da liberdade, liberdade para ser, para ir ou ficar, mas de ser melhor, ser livre e não ser opressor.

No Brasil a Pedagogia da Alternância encontra na Educação do Campo esse elemento constituinte, que lhe dá vida, baseado sua prática na compreensão do campo como espaço vivo, rico de vida e de cultura, e do reconhecimento do trabalho como um princípio de formação humana, buscando superar assim a ideia de fixação dos sujeitos do campo, seja ela protetora ou limitadora, o que não significa o abandono do território, mas o reconhecimento das suas potencialidades, de saber de quem sou, enquanto sujeito camponês e das minhas possibilidades enquanto sujeito camponês, aí está a liberdade. O fator contra hegemônico da nossa Alternância

Como disse Gramsci: “cabe observar que a massa de camponeses, ainda que desenvolva uma função essencial no mundo da produção, não elabora seus próprios intelectuais orgânicos e não assimila nenhuma camada de intelectuais tradicionais” (GRAMSCI, 2001, p.16). A Pedagogia da Alternância atrelada à Educação do Campo busca superar esse problema. A partir dessa constatação nos tópicos seguintes eu discuto sobre a Pedagogia da Alternância desenvolvida na Casa Escola da Pesca. No tópico seguinte, discuti sobre Alternância na Escola da Pesca, busquei evidenciar suas características organizativas e como isso reflete o processo

de mudança e adaptação da Pedagogia da Alternância e com traduz, em parte, a prática da Alternância no Brasil.

### **O Plano Pedagógico da Casa Escola da Pesca**

Este tópico foi escrito por meio de uma descrição crítica a partir dos seguintes documentos: Projeto escrito da Casa Escola da Pesca, construído no interior da Diretoria de Ensino da Secretaria Municipal de Educação de Belém, as duas versões, de fevereiro e maio de 2007; Projeto Político Pedagógico da Casa Escola da Pesca, 2013; Plano Pedagógico do Curso Técnico em Recursos Pesqueiros, 2017; Planos de Estudos de Alternância; Relatório de Acompanhamento de visitas, 2020; entrevistas com a então diretora da Escola a professora Fátima Seabra e com professores e ex-alunos.

Esses documentos não citam as pessoas ou equipes que participaram da sua elaboração, nem mesmo as condições do planejamento. São documentos guardados nos arquivos da escola e que estão disponíveis para a consulta. Posso dizer, que fiz a extração do plano pedagógico a partir da análise desse conjunto de documentos, que estão organizados nos anexos e apêndices deste trabalho.

O Plano pedagógico pode ser considerado a materialização de como a Instituição Educativa se organiza em função dos seus objetivos, ou seja, a forma como ela coloca em prática seus princípios. Para realizar esse trabalho a instituição precisa conhecer o local em que atua, a clientela que recebe, ter claro as suas metas, conhecer também os fundamentos em que se apoia. São nesses documentos que a escola revela as suas opções em trabalhar ou não com determinada organização e filosofia, de qualquer forma, essas opções são feitas em determinadas condições e circunstâncias.

No caso da Escola da Pesca a Pedagogia da Alternância não foi escolhida de forma acidental houve uma intenção com a sua escolha, assim como pela decisão de utilizar a Educação de Jovens e Adultos, a formação Inicial em Pesca e Aquicultura e o Ensino Médio Integrado ao curso Técnico em Recursos Pesqueiros. Para compreender essas escolhas foi necessário retornar ao objetivo de criação da escola “A Casa Escola da Pesca tem por objetivo a formação de filhos de pescadores e trabalhadores da pesca na Região das Ilhas com propósito de reduzir a pobreza e melhorar a gestão dos recursos naturais do Município de Belém/Pará” (CEPE, 2010).

Esse objetivo da CEPE esteve presente em todos esses documentos analisados, quase de forma idêntica às vezes. A formação parecia indicar o aumento da escolaridade e a preparação para o trabalho com a pesca artesanal, sobretudo a atividade industrial. A redução da pobreza estava relacionada com a empregabilidade, ou seja, a capacidade desses sujeitos de se empregar. A gestão dos recursos naturais, esteve presente nos documentos, no entanto em duas direções não muito claras, mas ora sendo função dos sujeitos e ora como resultado de agentes externos. Esses objetivos e as estratégias para alcançá-los deveriam ser articulados pela Educação de Jovens e Adultos e pela Pedagogia da Alternância.

A população dos “filhos de pescadores da região insular de Belém” é mista, são filhos e filhas, em sua maioria, abandonavam a escola após o 4º ano do Ensino Fundamental, por diversos motivos, entre eles a distância entre a sua casa e a escola, a necessidade de trabalhar ou porque formaram uma família. A dinâmica da vida das ilhas se impunha na vida desses jovens para que escolhas fossem feitas, uma delas era escolher entre os estudos ou o emprego.

Uma fala muito comum nas entrevistas com os ex-alunos foi sobre a percepção que eles têm sobre a vida das ilhas, a ideia de que o destino é completamente pré-determinado, tomando como exemplo, o que um dos egressos me disse sobre o dia a dia, a gente vai pescar, jogar bola, arrumar família, construir sua casa e não há perspectivas além disso. Isso é, inclusive, um motivo para a falta de motivação com a escola e a educação. Por isso, muitas pessoas que vivem nas ilhas e trabalham com a pesca, quando decidem retomar os estudos, estão em situação de distorção idade-série. Por possuírem uma família precisam rapidamente de um emprego, assim ir todos os dias para a escola se torna mais difícil, por isso a Educação de Jovens e Adultos – Educação Profissional e Alternância são escolhas justificáveis para o trabalho pedagógico na CEPE, um tripé com a função de organizar a escola para atender esses jovens, que buscam além de uma formação escolar e profissional, perspectiva de vida.

Por meio da educação de Jovens e Adultos a Escola conseguiria atender a população da região insular de Belém que não teve acesso à educação da idade adequada. A Educação Profissional viabilizaria uma formação escolar articulada à qualificação para o trabalho com a pesca. O princípio da Pedagogia da Alternância, de articular o espaço da escola e das comunidades, seria o principal elemento para tornar viável o trabalho da escola. Os períodos de alternância permitiriam a articulação entre a vida, a cultura e o trabalho com a pesca artesanal e familiar, desenvolvidos nas comunidades, integrando com conhecimentos técnicos sobre a atividade da pesca, ofertados pela escola.

Os períodos de Alternância eram organizados em 3 semanas na Casa e 3 semanas na comunidade ribeirinha ou no local onde os alunos vivem. O Tempo Escola acontecia no espaço da Casa, eram organizados em aulas práticas, teóricas, visitas de campo, estágio, aulas em laboratórios etc. O Tempo Comunidade era o período em que o aluno desenvolvia as atividades junto com a sua família e comunidade. Das primeiras turmas até o ano de 2014 a escola recebia exclusivamente alunos filhos homens de famílias que trabalhavam com a pesca, que tinham pais, mães e irmãos pescadores, a partir daquele ano a escola passou a receber alunos moradores da área urbana da Ilha de Caratateua, de Belém e de outros municípios, a origem desses alunos deixa de ser apenas a região insular e o trabalho com a pesca, o tempo comunidade deles é diferenciado, sendo ofertado a realização de outras atividades, me perguntei se isso seria uma falsa alternância ou uma alternância adaptada.

O ano escolar da Casa Escola da Pesca se organiza por meio dessas alternâncias entre o Tempo Escola e o Tempo Comunidade, o desenho curricular do Ensino Fundamental e do Ensino Médio são dispostos em ciclos e estruturados em torno desses tempos, em cada um deles eram determinadas as atividades que seriam realizadas. O Tempo Escola era o período de 15 dias úteis em que os alunos permaneciam na CEPE em período integral, assistindo aulas, participando de projetos e realizando as atividades curriculares, acompanhados pelos professores e pelos colegas no ambiente da Casa e quando necessário, nas dependências das instituições parceiras.

Após a esses 15 dias da alternância na Escola, os alunos retornavam para as suas casas onde permaneciam por outros 15 dias realizando o Tempo Comunidade. Ao retornarem para a sua casa o aluno leva consigo um Plano de Estudo<sup>17</sup>. Esse plano é constituído por um conjunto de atividades e exercícios sobre todas as disciplinas do currículo, o aluno também deveria registrar as atividades desenvolvidas ao longo desse período. No período do tempo comunidade eram realizadas visitas às famílias para o acompanhamento, as visitas eram feitas pelos professores e monitores. Havia um rodízio entre eles para que em cada período de alternância um professor de cada disciplina realizasse as visitas.

As visitas da Alternância na comunidade eram realizadas pelos monitores e professores 3 vezes ao longo da quinzena, uma visita em cada semana. Nessas visitas era feito um acompanhamento das atividades dos alunos e o desenvolvimento do seu Plano de Estudo. O Projeto Político Pedagógico da CEPE sustenta que o Tempo Comunidade compõe o que eles chamam de Vivências Comunitárias. Essas vivências tinham a função de fazer os alunos

---

<sup>17</sup> Ver Anexo A

realizarem um trabalho coletivo, um exercício prático de cidadania junto com a sua família e a comunidade onde vivem. Além disso, permitiria à escola, na figura dos professores e monitores, conhecer a realidade do território onde os alunos vivem, seria um momento de troca entre os dois espaços e dos sujeitos.

O Plano de Estudos, segundo o PPP da CEPE, possui as seguintes etapas: hipótese, fato, análise, comparação, reflexão e ideia geral. O documento traz uma citação de Zamberlan, que afirma: "Ele (o plano) constitui a base para o diálogo entre o aluno e o meio familiar. É feito de questões elaboradas em conjunto na escola, e a partir de um diálogo entre alunos e monitores, tendo por base a realidade objetiva do jovem" (ZAMBERLAN apud CEPE, 2013, p.29). Um dos objetivos desse instrumento é fazer com que "os alunos se tornem capazes de reconhecer seus direitos sociais e vivam atitudes cooperativas e solidárias voltadas à qualidade de vida" (CEPE, 2013, p.29).

Eu não tive acesso ao plano que os alunos egressos utilizaram na primeira turma, apenas ao utilizado atualmente. A partir do que foi relatado, fiquei com a impressão de que esse plano é uma continuidade das atividades desenvolvidas na escola, funcionando também com um dever de casa por meio do qual o tempo em comunidade era "vigiado".

O curso de Formação Inicial em Pesca e Aquicultura vem lidar duas questões, a primeira delas é a situação escolar dos jovens e adolescentes trabalhadores da pesca ou membros das famílias de pescadores, que viviam na região insular de Belém, e a segunda a necessidade de promover a formação profissional para o trabalho com a pesca. Os documentos são claros em dizer que o projeto foi inspirado em uma outra escola, a Casa Família do Mar, em Santa Catarina, e que a cidade de Belém apresentava condições para a implementação de uma escola semelhante, pela atividade da pesca ser forte na região e pela necessidade incluir essa parcela de trabalhadores na cadeia produtiva do pescado na região.

A partir disso as justificativas proclamadas para esse curso se basearam na produção do pescado e no desenvolvimento econômico, o projeto 1 da CEPE dizia "o pescado é a principal fonte de proteína animal, fonte de geração de renda, estratégia para o desenvolvimento das ilhas" também indicava a situação acerca do alto índice de analfabetismo, e da necessidade de discutir sobre desenvolvimento sustentável."

A Escola da Pesca foi criada nesse bojo, para atender de forma imediata essa população, a ideia era que o projeto ficasse em vigor por 1 ano, com previsão de estender por mais um. A meta inicial foi ofertar as etapas finais para conclusão do Ensino Fundamental e o curso de Formação Inicial em Pesca e Aquicultura por meio da Educação de Jovens e Adultos e da

Pedagogia da Alternância. O atendimento à comunidade (familiares dos alunos, moradores das ilhas ou interessados) aconteceria pela oferta de cursos livres e palestras, atividades suplementares as ações da escola.

Objetivos proclamados, de acordo com o projeto 1 foram promover a “formação integral dos Jovens, contribuir para o fortalecimento da profissionalização, viabilizar a criação de sistemas produtivos - renda planejada e permanente, sensibilizar, motivar e qualificar profissionais e técnicos”. Os idealizadores do projeto tinham consciência do perfil das pessoas que iriam procurar o curso. O curso foi organizado para acontecer em 3 semestres, assim em um ano e meio o aluno concluiria a etapa do Ensino Fundamental e o Curso de Formação inicial em Pesca.

### **Perfil do Egresso, entre o desejado e o alcançado**

Entre o desejado e o alcançado acerca do perfil do egresso da Casa Escola da Pesca há uma distância, que hora pode ser considerada positiva e outra não. Quero dizer, é normal e esperado que o projeto de uma escola, ao ser colocado em prática, que dele não resulte *ipsis litteris* aquilo que estava no papel, especialmente o que se projetava de perfil de aluno. Lidamos com fatores humanos, que como sabemos, podem ser imprevisíveis. No caso da CEPE, há uma flutuação entre o desejado, o perfil projetado, o estabelecido no currículo e o resultado real disso, que foi captado por meio das entrevistas realizadas.

Isso é bom e ruim por alguns fatores, primeiro revela que a realidade escolar é muito rica e ela não pode ser completamente pré-determinada, é necessário deixar uma margem para o imprevisível, que pode ser previsto no planejamento e isso é bom. O lado ruim é que os documentos e entrevistas revelam a falta de conhecimento e de sintonia entre a realidade da ilha, as condições financeiras e de pessoal e a necessidade real. Ou seja, a disfunção entre os executores do projeto e o seu público-alvo e objetivos determinados.

Embora tenha sido realizada uma pesquisa para verificar as condições para a execução do projeto, fica a impressão de que essa foi apenas uma etapa burocrática e não de fato orientadora das ações. Quando são analisados os documentos da Escola da Pesca elas revelaram de maneira explícita, hora o desejo de formar um técnico competente na atividade da pesca, hora a expectativa de promover o desenvolvimento das ilhas. A questão é, esses dois pontos são tratados numa relação de causa e consequência, e não fica claro como será estabelecido o diálogo entre eles.

Eu sei que já mencionei sobre os objetivos da CEPE, mas achei importante retomá-los aqui. A portaria de criação da escola de 2010, no artigo segundo traz o seguinte:

A Casa Escola da Pesca tem por objetivo a formação de filhos de pescadores e trabalhadores da pesca na Região das Ilhas, com o propósito de reduzir a pobreza e melhorar a gestão dos recursos naturais do município de Belém/PA” (BELÉM, 2010).

É um documento inicial que revela um projeto legítimo, e possível, não fica claro como isso será articulado e desenvolvido. É possível ainda identificar um perfil implícito, a escola que será criada deseja formar trabalhadores da pesca e seus descendentes, moradores da região das ilhas, para reduzir a pobreza e tratar da gestão dos recursos naturais. Em outro documento, o Projeto Político Pedagógico de 2013, que trata do perfil do egresso dos alunos do Ensino Fundamental é exposto as seguintes habilidades e competências no perfil desejado pela instituição para os seus egressos:

Ao concluir a qualificação profissional e habilitação Técnica em recurso pesqueiro espera-se que os concluintes sejam capazes de: 6.1 Afirmar sua dignidade como pessoa, cidadão e profissional; Estabelecer um processo de reflexão, ação e reflexão para fixação de rumo, definição de projetos de trabalho e de vida; efetivar seu projeto de desenvolvimento profissional, com base em suas potencialidades, suas necessidades de aprendizagem e características de seu contexto de trabalho; identificar problemas e necessidades de seu grupo/comunidade, planejando e participando de iniciativas concretas com vistas a sua superação; Conviver e trabalhar em grupo, assumindo responsabilidades, valorizando a diversidade de opiniões e a resolução negociada de conflitos; continuar seu processo de aprendizagem tanto pela inserção no Ensino Médio, assim como pela formação profissional em pesca e aquicultura, e ainda pelo aproveitamento de outras oportunidades educativas e profissionais; 6.2 Utilizar recursos tecnológicos de informação e comunicação como instrumentos de facilitação e/ou viabilização de sua aprendizagem e ações profissionais; Identificar equipamentos eletrônicos de navegação e pesca como a sonda, GPS (Global Positioning System); monitoramento por satélite, guincho, bússola, barômetro, termômetro e rádio, além de conhecer o funcionamento e manutenção de máquinas e motores marítimos (mecânica naval); Avaliar a meteorologia com a identificação de ondas, ventos, marés e previsões; 6.3 Exercer com habilidade a prática da piscicultura (como espécies alimentícias e ornamentais) e de carcinicultura, ranicultura, mitilicultura, ostreicultura e quelônios por meio de: a) Construção de tanques, viveiros e tanque-rede; b) Práticas de manejo hídrico e alimentar adequados à atividade aquícola; c) Utilização de técnicas de conservação do pescado (Salga, defumação, filetagem, resfriamento e congelamento); d) Aproveitamento de resíduos do pescado (pele, escamas, carapaças e vísceras); e) Formas de comercialização do produto final; f) Praticar a agricultura por meio de horta escolar; g) Conhecer, interpretar e cumprir a legislação ambiental e sanitária, direcionando suas ações dentro desses requisitos legais (unidade de conservação, defesa, preservação código de condutas, técnicas de manejo e legalização); h) Conhecer e distinguir as diferentes formas de organização social dos profissionais da pesca como os sindicatos, associações, cooperativas, fundações, colônia e federação de pescadores. (CEPE, 2013, grifos meus p. 19-20).

O perfil do egresso do Ensino Fundamental é organizado em três eixos, que podem ser classificados como: competências pessoais, habilidades com instrumentos e tecnologias e

competências técnicas profissionais. O perfil é grande e ambicioso, e eu acho que esse não é o problema, mas por toda essa amplitude não ficou claro o fio condutor que direcionaria, além disso não há diálogo com a Pedagogia da Alternância.

Para além do que foi colocado no papel, falando sobre o perfil alcançado pela escola, quando os egressos foram entrevistados eles testemunharam muitas coisas relacionadas às vivências que a escola proporcionou. Eles foram muito incisivos ao falar sobre como a escola foi responsável por uma mudança positiva na vida deles. Por exemplo, eles lembraram da rotina da escola, sem mencionar a Alternância, falaram do internato, das aulas em período integral, das viagens e das visitas feitas, da relação com os colegas e com os professores. Tudo isso foi muito marcante para eles.

Consegui perceber que a formação para o trabalho era bem vista pelos alunos, porque isso poderia promover o acesso ao emprego, mas não percebi que eles queriam ser pescadores, uns até indicaram, com muita satisfação, como o trabalho com a pesca estava presente na família e na vida deles, mas isso não era o foco principal. O perfil que se formou daqueles alunos me guiou para a seguinte compreensão, eles entenderam e valorizavam a função pretendida daquela escola e se valeram daquela oportunidade, que serviu como um meio para alçar outro voo, entre eles dar continuidade aos estudos, encontrar trabalho em outras áreas, sair das ilhas e viver uma história diferente dos que viviam lá.

### **A Pedagogia da Alternância como forma organizativa ou como princípio orientador?**

Neste capítulo eu consegui discutir sobre a origem da pedagogia da Alternância destacando a sua direção para o saber prático, sob a forte influência da Igreja Católica, especialmente na figura de Abbé Granereau, mas com um princípio resistente de melhorar a vida das pessoas que vivem no campo, e acredito que esse princípio ainda dá sustentação às práticas atuais. Embora a prática atual na França esteja muito institucionalizada e voltada à formação para o emprego, me pergunto se no contexto europeu isso seria tão prejudicial, uma vez que outros direitos sociais são mais consolidados. Por outro lado, acredito que isso revela uma flexibilidade ruim da Alternância, como se ela pudesse ser aplicada em qualquer espaço, sob qualquer finalidade.

Em outra perspectiva, no Brasil a Pedagogia da Alternância ao se aliar com o Movimento por uma Educação Básica no Campo assume uma característica contra hegemônica, volta-se para um território e sujeito determinado, mesmo que o campo brasileiro seja muito rico na sua diversidade, o problema do abandono é o mesmo. E por aqui, seria muito prejudicial se a



Alternância se tornasse apenas uma ponte para o emprego, uma vez que não temos direitos básicos consolidados, a Alternância poderia se tornar mais uma ferramenta para mascarar a realidade, se associando com princípios e orientações tão nocivas, como prega o neoliberalismo.

Por outro lado, as pesquisas revelaram que a Pedagogia da Alternância está em jogo, e é necessário estar atento para que ela não seja cooptada à outros interesses, não estou falando aqui da Alternância como se fosse um ente, um ser, mas é uma forma de explicar que dependendo de quem se aproprie dessa prática a alternância pode sim servir a outros interesse, como foi visto, de formação aligeirada, assistencialista, entre outros, evidenciar esse processo de evolução e disputa também foi um forma de jogar luz sobre essa questão, a Pedagogia da Alternância pode ser apenas uma forma organizativa de alternar tempos e espaços ou estamos falando de uma pedagogia com princípio orientador necessário, sem o qual ela perde as suas principais bases?

Como foi visto até aqui a Pedagogia da Alternância é uma pedagogia que começou a sua formação nos anos 30 na França, se expandido e se adaptado aos lugares e sujeitos que alcançava. Cabe dizer que ela mudou, mas não apenas em função dessas novidades, mas especialmente pela sua inserção em processo de movimento e de disputa. Como foi visto, quando contrastei a prática da Pedagogia da Alternância do Brasil e da França, enquanto lá fora é considerada como ponte para o emprego, por aqui assume uma característica contra hegemônica, demarcada pelo território do campo e pela formação para o trabalho.

O modelo educativo das escolas de Alternância foi assentado em alguns pilares: formação baseada numa íntima relação entre a escola, a família e o ambiente socioprofissional do aluno/ articulação entre escola e vida, vinculação entre teoria e prática, desenvolvimento local e desenvolvimento sustentável, formação integral, norteada por instrumentos pedagógicos próprios, como o caderno da realidade, visitas de campo, projeto de vida profissional. A impressão que tenho é que se há uma intenção de preservar esses princípios e instrumentos, no entanto as práticas em diferentes instituições e locais pode resultar em readaptação e mudanças na prática da Alternância.

Acredito que dentro do contexto da Educação do Campo no Brasil, como foi mostrado no tópico que tratei das pesquisas, a Pedagogia da Alternância vem sendo utilizada em diversos espaços, vinculadas a diversas concepções de formação e de desenvolvimento do território, e em algum momento desvinculada de um território, o que poderá resultar numa alternância pela metade. Eu acredito que a Pedagogia da Alternância desenvolvida na Casa Escola da Pesca, faz parte desse processo de evolução e de disputa da alternância.

Foi possível identificar que no Brasil ela é apresentada como uma estratégia, uma metodologia de formação que articula o trabalho e o estudo em função da emancipação social e do desenvolvimento do território. Mas também a sua presença é notada enquanto uma estratégia formativa subordinada aos interesses do capital, como destaca as autoras, Shiroma, Moraes e Evangelista (2002, p. 68) uma vez que, a Alternância está presente entre as recomendações de caráter neoliberal dos organismos internacionais como “uma proposição bastante forte é a de que o ensino secundário realize a alternância entre formação e trabalho, ou seja, que períodos de formação possam ser alternados com períodos de trabalho” (*idem*).

Por outro lado, Ribeiro (2008) aponta que na análise da “Pedagogia da Alternância, tanto na Europa quanto no Brasil, é possível captar, nas práticas/concepções dos sujeitos políticos coletivos, a existência de projetos sociais e educacionais em disputa” (p. 14). Para a autora a Pedagogia da Alternância pode apontar para um novo tipo de relação trabalho-educação, que tem como base a cooperação e a autogestão<sup>18</sup>.

Também pode significar formas de controle das tensões sociais, como a possibilidade de estimular a permanência no território, ou ainda, mascarar o desemprego, alternando educação profissional e estágio remunerado por meio de políticas de parceria com empresas privadas que se tornam agentes de formação, nesse caso, fica a dúvida quem vai orientar a formação nessa situação, a empresa ou o centro de formação?

Ainda para esta autora, mesmo no interior dos movimentos sociais do campo a formação por Alternância se coloca sob tensão. Para ela a Pedagogia da Alternância é objeto de divergências teóricas, especialmente metodológicas, tal como se apresenta em diferentes experiências, como das EFAs, das CFRs, da FUNDEP e do ITERRA.

No caso da CEPE, evolução e disputam se revelam em alguns fatores por ser uma escola pública municipal, não vinculada diretamente aos sindicatos e aos movimentos sociais, que se vincula à Pedagogia da Alternância como sua forma de organização. Reconhece e utiliza os princípios de formação para o trabalho e a necessidade de participação das famílias, no entanto desenvolve uma prática, diria, alheia ao princípio da participação coletiva e do desenvolvimento do território, trazendo seu foco para o individual.

O Plano pedagógico como o conjunto de documentos que reúne os objetivos, as metas e as estratégias de uma instituição escolar, deve apresentar uma espécie de carta de intenção com a sociedade, indicando a sua relevância dentro do espaço, de tempo e território, que

---

<sup>18</sup> Desenvolvo mais sobre esse assunto no artigo “A FORMAÇÃO POR ALTERNÂNCIA COMO ESTRATÉGIA DE INTEGRAÇÃO DE SABERES: uma proposta em movimento e em disputa”, de minha autoria com Ronaldo Araujo, ainda não publicado.

pretende atuar. São documentos que reúnem desde as concepções filosóficas até as estratégias que a escola deverá realizar para alcançar os seus objetivos. Nesse sentido, o plano pedagógico que me refiro são os documentos da escola que dizem respeito à organização curricular, os temas geradores, os planos de estudos, os componentes do currículo, o projeto político da escola etc. São documentos que devem apresentar as bases de ação, as perspectivas orientadoras da escola, entre outras coisas.

A partir da análise desse conjunto de documentos foi possível inferir que a Pedagogia da Alternância aparece citada em vários documentos da Escola da Pesca, mas apenas no Projeto Político Pedagógico ela foi conceituada, dando destaque para a sua organização em dois tempos e espaços e a contribuição disso para os sujeitos que dela participam. Por meio do que está escrito no plano, foi possível inferir também que essa foi a forma de organização eleita pela escola, apoiada ainda pela Educação de Jovens e adultos, os documentos indicam que são modalidades e organizações mais compatíveis com os seus objetivos.

Uma vez que a Escola da Pesca é uma inspiração na Casa Escola do Mar, que se baseia na Alternância, a sua utilização era esperada. No entanto, deveria ter sido sustentada com mais precisão na teoria e na prática. No projeto político pedagógico da CEPE, são indicados a origem e um pouco da história da Pedagogia da Alternância, alguns elementos como o projeto de vida do aluno e o plano de estudo, falta aprofundamento e direção dessas ações, inclusive um diálogo mais encorpado sobre a Alternância, o trabalho com a pesca, a participação das famílias etc.

Quando comparei o projeto da CEPE com o projeto político da Casa Familiar Rural de Gurupá, na ilha do Marajó (MAGALHÃES, 2009; COSTA, 2019; ARAUJO E WEYL, 2015), observei que em Gurupá a utilização da Pedagogia da Alternância está visceralmente ligada a um projeto de mudança no território e de melhoria da qualidade de vida, os quais precisam da escola e acabam por determinar a sua função. “É tarefa da escola melhorar a vida das pessoas” (ARAUJO E WEYL, 2015, s.p).

Na CFR de Gurupá, a Pedagogia da Alternância não foi reduzida a uma forma de organização, ela se tornou um instrumento, a base orientadora, eu diria até um princípio pedagógico, objetivando a emancipação, o desenvolvimento dos sujeitos, tomando as atividades produtivas desenvolvidas no território e o trabalho como base do conteúdo escolar.

Agora, uma das problemáticas enfrentadas pela Pedagogia da Alternância no Brasil é a busca de um princípio norteador, capaz de identificar essa prática, de dotá-la de autonomia e identificação inconfundível. É até curioso, como neste tópico falo de duas escolas que trabalham com a Pedagogia da Alternância, e destaco como elas são diferentes.

É possível presumir que diversas práticas escolares e não-escolares são realizadas e recebem o nome de Alternância, não teria como, apenas por meio de vias autoritárias, implementar a mesma Alternância sempre, a mesma realizada desde 1935, sendo apenas reproduzida. A Pedagogia da Alternância desenvolvida na Casa Escola da Pesca é parte do movimento e evolução dessa pedagogia, revela seus diferentes usos, valores e ações atribuídos e principalmente como ela está sendo disputada em diversos campos.

Em minha análise consegui identificar alguns pontos que conduzem a prática da Pedagogia da Alternância na Casa Escola da Pesca, são pontos que me levaram a afirmar que essa prática se aproxima muito do que uma escola técnica regular faria ou revelam uma compreensão incompleta sobre a Alternância. Embora eu afirme que a CEPE teve uma contribuição positiva na vida daqueles sujeitos, não posso fugir dos pontos que considero, prejudicam a plena prática da Pedagogia a Alternância.

A escola determinava todas as suas principais ações, desde os temas geradores para os períodos de alternância, revelando o pouco protagonismo da comunidade. As famílias participavam como um elemento validador da condição “ser pescador” semelhante ao papel do sindicato, que deveria emitir um documento para comprovar que o pai ou alguém da família do estudante trabalhava com a pesca e assim garantir a vaga na escola. A comunidade também tem pouca participação ou envolvimento com as tomadas de decisões da escola, sua participação acontecia em momentos pontuais, como na cobrança sobre o aprendizado dos filhos, por exemplo.

Foi possível perceber também que o direcionamento da CEPE estava mais voltado para a produção industrial, do que para a produção familiar, isso acabou por afastar as famílias e comunidades da escola, uma vez que o foco de desenvolvimento principal não era eles, mas a promoção do emprego. O empreendedorismo e o associativismo poderiam ter se tornados elementos fortalecedores dessa relação, não o empreendedorismo individualista de palestra motivacional, mas em seu sentido lato, de trazer novidades e em pensar novas atividades para a região.

O foco na demanda para o mercado do trabalho direcionou a prática da escola principalmente para o desenvolvimento de habilidades, conhecimento de técnicas e instrumentos, a visão reduzida do trabalho como o emprego assalariado foi prejudicial nesse sentido, não promoveu a permanência nas ilhas, ao contrário provocou a saída desses sujeitos.

A tarefa da Casa Escola da Pesca era hercúlia, mesmo se a gente considera a experiência acumulada pela Fundação Escola Bosque, seria necessária uma estrutura pedagógica, humana e disposição financeira bem grande, além do que foi estabelecido, a função era enorme, deveria

promover a formação dos anos finais por meio da modalidade da Educação de Jovens e Adultos, formação em tempo integral, mediada pela Pedagogia da Alternância e a formação inicial em pesca e aquicultura. Não formou melhores pescadores, mas formou melhores pessoas.

## **CAPÍTULO 4 FONTES VIVAS: RECURSOS DE INFORMAÇÃO E INSPIRAÇÃO**

Assim como os documentos foram importantes fontes para a construção desse trabalho, foram as entrevistas. Por meio delas pude elaborar boa parte das argumentações e do diálogo com a teoria, e conhecer através das vozes dos sujeitos que participaram desde a gestação dessa ideia, do desenvolvimento do projeto e aqueles que viveram esse projeto, os alunos egressos. Foi recorrendo às entrevistas que foi possível organizar os capítulos, desenvolver os tópicos e inclusive elaborar o título da tese. As entrevistas não foram uma ajuda, foram duplamente fonte, fonte de conhecimento, informação e fonte de inspiração.

Neste capítulo apresento os principais trechos das entrevistas realizadas com as pessoas que participaram no processo de criação e instalação da Casa Escola da Pesca e com os alunos egressos da escola. A intenção era que as entrevistas se tornassem parte do trabalho e não apenas parte do apêndice, embora a versão completa das entrevistas esteja lá, por isso o título do capítulo faz essa referência.

A análise de fontes vivas permitiu retratar o clima político que favoreceu a criação da Casa Escola da Pesca, as intenções subjacentes ao projeto e o processo de criação. Por exemplo, foi apenas ouvindo os elaboradores do projeto que pude entender que, inicialmente, os moradores das ilhas foram ouvidos, para tentar conhecer e tentar traduzir as suas intenções no futuro projeto, contudo, esse fato fica apenas pressuposto nos documentos. Foram as entrevistas que me permitiram compreender melhor a sua participação.

Ouvir os egressos também foi muito especial, eles revelaram as suas impressões, as suas vontades, os seus projetos pessoais e a forma como a Escola da Pesca marcaram suas vidas. Eles me ajudaram muito, sou grata a todos. Nesse sentido, foi dada a ênfase em compreender a origem familiar dos egressos e a sua vida depois da escola da pesca. Foram convidados a participar ex-funcionários da Secretaria Municipal de Educação de Belém, professores e ex-diretores da Escola da Pesca e da FUNBOSQUE.

### **As entrevistas – Fontes vivas**

A forma de trabalhar com as entrevistas foi inspirada no livro do professor Paolo Nosella e da professora Ester Buffa, *Entrevista com a Educação Brasileira* (2019), que por sua vez foi inspirado no livro *Intervista com la storia* (1973), da escritora italiana Oriana Fallaci. Na obra brasileira, Nosella e Buffa apresentam uma série de entrevistas, realizadas entre os anos de 1985

e 1988, com alguns intelectuais que ajudam pensar a educação brasileira de diferentes campos políticos, como Paulo Freire, Jarbas Passarinho e Florestan Fernandes.

Para os autores, a grande riqueza e contribuição do livro é apresentar as diferentes posições acerca da educação brasileira. Pessoalmente, Nosella defende que as fontes vivas são extremamente ricas para a construção da pesquisa, especialmente em pesquisas sobre instituições escolares, pois elas podem oferecer um panorama sobre a forma como as pessoas veem determinada Instituição, são carregadas de pontos de vistas sobre o objeto estudado e isso enriquece o trabalho produzido.

Seguindo essa orientação procurei estruturar as entrevistas da tese inspirada na forma apresentada no livro de Nosella e Buffa. Com uma breve apresentação do entrevistado, a descrição sobre as condições da realização da entrevista e em seguida os diálogos.

Para realizar essas entrevistas estava munida de um roteiro e um aparelho celular com gravador. Em seguida, com o material gravado fiz a transcrição para o documento, primeiramente em uma versão completa a qual chamei de "versão bruta", que continha todos os vícios de linguagem, todas as formas de falar e as divagações dos entrevistados. A segunda versão, que chamei de versão editada (se encontra nos apêndices) é uma versão corrigida e completa da entrevista, com uma pequena introdução sobre os entrevistados e sobre as condições em que a entrevista aconteceu.

O modelo adotado foi o da entrevista semiestruturada. Toda a conversa foi orientada por um roteiro de perguntas. Uma entrevista semiestruturada é aquela que convida o entrevistado a falar sobre determinado assunto, de interesse do pesquisador, seguindo o roteiro e as questões específicas relacionadas aos objetivos. Durante a realização da entrevista procurei deixar os entrevistados à vontade, sem interrompê-los, estimulando que eles falassem, mas direcionando a conversa.

Algumas entrevistas tiveram que ser realizadas por meio de videoconferência e chamadas de celular por conta da pandemia do novo Coronavírus. Além disso, alguns dos egressos da Casa Escola da Pesca vivem hoje em outros estados brasileiros e a nossa forma de comunicação foi virtual. As entrevistas foram conduzidas por roteiros com estruturas parecidas, mas com perguntas direcionadas para cada grupo.

Foram realizadas 4 entrevistas com os sujeitos que participaram diretamente da elaboração do projeto da Casa Escola da Pesca, o economista Rosivaldo Batista, a professora Therezinha da Mota Gueiros, a professora Mary Jose Pereira, o professor Neubervan Ribeiro, e a professora Edilzane Almeida Corrêa. Essas pessoas falaram sobre o processo de criação da

escola, desde a sua ideia inicial até o momento da inauguração, com o início das suas atividades. Mas não só isso, falaram ainda sobre a sua formação escolar, sobre a sua relação com a escola atualmente e a forma como veem a Casa Escola da Pesca. A professora Fátima Seabra, a então diretora da escola, no período de coleta de dados, me recebia na escola, me deu acesso aos documentos da escola e me explicava a sua organização. Foi a responsável pelo meu contato com alguns dos alunos entrevistados.

Além destes, foram entrevistados 5 alunos egressos da Casa Escola da Pesca, da primeira e da segunda turma. Eles concluíram o Ensino Fundamental e o curso de Formação Inicial em Pesca e Aquicultura entre os anos de 2008 e 2014. Devo reafirmar que foi um dos momentos mais interessantes do percurso da pesquisa, as perguntas direcionadas aos egressos tiveram o objetivo de caracterizar a sua trajetória de vida, a sua origem familiar, a experiência na escola, reviver algumas lembranças desse período e saber como eles vivem hoje em dia e os caminhos que seguiram depois de passar pela Escola da Pesca.

Os cinco entrevistados do primeiro grupo, que participaram do processo de criação e instalação da escola foram escolhidos para participar da pesquisa porque seus nomes estavam registrados nos documentos de criação da escola, eles foram personagens importantes e estavam integralmente envolvidos desde a escritura do projeto, a criação da escola e os primeiros anos. Já os alunos-egressos foram escolhidos por meio da indicação da professora Edilzani e da professora Fátima, elas ainda mantinham contato com eles e puderam fazer a conexão entre mim e eles.

Ouvi-los era muito importante, eles estavam na cidade de Belém e estavam disponíveis para participar. Entrar em contato com eles foi simples, logo em seguida eles foram convidados a participar da pesquisa, informados dos objetivos e da dinâmica de realização das entrevistas. E eu fui ao encontro deles, algumas entrevistas ocorreram antes da pandemia do novo Coronavírus, o que permitiu um encontro presencial, entretanto, outras precisaram ser realizadas de forma virtual.

As entrevistas foram organizadas em três tópicos, o primeiro “os idealizadores da escola”, o segundo “os elaboradores e realizadores do projeto” e o terceiro que chamei de “perfil alcançado”, como uma forma de fazer referência à ideia do “perfil desejado” presente nos projetos escolares. Ressalto, que aqui as entrevistas foram organizadas para dar destaque aos objetivos de cada tópico, assim eles já fazem parte da estrutura existente da tese.



## **Os idealizadores da escola**

### **Professora Therezinha da Mota Gueiros e Senhor Rosivaldo Batista – da ideia à realização**

Therezinha da Mota Gueiros é uma figura muito importante na Educação do Estado do Pará e do município de Belém. Nasceu em Santarém, sudoeste do estado, estudou Pedagogia pela então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras num casarão localizado na Avenida Generalíssimo Deodoro, no centro de Belém, mais tarde essa faculdade se tornaria um Instituto da Universidade Federal do Pará, onde ela foi a diretora na década de 1980. Se dedicou aos estudos da Filosofia da Educação, em um período que segundo ela no Brasil, os livros sobre filosofia eram todos em francês e inglês e ela precisava importar essas leituras. Participou junto com o professor da UFPa, Benedito Nunes, de um grupo de estudos sobre filosofia e foi uma das responsáveis pela inclusão da disciplina "Introdução à filosofia" no ciclo básico dos cursos de formação de professores da nossa Universidade Federal.

Trabalhou como secretária de Educação do Estado do Pará no período de 1987 a 1991, enquanto seu esposo, Hélio Gueiros, foi governador do Estado. Nos anos de 1993 a 1997 Gueiros foi prefeito de Belém e Therezinha atuou como Secretária Municipal de Educação no mesmo período. Após oito anos longe da Secretaria Municipal de Educação retornou em 2005, na gestão de Duciomar Costa, onde ficou até 2013, como Secretária e Presidente da Fundação Escola Bosque. Em sua gestão como secretária tanto do estado como do município a professora Therezinha Gueiros, como é chamada e conhecida, foi responsável por projetos voltados para a Educação Infantil, formação de professores e Educação Ambiental, como a criação da Fundação Escola Bosque, pela criação do Instituto dos Educadores de Belém – ISEBE, pela obrigatoriedade do ensino da disciplina Educação Ambiental no currículo das escolas do município e ainda pela defesa da formação continuada de professores.

Algumas das pesquisas sobre a gestão da professora Therezinha na educação, consideram que ela pensa de forma elitista e restritiva, sempre para poucos. Ela se defende, dizendo que o que fez pela educação de Belém, fez pensando em todos, em ajudar a quem precisa e a fazer coisas com qualidades. De fato, tanto as escolas idealizadas por ela, como os projetos implementados, mesmo depois de terem sido concluídos ou esgotados, ainda permanecem na memória de muita gente e são temas de pesquisas e de debates.

A entrevista com a prof. Therezinha aconteceu na sua casa, na Avenida Almirante Barroso, em Belém. Uma linda casa bem no meio de uma das avenidas mais importantes e movimentadas da capital, como um belo jardim e bem arborizada. Ela me recebeu em sua sala de estar, de forma muito simpática e solícita, fez um questionário sobre mim e me informou

que ela havia convidado outra pessoa para participar da entrevista, pois segundo ela “eu (Therezinha) não participei da escrita desse projeto, ele apenas apareceu para mim e eu viabilizei o recurso.” A segunda pessoa era o senhor Rosivaldo Batista, que chegou alguns minutos depois de começarmos a conversa. Não hesitei em entrevistar os dois ao mesmo tempo, pois seria uma grande oportunidade de assistir os dois falando sobre a Casa Escola da Pesca.

O senhor Rosivaldo Batista nasceu em Alenquer, no Baixo Amazonas, formado em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Pará e especialista em Sistemas de Abastecimento Alimentar Urbano. Foi presidente das Centrais de Abastecimento do Pará - CEASA, presidente do Conselho Regional de Economia, também atua como professor do curso de Graduação em Ciências Econômicas da Universidade da Amazônia - UNAMA. Trabalhou na Secretaria Especial de Produção do Estado do Pará entre 2003 e 2006 na gestão do Governador Simão Jatene. Em seu trabalho na Secretaria Municipal de Educação de Belém trabalhou como assessor de assuntos econômicos e foi autor e fundador do projeto Casa Escola da Pesca. No momento de nossa entrevista, em 26 de agosto de 2019, ocupava o cargo de Secretário de Economia do município de Belém, na segunda gestão de Zenaldo Coutinho, entre 2017 e 2020.

No primeiro momento da entrevista estavam presentes apenas eu e a professora Therezinha. Conversamos sobre a sua formação e o trabalho que ela desenvolveu nas suas gestões como Secretária de Educação do estado e do Município. A segunda parte já apresenta a entrevista com o Sr. Rosivaldo e a professora Therezinha.

### **Sobre a criação da Casa Escola da Pesca**

**Luciane:** *Como surgiu a ideia da Casa Escola da Pesca?*

**Rosivaldo** – Eu era diretor de Pesca e Aquicultura da Secretaria de Aquicultura do Estado do Pará e viajando para o Estado de Santa Catarina, tinha uma experiência que achei bem interessante lá, que era Casa do Mar, eu fui visitar a escola de São Francisco do Sul. E eu sinceramente achei muito interessante, porque no governo (municipal) anterior do doutor Hélio nós tínhamos começado a trabalhar a questão da pesca, e eu sempre achei muito interessante a questão de a gente dar apoio à pesca, que é uma população muito sacrificada, e tem muita dificuldade. “Poxa que projeto interessante”, quando retornei, para cá (para Belém), eu ainda era servidor do Estado, eu era Diretor da Pesca e Aquicultura, o governador era o Jatene, nós tivemos umas conversas com a Seduc sobre a criação de uma escola de pesca que serviria de

projeto piloto no Estado do Pará, onde tem um potencial pesqueiro. E o município escolhido, naquela época quando eu estava no Estado, foi o município de Vigia. Porque realmente é um dos municípios que mais manda pescado aqui para Belém e inclusive para fora do Estado do Pará. Infelizmente, não vou entrar em detalhes, não avançou. Terminou o governo do Jatene (Simão Jatene -PSDB), paralisou, foi então que eu peguei aquele projeto e disse: professora (prof. Therezinha Gueiros) está aqui um projeto, que era para ser lançado no Estado do Pará, mas infelizmente não avançou, já era outro governo, dê uma olhada, acredito que poderíamos fazer um projeto semelhante no município de Belém. Por que o município de Belém? Por que Belém tem uma coisa interessante, a área continental, que é Belém e Icoaraci, e tem a área insular, são 42 ilhas, uns falam que são 38, outros 42, é um dado divergente isso. Mas, existem ilhas, existe uma população de filhos de pescadores, que a gente poderia realmente implantar. Então ela (a professora Therezinha Gueiros) leu o projeto e depois voltamos a conversar, eu fiquei muito alegre e satisfeito porque ela disse: “Rosivaldo, vamos tocar, vamos fazer o projeto”. Ela tem uma visão de futuro, na questão da educação, vamos fazer a escola de pesca. Onde vai ser? Eu acho que o local ideal seria o Icoaraci, por quê? Porque Icoaraci tem ali a Indústria da Pesca, fica ali na rodovia Arthur Bernardes, então fica uma boa localização, mas, procuramos vários terrenos lá, olhamos vários locais, e não conseguimos, de fato, uma localização boa. Vamos fazer justiça a professora Rita Nery, falecida professora Rita Neri, “tem um local que poderiam analisar” e nós fomos ver esse local, que era de um funcionário do Banco do Povo, o sr. João Arroio, e fomos olhar o terreno, eu gostei.

**Luciane:** *É o mesmo local que a escola está hoje?*

**Rosivaldo:** Sim, já tinha um local lá que funcionava normalmente, uma atividade para as pessoas da escola. Foi quando realmente nós começamos a pensar de fato, em implantar ali, em Outeiro, também é muito bom, é um local muito agradável, fica próximo da Escola Bosque, Em seguida, retornei ao terreno com a professora Terezinha e ela “bateu o martelo”, vamos começar por aí, exatamente, a implantar a escola de pesca. É um modelo bem interessante, porque a gente entende que é uma coisa que se diz o seguinte, e sempre observei isso: todos os documentos que existem da pesca no Estado do Pará e nesses eventos que tem a nível municipal, a nível estadual, e a nível nacional, eles pediam uma escola de pesca, as entidades, as Colônias de pescadores, Sindicato dos pescadores, Associações etc., eles queriam uma escola de pesca.

**Luciane:** *Era uma reivindicação dessa classe?*

**Rosivaldo:** Uma reivindicação. Está inclusive no Plano Nacional da Pesca. Nós procuramos fazer uma aliança. Primeiro trouxemos para o nosso lado a Federação dos

Pescadores do Estado do Pará, Orlando Lobato (o então presidente da Federação), veio para o nosso lado, fomos também tratar essa questão com as Colônias de pescadores, a de Icoaraci, trouxemos para o nosso lado, fomos também com a Marinha do Brasil. Então nós fizemos uma aliança, bem elaborada, para que a escola nascesse com uma visão bem diferente, uma coisa que pudesse realmente deslanchar e servir de exemplo para o Estado do Pará. A única escola de pesca da região Norte, e começamos a trabalhar. A professora Therezinha, me deu carta branca, e umas facadas (se referindo às suas exigências).

**Terezinha:** É meu jeito, se eu aprovo... acho que é uma questão de racionalidade, se o projeto é bom, se a gente tem condição de fazer, tem que fazer direito, tem que dar as condições para que aquilo aconteça. Só isso.

**Rosivaldo:** E começou, fizemos uma nova reforma. Começou uma estruturação da infraestrutura. Primeiro, se pensou naquela escola a Pedagogia da Alternância, os alunos passavam 15 dias na escola, 15 dias com sua família, tinha todo um Projeto Pedagógico.

**Luciane:** *Essa parte também foi inspirada na Escola de Santa Catarina?*

**Rosivaldo:** Sim, exatamente, foi de lá. São Francisco do Sul. E então começamos a trabalhar nessa escola. Sem dúvida alguma no momento foi difícil, porque era uma coisa diferente, começamos a formular, a gente deve muito a professora Rita Nery na parte pedagógica, ela treinou os professores lá, deu aula, acompanhou pedagogicamente, e fomos avançando. Tem que ter uma estrutura também, por exemplo, quando começou, tinha só uma sala, depois fez um equipamento, aliás, uma sala de aula melhor, com auditório. Tinha dormitórios.

**Terezinha:** Tinha que hospedar os alunos também, aquela coisa da Alternância...

**Rosivaldo:** Isso, tinha dormitórios...

**Luciane:** *A primeira turma foi só de meninos?*

**Rosivaldo:** Só de meninos, entendeu? Isso também... Em São Francisco do Sul foi assim que eles começaram. Não é fácil. Dá dor de cabeça, um monitor tinha que dormir lá... Então tem todo esse trabalho. Esse outro daqui a gente vendia a ideia da Escola da Pesca, como funcionava. E depois nós fizemos um projeto com o Japão, com o governo do Japão, foi bem interessante, onde eles financiaram uma série de equipamentos para as aulas práticas, como o eco sonda, GPS, lancha, trapiche, um trapiche bem reformado. Então cada mês foi avançando sem dúvida. O treinamento dos alunos, era na fazenda (da UFRA), a gente levava os alunos para ver como é que funciona a piscicultura, eles iam numa fazenda, dormiam lá, iam todos os professores para lá, um carro levava os alunos, aprendiam lá como fazer a piscicultura na

prática. Fizemos uma visita a Terra Alta (município do Pará), ver o trabalho desenvolvido. Fomos visitar também a estação de Terra Alta, a estação da uva. Então tinha todo um trabalho com eles.

**Rosivaldo:** Também tinha o curso formação de condutores aquáticos. Então foi um trabalho que avançou bastante. A minha expectativa era como foi em São Paulo. Em São Paulo eles começaram com uma escola de marinheiros e hoje eles têm o Instituto da Pesca do estado. A ideia era crescer e se transformar num Instituto Municipal da Pesca e Aquicultura do município de Belém, essa era a minha expectativa. Mas, avançamos, deixamos algo muito importante lá, tanto que muita gente visita lá, fiquei surpreso na última vez que estive lá.

**Luciane:** *O que vocês esperavam resolver com a criação da Escola da Pesca?*

**Rosivaldo:** A ideia, primeiro, era a inclusão social. Isso, sem dúvida alguma, inclui esses jovens no processo da educação e do conhecimento.

**Terezinha:** Pelo que a gente sabia, não sei se eu estou exagerando, mas a meninada, filhos de pescadores, muitos atravessavam para cá para Belém e ficavam na rua, com todos os riscos que têm a meninada na rua, de drogas e essas coisas todas. E era uma maneira também de salvar essa população, crianças e adolescentes, dando para eles alguma coisa séria e que poderia beneficiar não apenas a eles, mas a família deles também.

**Rosivaldo:** Exatamente. Eles eram treinados, muitos deles já iam para o supermercado, saiam de lá com o (curso) técnico, já iam para trabalhar. Outros realmente avançaram, outros que passaram inclusive num curso de pesca marinha. Então essa questão, de inclusão social e, além disso, evoluir no conhecimento deles, esse era realmente o grande diferencial dessa escola, ou seja, uma população que estava esquecida, montamos uma escola nesse sentido, que se oferecesse conhecimento e inclusão social. Eu acho que foi um avanço muito grande. Muitas indústrias de pesca ajudaram, por exemplo, a do Ecomar, que fica no município de Vigia, toda a semana ela mandava peixe para lá para os alunos.

### **Desenvolvimento e implementação do projeto**

**Therezinha:** Eu me lembro quando eu fiz a escola Bosque, eu não vou nem falar o nome porque, enfim, “Ah, mas tem que ser uma faculdade”, eu digo: “não, não tem que ser uma faculdade coisa nenhuma”. É como se você não pudesse trabalhar num certo nível, tem sempre que inventar outra coisa, mesmo que não dê conta, mesmo que seja irracional, porque se eu tenho uma escola de nível médio, e se a Escola da Pesca está dentro da Escola Bosque, como é que eu vou ter dois níveis médio?

**Rosivaldo:** é uma questão da estrutura... Que eu sempre falei, defendi, é isso. A Escola da Pesca ela teria, ela tem necessidade de se livrar da Fundação Escola Bosque.

**Therezinha:** Ah, de ter autonomia?!

**Rosivaldo:** Sim, dar autonomia. Chegou lá um presidente da Fundação, o cara era terrível, entendeu. Começou a prejudicar, e não repassar mais recursos de manutenção da escola da Pesca. Talvez, por esse aspecto, seja necessário que ela realmente crie asas e se torne independente da Fundação Escola Bosque, sabe. Porque, interessante, talvez, ela tenha muito mais charme, porque envolve a pesca, uma atividade extremamente importante no Pará, é o nosso símbolo também. Talvez com isso ela crescesse, minha ideia é que voltasse a ser, no futuro, o Instituto Municipal de Pesca e Aquicultura de Belém.

**Therezinha:** Pois é, mas como fazer isso?

**Rosivaldo:** A ideia é essa, chegar a essa perspectiva. Porque eu vi o instituto de São Paulo, eles começaram com uma escola pequena, se não me engano era a Casa do Marinheiro, e cresceram, cresceram, cresceram... hoje, o Instituto de Pesca de São Paulo é impressionante a qualidade, o conhecimento, a técnica que eles têm.

**Therezinha:** Você planta uma semente, uma boa estrutura para começo, tudo muito sério, é só seguir e você não consegue..., mas pelo menos está funcionando.

**Rosivaldo:** Um dia eu falei sobre a Escola de Pesca, eu acho que era algo para ser replicado em vários municípios do Estado do Pará. Santa Catarina, eles têm uma rede lá, em Vigia, Marabá... Teria que ter. Porque quando você pega aquela escola tradicional, aquele instituto, não funciona para filho de pescador. Tem que ser um ambiente muito próximo deles, como é a escola da pesca. Essa era realmente a visão que nós tínhamos. Então, eu acho que quando nós saímos de lá, muitos jovens se formaram e muitos deles foram absorvidos no mercado de trabalho, eu acho que é uma expectativa... visitei muita casa dos alunos, eu ficava triste de ver as casas, naquelas ilhas lá.

**Luciane:** *Isso se integrava para formar um pescador qualificado, não era só um pescador.*

**Rosivaldo:** Quando o governo do Japão financiou a embarcação, financiou Ecosonda, GPS, era para isso, para que os alunos aprendessem na prática. Então já era conhecimentos técnicos, para ele poder realmente trabalhar. Então, se ele, no empreendedorismo, no caso da tecnologia do pescado, aquele laboratório é para tecnologia do pescado, aprender a fazer aquilo que você falou e, no outro caso, ser um patrão de pesca, ser um pescador. Eu fiquei impressionado. Lá na Doca do Ver o peso que tem patrão de pesca que às vezes são até

balanceiro, são atacadistas, os caras têm casas em Miami. Olha só... porque a pesca movimenta muito dinheiro, muito dinheiro, e coitado, desses pescadores

**Terezinha:** Eu estava falando para ela que a tua intenção naquele tempo foi a criação do terminal pesqueiro, nós estávamos sempre tentando proteger o humilde pescador. Porque essas grandes empresas de pesca não precisam da gente.

**Luciane:** *Professor Rosivaldo, eu queria entender: no momento em que vocês pensavam, que o senhor pensou nesse projeto, foi a partir de uma visita, em Santa Catarina, e aqui, no Pará, a condição para criar uma escola assim era favorável?*

**Rosivaldo:** Favorável, muito favorável.

**Luciane:** *Tem a questão da educação ambiental, também. Então, eu queria que o senhor comentasse.*

**Rosivaldo:** Todas as plenárias que eu participei...

**Terezinha:** Plenárias com quem?

**Rosivaldo:** Pescadores. Do Sindicato...

**Luciane:** *E o senhor fazia essas plenárias por conta do seu cargo na (14'31 palavra incompreensível)?*

**Rosivaldo:** Não, não, são plenárias que surgiram da base deles lá. Eu era convidado, ia, e depois estava lá. Uma das reivindicações deles: Escola da Pesca.

**Rosivaldo:** Escola da Pesca. Não era qualquer escola, Escola da Pesca. Então, tanto a nível nacional, tanto a nível estadual, quanto a nível municipal, todos eles tinham essa reivindicação, Escola da Pesca. Então não foi, como a professora falou, não foi um arranjo, entendeu, foi tudo trabalhado, foi observado, foi realmente... é aquilo que eu sempre falo: às vezes não precisa mais estar fazendo diagnóstico, os diagnósticos estão aí. Se você pegar os trabalhos que têm do Sebrae, está lá. Necessidade de uma Escola de Pesca. Então colocar em prática, o que tem que fazer, e isso que nós fizemos. Ou seja, perceber uma necessidade, e, nós vamos partir botar a Escola de Pesca.

**Luciane:** *E esse desejo por essa escola vinha deles?*

**Rosivaldo:** Exatamente, isso aí vinha deles lá. Não tem a Casa Familiar Rural? Uma necessidade que o agricultor pede. A gente pensou em fazer. Mas, é um modelo, não muito semelhante, mas, segue uma linha, ou seja, para atender filho de pescador, e para filho de agricultor. Só que filho de agricultor não tem o problema que tem o filho de pescador, que ele sai para pescar, com os pais, ao sair para pescar, ele não tem como frequentar aquela escola tradicional que tem aula todo o dia, não, ele passa 15 dias na Escola da Pesca, tendo aula, depois

faz a interrupção e vai para lá. Outro detalhe que nós tínhamos lá, não sei se está ainda hoje lá, nós tínhamos monitores que frequentavam a casa dos alunos para saber se eles estavam realmente aplicando o conhecimento. Comunidade, tem isso também lá, tem foto, tem registro, tem tudo isso lá. Então foi uma coisa bem pensada, sabe?

**Luciane:** *Em relação a Pedagogia da Alternância, como foi que o senhor subsidiou o projeto?*

**Rosivaldo:** Esse foi o grande artifício, a professora Rita Neves.

**Rosivaldo:** A pesca era uma atividade que devia ser muito mais bem explorada racionalmente, que é uma atividade com bastante sustentabilidade.

(19'52'' diálogos soltos sobre outros temas)

**Therezinha:** Você tem que ser capaz de ver que tem um problema humano também, ali. Eu tenho moral para falar essas coisas porque eu fiz a Escola Bosque, então ninguém é mais interessado em questões ambientais do que eu. Mas eu não posso também isolar a floresta como um ente intocável e esquecer que ali tem um monte de gente, milhões de pessoas, com uma vida totalmente miserável. Para fazer isso, nós temos que colocar todos os problemas na mesa, olha, tem isso, como nós vamos fazer? O agronegócio acabou fazendo por exigências externas, tem que fazer senão ninguém compra mesmo, então o agronegócio é uma coisa mais ou menos já a parte ali, e essa confusão não tem a ver com eles. Mas, enfim, a gente não pode colocar o problema porque não pode falar certas coisas. A mineração está disseminada dentro da Selva, mas ninguém pode falar.

**Rosivaldo:** O índio não pode fazer a mineração.

**Therezinha:** Se falar vamos ver como disciplinar isso, como regularizar, como fazer, para gente ter o controle da sustentabilidade, não vai falar. Então não pode falar da situação dos ribeirinhos, não pode falar que estão contrabandeando todos os nossos minerais, que a Amazônia é muito rica nisso, está saindo tudo de contrabando, os que pagam imposto é uma besteirinha assim, e não se pode dizer que isso é um problema, e é. Então o grande problema do Brasil é: como desenvolver, sem destruir. Mas para isso temos que discutir os problemas que já estão colocados e o que está efetivamente acontecendo, que são coisas horrorosas que estão acontecendo e fazem de conta que não está acontecendo, como essa questão da mineração, está acontecendo.

**Rosivaldo:** Existe uma dicotomia interessante, no Estado de Santa Catarina, 70% é pesca industrial, e 30% é pesca artesanal. E é um Estado com alta qualidade de vida. Aqui é o inverso: 70% é artesanal e 30% é industrial. Agora, tem artesanal, hoje, que tem barcos



grandíssimos, não dá nem para dizer que são artesanais. Eu vi um agora na Semana Santa, o cara colocou lá uma geleira, uma geleira enorme encostada no (23'13'' palavra incompreensível). Os barcos ditos artesanais colocando lá. Então hoje o Estado do Pará, ela perdeu, hoje não tem nem estatística mais sobre pesca. (23'27'' trecho incompreensível). Como que você vai pensar numa questão sobre isso se não tem estatística? Qual é a nossa estatística? A gente chuta um número hoje, quando eu acompanhava eu sabia, que realmente nós rivalizávamos com Santa Catarina, porque Santa Catarina tem uma grande produção de sardinha, isso dá um pique lá para cima, então eles eram os primeiros, nós éramos os segundo, depois saía a safra da sardinha, Pará para cima primeiro, segundo. Mas sempre uma questão da pesca artesanal, agora, o que é triste, era isso, é que o pai pegou do avô a mesma técnica de pescar, ele vai passar pro filho dele, o filho dele passar para o outro filho dele, colava conhecimento, quer dizer, um dos objetivos da escola da pesca era romper um pouco com isso, ou seja, dar conhecimento. Quem sabe esse cara possa ser um aquicultor, que começa a ficar difícil pegar peixe aqui nessa região do (24'23'' palavras incompreensíveis) criar peixe, por isso que eles tinham aula de piscicultura, de carcinicultura, criar viveiros lá para ele aprender a ser um piscicultor. Eu conheci um piscicultor lá em Castanhal, fui visitar a propriedade dele, eu fiquei impressionado, sabe quanto ele faturava por ano? 10 milhões de reais. 10 milhões de reais. Quando ele chegava na Semana Santa (24'48'' palavras soltas e incompreensíveis). O tal do empreendedorismo, técnica, conhecimento da pessoa, então essa tem que ser uma das funções da Escola da Pesca, ou seja, preparar, esse jovem, lá, para um futuro de conhecimento e inclusão.

**Therezinha:** Tem uma expressão... abrir os horizontes. Mostrar para eles que eles não precisam ficar naquela mesmice, que gera miséria para vida dele, mesmo sendo artesanal, pode ser melhor, e até deixar de ser se for o caso.

**Rosivaldo:** Nós os levamos lá, os professores, levaram para visitarem a Doca do Ver o Peso, tem foto deles andando por lá, pesquisando, Indústria da Pesca... Uma vez um aluno me fez uma pergunta. Tem muita indústria da pesca aqui, poluidora do meio ambiente, quantidade de peixe passando assim... um aluno: “isso não é errado?”, “é errado sim”, ao invés de aproveitar, isso é um erro nosso aqui no Estado do Pará, somos ricos na pesca, mas não aproveitamos nada.

**Therezinha:** É uma tristeza, e com todas as ignorâncias do chefe lá, mas enfim... Somos ricos e ficamos pobres porque não fazemos o básico nas áreas, que tem que ser feito. No caso

da pesca, que é uma riqueza, poderíamos estar em uma outra situação em relação a isso, e não estamos por quê?

**Rosivaldo:** Quem criou a Secretaria de Pesca no Estado do Pará foi a Ana Julia,<sup>19</sup> ela colocou logo uma pessoa que não tinha identidade nenhuma com a pesca. Assim começou a morte de uma secretaria importante, com uma atividade importante no Estado do Pará. A nível federal, colocaram o Márcio Crivella, ele mesmo disse: “eu não entendo nada de pesca”. Quer dizer, esse é um problema sério, você tem que ter uma pessoa que conheça para poder realmente fazer esse trabalho. Eu sempre dou esse exemplo: por que a agricultura no Brasil, hoje, dá medo para França, dá medo para os Estados Unidos, e para esses países da Europa, por quê? Devemos isso a um Engenheiro Agrônomo, Alysson Paulinelli, quando ele foi Ministro da Agricultura que fundou a Embrapa, e a Embrapa revolucionou.

**Therezinha:** A Embrapa deu certo, parece que agora está meio... Aqueles muito preparados também vão saindo, tem que ter uma renovação no mesmo nível, se é uma coisa que deu certo no Brasil foi a Embrapa.

Sentimento em relação à Casa Escola da Pesca

**Rosivaldo:** Um troço que nós estamos atrasados é aquicultura. O Pará ele perde na aquicultura para o Estado do Amazonas, Rondônia, nós já estamos importando, do Mato Grosso, alevinos de Pirarucu, e o berço é aqui. Então, veja, aqui no Estado do Pará, um setor tão importante, acho que 120 mil pessoas estão envolvidas na área da pesca...

**Therezinha:** Então, a minha participação é assim, fiz a reforma lá na casa, depois nós fomos, construímos outros prédios, consegui uma parceria com os japoneses lá, através do Fernando Yamada. Para ajudar a fazer o trapiche, compramos uma lancha com esse dinheiro, fizemos o trapiche, lá. Estava ficando um lugar bem interessante. E os meninos eram selecionados, eles tinham que ter o fundamental básico, aquelas primeiras séries do fundamental, o compromisso era complementar o fundamental e, ao mesmo tempo, dar uma certa... um nível de profissionalização, inclusive para eles ajudarem os pais, que a gente pegava os filhos dos pescadores, e aquele modo antigo ainda, sem muito conhecimento, são todos muito pobres e uma série de coisas. E a ideia era justamente essa, proteger o pescador artesanal, porque ele é miserável economicamente, porque ele não tem como segurar o pescado e vender direto pro consumidor. Então, entre ele e o consumidor tem um atravessador que ganha todo o dinheiro. Então para que era o terminal pesqueiro, era para acolher a produção artesanal e limpar

---

<sup>19</sup> Governadora do Estado do Pará entre 2007 e 2011 pelo Partido dos Trabalhadores.

aquele negócio, botar no gelo e tudo, para eles próprios venderem, então isso comia a figura do atravessador e, já viu, esse pessoal têm força.

## **Os elaboradores e realizadores do projeto**

### **Mary Jose Almeida e Neubervan Ribeiro – a escrita do projeto**

Mary Jose Almeida Pereira nasceu no estado do Maranhão é formada em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará, onde também concluiu o mestrado e atualmente faz seu doutorado em Educação. Trabalha como técnica em Educação da Secretaria Municipal de Educação de Belém - SEMEC. Trabalhava como voluntária no Programa de Alfabetização de Jovens – Mova no período em que escreveu o projeto da Casa Escola da Pesca. As suas pesquisas envolvem principalmente a formação de professores e Políticas Educacionais. Neubervan Ribeiro Vieira também nasceu no estado do Maranhão, formado em Letras pela Universidade Federal do Pará. Trabalha como técnico na Secretaria Municipal de Educação e ainda hoje participa do programa de alfabetização de Jovens – MOVA.

Entre os anos de 2006 e 2007 os dois trabalhavam como voluntários no Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos Mova Paulo Freire, promovido pela SEMEC. Eles trabalhavam como formadores e coordenavam as ações desenvolvidas em diferentes escolas. Mary Jose era responsável pelas formações no Distrito de Icoaraci e Neubervan no bairro da Marambaia. Foi por meio desse trabalho que ambos se envolveram na produção do projeto da Casa Escola da Pesca.

Por conta do acaso fiquei sabendo da participação da Mary Jose e do Neubervan na construção desse projeto, porque seus nomes não aparecem em nenhum dos documentos de criação da escola. Eu conheço a Mary Jose, fizemos mestrado juntas e somos amigas. Falando sobre a minha pesquisa com ela, ela me surpreende dizendo "eu posso te ajudar! Eu e meu colega que fizemos o projeto". Naquela ocasião, em um dos corredores da Universidade Federal Fluminense no Rio de Janeiro, onde estava acontecendo a Reunião Nacional da ANPED, ela me explicou brevemente como foi a sua participação e ficamos de marcar uma entrevista.

Por uma série de problemas pessoais a nossa entrevista foi sendo adiada, e quando conseguimos encontrar uma data foi durante o período mais intenso da pandemia do novo Coronavírus em Belém. Impossibilitadas de nos encontrar pessoalmente, combinamos de realizar a entrevista por meio de uma videoconferência pelo *Google Meet*. Nos encontramos eu, Mary Jose e Neubervan, em uma animada conversa sobre como eles estiveram envolvidos na

construção do projeto da Casa Escola da Pesca e como se sentem ressentidos pelo não reconhecimento dessa participação. Na ocasião eles me enviaram a versão escrita do projeto produzida por eles.

### **Sobre a criação da Casa Escola da Pesca**

**Luciane:** *Como vocês se envolveram no projeto da Casa Escola da Pesca?*

**Neubervan:** encaramos o desafio, lembra Mary? "Quem aceita fazer um projeto?", foi assim que eles chegaram na sala onde estava acontecendo a nossa reunião. Eles (se referindo à SEMEC) tinham uma ideia e a ideia deles era: nós tínhamos um problema, existia um problema com a educação, que era o elevado nível de evasão escolar da população ribeirinha. Só que Luciane, é aquela situação, como que eu vou conhecer esse problema? Eu preciso ir lá! Então foi isso que nós fizemos, pesquisar porque isso estava acontecendo. Porque se isso estava acontecendo há muito tempo, isso vai direcionar uma ação, a pessoa precisa saber o porquê disso, qual o motivo, por isso que eu acho muito interessante essa questão do pesquisador, quando você vai lá e verifica essa realidade, isso para nós sempre foi muito bom, porque nós já fazíamos parte do MOVA<sup>20</sup> e o MOVA sempre trabalhou com pesquisa antropológica, sempre se ligou muito na história de vida das pessoas, e não foi muito difícil para gente, esse nosso contato com a comunidade foi muito mais prático, visitar os pescadores, conhecer o dia a dia deles, conhecer a realidade deles para entender um pouco, primeiro, não tem o que resume essa questão escolar, mas eu tenho que saber porque isso acontece, porque de repente você está prospectando somente ali na escola ou alguma coisa à título de política lá e o professor se virando, a SEMEC se virando, e a evasão sempre acontecendo.

**Luciane:** *Quem chegou oferecendo a função e por que vocês levantaram a mão primeiro?*

**Neuber:** é porque na verdade a gente aceitou o desafio, porque eles já estavam com esse problema da evasão escolar. Já estava com problema de evasão escolar na rede municipal, onde você tem uma equipe de vários coordenadores, que é uma coisa que nós trabalhávamos bastante, a questão da evasão, porque é muito grande, muito grande mesmo, e eu acho que hoje, muito do que foi feito pelo projeto, foi por conta disso, desse desafio que nos foi colocado. E nós sabíamos que entraríamos nesse movimento, que nós iríamos à casa dos alunos, nós íamos à comunidade. E isso foi interessante. E nós tínhamos também, claro, o Rosivaldo, que é o

---

<sup>20</sup> O Mova é o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos, criado por Paulo Freire em 1989. O Neubervan se refere ao projeto desenvolvido em Belém, no âmbito do projeto nacional "Brasil Alfabetizado".

administrador. Ele trouxe uma ideia que eu acho que ele, na verdade, queria administrar a Casa Escola da Pesca, a verdade era essa.

**Mary Jose:** Isso, era isso mesmo.

**Neuber:** Ele queria administrar algo que ele nem sabe se poderia funcionar, se iria funcionar...ele era administrador, Até hoje ele tem um cargo na administração da prefeitura.

**Luciane:** *Ele é Secretário de Finanças atualmente.*

**Mary Jose:** Ele queria isso.

**Neuber:** Ele não era educador, era político, é diferente. Ele era político, então ele teve uma ideia, tinha a possibilidade de administrar algo, mas alguém tinha que concretizar essa ideia para ele. E nós colocamos no papel, no caso a ideia da Escola da Pesca.

**Neuber:** E para mim foi uma satisfação muito grande conhecer aquelas pessoas e um pouco daquela realidade.

**Luciane:** *Então eles chegaram com uma ideia e um problema já instalado, e o que vocês fizeram a partir daí?*

**Neuber:** Do que eu me lembro, não se a Mary Jose vai lembrar alguma coisa, nós estávamos na reunião e ela pediu, se eu não estou enganado, no final da reunião, que ela precisava de um projeto para trabalhar com os filhos dos pescadores, ribeirinhos, por conta da grande evasão escolar, e para criar um projeto assim, se eu não estou enganado foi só nós dois mesmo que tivemos essa audácia. Tu lembra de mais alguém que quis ser voluntário também?

**Mary Jose:** Antes disso, o Rosivaldo havia se reunido com a Terezinha Gueiros e tinha dito para ela que ele tinha uma ideia que viu em Santa Catarina. Que lá tinha o projeto “Casa Escola da Pesca” e que dava para fazer aqui também. A Terezinha Gueiros disse para ele falar com a Lucidea para que efetivasse isso, ele falou com a Lucidea, só que ele só tinha a ideia, fazer uma das Escolas da Pesca, ela chegou na reunião e perguntou, ela queria que nós fizéssemos esse projeto, perguntou quem dali poderia ajudar. Então assim, a gente assumiu porque todo mundo olhou para nós, entendeu? Quando ela falou isso, todo mundo virou, olhou e disse: vocês dois, e nós ficamos até meio constrangidos e nós assumimos. Eu e o Neubervan, a partir dali, ficamos com a incumbência de, junto com o Rosivaldo, pegar as ideias do Rosivaldo e montar um projeto “Casa Escola da Pesca”, e assim nós concebemos, nós reunimos com o Rosivaldo várias vezes, e ele repassava de forma muito breve a ideia para nós, só andava correndo e da última vez ele disse que ia viajar até Santa Catarina para ver tudo o que aconteceria lá para nos repassar, e ele foi, e enquanto ele foi, nós ficamos pensando como

escrever, desde do rabisco inicial à tudo. Nós montamos esse esqueleto do projeto, mostramos para a professora Lucideia, ela gostou, nós começamos a escrever.

**Neuber:** É que ele é político. E eu consigo perceber hoje que ele era aquele cara que precisava de um cargo, de uma ideia... e a realidade da Escola da Pesca de Santa Catarina (Casa Escola do Mar) é bem diferente da nossa aqui, uma realidade muito diferenciada dos nossos ribeirinhos e pescadores, é bem diferente. Mas, a ideia central da Escola da Pesca, como eu e a Jose falamos, dos primeiros rabiscos até o orçamento do que teria em cada Escola da Pesca fui eu e a Jose que fizemos, desde os garfos, talheres e tudo mais (risos).

**Luciane:** *E como foi o início da produção desse projeto? Eu tenho aqui ele, ó. (Mostrando a minha versão na câmera)*

**Mary Jose:** Nós pesquisamos as primeiras experiências do Brasil, para que nós pudséssemos ler. Nós fomos fazer essa pesquisa na internet, ler. Depois dessa leitura nós fomos conversar com os pescadores, quem articulou a gente conversar na Colônia dos pescadores...acho que foi o Rosivaldo.

**Mary Jose:** Nós fomos várias vezes. Eles criaram uma expectativa para os pescadores que nós ficamos até com medo. Eles pegaram essas ideias iniciais e criaram tipo uma ideia faraônica do que ia acontecer para os pescadores, e os pescadores se animaram, uma alegria muito grande; então nós fomos várias vezes reunir na Colônia dos pescadores de Icoaraci, na Z-10, e nessas reuniões os pescadores foram relatando para nós todas as dificuldades deles, voltando a questão da escola dos filhos, e foi a partir de tudo isso que nós construímos de fato o projeto, voltado a realidade deles.

**Luciane:** *Esses pescadores, o que eles queriam para os filhos deles?*

**Mary Jose:** Eles queriam que os filhos deles estudassem.

**Neuber:** Ô Luciane, pois é, foi aí que nesse primeiro contato que nós tivemos com os pescadores que fomos conhecer de fato como era a realidade dos nossos pescadores aqui. Eu reconheço, a Mary Jose também, não sabíamos como funcionava aqui, essa estrutura de como acontece, quanto tempo eles passam em alto-mar, e, principalmente, que a família do ribeirinho e do pescador tem toda uma estrutura, e essa estrutura vai do pai até o filho mais novo. E por isso, todos com suas devidas funções, acabava prejudicando a escola. O ritmo deles é diferenciado do ritmo escolar do ano letivo. E quando você traz isso para realidade, entre a escola e o dia a dia ali da família tradicional ribeirinha, que isso é uma coisa culturalmente passada de geração para geração; acaba prejudicando o ano letivo.

O aluno que passa 15 dias, por exemplo, um adolescente com o pai pescando, quando ele volta, ele está totalmente perdido com conteúdo, ele não consegue alcançar os objetivos e vira uma bola de neve; ele vai repetir de ano e ele acaba desistindo.

Não sei se tu percebeste isso Mary Jose, mas uma das grandes coisas que eu percebi foi essa situação da estrutura familiar deles, porque eu tenho, por exemplo, eu vim de uma estrutura do interior, de agricultura. A cultura da pesca já é algo diferente, isso foi muito legal. Por isso que eu falo quando a Mary Jose falava que é uma coisa que eu tenho muito orgulho porque quando você consegue pesquisar e se envolver nessa área, e nós estávamos precisando muito disso, eu acho que nós conseguimos resolver muitos problemas quando você realmente mergulha na situação, não só ficasse aqui no gabinete imaginando o que seria melhor para o aluno, mas ir lá de fato, saber o que está acontecendo.

E a ideia da Casa Escola da Pesca que o Rosivaldo nos trouxe, por isso o nome “Casa Escola”, a questão do internato e do rodízio de alunos, 15 dias na escola, 15 dias em casa, não sei se está aí no projeto, mas tem que está, eu não mexi nisso – e esses 15 dias, exatamente os 15 dias que o aluno estava em casa, eram os 15 dias que ele poderia estar com a família, desenvolvendo suas atividades artesanais.

E no meio do projeto, eu conversava com a Mary Jose será que a gente conseguiria alcançar mais um pouco? E vamos ver como se trabalha o desenvolvimento sustentável desse aluno também, e assim foi indo, nós fomos incluindo tantas outras coisas também.

**Neuber:** Na época a gente estava tentando instalar oficina de geração de renda no MOVA, então, querendo ou não, o MOVA nos possibilitou influenciar demais a Casa Escola da Pesca, porque nós trabalhávamos oficina de geração de emprego e renda no MOVA na alfabetização de jovens e adultos, e dentro dele, desse movimento, os cursos de cooperativismo, e aí eu tiro chapéu para Mary Jose que era ela que estava à frente da geração de emprego e renda no MOVA, era Mary Jose.

Então os cursos de cooperativismo no MOVA, e fomentando essa ideia nos nossos alunos, nossos idosos, faziam cooperativas, as mulheres os trabalhos artesanais delas, para que isso gerasse renda dentro do projeto para eles se manterem sozinhos mesmo que acabasse o projeto ou nós deixássemos ali uma semente.

E o interessante foi exatamente isso. Vamos levar isso também para o Casa Escola da Pesca, estávamos trabalhando com alunos, que bom seria se a gente também trabalhasse algumas ideias, algumas concepções, e esses alunos fossem multiplicadores nas famílias deles. Então o projeto Casa Escola da Pesca trabalhando em dois momentos de Alternância e eu

lembro que, o que eles trabalhariam no currículo de português, matemática, geografia, história, várias disciplinas; e num segundo momento eles teriam exatamente essas oficinas direcionadas à prática deles do dia a dia: mecânica naval, engenharia da pesca, cooperativismo...eles teriam esses dois momentos.

E o mais interessante era desenvolver nesse aluno uma coisa, e eu acho que Mary Jose concorda comigo, que era uma coisa muito difícil de nós mudarmos ali, essa concepção do nosso ribeirão, do nosso pescador, **de que ele pode ser muito mais do que o mero pescador**, aquela pessoa que pesca o produto, vende o quilo de peixe, por exemplo, a R\$2 reais, tem um que vende a 5, outro que vende a 10, outro que vende a 15 e o consumidor final vende a 20, foi ele que trabalhou e quem menos ganhou com o produto final.

E nesse sentido, estimular esse aluno justamente dentro do curso de cooperativismo, o empreendedorismo para que esses alunos pudessem estar trabalhando com os pais essa noção de empreendedorismo, de cooperativa entre eles, cooperativa de pescadores para que o produto deles tivesse mais valor, que eles tivessem um ganho maior sem precisar atravessar tantas pessoas ali. Porque querendo ou não isso é meio que cultural.

E o pescador é aquela pessoa que mais extrai da natureza, mas se assumisse aquele sujeito que tivesse cuidado com o meio ambiente, o cuidado que ele ia ter com o desenvolvimento sustentável. Então todas essas noções ele ia ter dentro do curso na Casa Escola da Pesca.

*Luciane: Como foi o estabelecimento de parcerias entre a UFRA e a EMBRAPA, por exemplo, foram vocês que mediaram?*

**Mary Jose:** Foi. Nós mesmos.

**Neuber:** Então a nossa ideia é que esse aluno pegasse todo o conteúdo básico e completasse o ciclo que eles estudassem as matérias, que ele estudasse mecânica naval porque ele utiliza aquilo, que ele estudasse engenharia de pesca, que ele tivesse cursos de empreendedorismo, de cooperativismo, autossustentabilidade, a verdade é essa, e cuidado com a natureza principalmente. E, futuramente, entraria na prefeitura com a parceria do Fundo Ver o Rio.

**Mary Jose:** Isso, o Fundo Ver o Sol. Nós fomos até com eles para fechar parceria de crédito com os pescadores para montar as cooperativas, nós fomos também lá.

*Luciane: Então focava não apenas no aluno, mas na família, na estrutura familiar, na comunidade dele?*



**Neuber:** Isso que é interessante Luciane, a ideia principal do Rosivaldo quando ele chegou era o aluno, era a evasão escolar, sabe? E durante o transcorrer das nossas pesquisas e ouvindo essas necessidades dos pescadores também, nós começamos “Mary Jose, e que tal se nós ampliássemos mais isso também?”, a verdade é essa, nós começamos a pesquisar e isso é muito interessante, e se tivesse esse diferencial também? E vai até o regime de internato, passar 15 dias na Casa Escola.

Além de resolver a questão da evasão escolar, nós conseguimos também estar trabalhando com sustentabilidade, nós trabalharíamos com cooperativas. Hoje não tenho acesso a esses dados, mas espero que tenha seguido em frente. Se tornou um projeto tão bacana que a FUNBOSQUE, pegou logo? Tomou da SEMEC.

**Mary Jose:** Teve uma repercussão. A inauguração foi em vários jornais anunciados e nós nem fomos convidados para a inauguração, foi em 2008. Nós nem fomos convidados. Eu posso dizer que a Casa Escola da Pesca, o projeto inicial dela, esses primeiros escritos, teve muita influência da nossa concepção de educação. Como nós éramos do meio e nossa concepção de educação Freiriana, como nós éramos do MOVA e a nossa concepção de educação era emancipatória, queremos um currículo que contemple essa realidade do aluno, então quando fomos escrever e conversando com os pescadores que diziam para nós assim “olha, não sei ler, não sei escrever, mas eu quero que meu filho saiba”. E ele não está conseguindo, está ficando parado porque a realidade deles não estava se adequando naquele momento à escola que eles estavam estudando que era a escola bosque, lá em Outeiro. Então não estava dando certo, a escola não tinha algo voltado para o atendimento deles, e eles paravam de estudar e os pais ficavam agoniados, estavam ali em uma situação difícil, por isso que a evasão foi muito grande. E outra questão que norteava muito eles, que a gente até se emocionava, era essa situação do atravessador, os pescadores passavam muito tempo trabalhando, e eles mostravam, alguns mostravam a pele toda cortada, toda dilacerada, suas peles queimadas, e eles tinham todo aquele trabalho imenso, mas quem ganhava era o outro, e isso era uma inquietação muito grande deles. Então tudo isso nos sensibilizou e nós escrevemos esse projeto na perspectiva do que foi solicitado e desenvolver essa ideia deles mesmos se organizarem enquanto cooperativa de ir além do que eles imaginavam. E achamos que os filhos poderiam ajudar nesse aspecto, então por isso nós estendemos até a estrutura familiar. Porque nós escutamos pai, mãe, filho, estava todo mundo na reunião, a Colônia ficava cheia quando aconteciam essas reuniões e eles reclamavam de todas as angústias deles. Falavam, falavam, falavam e nós gravávamos e depois escutávamos e pontuávamos os aspectos que nós

achávamos que poderiam ajudar. Então por isso nós fomos na UFRA, Marinha, Fundo Ver o Sol, naquele momento que estava dando empréstimos e fazendo curso de cooperativismo grátis para as pessoas montarem cooperativa e nós inserimos todos esses elementos no currículo da Casa Escola da Pesca. Então nós pensamos nesse projeto, nessa concepção mesmo emancipatória deles, incluímos Educação Ambiental pela questão de que era desenvolvido numa área que tinha que ter preservação e também incluímos os financiamentos, e ainda tínhamos a intenção de fechar uma parceria com a universidade, Neuber? Com o Salomão a equipe de educação do campo para fazer alguns cursos, mas eu acredito que nós acrescentamos isso no currículo. Nós pensamos assim e fomos escrevendo, e a cada passo a gente compartilhava com a Lucideia e ela gostava, e nós escrevíamos. E por último nós fizemos a parte financeira, que nós pensamos em toda a estrutura de como que eles iam ficar, até na cama que iam dormir. Toda quantidade fomos nós que fomos fazendo levantamento de preço e tudo, e fomos colocando no projeto, tudo, tudo! e nós fizemos tudo isso não foi somente da nossa cabeça, mas o que pesou mais foram as falas dos pescadores, porque o Rosivaldo, ele colocou para nós uma realidade de Santa Catarina que não ajudou em quase nada porque era totalmente diferente da realidade nossa. Nós ficamos escutando, mas quando a gente foi ao campo, nós olhamos um para cara do outro, não tem uma condição, nada a ver a realidade de Santa Catarina com a nossa aqui. Só o nome, e nós fomos construindo cada item desse projeto a partir da fala dos pescadores do que nós percebemos, eu e ele, como necessidade para se acrescentar nesse projeto. Nós fomos ousando. Eles podem até reprovar, mas nós vamos colocar tudo aqui.

**Nueber:** O mais interessante é que, de tudo que nós colocamos, eu acho que se tivessem dado mais tempo para gente, tínhamos colocado mais coisas. (risos).

**Mary Jose:** É verdade.

**Neuber:** Porque nós partimos de um pressuposto de evasão escolar, só isso. E de lá nós fomos traçando, tecendo outros caminhos e o que a Mary Jose fala que é muito importante, você conhecer. Quando você conhece, você consegue traçar muito mais coisas e nós podemos trabalhar esse ciclo completo com esse aluno. Nós podemos fazer com que ele pegue a disciplina, que eles tenham oficinas de geração de renda, de cooperativismo, que ele conheça de mecânica naval, de engenharia de pesca e, principalmente, que ele seja uma pessoa que tenha cuidado com o meio ambiente, sabe? Esse cuidado com o desenvolvimento sustentável, e o melhor de tudo, esse aluno, ele vai ser um multiplicador nosso lá na família, lá na comunidade, é assim que a gente vai conseguir chegar até lá. E, diante dessa necessidade, dessas angústias que a Mary Jose colocou, nós fomos pontuando e, para nossa surpresa, realmente nada foi

tirado, não sei se foi tirado ou não, mas tudo que foi colocado até então foi aceito. O Casa Escola da Pesca Mary Jose, eu achei que não tinha ido para frente, uma vez eu abri o jornal e estava lá a inauguração do Casa Escola da Pesca e depois já a FUNBOSQUE assumindo o Casa Escola da Pesca, nem ficou com a SEMEC, mas foi isso

**Mary Jose:** Foi, foi um ano. Foi nos últimos meses para a gente escrever, e o Rosivaldo foi para Santa Catarina, levou um tempo, nós tivemos que fazer várias entrevistas com os pescadores...foi um ano que nós levamos para escrever e entregar a primeira versão a ser entregue para a diretora, nós apresentamos, ela apresentou para secretária. Quando foi que entregamos, tu te lembras ainda? Acho que foi em 2007, não foi Neuber? Porque nós começamos a escrever e entregamos no início de 2008 e final de 2008 já estava inaugurando como teste experimental. Foi rápido os trâmites para conseguir o dinheiro, ela achou o orçamento um pouco alto que nós tínhamos colocado e parece que deram uma mexida no orçamento. Só que nós não éramos especialistas em orçamento, nós fizemos com base no que nós sabíamos.

**Luciane:** *E vocês diriam que a situação dentro da SEMEC para que esse projeto fosse executado, ele era um clima favorável? Desfavorável? A secretaria apostava também nessa escola, nessa ideia do Rosivaldo? Ou não?*

**Neuber:** Mary, vou dar meu posicionamento em seguida você fala o seu.

**Mary Jose:** Está bem.

**Neuber:** Num primeiro momento, o Rosivaldo é um político e eu penso que naquele momento ali eu acho que eles não imaginavam o desfecho que o Casa Escola da Pesca ia ter até hoje. Eu acho que era mais um projeto para mais um cargo político assim como vários projetos políticos têm...depois não dá continuidade e fica por isso mesmo, porque é um desafio muito alto. Mas eu penso que ele foi tomando novos caminhos, foi crescendo, e a proposta foi muito boa e hoje está desse jeito, mas num primeiro momento que eu visualizava e o que eu via naquele momento ali não era tanto assim engajamento com a Casa Escola da Pesca, mas por articulações políticas, porque o Rosivaldo era um articulador político com o prefeito, e ele chegou via prefeitura e até chegar na diretoria de educação, que nos propôs fazer esse projeto. Então eu penso muito nesse sentido que eu acho que não seria uma política mesmo em torno do ribeirinho, mas que ele foi tomando um novo corpo e foi crescendo, e eu acho que a partir de um segundo momento, a secretaria começou a acreditar no projeto e existe até hoje.

**Mary Jose:** Sim. Porque já se aproximava o ano de eleição, para troca de prefeito e o Rosivaldo chegou com essa ideia, a Terezinha Gueiros viajou na ideia dele, ela queria muito;

ela chamou a Lucideia, passou para ela, e a Lucideia também queria muito; e eles nos abreviaram para construirmos o projeto. Então, mesmo assim a gente demorou um tempinho, mas eu acredito que saiu dentro do que eles esperavam, mas havia um ambiente muito...de quem queria muito o projeto, mas era no âmbito político mesmo de dar uma resposta aos pescadores que estavam fazendo pressão no prefeito, entendeu? Então eles estavam querendo muito nessa intenção, mas quem escreveu o projeto foi eu e Neuber e nossa visão estava para além daquela questão. Nós percebemos interesse em dar uma resposta imediata aos pescadores no dia em que fomos lá com o Rosivaldo, que nós vimos o discurso político dele, entendeu? Para a questão da reeleição, do prefeito. Em um primeiro momento foi com essa intenção mesmo, sabe? Política partidária, fazer política para a reeleição do prefeito. Só que quando nós escrevemos, nós percebemos esse jogo político e de interesse muito grande na secretaria, muito grande mesmo. Eles deram maior apoio, liberaram a gente das nossas atividades do MOVA para escrever o projeto e nós fizemos, mas nós tentamos usar essa contra hegemonia, dentro dessa perspectiva nós dialogamos e fizemos nessa perspectiva que fosse além. Foi isso.

**Neuber:** Nós percebemos o grande interesse nisso. O próprio MOVA, quando se aproximava o período eleitoral, nossa, era uma batalha para defender o projeto de vereador, de prefeito, todo mundo queria aquele movimento com 7 mil...5 a 7 mil alunos, muita gente! Daí você multiplica isso por famílias, acaba sendo um envolvimento muito grande e nós tínhamos que travar essa batalha para que a gente não levasse essa política partidária para dentro da sala de aula, mesmo fazendo parte de uma prefeitura, nós sempre conseguíamos segurar isso, e o projeto, a mesma coisa. Se você for pensar, trabalhávamos com filhos de pescadores, que são um público muito grande, então se tinha um pouco dessa política no início do projeto, assim como tem essas políticas paliativas que você vai dar para isso, para aquilo, para mototáxi e assim vai indo, mas como a Jose Mary falou, fomos muito felizes ali, ele foi tomando escopo no decorrer do processo e a professora Terezinha Gueiros, por outro lado, adora trabalhar com educação infantil, ela tem resistência com a educação de jovens e adultos, isso aí é fato, ela nunca negou.

*Luciane: Onde vocês se inspiraram para falar da Pedagogia da alternância para escrever o projeto? Como foi que a alternância entrou nessa ideia da Casa Escola da Pesca?*

**Mary Jose:** Ah, posso começar Neuber?

**Neuber:** Pode começar.

**Mary Jose:** Bem, nós recebemos umas formações com o professor Salomão Hage sobre a Pedagogia da Alternância porque o Rosivaldo disse que tinha que ter Pedagogia da

Alternância, e nós já estávamos discutindo sobre isso no MOVA, lembra Neuber? Então nós chamamos o pessoal da UFPA, do Geperuaz para dialogar conosco sobre o que é Pedagogia da Alternância, como ela se constrói, como ela se dá na prática. Veio o Salomão e veio a Zanete, com o João Colares da UEPA, veio outros profissionais e dialogaram conosco, indicaram alguns materiais para nós ler, e nós lemos e também nós nos apropriamos da idéia de Santa Catarina que o Rosivaldo nos deu, e a partir daí nós construímos essa proposta da alternância para eles. Nós colocamos 15 dias no alojamento e 15 dias eles estariam pescando, que era assim que era a dinâmica deles. E nesses 15 dias que eles estavam em casa, nós incluímos oficinas e mais oficinas práticas, como conserto de rede, essas coisas.

**Neuber:** Basicamente foi isso porque nós precisávamos procurar um outro referencial teórico porque era uma realidade que não era igual à nossa que nós enfrentávamos no MOVA, embora nós tivéssemos o mesmo movimento de alfabetização, mas quando se tratava do ribeirinho, nós tínhamos uma dinâmica diferente. E nessa dinâmica, o tempo era o grande dificultador. O aluno preferia, o pai ou a mãe, preferiam desistir das aulas do que desistir da atividade laboral deles, da pesca, isso aí é fato. Tivemos de fundamentar o projeto e realmente, naquele momento, foi algo novo; então nós precisávamos construir como a Mary Jose falou, foi muita Pedagogia da Alternância, mas ali foi muito Educação Libertadora também, foi mais educação libertadora (risos). Foi Educação libertadora porque nos deram o desafio e nos colocamos do nosso jeito. Educação libertadora porque esse aluno precisava realmente se sentir sujeito de todo aquele processo, se sentir um sujeito transformador, aquela pessoa que ia fazer diferença naquele meio não só de produzir aquilo que estava sendo construído para ele, mas todo um contexto histórico, que passa de geração em geração, mas que pudesse transformar aquela realidade. Então eu digo que no Casa Escola da Pesca foi muito mais pedagogia libertadora do que da própria alternância, porque nós conseguimos perceber que essas necessidades dos alunos, e não só dos alunos, mas também da família; nós começamos a propor atividades e que foram de encontro exatamente àquelas necessidades que os ribeirinhos estavam nos colocando.

Chegou um certo momento e eu acho que a Mary Jose vai lembrar, mas não sei mais porque a gente estava trabalhando tanto com os alunos quanto os pais desses alunos...nós temos que chegar num consenso aqui porque nos envolvemos tanto na problemática, e era inerente, você estar fazendo pesquisa socioantropológica para a educação de jovens e adultos; e você vai até a comunidade ribeirinha, por mais que você quisesse dialogar sobre a educação infantil, os alunos começaram a colocar as necessidades deles, alunos que também precisam ser alfabetizados, então

alguns também que, querendo ou não, era para ser alunos nossos no MOVA e se misturou, então o Casa Escola da Pesca e o projeto MOVA, tenho a impressão de serem muito parecidos. Não sei se você concorda Mary Jose, mas foi minha visão naquele momento lá.

**Mary Jose:** Concordo, concordo sim, inclusive eu digo que a construção teórica que sustentou o projeto Casa Escola da Pesca veio toda da concepção que nós tínhamos do Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos, que naquele momento nós éramos coordenadoras que trabalhavam dentro dessa perspectiva dessa educação emancipatória, libertadora; uma educação que vai para além da codificação, decodificação; que construa essa consciência crítica da realidade, que inclua esses outros valores; então nós não hesitamos em deixar claro isso no projeto, inclusive nós temíamos de não ser aceito por essa concepção de educação que nós tínhamos pontuado, e foi aceito, e nós ficamos felizes por isso. Não sei se na prática se constitui dessa ideia inicial, porque esse foi um projeto inicial escrito, mas teve influência muito grande sim.

**Neuber:** Porque o projeto ele tinha um cunho ideológico muito forte, ele tinha um certo cunho diferente da gestão que estava à frente, na verdade. Nós fomos proibidas lá na prefeitura até de trabalhar com a educação “freiriana”, lembra Mary? Pedagogia libertadora foi praticamente proibido, pensamento ideológico...nós tínhamos que mudar a pedagogia do nosso projeto, a alfabetização de jovens e adultos passou por tantas mãos...lembra Mary, quantos projetos trocaram de mãos? Que trabalhavam com essa questão “libertadora” “freiriana”, que trabalhavam essas concepções de emancipação, eu acho que é um dos grandes problemas e uma das coisas que eu coloquei...eu disse “Mary, eu não sei se vai passar do jeito que nós estamos escrevendo aqui. Nós estamos escrevendo uma concepção de educação bem aquém do que eu acho que a prefeitura vai aceitar, mas vamos colocar”.

Teve ali no projeto aquilo que nós imaginávamos como uma educação completa para aqueles alunos e o fato de a gente poder possibilitar, através da Casa Escola da Pesca, chegar até aquele aluno, chegar até a família dele, se não era alfabetizada, mas participar do movimento de alfabetização de jovens e adultos, assumir seu papel na cadeia produtiva, assumir que ele não era um objeto ali, mas era um sujeito principal naquela cadeia produtiva, que ele participava ativamente, que ele podia mudar aquela realidade de uma pessoa que produzia, que mais trabalhava e que menos era beneficiada naquela cadeia toda. Infelizmente esse pensamento ele vai passando de geração em geração e as pessoas vão se acomodando, e você mudar esses dogmas é complicado, esses paradigmas. E nossa esperança é, junto com os alunos, conseguir atingir. E eu digo assim, o projeto decolou porque no início era somente o aluno, verificar a

evasão escolar, projeto destinado para a evasão escolar; e nós entregamos algo completamente diferente para secretaria, nós entregamos um projeto que verificava quais eram os pontos de evasão, o que fazer para evasão; mas também o que fazer com a família...dava muita coisa no projeto que nós achávamos que seria importante...um projeto bem diferente do que eles pediram. E eu só não sei como ficou no final porque depois que nós entregamos a gente não teve mais acesso, fui saber através dos jornais.

**Luciane:** *Eu queria que vocês falassem qual o sentimento que vocês têm com essa escola hoje? Naquela época e agora? E vocês acham que essa escola cumpriu a função que almejava?*

**Neuber:** Ei vou começar aqui. Eu sempre gostei muito de trabalhar com a Mary Jose, porque ela é uma pessoa que aceita desafios. O MOVA era um grande desafio para gente, a Casa Escola da Pesca, assim como todas as atividades que nós tínhamos na SEMEC. Era uma equipe muito boa e assim como nós estávamos transformando a realidade na educação de jovens e adultos, o sentimento não era outro na Casa Escola da Pesca a não ser aumentar isso para educação fundamental dos ribeirinhos. Então, o meu sentimento naquele momento de ansiedade era de dar exatamente uma resposta a essa situação, assim como nós estávamos ajudando os jovens e adultos, que nós também poderíamos estar ajudando o pessoal da educação infantil. E outra porque nós éramos voluntários no programa, não tem essa questão de atrelamento político ou de partido, não tinha nada disso, tinha nosso compromisso com a educação. Isso aí é uma das coisas também que eu sempre falo e admiro muito na Mary, ela é uma pessoa que tem um compromisso até demais com o que ela faz. E ter assim esse desafio hoje para mim é uma coisa que vou guardar para vida toda. Infelizmente não está nosso nome na criação do projeto, eu nunca quis ganhar nada com isso, mas seria muito interessante terem colocado “olha, Mary Jose e Neuber fizeram parte dessa construção, porque foi algo muito bom, muito significativo nas nossas vidas”. O sentimento que eu tenho hoje e aquela expectativa que eu tinha naquele momento que eu não imaginei que iria tomar uma repercussão tão grande, é...eu fico muito feliz, fico muito feliz porque eu percebo que a escola ultrapassou aquilo que nós tínhamos pensado. Quando ultrapassa aquilo que nós tínhamos pensado...é...eu me lembro daquela fala do Granbel, não tô lembrada a situação dele, mas ele diz assim que parece que se nós trilharmos apenas caminhos já traçados, nós chegaremos apenas aonde os outros já chegaram, e parece que a Casa Escola da Pesca foi além de um caminho, traçaram um caminho e eles foram bem além disso e isso é muito significativo, então eu já fico muito feliz por conta disso, por fazer parte dessa construção, por ver os resultados...agora depois que a Casa Escola da Pesca está

funcionando eu vejo algumas coisas aqui na internet, eu procuro saber e eu fico feliz. E eu só lamento é que nós não tenhamos mais iniciativas como estas, que nós não tenhamos mais este envolvimento. Eu acho que, se cada gestor realmente olhar para seus alunos, para os segmentos sociais que estão enfrentando problemas, se você pesquisar, você vai conseguir chegar a um resultado. Se naquele momento alguém não tivesse pensado em mudar essa realidade, talvez nós estaríamos com os mesmos problemas de evasão escolar até hoje, como consequência nós estávamos até aquele momento. Então precisou de algo, precisou da intervenção, alguém pensou “vamos lá construir, vamos lá resolver”, a coisa funcionou. E tantos outros setores da nossa educação que nós precisávamos que as pessoas também tivessem esse compromisso, mas eu, de qualquer forma eu fico muito feliz, espero que continue e que outras iniciativas como essas venha a aparecer, venha a ser construídas; que outras pessoas possam desenvolver atividades que beneficiem nossos alunos, principalmente agora...eu fico muito triste porque a nossa educação de jovens e adultos, que é algo que nós trabalhamos por mais de 12 anos, estar abandonada, a verdade é essa. É lamentável! Nós perdemos o movimento de alfabetização de jovens e adultos, mas, são essas políticas que acabamos enfrentando.

**Mary Jose:** Pois é, tu perguntaste no início sobre a trajetória da nossa chegada na secretaria, não foi? acho que ficou claro que nós fomos selecionadas como voluntárias do MOVA e nós ganhamos uma bolsa do Governo Federal e uma bolsa complementar da prefeitura; e nossa função era assessorar as turmas de alfabetização de jovens e adultos. Eu era de Icoaraci, o Neuber era da DAed, que ali era dividido por oito distritos, cada distrito envolve vários bairros, etc... Então, era essa a nossa função. Foi quando nós fomos chamadas para escrever o projeto e um pouco da nossa trajetória dentro da secretaria.

**Luciane:** *O Neuber é pedagogo também?*

**Mary Jose:** O Neuber é professor formado em Letras e eu sou pedagoga. Foi bom que a gente juntou os dois conhecimentos e foi bacana. Então, a minha sensação hoje em relação a Casa Escola da Pesca é de uma certa indignação, porque eu acredito eticamente quem escreveu o projeto deveria estar sim nomes lá no projeto, mas eles retiraram nosso nome, porque nós colocamos, nós não colocamos que a ideia foi nossa, nós não colocamos que somos autores nem protagonista do projeto; nós organizamos o projeto e escrevemos; e nós deixamos registrado isso -foi retirado (**Neuber**) – então eles retiraram, foi uma falta de ética, porque isso daí nós consideramos uma falta de ética...retirar. Mesmo não sendo funcionárias efetivas da secretaria, nós éramos voluntárias, recebendo a bolsa, nós somos profissionais e nós fizemos o trabalho, entregamos, socializamos; e quando nós entregamos e socializamos, nós não tivemos



mais acompanhamento; mas até o momento nós estávamos ali, então minimamente por respeito aos nossos nomes, deveria estar. Então eu me senti...quando eu vi no jornal em 2008 quanto eu estava dando aula lá no cursinho da Rita Nery, que seria a inauguração da Casa Escola da Pesca, eu perguntei para ela...ela me convidou...ah não te contei essa! Quando eu vi, eu disse assim “como assim a Casa Escola da Pesca vai inaugurar e eu e Neuber que escrevemos não sabemos de nada? Poxa, a gente não poderia nem saber como é que estava isso?”. Ela disse para mim assim “olha Mary, não faz nenhum questionamento, não briga nada...tu não queres trabalhar como pedagoga na Casa Escola da Pesca? Eu consigo um contrato para você”.

Eu disse para ela “eu não quero trabalhar como pedagoga na Casa Escola da Pesca. Eu só queria saber por que o meu nome e o do Neuber não estão aqui nesse projeto aqui na sua mesa, que nós que escrevemos o projeto”. Ela ficou toda nervosa, toda atrapalhada, e quis tipo, me dar essa proposta, que eu estava no momento sem trabalho, diretamente, eu disse assim, eu disse que eu não queria, foi a hora que eu passei no concurso e eu me senti frustrada até porque eu disse “caramba!”. Eu achei que foi uma falta de respeito conosco enquanto profissionais, como mesmo a Neuber salientou e disse “nós não queremos a visibilidade, não queremos isso ou aquilo; a gente só queria o respeito para quem escreveu cada linha do projeto, para quem ficou até 11h na secretaria...nós ficávamos só nós dois lá e depois saímos de lá e íamos para parada de ônibus. Então, minimamente deveria sim ter, se não fosse por mim Luciane, tu nunca ias saber dessa história, porque não tem escrita em lugar nenhum.

### **As professoras Fátima Seabra e Edilzane Almeida Correia**

A professora Fátima Seabra é formada em Pedagogia com habilitação em Administração Escola e é mestre em Gestão e Desenvolvimento Regional, é professora do ensino de graduação e funcionária efetiva da Secretaria Municipal de Educação de Belém. Além disso, é pesquisadora da área de planejamento, didática e inclusão. Ele trabalhou como diretora da Casa Escola da Pesca entre os anos 2012 a 2020, foi a responsável pela implementação do Ensino Médio Técnico. A professora Fátima tem um espírito muito ativo, ela está sempre pensando em alguma atividade ou projeto. Tivemos vários encontros na sua sala ou no refeitório da Casa Escola da Pesca e ainda na Escola Bosque. Sempre falou com muito carinho sobre o trabalho desenvolvido na Escola e sobre a preocupação em manter essa atividade viva.

A professora Edilzane Almeida Corrêa é formada em Licenciatura em Ciências Naturais pela Universidade Federal do Pará, especialista em Educação Ambiental e mestre para o Ensino de Ciências Ambientais. Tem experiência como professora em diversas escolas da zona urbana

e rural do estado do Pará. Trabalha desde 2008 na Casa Escola da Pesca com servidora do quadro efetivo, também trabalhou na Fundação Escola Bosque.

### **O perfil alcançado – os alunos egressos**

Os jovens que participaram das entrevistas foram alunos das primeiras turmas da Casa Escola da Pesca entre os anos de 2008 e 2010, período em que a escola funcionou como um projeto experimental e entre os anos seguintes, sendo 2014 o ano limite de formatura. Todos foram alunos do Ensino Fundamental e do curso de Iniciação Profissional em Pesca e Aquicultura.

A minha ideia inicial era entrevistar apenas os alunos matriculados na primeira turma, formados no ano de 2009, mas não consegui encontrar todas essas pessoas, ficou difícil localizá-los, por isso estendi o ano de formatura. Ao longo da realização da pesquisa alguns nomes de alunos foram surgindo, eram rapazes que tinham passado pela escola, mas ainda estavam na memória dos funcionários, além disso eles mantinham alguma relação com a escola, trabalhavam lá, visitavam ou ainda realizavam cursos, etc. Essas pessoas foram indicadas para participar da entrevista pela professora Fátima Seabra, então diretora da escola e pela professora de biologia Edilzane Almeida.

Estabeleci três critérios para selecionar os alunos egressos, eles deveriam ser formados nos primeiros anos da Escola, ser (ou terem sido) morador da Região Insular de Belém e terem trabalhado ou possuir alguma relação com o trabalho da pesca. O primeiro critério se baseia no fato de que nos primeiros anos, e os registros apontam para isso, a CEPE conseguiu desenvolver um trabalho voltado exclusivamente para jovens moradores das ilhas e filhos de trabalhadores da pesca, e por conta disso, desenvolvia uma alternância completa, entre o tempo escola e o tempo comunidade, onde os alunos viviam na região insular. Ainda, eu considere importante valorizar os alunos que tinham uma relação com o trabalho da pesca, por entender que eles possuem propriedade no assunto e afinal, a escola havia sido criada para atender esse perfil.

A partir das entrevistas consegui entender a forma como a Escola chegou até os alunos, como eles ficaram sabendo sobre ela, como se matricularam, a sua origem familiar, o grau de envolvimento no trabalho com a pesca, como foi o trabalho com a Alternância etc. e assim desenhar um perfil deles, das suas famílias, da sua trajetória escolar, antes e depois da Escola da Pesca e também de poder registrar o trabalho desses primeiros anos por meio da memória deles.

Com os critérios estabelecidos e com uma lista de nomes indicados pelas professoras comecei a minha busca para realizar as entrevistas, a professora Edilzane, muito gentilmente

me ajudou, me passou o número de telefone dos alunos. Meu primeiro contato com eles foi através de ligações telefônicas e mensagens do aplicativo WhatsApp, o que permitiu uma aproximação mais informal. Eu me apresentava procurando explicar o valor da pesquisa que estava desenvolvendo, para a escola, para os seus futuros alunos e reafirmava que a participação deles era indispensável, em seguida falava dos objetivos da pesquisa, o que estava fazendo e os convidava a participar, a maioria aceitou participar, quem disse não alegou falta de tempo. Em seguida ajustamos os horários, os dias e a forma como íamos realizar as entrevistas. Após a aceitação eles receberam o “Termo Livre e Esclarecido<sup>21</sup>”, documento onde são apresentados os objetivos da pesquisa e origem e contatos do pesquisador e do orientador, e as informações sobre a Universidade.

As entrevistas foram realizadas no período da pandemia de Covid-19, entre os meses de agosto e novembro de 2020. Participaram da entrevista os ex-alunos da Casa Escola da Pesca: Deivid Dutra, Brenno, Charles André Barbosa, Marcos César e Jailson. Todos concluíram o Ensino Fundamental e o Curso de Iniciação Profissional em Pesca e Aquicultura. Algumas entrevistas foram realizadas online, por conta da pandemia, mas também por outros motivos, dois alunos vivem atualmente no estado de Santa Catarina, além disso alguns trabalham em horário noturno e tinham pouco tempo disponível. As entrevistas realizadas de forma presencial foram feitas com os alunos que vivem em Belém e tinham disponibilidade de tempo, eu fui ao encontro deles e as entrevistas foram feitas nos seus locais de trabalho, a Corregedoria da Polícia Militar do Pará e a própria Casa Escola da Pesca. Vestindo máscaras e mantendo o distanciamento.

As entrevistas foram conduzidas por meio de um roteiro<sup>22</sup>, algumas perguntas variavam de acordo com cada aluno, mas elas mantinham os mesmos objetivos: identificar a origem dos alunos, como foi o período que eles foram alunos da escola e de que forma a escola influenciou a vida deles e também conhecer como eles estão vivendo hoje.

Ao início de cada entrevista eu novamente explicava os objetivos da pesquisa e da entrevista e como ela seria conduzida, com a gravação do áudio para posterior transcrição em texto. As condições em que cada entrevista foi realizada serão descritas mais adiante. Primeiramente, descrevendo o entrevistado, as condições em que aconteceu e em seguida, trechos da entrevista<sup>23</sup>.

---

<sup>21</sup> Apêndice 3

<sup>22</sup> Apêndice 1

<sup>23</sup> As entrevistas completas fazem parte do Volume II

## **Jailson Albuquerque**

Ex-morador da ilha de Jutuba, atualmente é piloto de lancha e trabalha no transporte escolar dos alunos da Casa Escola da Pesca. É um rapaz tímido, fala baixo, mas com uma boa memória. Me recebeu para entrevista durante uma manhã na Casa Escola da Pesca. Ele contou sobre como a entrada na Escola da Pesca foi um ponto de mudança a sua vida e como espera que isso possa estar ao alcance dos seus filhos.

**Jailson** – Eu moro em Icoaraci há 10 anos, mas antes... na verdade o pontapé inicial de tudo na minha vida foi aqui.

**Luciane** – Aqui na escola?

**Jailson** – Foi. Na verdade, a vida ribeirinha é o seguinte: eu sou o único dos meus irmãos que acabei meus estudos, graças aqui também, meu primeiro emprego foi graças aqui também, entendeu? E o que acontece, a vida ribeirinha é o seguinte, você arruma mulher, vai pescar, vai nessa aí, entendeu, não tem toda aquela coisa. Aí, o que acontece, eu não sabia da Escola da Pesca antes, eu estudava em Cotijuba e em Cotijuba era geralmente até a quinta série, só que só era em Coaraci ou Outeiro que tinha fundamental já completo, aí, então, passou uma equipe de professores lá, falando exatamente atrás de alunos, filhos de pescadores. Então, eu estava nesse dia lá, falaram com meu pai, falaram a proposta tudinho, explicaram tudinho como funciona o estudo profissional, aí eu decidi vim.

**Luciane** – Jutuba é onde?

**Jailson** – Jutuba é em frente a Outeiro aqui.

**Luciane** – É uma ilha também?

**Jailson** – É uma ilha. A senhora tá convidada a ir lá conhecer. Inclusive a gente vai domingo lá.

**Luciane** – E são quantas pessoas na sua família?

**Jailson** – Olha, na minha família, a gente somos... era 10 filhos, agora é só nove, morreu uma menina, são cinco homens e quatro mulher.

**Luciane** – E moravam todos juntos na sua época? Seu pai, sua mãe...

**Jailson** – A gente morava todos juntos, meu pai, minha mãe, inclusive, dos meus irmãos que moram para cá, eles ainda continuam lá, só que uns arrumaram mulher, outros tão solteiro ainda. O que foi que aconteceu, eu sempre fui um rapaz tímido, vida de interior, não tinha tanto

conhecimento, aí quando eu participei... eu vim já tinha começado eu acho, fazia umas duas semanas, aqui, na escola.

**Luciane** – Qual foi o ano, você lembra?

**Jailson** – Foi... eu não sei se foi 2007 ou se foi 2008.

**Luciane** – Tu tinhas quantos anos?

**Jailson** – Eu tinha... 17 a 18 anos, creio.

**Luciane** – Tu fazias que série lá em Cotijuba?

**Jailson** – Eu parei na... na verdade eu ia cursar a sexta, mas como a gente trabalha na totalidade aqui, eu até me encaixei no perfil deles, entendeu, aí foi que eu resolvi vim, era um ano e meio, dois anos. Era dois anos, mas hoje graças a escola, foi que eu consegui meu primeiro emprego, acabei meus estudos aqui, só o fundamental o técnico saiu, mas graças a Deus aqui eu pude ter outra visão, que eu tinha no momento uma visão só ribeirinha ali, que para mim aquilo era ter mulher...

**Luciane** – E qual era o trabalho da tua família lá? Vocês viviam de quê?

**Jailson** – A gente só vivia da extração do açaí e da pesca, ou seja, de agosto até dezembro é o açaí, a safra do açaí, mas de janeiro até julho sai a pesca, sempre na pesca.

**Luciane** – E vocês pescavam para vocês ou vocês pescavam para vender?

**Jailson** – Não, a gente pescava para nós e para vender. Eu cheguei pescar bastante, ajudar meu pai.

**Luciane** – Pescava de rede?

**Jailson** – A gente pescava sempre de espinhel, de anzol. Daí depois que eu entrei aqui na escola, eu, graças a Deus e dos alunos todos da primeira turma, todos, a escola contribuiu muito para mudar essa vida. Inclusive o meu cunhado veio, aí trouxe, que é meu cunhado hoje, e ele com o ensino daqui a gente tinha um ensino bom, eram professores dedicados para a gente mesmo. O ensino que ele teve aqui, que ele entrou para cursar o fundamental ao primeiro ano do médio, e ele passou em 2008 no concurso da polícia, só estudando aqui, entendeu, e ele é policial até hoje. Mas, assim, quando eu acabei aqui, quando eu me formei aqui, foi um pontapé, assim, que eu não quis mais voltar para lá.

**Luciane** – Desde 2007?

**Jailson** – Isso. Aí, teve um primeiro emprego, fui à indústria de pesca, auxiliar de produção, graças a um engenheiro de pesca, veio fazer palestra. É que o projeto da escola também era um projeto novo, muita gente, entendeu... graças a Deus, a primeira turma, eu falo assim que foi muito privilegiada, porque a gente teve tantos cursos, tantas visitas, foi um aprendizado, assim, que mudou minha vida, porque olha... agora eu sou... Aí eu trabalhei, nessa empresa de pesca e depois...

**Luciane** – Trabalhou em função daqui?

**Jailson** – Isso, graças aqui, os estágios... a gente fazia estágio remunerado por aqui. Depois, em 2010... 2011... 2012, foi em 2012, que eu fui contratado pela Fundação de Transporte Escolar, piloto de lancha, essas coisas.

**Luciane** – E hoje você trabalha...

**Jailson** – Até hoje.

**Luciane** – E como foi quando você era adolescente, vir morar na sua escola que você estudava? Como foi essa experiência de estudar aqui?

**Jailson** – Olha, logo no começo, negócio de internato, de a gente vir morar aqui, eu estranhei, senti saudade da família, assim convivi com outros alunos que nunca tinha visto... mas, no entanto, aqui a escola, ela soube receber, soube, eu acho assim, que a gente tivesse momentos que não viesse bater a saudade tanto, mas acho que na primeira quinzena... teve uma vez que a gente passou um mês aqui, foi, que teve um curso aí, de mais de 15 dias, e o que aconteceu, eles tinham tudo programado, era uma escola onde tudo eles tentavam te ocupar de qualquer jeito, sempre tinha... tanto tinha as suas obrigações como tinha também lazer, final de semana tinha aquelas visitas, tanto aquelas visitas técnicas, como aquelas visitas também de distração, então, souberam eu acho, acolher, entendeu? Até porque também era um projeto em experiência ainda.

**Luciane** – Ainda era experimental a primeira turma.

**Jailson** – Era experimental, era. Mas assim, logo na primeira quinzena, nos primeiros... eu sentia um pouco de saudade da minha família, mas assim, depois, que foi criando amizades, tinha a nossa hora de lazer, tinha hora de dormir, tinha hora de acordar, tinha toda aquela... Era mais ou menos assim, como eu posso te dizer, tipo assim um regime militar, assim, entendeu? Tinha toda aquela obrigação, horário, e tudo era cobrado e isso daí também ensinou que tinha muita... assim, a gente... eu, como era muito tímido, me soltei mais um pouco, criei amizades.

**Luciane** – E aqui você aprendeu alguma coisa, o que você aprendeu de novo relacionado à pesca? Porque você me falou que seu pai já trabalhava na parte da pesca, o que você aprendeu de novo, aqui?

**Jailson** – Olha, professora, na verdade, o que acontece, aqui, eu já tenho uma noção da pesca, mas a pesca toda não é só aquilo que eu sabia ali, entendeu? O que foi que a gente na ilha, lá, a gente pesca de forma que a gente tem que ir pro mar, de uma forma, entendeu? E aqui, o que eu posso ver, pude conhecer aqui, é que a gente tem outras formas, melhores ainda, de cultivar ao invés de só pegar, pegar, pegar um dia vai acabar? E, aqui, por dentro... a gente montou um projeto lá na ilha, entendeu, só que por questões financeiras não foi para frente, mas, assim, eu aprendi tanta coisa, assim, de pôr em prática na minha comunidade que a gente fez um projeto para lá e... só não deu mesmo por questão financeira.

**Luciane** – Esse projeto que você implantou lá tinha a ver com o que você aprendeu aqui?

**Jailson** – Isso, tinha muito a ver. Negócio de criação de peixe, entendeu. Até porque lá a maioria, todo mundo é pescador, lá, só que o problema lá, são questões também climáticas, muitas questões que às vezes..., mas, faltou também... a gente pecou em algumas... faltou também capacitar o pessoal lá, entendeu? Aí, a gente pecou em algumas coisas, mas graças a Deus...

**Luciane** – Tinha a ver com o teu projeto profissional que você desenvolveu aqui e tinha que aplicar lá?

**Jailson** – Como assim?

**Luciane** – Porque vocês têm que desenvolver um projeto aqui, um projeto profissional do aluno e depois desenvolver na comunidade. Tinha a ver com isso?

**Jailson** – Não, não tinha tanto a ver. É porque o meu projeto aqui foi negócio de turismo também para lá, e hoje o turismo lá é legal. Mas, esse outro, pôr em prática lá por questão financeira também, exigia um custo, aí, que não tinha condições, mas...

**Luciane** – Quantas pessoas moram em Jutuba?

**Jailson** – Olha, professora, Jutuba, moram em torno de... na frente, porque é uma ilha toda assim, viu...

**Luciane** – É tipo Cotijuba?

**Jailson** – Não, é um espaço

**Jailson** – Não, o espaço geográfico é maior. É tipo Combú, já foi em Combú?

**Luciane** – Sim, já fui.

**Jailson** – Isso, é mais ou menos tipo Combú... e o que acontece, a gente mora na frente daqui e tem a parte de trás, mas em torno de toda a ilha deve ter umas 200 famílias. Mas só a parte que a gente mora deve ter em torno de umas 40 a 30 famílias.

**Luciane** – E tu avalias que a tua passagem aqui pela escola foi positiva? E de que forma foi positiva?

**Jailson** – Olha, eu avalio muito positivo. Eu avalio muito positivo, professora, até hoje eu falo, assim, tenho filho, que se não fosse o que a escola me mostrou que eu podia, que eu era capaz, que tinha tanta coisa para oferecer para gente que era esquecida, na verdade a gente é esquecido, o povo ribeirinho. E, dessa forma, foi praticamente a chave, eu falo por mim, foi a chave para eu conquistar a minha independência hoje. Hoje eu sinto que o meu pai me botou aqui não foi à toa. Meu pai gostou, até hoje também ele fala bastante, graças a Deus aprendi não só o negócio de estudo, mas também ser um cara de caráter, uma pessoa boa, honesta.

**Luciane** – E por que só você veio de lá, e teus irmãos não vieram?

**Jailson** – Olha, na verdade, meus irmãos, a gente somos cinco irmãos, e dos meus irmãos, eu sou o quarto e os meus irmãos... como vou falar para a senhora, no interior, meus irmãos não têm estudo, assim, sempre... o que acontece, estava estudando, daí arrumava mulher, daí já engravidava, tinha que trabalhar para sustentar, sempre foi assim a vida no interior, entendeu? Eu, talvez, por isso que eu falo, que se não fosse a Casa Escola da Pesca, talvez teria acontecido o mesmo comigo, tá entendendo? O que acontece, por isso eu falo que a Escola da Pesca me mostrou, assim, me deu também oportunidade de coisas que não tinha, me deu muita oportunidade. Eu fiz um estágio, foi um pontapé que me mostrou

**Luciane** – E da tua turma, tu tens contato com os teus colegas?

**Jailson** – Tenho, a maioria eu sempre falo, aqui na escola, assim, essa escola aqui, eu podendo trabalhar aqui, eu vejo que é, a minha turma foi privilegiada. Não sei se foi a direção, se foi a administração, mas a minha turma toda, todos, todos, todos são assim, como posso falar, não é bem de vida, mas conseguiram alguma coisa. Teve uns que sempre... não tinham muita coisa aqui, só queriam ficar na brincadeira, e escolheram o caminho errado, mas todos os da ilha, todos que eu conheço estão empregados, estão numa vida, graças aqui, entendeu?

**Luciane** – E esses meninos da primeira turma, teus colegas, eles eram das ilhas também? Ou eram daqui de Outeiro?



**Jailson** – Tinha daqui de Outeiro, mas o resto tudo era da ilha, todos da ilha, tudo da ilha. Na verdade, para mim me adaptar aqui não foi difícil, até porque eu já conhecia alguns, entendeu, isso também foi legal dessa história, também.

**Luciane** – Ter gente conhecida aqui foi importante?

**Jailson** – Sim, ter amizades..., mas é uma coisa assim que até hoje eu cresci dessa forma... o que aconteceu aqui também... teve muitos problemas, a nossa primeira turma foi tão sucesso que muitos queriam vir. A nossa turma foi tão sucesso, que muita gente veio procurar vaga, e nessa seleção, acho que o pessoal... não teve aquela seleção bem... aí, já começou vir muita gente que já não era o alvo, que não era filho de pescador, até porque o pessoal, a maioria da gente, da primeira turma, tipo assim, saiu com emprego, não é aquele emprego que..., mas era inicial.

**Luciane** – Sim, já era um encaminhamento...

**Jailson** – Isso, muita gente já ficou... então não teve uma seleção bem selecionada, o pessoal, começou entrar gente que não... eu vejo dessa forma. Aí também saiu outros profissionais que também faziam a diferença e, assim, vai continuando, aí.

**Luciane** – E, hoje, você trabalha como barqueiro. Você faz o quê?

**Jailson** – Eu sou piloto de lancha. A gente pega os alunos e leva até a escola e depois retorna para casa no final do dia.

**Luciane** – Então você conhece tudo aqui?

**Jailson** – Tudininho, justamente, eu queria porque, esse trabalho é lá em Jutuba, na escola de lá que tem a filial lá.

**Luciane** – Tem uma filial da Casa Escola da Pesca em Jutuba?

**Jailson** – Uhum. É em Urubuoca a filial da Escola da Pesca, e a Escola da Pesca pertence a Funbosque e a Funbosque que tem uma filial em Jutuba, Paquetá e Cutiju.

**Luciane** – E, aí, você faz o transporte dos alunos?

**Jailson** – É, de Jutuba, ou seja, da minha comunidade para escola e de volta da escola para a minha comunidade.

**Luciane** – Então tua trajetória foi, você saiu de Jutuba, veio para Escola, da Escola você ficou aqui, em Outeiro, trabalhou na pesca, em Outeiro?

**Jailson** – Trabalhei, eu trabalhei ali na rodovia, numa empresa pesqueira, eu fiz uns estágios lá e quando eu saí daqui, fomos lá e o homem pegou a nossa mão de obra que já era... eu trabalhei três meses só, e aí eu trabalhei também, numa peixaria. A gente tinha muito acesso na nossa área, mesmo. Depois trabalhei um ano e dois meses e, depois, eu vim para cá, recebi uma proposta de emprego, devido ao seguinte, que na minha comunidade lá, tinha o anexo da escola, o que aconteceu lá, como a demanda estava pouca, e atrás de Jutuba eles fizeram uma escola grande, que a estrutura era melhor, então resolveram levar os alunos tudo para lá. O que acontece, o que eles fizeram com a comunidade, eles deram, assim, forneceram a lancha, só que quando eles foram na comunidade, eles não tinham o pessoal não tinha capacitação, não tinha carteira, e aqui, como aconteceu lá, "ah, mas tem o rapaz, o Jailson, tal, tal", aí eu fui chamado e eu aceitei a proposta.

**Luciane** – Você faz transporte de aluno, professor...?

**Jailson** – Eu fazia muito de aluno, educação infantil C1 e C2, assim, só que agora o que foi que aconteceu lá, foi que eles terceirizaram e a gente está fazendo agora aqui da Escola da Pesca, mas a gente leva material para professor, viagem emergencial tanto de saúde como...

**Luciane** – Tu tens algum registro, alguma foto do período que você estudou aqui? Da tua formatura, alguma coisa?

**Jailson** – Eu tinha... eu tenho, deixa eu ver se acho aqui para senhora... eu acho que eu tenho sim, foto. Tenho foto de lá da ilha, tenho foto do meu trabalho...

**Luciane** – Hoje você mora aqui em Outeiro?

**Jailson** – Não, moro em Coaraci. Mas, enfim, até hoje eu falo para todo mundo, assim, que a Escola da Pesca aqui, ela não é para perder essa...

**Luciane** – Por que você acha que perdeu hoje?

**Jailson** – Eu não sei, na verdade, logo que eu entrei, quem era o secretário era aquele secretário de economia Osvaldo Batista, o projeto é todo dele, é um custo muito alto e a gente fez curso até no Ceagro, a gente fez curso de estágio, foi...

**Luciane** – E você acha que perdeu o quê?

**Jailson** – Eu não sei falar, por isso que eu estou... eu não sei se foi a administração, não sei se foi profissional, porque uma coisa foi levando a outra, ele saiu, e tinha profissionais muito bons também, que por questões foram saindo também, que cada um tem seu método de trabalho. E, antigamente eu não sei, não sei se foi também no processo de seleção dos alunos...

**Luciane** – Ou pode ter sido vários fatores?

**Jailson** – Vários fatores, é verdade. E realmente, não tinha outra forma... a professora Elisiane também, está desde o começo, na turma, a dona Adriana, ali, merendeira, desde o primeiro também, desde o começo do projeto, entendeu, tem pessoas que estão desde o começo.

### **Brenno Dias**

Brenno Dias tem 24 anos, estudou na Casa Escola da Pesca entre os anos de 2012 e 2014, concluiu o Ensino Fundamental e o Curso de Iniciação Profissional em Pesca e Aquicultura. Morava junto com a sua família na Ilha de Cotijuba quando ficou sabendo sobre a escola por meio dos seus amigos do futebol, que já estudavam lá. Ele morava em Cotijuba, mas vivia em trânsito entre a ilha e Belém. A sua família morava na Ilha, até hoje vivem lá, a mãe e as duas irmãs. Sua mãe trabalha como dona de casa e como caseira, tomando conta de terrenos e casas nas ilhas quando os moradores estão ausentes.

Na ilha de Cotijuba estudou na escola Estadual Marta da Conceição, até a quinta série. Nesse período trabalhava junto com os amigos na pesca artesanal na Baía do Marajó em navios de médio e de grande porte, segundo ele “em navios de 3, 4 toneladas”, era um serviço autônomo, entre amigos, pescava de rede. Segundo ele, "precisava ganhar dinheiro e me virar.” Uma parte do pescado era para consumo próprio, a outra era vendida na feira da Ilha ou no trapiche, por um preço bem abaixo do mercado.

### **Ingresso na escola: “foi uma reviravolta em minha vida”**

Sua matrícula foi realizada para dar continuidade no Ensino Fundamental em 2012 quando ele tinha por volta dos 16 anos. Apesar de ter terminado a quinta série, precisou “repetir” esta etapa por conta do regime da Escola da Pesca ser na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, fez a primeira totalidade, 5º e 6º ano e depois a segunda totalidade, 7º e 8º anos. Segundo ele o processo de adaptação não foi muito complicado, no período de alternância na escola ficava de segunda a sexta e nos finais de semana retornava para sua casa em Cotijuba ou ficava em Icoaraci. Alguns de seus amigos e vizinhos estudavam juntos, isso facilitava as coisas, ele também destaca que conheceu muita gente nova, fez amigos, inclusive rapazes que moravam na área urbana e não conhecia nada sobre a pesca, e ele podia ajudar, ensinar alguma coisa nova e a trocar pontos de vistas

Para ele a grande reviravolta na sua vida, foi passar 24h estudando, “o tempo todo tinha professor para ensinar a gente” ele disse que foi quando começou a gostar de estudar e isso mudou a sua vida.

Durante o período na escola destaca que as aulas eram dinâmicas, os professores dedicados e sempre os alunos estavam fazendo alguma coisa. Ele recorda que aprendeu sobre nomes científicos dos peixes, criação de pescado, sobre carcinicultura (criação de camarão), piscicultura, pesca no mar, criação de tanques, viveiro escavado. Um dos estágios mais marcantes foi sobre a criação de peixes em aquários, uma grande novidade para ele, “mesmo não seguindo na área eu consigo criar um projeto de viveiro escavado”.

A Alternância também foi um ponto marcante, no período em que estava na escola a dedicação era em tempo integral, quando estava em casa, durante o tempo comunidade, ficava acompanhado pelo plano de estudos e do caderno da realidade.

## **Deivid Dutra**

David Campos Dutra tem 28 anos, nasceu em Belém, era morador da Ilha de Caratateua, no Bairro da Água Cristalina, atualmente vive na cidade de Blumenau em Santa Catarina, onde trabalha como conferente em uma empresa de transportes. Ele concluiu o Ensino Fundamental na Escola da Pesca, foi aluno da primeira turma e ingressou no ano de 2009. Concluiu o Ensino Médio em outra escola. A sua família é de origem ribeirinha, são 8 filhos, que sempre trabalharam com a pesca artesanal, liderados pelo seu pai, no momento ele não está mais nessa atividade, apenas alguns de seus irmãos. David, orgulha-se em falar que ele e os irmãos foram criados através do trabalho com a pesca artesanal.

Antes de entrar para a Escola da Pesca era estudante da Escola Bosque, após repetir a 8ª série e sob a orientação da professora Edilzani, mudou de escola. Não teve dificuldades para se adaptar, pois conhecia os outros estudantes, lembrou das atividades na escola, do lazer, dos passeios em que se divertia e aprendia, lembra da Casa como um local de acolhimento e com o ensino bastante puxado.

Durante a entrevista, relembrou que antes do ingresso na Escola da Pesca, ele e sua família, realizavam um trabalho com a pesca com poucos conhecimentos, de um jeito bruto, a família mantinha uma criação de tilápias, mas com pouco controle sobre o processo de criação ou qualidade da água, por exemplo. Isso mudou a partir da sua entrada na Escola, ele

compartilhava o que aprendia sobre o manejo do peixe com seus familiares e isso ajudou na produção familiar.

Ele garante que se trabalhasse na área da pesca seria um excelente profissional e lamenta não atuar na área, segundo ele falta oportunidade para esse trabalho por aqui, no Pará, o que influenciou a sua mudança para Santa Catarina para buscar emprego. Ele fala com apreço sobre o período em que ficou na Escola e sobre o que aprendeu lá.

**Luciane** – Oi, Deivid, bom dia. Obrigada por aceitar conversar comigo, é um prazer estar falando com você. Queria que você começasse falando seu nome, a sua idade, e qual foi o período que você estudou na Casa Escola da Pesca, qual foi a série que você fez lá?

**Deivid** – Bom dia, meu nome é Deivid Campos Dutra, sou natural de Belém do Pará, no momento moro em Santa Catarina, na cidade de Blumenau. Fui um dos primeiros alunos da Casa Escola da Pesca, porém não estou lembrado do ano, mas fui da primeira turma, tem pessoas que podem confirmar, como a professora Elisane

**Luciane** – Deivid, como que você ficou sabendo da Casa Escola da Pesca? Como foi que você fez a sua matrícula lá?

**Deivid** – Fiquei sabendo da Casa Escola da Pesca pela professora Elisane, que chegou na minha casa informando sobre esse projeto que estava acontecendo em Caratateua para ajudar as famílias ribeirinhas, e como eu sou de uma família ribeirinha ela me indicou, fui lá e gostei do projeto, graças a Deus me formei lá, terminei meu fundamental por lá, graças a Deus, e agora consegui terminar todo o meu ensino médio, só que faz tempo que eu terminei, e estou muito feliz.

**Luciane** – E, Deivid, você era de qual comunidade? De qual região ali?

**Deivid** – Não, não, eu sou ali da comunidade mesmo, de Caratateua, São João de Outeiro, sou da região mesmo, das proximidades. Meu bairro era Água Cristalina.

**Luciane** – A tua família, Deivid, era família de pescadores, qual a sua origem familiar?

**Deivid** – A minha família, ela é ribeirinha. É uma família ribeirinha. Sempre trabalhamos na área da pesca, sempre nessa área, sempre nesse ramo. Hoje em dia, meu pai não trabalha mais nessa área, mas os meus irmãos ainda trabalham. O nome do meu pai é Pedro de Jesus Dutra e o nome da minha mãe é Olívia do Espírito Santo Campos. São pai e mãe de oito filhos, tiveram oito filhos e graças a Deus criaram todos na atividade, na área da pesca, graças a Deus, fomos sempre criados na área da pesca, e é onde a gente tem um foco muito grande na nossa região,

aí, na área da pesca, e passamos bem, não trabalhamos mais nessa área, entendeu, mas passamos bem, sempre na área da pesca.

**Luciane** – Antes de você estudar na Casa Escola da Pesca, onde você estudava? Você lembra a escola? Você fez até que série?

**Deivid** – Antes da Escola da Pesca eu estudei na Escola Bosque, estava cursando a oitava série quando fui para lá, foi que eu repeti de ano, entendeu? Aí a professora Zani chegou, me falando desse projeto, eu repeti o oitavo ano, aí ela me indicou e eu fui para lá. Fui lá que eu terminei. Em relação a nossa pesca, foi sempre na área artesanal.

**Luciane** – Como foi essa experiência de estudar lá nessa Escola, você teve alguma dificuldade de adaptação? Como foi começar a estudar lá?

**Deivid** – Olha, para mim, estudar na Escola de Pesca, não tive muita dificuldade para me adaptar, rapidamente me adaptei com o pessoal, já conhecia bastante gente porque a maioria era do bairro e quem não era do bairro era das ilhas ribeirinhas próximas, eu conhecia também. Aí, não foi uma situação difícil para me adaptar, me adaptei muito rápido, lá nós tínhamos o lazer, tinha as brincadeiras, tinha as atividades, tinha os passeios, eram passeios que a gente se divertia, mas a gente aprendia, é um lugar onde acolheu bastante a gente e nos ensinou até hoje, entendeu? É um lugar que eu indico para qualquer pessoa, a Casa Escola da Pesca, acolhe e apoia muito as famílias ribeirinhas.

**Luciane** – E sobre o período que você ficou estudando lá.

**Deivid** – A Escola da Pesca era assim: a gente tinha que passar dois anos estudando lá para sair com o ensino fundamental completo, não importava se você estava na oitava série ou na quinta série, com dois anos que você passa lá, você saía com o fundamental completo, mas isso era muito pegado, era um ensino muito puxado. Porque tinha gente que estava na oitava série, tinha gente que estava na quinta, na sexta. Tinha que ser bastante puxado, para sair com o fundamental completo.

**Luciane** – Deivid, o que você aprendeu nessa escola? O que ela te trouxe de aprendizado?

**Deivid** – Olha, sempre trabalhei na área da pesca lá na minha cidade, entendeu? Só que com a minha entrada na Escola da Pesca eu aprendi muitas coisas, até mesmo porque a gente pescava, só que a gente não tinha aquele conhecimento avançado, vamos supor, aquele conhecimento avançado. O nosso conhecimento era do nosso jeito, na área da pesca, sempre bruto, mas aprendi várias coisas. Aprendi, vamos supor, como tratar uma água para criar o peixe, aprendi a cuidar a criar, entendeu? Aprendi várias coisas, são muitas coisas que eu aprendi que hoje em dia, se eu trabalhasse na área, eu creio que eu seria um excelente profissional, infelizmente não

consegui trabalhar na área, porque no nosso Estado é difícil dar oportunidades nessas áreas, apesar que você pode trabalhar com pesca, mas para trabalhar na área, mesmo, é difícil. Aí, por isso que estou para cá, entendeu, vim para Santa Catarina à procura de trabalho, que no momento está meio difícil, mas graças a Deus, agradeço muito porque aprendi muitas coisas na Escola da Pesca.

**Luciane** – Então com o que você aprendeu na Casa Escola da Pesca você se sente qualificado para trabalhar em qualquer área da pesca... e isso que eu ia te perguntar, assim, e o que te levou ir para Santa Catarina? Eu pensei que poderia ser a pesca também... o que te levou ir até ali? Por que você acha que é tão difícil o trabalho com a pesca aqui?

**Deivid** – O que me levou a Santa Catarina foi a procura de trabalho, graças a Deus estou empregado, graças a Deus, estou bem empregado, não trabalho no ramo da pesca, bem que gostaria, entendeu? Mas, para mim, qualquer tipo de trabalho eu pegava, aí apareceu na área da transportadora, eu estou trabalhando na área da transportadora, graças a Deus estou bem empregado, mas se eu tivesse uma oportunidade na área da pesca, com certeza iria, porque é uma área que eu amo, entendeu? Gosto muito, para falar a verdade todos os finais de semana aqui, não todos, mas sempre vou no pesque e pague, porque eu gosto, é isso.

**Luciane** – Então, você gosta mesmo da pesca, você viveu isso com a sua família e depois isso te marcou pelo que você está me falando. E, como foi, queria que você voltasse um pouquinho, nessa que você falou assim que a sua família tinha um jeito bruto de trabalhar com a pesca, e qual foi o jeito novo que você aprendeu lá na Casa Escola da Pesca?

**Deivid** – Era assim, o nosso jeito bruto, era que o meu pai tinha uma criação de peixe, de tilápia, meu pai tinha uma criação. A gente criava de um modo muito diferente, vamos supor, a gente não tinha a medida do Ph da água, não sabia do solo, a gente só fazia cavar o tanque, o viveiro, fazia, entendeu, pegava, colocava os peixes lá, mas não sabia de nada. Porém, depois de um tempo a gente aprendeu algumas coisas com a Escola da Pesca, eu aprendi algumas coisas, hoje em dia, devido a estar longe e a não exercer o que eu aprendi, fica um pouco difícil pra explicar pra você, mas na época, quando eu saí da Escola de Pesca, se eu tivesse empregado naquele ramo, eu com certeza conseguia exercer uma grande profissão naquela área, por isso que eu falo pra você, o nosso trabalho bruto era não saber nada, na real, sobre como criar, cuidar do peixe, isso que eu falo, nós era muito bruto, entendeu, e aí ao decorrer do tempo a gente foi aprendendo, eu aprendi e o que eu aprendia eu passava pro meu pai, pros meus irmãos, entendeu? Era isso.

**Luciane** – Entendi, então o que tu aprendias na escola, tu compartilhavas com a tua família. E o que tu conseguiste aprender lá, de alguma forma alterou a forma como vocês trabalhavam com o peixe?

**Deivid** – Olha, não vou mentir para você, eu acho que eu aprendi sim, algumas coisinhas, porque, logo de primeira, quando eu não sabia nada, assim, como cultivar os peixes, era difícil sobreviver, entendeu? Aí, depois que eu passei para Escola de Pesca a gente já conseguiu uma coisinha a mais, conseguimos tirar a alimentação, para consumir e para vender, com a minha ida para Escola da Pesca eu creio que eu aprendi alguma coisinha, sim, porque a gente conseguiu tirar alimentação e para vender.

**Luciane** – E, assim, lá na Casa Escola da Pesca vocês ficavam num regime de semi-internato, certo? Um tempo na escola e um tempo com a família, na comunidade de vocês, como era esse período, esse processo, essa organização da escola?

**Deivid** – Esse período que a gente passava 15 dias em casa e 15 dias na escola, porém, os 15 dias que nós passávamos em casa, a gente levava atividade para os 15 dias completos. Não sei explicar o nome como era, que nós chamávamos, para o caderno que nós levávamos para casa para fazer o trabalho, mas toda vez que a gente voltava dos 15 dias, a gente tinha que apresentar todos os trabalhos feitos, todas as atividades. Aí, não mudava muitos os dias que ficava em casa porque tinha trabalho da escola, e na escola também era um negócio muito pegado, muito forte como eu falei para você, entendeu? A gente tinha que aprender mesmo. E foi um negócio bom, normal para mim isso.

**Luciane** – Então, não se preocupa que a gente não vai se alongar muito não, tem só mais duas perguntas. Queria que você me falasse, quando você terminou o ensino fundamental lá, quando você saiu da escola, o que você foi fazer, você continuou nos estudos, ou foi trabalhar, como foi... você saiu da escola, depois foi procurar emprego? O que aconteceu?

**Deivid** – Não, não, quando eu saí da escola eu fui à procura de trabalho mesmo, entendeu? Pois a área da pesca já estava um pouco difícil, entendeu, e tinha que ajudar meu pai, com meus irmãos, trazer o sustento para dentro de casa, aí tive que correr atrás de trabalho, fui trabalhar em construção civil.

**Luciane** – Entendi, então quando você saiu da escola você não voltou a trabalhar com a pesca, você foi procurar uma outra área de trabalho, certo. E, Deivid, uma última pergunta, qual é o teu sentimento em relação à Casa Escola da Pesca? Quando você pensa nela, quando você lembra do período que você estudou lá... o que te vem na memória, qual o sentimento que você tem em relação a ela?



**Deivid** – A minha relação à Casa Escola da Pesca, eu tenho um amor, um carinho, um lugar onde eu aprendi, onde a gente amadureceu na área da pesca. Então, se eu tenho uma coisa a dizer, é carinho, amor por essa escola. Não sei como está hoje, como se anda as coisas por lá, mas é para mim um lugar muito especial, tem muito a ver comigo lá. É isso.

**Luciane** – Deivid, agradeço a tua disponibilidade em conversar comigo, eu sei que o teu tempo é apertado, e eu agradeço muito por você estar conversando comigo hoje, num sábado.

### **Charles André Campos Barbosa**

Para realizar a entrevista com o Charles ele me recebeu em seu local de trabalho na Corregedoria da Polícia Militar do Pará, no horário do seu intervalo, no período da tarde. Em 2019 este novo prédio da Corregedoria foi reformado e entregue à Polícia, um prédio rosa e branco de mais de 107 anos, construído no período da Borracha, localizado na Avenida Magalhães Barata, as salas são de tetos altos e grandes janelas, com o piso de madeira, em uma dessas salas trabalha o Charles e foi onde ele me recebeu, ficamos conversando por mais ou menos 60 minutos.

Charles André Barbosa tem 29 anos, é Cabo da Polícia Militar do Pará e estudante do sexto período de Direito, casado e pai de dois filhos. Ingressou na Escola da Pesca com 15 anos, próximo de completar 16 anos, concluiu o Ensino Fundamental e o curso de Iniciação Profissional em Pesca e Aquicultura. Lembra que durante sua adolescência foi muito desinteressado em relação aos estudos, não gostava de estudar e antes de ingressar na Escola da Pesca já havia desistido da escola. A sua família é de origem das ilhas de Paquetá e Cotijuba, sua mãe é professora e trabalha em Icoaraci, ele disse que sempre viveu entre esses três lugares.

Antes de chegar à CEPE, ele foi enviado pela sua mãe para viver na Ilha de Paquetá com parentes, porque ele “aprontava” muito, foi matriculado na Escola Marta da Conceição, em Cotijuba, mas abandonou de vez os estudos e passou se ocupar com a pesca de camarão e de arrasto junto com os amigos, como uma forma de levantar dinheiro, tudo o que conseguia era usado para sair e ir em festa com os amigos. Ele não tinha muito planejamento do que fazer da vida, passava uma parte do dia pescando, outra jogando futebol e brincando com amigos e foi em um desses momentos que ficou sabendo sobre a Escola da Pesca.

Alguns de seus amigos já estavam matriculados e um dos professores da Escola da Pesca, que também trabalhava na Escola Marta da Conceição, informou que ainda havia vagas disponíveis, ele ficou curioso, mas demorou para avisar a sua mãe, e quando falou sobre a CEPE, já fazia dois meses que as aulas haviam começado, mesmo assim conseguiu se matricular e ingressou na escola na 3ª etapa do Ensino Fundamental. No começo foi complicado se adaptar, mesmo com amigos estudando na mesma escola, ele passou de um aluno que ia para a escola quando queria, para um aluno que morava dentro da escola.

Os primeiros dois dias foram bons, mas logo ficou com vontade de desistir, se ajustar a ao dia-a-dia, acordar cedo, a alternância de 15 dias, aulas em dois turnos e dormir na escola foi desafiador, com o tempo foi se adaptando, ele lembra que a rotina da escola era muito rígida, os horários deviam ser cumpridos, os professores e monitores cobravam aplicação, com o tempo ele entendeu que não conseguiria “enrolar” nessa escola, como fazia nas outras, e os trabalhos começaram a se acumular, ele disse que recebeu muito apoio dos professores, que o ajudavam e o orientavam nas atividades. Recebendo mais apoio e junto com a rotina da escola começou a surgir um forte vínculo entre ele, os colegas e os professores, dessa forma ele foi se dedicando mais aos estudos e começou a se destacar entre os outros estudantes passando, inclusive, a ajudá-los com as atividades.

Enquanto era estudante fez estágio no Centro Nacional de Pesquisa e Conservação da Biodiversidade Marinha do Norte - CEPNOR, um centro de pesquisa vinculado ao ICMBIO, que em Belém tem sede na Universidade Federal Rural da Amazônia, uma das parceiras da Escola da Pesca. O CEPNOR é um órgão que faz monitoramento e avaliação da conservação das espécies marinhas e o Charles trabalhava como auxiliar de coleta de dados, coletava amostras de camarão, os media e marcava o local de sua captura. Inclusive, seu nome aparece como autor em um artigo publicado<sup>24</sup>, por conta dessas pesquisas. Por conta desse trabalho após se formar na Escola da Pesca foi convidado a trabalhar no Instituto Aquamazon, uma empresa privada que faz pesquisa sobre recursos pesqueiros e emite relatórios sobre os melhores locais para a pesca, trabalha junto às empresas do setor pesqueiro refutando os relatórios de órgãos oficiais do governo.

No Instituto Aquamazon o Charles ficava trabalhando em alto mar, embarcado em um navio entre 30 e 40 dias coletando piramutabas, medindo seu tamanho e registrando os locais

---

<sup>24</sup> Ver BARTHEM, Ronaldo B.; MELLO FILHO, Adauto; ASSUNÇÃO, Wyllyans; GOMES, Paola F. F.; BARBOSA, Charles A. C. Estrutura de tamanho e distribuição espacial da Piramutaba (*Brachyplatystoma Vaillantii*) na foz amazônica: implicações para o manejo da pesca. **Boletim Instituto da Pesca, São Paulo**, v. 41, n. 2, p. 249 – 260, 2015. Disponível em: [https://www.pesca.sp.gov.br/41\\_2\\_249-260.pdf](https://www.pesca.sp.gov.br/41_2_249-260.pdf). Acesso em: 04 jun. 2020.

em carta náutica, ele fez questão de registrar que saber ler e entender os instrumentos de navegação, e que durante o período de um ano e meio que trabalhou no instituto conseguiu ser decisivo em alguns momentos que estavam em alto mar, ajudando a equipe na localização e leitura dos instrumentos, tudo isso ele aprendeu na escola da Pesca.

Assim que terminou o curso na Escola da Pesca ele foi morar junto com sua namorada e passou a viver em Icoaraci, onde continuou os estudos, fez o Ensino Médio na Escola Estadual Coronel Sarmiento, na modalidade EJA, em um curso noturno. Quando estava no 2º ano do Ensino Médio decidiu prestar concurso público para a Polícia Militar e com apenas 19 anos foi aprovado. Ele registra que, mesmo estudando em cursinho para o concurso, toda a sua base de estudos veio dos anos na Escola da Pesca, a rotina de estudos e os conteúdos. Além disso, após a sua aprovação no concurso ele se orgulha de ter ficado na 35ª posição no curso preparatório para a PM, entre 1800 cadetes.

É importante deixar isso registrado, pois durante a entrevista ele fez questão de pontuar que a sua ascensão profissional só foi possível, por conta do período que estudou na Escola da Pesca, foi lá que ele aprendeu a estudar e a gostar de estudar e isso fez toda a diferença no seu futuro. Sobre a pesca ele fala que, junto com a sua esposa, ainda tem planos de criar uma empresa de turismo na Ilha de Paquetá, inclusive o seu trabalho de conclusão de curso do Ensino Fundamental foi sobre isso, cooperativismo e turismo nas ilhas. Atualmente, Charles vive com a sua família em Icoaraci. Ele argumenta que atualmente a Escola da Pesca não é mais a mesma, falta mais rigor, os alunos precisam de uma orientação forte, capaz de orientá-los nas suas escolhas, pois a vida nas ilhas se repete, como uma roda (ou um moinho) e somente a escola e a educação são capazes de quebrar este ciclo.

## **Origem familiar**

**Luciane:** *E a tua família é das Ilhas ou é lá de Icoaraci?*

**Charles:** A minha família, do papai e da mamãe é das Ilhas, todinha.

**Luciane:** *Paquetá fica na frente? De Belém.*

**Charles:** Não, próximo de Cotijuba.

**Luciane:** *Na frente de Cotijuba. E aí você estudava lá, antes?*

**Charles:** Estudava no Cotijuba.

**Luciane:** *Estudou até que série, lá?*

**Charles:** Até... Eu ficava revezando Icoaraci – Cotijuba, Icoaraci – Cotijuba, quando estudava. Só que eu parei de estudar, aí voltei a estudar na Escola da Pesca. Tinha parado de estudar, na verdade. Estava matriculado, mas não ia.

**Luciane:** *A sua família ou você trabalhava com a pesca?*

**Charles:** Meus parentes... A mamãe é professora, mas eu trabalhava, mas era mais com camarão, de arrasto ou de lancear.

**Luciane:** *Você trabalhava com o camarão de que forma?*

**Charles:** Tipo, na verdade como eu era jovem, eu trabalhava, pescava camarão para poder sair, queria dinheiro na época. A gente pescava de arrasto com um tio meu, que é de lancear que a gente fala, de pegar numa rede de malha fina que ele pega de um lado no pau, eu pego no outro, a gente estica e vai arrastando pela beira. E, aí, vem camarão maior e a gente vendia no Cotijuba e gastava o dinheiro.

**Luciane:** *Então tu trabalhavas pra ti mesmo, antes de entrar na escola, tu trabalhavas...*

**Charles:** Só para subsistência mesmo, só para gastar com besteira.

**Luciane:** *E durante o período que você estava na escola da pesca você continuou fazendo esse trabalho ou não?*

**Charles:** Não. Me dediquei só a estudar. Porque na verdade eu não estudava, eu não gostava de estudar, eu tinha desistido já de estudar, essa que é a verdade. Parei e repeti acho que uns três anos antes, três ou quatro, aí eu fui mesmo (para a escola) porque não tinha nada para fazer, mas eu não queria. Como eu vi todos os meus amigos lá, eu quis ficar, mas fiquei mais pra ficar na sacanagem com meus amigos.

**Luciane:** *E a tua família toda, continuou lá, nas ilhas?*

**Charles:** Na verdade a mamãe morava em Icoaraci, porque ela, tipo assim, na verdade eu morava em Icoaraci antes, mas daí como eu aprontava demais...

**Luciane:** *Ela mandou você mandou para Paquetá.*

**Charles:** Foi. Tipo, eu era um desinteressado de tudo.

**Luciane:** *Como você ficou sabendo da escola?*

**Charles:** Foi um rapaz lá, que mora lá na Ilha que estava fazendo o cadastro e perguntou se a gente não tinha interesse. Aí, ele trabalhava como professor e foi lá fazer esse cadastro. Mas não era da Escola da Pesca o professor. Ele foi lá fazer o cadastro, estava lá jogando bilhar um dia, aí ele perguntou se a gente queria. Pensei até que não ia acontecer, falei que queria por falar, mas na verdade não queria não.

**Luciane:** *Quando você ingressou na Escola?*

**Charles:** Entrei em 2010 por aí, 2010 ou 2012, eu acho, não lembro, realmente não lembro.

**Luciane:** *Quantos anos você tinha?*

**Charles:** Acho que eu tinha uns 16. Eles foram lá na Ilha. Eu estava lá na época em que estava estudando na Cotijuba. Eles foram lá e perguntaram se a gente se interessava. Aí com o tempo a minha mãe foi lá comigo, quando já tinha iniciado a turma, tinha dois meses ou três. Fiquei olhando lá, falei: vou lá, tem nada para fazer.

**Luciane:** *Você morava onde nesse período?*

**Charles:** Eu morava... Acho que eu morava no Paquetá, depois..., mas quando eu entrei já fui pra Icoaraci, eu fiquei morando lá com a mamãe.

**Luciane:** *Quando você voltou a estudar na Casa Escola da Pesca pra fazer o Fundamental?*

**Charles:** É.

**Luciane:** *E aí você fez o fundamental e o médio lá?*

**Charles:** Não, só o fundamental.

**Luciane:** *Por que você não fez o médio lá?*

**Charles:** Porque não... Quando a gente acabou não tinha. Não conseguiram.

**Luciane:** *Depois que acabou o fundamental você foi pra onde?*

**Charles:** Eu fui... Eu me amiguei (risos). E, aí, eu fiquei viajando pelo Instituto Aquamazon,. Fiquei um pouquinho ali pelo CEPNOR depois fiquei no Aquamazon, quase um ano e meio.

**Luciane:** *O que é o Aquamazon?*

**Charles:** O Aquamazon é um Instituto que faz o estudo sobre o recurso pesqueiro, na área pesqueira. O CEPNOR também, só que o CEPNOR era da UFRA.

**Luciane:** *Qual era teu trabalho, lá?*

**Charles:** Era coleta de dados. De pegar uma amostra de cada rede de arrasto, aí media. De Piramutaba, aí depois foi pro camarão. A gente pegava uma amostra, medida a Piramutaba. Na Piramutaba só media a Piramutaba, três basquetas por arrasto, media o tamanho...

### **A vida na Escola da Pesca**

**Luciane:** *Como foi quando você começou a estudar lá na Escola?*

**Charles:** De início, foi legal, assim, os dois primeiros dias, conhecia todo mundo, a galera ficava lá. Na verdade, até uma semana foi legal. Mas aí, depois começou a bater uma

tristeza, uma vontade de ir embora, e aí começou a ter um choque de conflitos na cabeça, assim, um modelo muito estranho. O jeito das pessoas, de conviver junto, a gente começou a ter muito conflito interno, entre nós mesmos e começou a bater um desespero, assim, num primeiro momento. Vontade de desistir. Ainda mais que na época era o professor Lins, ele era um pouquinho rígido, a gente acabava tendo umas sanções por cada briga e mesmo assim tinha conflito e aí ficou naquele conflito entre a punição e as desavenças entre si e a mediação. Ficou uma mistura meio estranha, então ficou muito ruim depois da segunda semana, pra gente conviver lá. Mas a gente... eles souberem lidar com. Na verdade, eles souberam mediar o conflito que teve internamente. E aí, na segunda semana eu não queria voltar, mas como eu já estava lá eu fui.

**Luciane:** *Como foi ficar o período de internato na escola?*

**Charles:** Isso que ficou mais complicado, porque era 15 dias, e batia o desespero porque a gente queria ir embora e aí quando acabou a segunda semana e a gente foi embora e deu aquele alívio, quando foi pra voltar era um sentimento meio ruim, não queria.

**Luciane:** *Como era o trabalho na Escola? O que vocês faziam durante os 15 dias que vocês ficavam lá?*

**Charles:** A gente estudava muito. De dia, a gente acordava cedo, 6 horas, que tinha um sino lá que batia quem não tinha despertado. A gente tinha que acordar cedo, tomar banho até 7 horas porque o café era até às 7 horas e às 7h30min tinha que estar na sala. Às vezes a gente perdia o café, aí não queriam dar, a gente ficava com fome... E, aí, 7h30min a gente entrava na sala, aí ficava até umas 9h40min estudando, aí saía até 10 horas para merendar de novo, e das 10 horas às 11h40min a gente estudava de novo. Aí ficava de 11h40 até 2 horas, que tinha o almoço, descansando, relaxando um pouquinho pra 2 horas estudar de novo.

**Luciane:** *Era de manhã e de tarde a aula?*

**Charles:** É, de manhã e de tarde.

**Luciane:** *E à noite vocês faziam o quê? Já que vocês ficavam lá, direto?*

**Charles:** No começo a gente brincava, jogava bola, quando a gente não aprontava, que a gente ficava proibido de brincar, a gente brincava quando dava.

**Luciane:** *Onde vocês brincavam na escola?*

**Charles:** Jogando bola, tinha um campinho lá, tinha uma quadra de vôlei, então a gente brincava lá, mas às vezes não dava, porque a gente aprontava.

**Luciane:** *E tinha que estudar também?*

**Charles:** No começo até que não, nas primeiras semanas foi muito tranquilo, mas com o tempo começou, na verdade, assim, já no terceiro mês, no quarto, começou a apertar ali, os trabalhos começaram a acumular e a gente começou a ter sanções por não entregar trabalho. Tipo, a gente foi obrigado, praticamente, a fazer os trabalhos, então no horário da noite a gente já não conseguia brincar porque tinha que fazer o trabalho, alguns. E a gente já começou a ficar nessa rotina. Só que com o tempo, depois com o tempo assim, uns 8 meses, 9... quem estava já lá dentro, a gente ficou adaptado a essa rotina. A gente saía de noite, jantava e ia fazer os trabalhos, acordava de manhã automático, ia pra sala, estudava. E, aí formou os grupos, mas a maioria todo mundo era unido e a gente começou a já sentir falta de ficar lá. Parece que inverteu a função da família, a gente já não sentia tanta... pelo menos eu, a família já se equiparou à Escola da Pesca, a gente já não sentia tanto esse conflito, muito pelo contrário, como já não tinha, tinha uma proximidade com a minha família, sim, mas o vínculo ficou muito mais forte com a Escola da Pesca, com os professores, os alunos, começou a ter um vínculo maior, aí a gente...

**Luciane:** *Então no começo foi complicado se adaptar, mas depois que engatou você já inverteu, gostava de ficar na Escola? E no período que vocês ficavam fazendo alternância fora da Escola, na comunidade, o que vocês faziam?*

**Charles:** Geralmente alguma atividade, algum trabalho de campo. Então às vezes era uma pesquisa, às vezes era alguma coisa relacionada à pesquisa mesmo, em si, o que a gente aprendia lá, tipo, se fosse, um exemplo, a semana fosse relacionada... porque toda semana era relacionada a um tema, e aí a quinzena a gente mais ou menos aplicava, tentava aplicar a metodologia da quinzena interna, da Escola, fora. Então ali eram geralmente esses trabalhos, relacionados a isso.

**Luciane:** *Então, fora da Escola vocês continuavam estudando ainda?*

**Charles:** Sim. Mais ou menos. Não na intensidade que era lá dentro, porque lá dentro era muito intenso mesmo, tanto é que às vezes a gente tinha que ajudar os outros pra eles tentarem acompanhar, porque como todo mundo também ninguém sabia de muita coisa lá e, aí, se a gente enrolasse... e como estava aumentando o nível de exigência, se a gente tentasse enrolar a gente não conseguia acompanhar. A gente percebia isso durante a metodologia, quem conseguia ir tentava puxar os outros pra ele conseguir acompanhar, e aí tinha que se esforçar pra conseguir se manter dentro do nível lá, então, na verdade, essa questão de estudar, que eles colocavam lá pra estudar de manhã e à tarde acabou

fazendo com que a gente, dentro dos 15 dias, se focasse muito. A gente praticamente vivia as contas e como eles faziam um planejamento escolar, todos juntos, acredito, então todas as matérias ficavam ligadas entre si. Então a gente praticamente vivia, pensava no estudo lá. A metodologia de ensino era muito intensa, mas ao mesmo tempo o nível de assimilação era muito grande.

**Luciane:** *E pra ti que, você me falou que era um aluno meio desligado, que aprontava... como foi sair dessa... e entrar numa Escola que te exigia mais, que cobrava mais de vocês e vocês moravam praticamente dentro da Escola, como foi isso?*

**Charles:** Como eu te falei, no começo teve um conflito muito grande, só que eu acho que o diferencial, no meu caso, tipo assim, quando eu entrei, os professores conversavam muito comigo, e aí, ao mesmo tempo que eles exigiam, eles davam força. Tipo assim, eles pegavam um trabalho, que pra mim não era tão, tão difícil, mas eu, na verdade acho que tinha muita preguiça não queria estudar mesmo, mas como eles me incentivavam muito, aí às vezes eu não queria decepcionar eles, então eu tentava me esforçar. Só que nessa, tentando me esforçar, eu acabava acertando e eles acabavam me elogiando e eu acabava gostando, e aí comecei a querer fazer as coisas um pouquinho melhor, um pouquinho melhor e eles conversavam comigo: "Charles tu és inteligente, tu consegues, vai, tu consegues". E, aí fui nessa onda, eles me teleguiando e eu gostando de ser teleguiado. E, aí, quando eu vi, já...

**Luciane:** *Já estava ensinando os outros, já?*

**Charles:** Mais ou menos assim.

**Luciane:** *E em relação a aula, porque vocês tinham disciplinas da área comum, Português, Matemática, e disciplinas relacionadas à formação pra Pesca. Você me falou que já pescava, já tinha contato com isso, como era essas disciplinas na Escola? O que você aprendeu de novo, ali dentro da Escola, com relação à pesca?*

**Charles:** Olha, com relação à pesca de peixe eu era zerado, não sabia nada, nada, nada. Então, pra mim, praticamente foi do zero, então tive uma dificuldade grande pra caramba. Porque eu comecei a pescar camarão, só que eu nunca fui pescar pra fora, o máximo que eu fui era uma pesca lá perto que era o Tatoca, que é uns 20 minutos de lá, e nada muito assim, como os outros meninos. Então, quando eu comecei eu tinha muita dificuldade, porque eu não sabia, eu sabia pouca coisa com relação à pesca, então eu tive que estudar um pouquinho mais, pra não tirar nota baixa, não foi uma experiência tão boa não.

**Luciane:** *Mesmo tendo esse contato, a parte técnica você não sabia, você aprendeu na Escola?*



**Charles:** Foi, a parte técnica de peixe relacionada à peixe era zerada. Sabia jogar uma linha, pescar de caniça, anzol, mas essas partes assim... porque eles eram muito específicos para uma pesca que eu não fazia, também relacionada a peixes da questão da pesca artesanal, mas também da pesca industrial, então eu não tinha o contato com o que eles ensinavam lá, eu era bem zerado mesmo. Eu já tinha visto, era do meu cotidiano, mas eu nunca tinha prestado atenção, na verdade, era uma coisa que pra mim não interessava.

**Luciane:** *E teve alguma coisa que você aprendeu e que ficou na sua memória, alguma aula, algum estágio, alguma coisa que você aprendeu que ficou marcado pra ti, durante o período que você estava na Escola? Que até hoje, assim, daquele momento, eu lembro daquilo.*

**Charles:** Na verdade teve vários, assim, mas com relação a estágio, teve dois estágios. Teve um que eu faltei, que eu não fui, que eu fui esculhambado, que eu era irresponsável, mas naquele momento lá, foi um divisor de águas pra mim, apesar de estarem me chamando que eu tinha sido irresponsável, eu já era, já sabia o que eu queria, de certa forma com relação à pesca. Eu não queria fazer aquele estágio lá, não queria me aprimorar naquela área.

### **A trajetória após a Casa Escola da Pesca**

**Luciane:** *E como foi, o que você pode dizer que ter estudado lá na Escola da Pesca representou pra você, o que isso representou na tua vida, na tua formação?*

**Charles:** Na verdade, na verdade, como o ensino lá era muito intenso e eu não queria estudar, eu acabei devido à minha tutora e às professoras que conversavam comigo, eu acabei me destacando um pouquinho mais lá, e aí isso me ajudou muito na questão das minhas provas que eu fiz, fiz algumas provas. E, na verdade, até a prova da Polícia, porque como era Ensino Fundamental, dá a maior base, de tudo, e como o estudo era muito intenso e eles forçavam bastante, a gente praticamente... Ensino Fundamental, pra quem se dedicou lá, praticamente sabia tudo, com relação às outras matérias. Então, foi praticamente o que me alavancou quando eu fiz outra atividade, então me ajudou bastante na hora de passar e na minha ascensão profissional e, até hoje, na maioria das provas que eu... Quando eu saí de lá, pra você ter uma ideia, que a gente ia fazer provas, pessoas do Ensino Médio disputavam nota comigo. Minha família todinha queria tirar nota maior que eu, e eles tinham Ensino Médio e eu fundamental, e aí eles não conseguiam. E, aí, pra mim, hoje, na verdade, só tenho o que eu tenho hoje, tudo o que

eu tenho é devido à Escola da Pesca. Tudo o que eu consegui, só consegui devido àquela metodologia de ensino. Me ensinou a cumprir horário, me ensinou obrigações, me ensinou de forma rígida, foi, mas...

**Luciane:** *E você fez fundamental lá, chegou com 15 pra 16 anos, e ficou lá até os seus 17, 18 anos?*

**Charles:** Foi.

**Luciane:** *E depois você foi fazer o Ensino Médio aonde?*

**Charles:** Eu fiz no Coronel.

**Luciane:** *Lá em Icoaraci?*

**Charles:** É, no Icoaraci. Porque na época eu estava amigado, tudinho, estava morando lá. Aí fiz o EJA, primeiro e segundo, e logo depois passei no concurso, em seguida.

**Luciane:** *Você fez cursinho ou você estudou só na Escola mesmo?*

**Charles:** Não, fiz cursinho também. Fiz cursinho, só que o concurso não era pra nível Fundamental, na verdade na época que eu fiz era segundo ano. Eu estava cursando o segundo ano, só que as coisas, a maioria das coisas eu aprendi na Escola da Pesca. Então, praticamente só ficou um pouco mais difícil, mas eu tinha base de tudo quase, e aí, como eles focavam muito também em interpretação de texto, na prova caiu só interpretação de texto, eu fechei, fechei na verdade quase tudo.

**Luciane:** *Aí você fez o concurso quando ainda estava no Ensino Médio?*

**Charles:** Foi, estava cursando o primeiro e o segundo ano.

**Luciane:** *Você tinha quantos anos, mais ou menos?*

**Charles:** 19.

**Luciane:** *Aí você passou no concurso da PM, Polícia Militar, e tem que fazer outro curso dentro da Polícia, depois que passa?*

**Charles:** Eu me dediquei um pouquinho. Assim, na verdade a nossa turma eram 1.800 pessoas e eu, depois da Escola da Pesca, na verdade, depois dos... tinha algumas provas internas lá, e aí eu sempre ficava em primeiro. E, aí, eu comecei a me acostumar e a gostar de sempre ficar entre os melhores, ficar entre os primeiros. E, aí, na Polícia eu tentei ficar, mas não consegui. Na minha turma são 1.800 pessoas e eu sou o 35º geral, assim, mas...

**Luciane:** *É uma ótima colocação.*

**Charles:** Eu não consegui porque deu uns problemas, mas mesmo, ainda cheguei a viajar quando saí de lá, ainda fiz um, ajudei num artigo científico que foi pra derrubar uma tese do Ibama, que foi um professor da UFRA, um doutor, ele é o doutor da... o Rei da

piramutaba, conhecido intelectualmente, então as empresas subsidiaram a pesquisa, porque como estava em declínio na época o peixe lá nesse pesqueiro, então tinha uma outra área que era proibida a pesca porque o Ibama tinha feito algumas alegações que lá era local de desova de piramutaba, então não poderia pescar, só que o professor falou que não, que era mentira porque na verdade tinha ocorrido um fato lá, há um tempo atrás, sobre algumas mortes de pescadores industriais, pescadores artesanais, mataram. Aí, depois disso, o Ibama proibiu, com essa alegação. Só que, aí, como as empresas estava com risco de quebrar, então tinha que ter provas para tentar derrubar a teoria do Ibama. A professora falou na empresa lá, foi até engraçado, precisavam dos melhores nesse trabalho pra ir fazer essa coleta de dados.

**Luciane:** *E você é bom em coletar de dados?*

**Charles:** Me chamaram pra ir (risos). O cara da Incomafra é uma empresa que recebeu, que patrocinou a pesquisa. Então quando a gente entrou lá, o cara até ficou: "Ah, pensei que era uma pessoa mais velha, tu és muito novo, é tu, é?" E eles receberam a gente lá no coquetel, com a professora Amanda e o Adalto professor também, que é doutor em piramutaba, e aí a gente foi lá, eu e um oceanógrafo, que era quase da minha idade, mas também ele era muito bom, que era o Leon o nome dele. Nessa viagem, particularmente, todos os conhecimentos da Escola da Pesca, em relação à pesca, eu tive que usar porque a gente teve um conflito interno lá com o patrão de pesca, é o que pilota. Porque a viagem tinha arrastos pré-estabelecidos em cada localidade e, aí, como eu já estava cogitando que poderia acontecer isso eu peguei uma carta náutica. Só que lá é milha e uma carta a gente não sabe mais ou menos onde o barco tá. E até hoje, eu nunca esqueço, o cara... a gente sabia que o cara estava arrastando dentro das milhas, que não pode, só que ele poderia, tinha autorização do Ibama pra fazer uma quantidade específica de arrastos, que a gente precisava das outras coletas, mas ele só queria ficar lá, porque dava mais peixe lá. Daí a gente tentou mostrar pra ele que não era lá. A gente sabia que não era. Mas como a gente ia fazer se a gente não tinha a carta? Aí a gente pegou a carta e ficou lá batendo cabeça: como a gente faz pra medir 10 milhas náuticas aqui? Porque a gente sabia, que era 10 milhas náuticas, mas como colocar numa carta de 1 pra 1 milhão, 10 milhas...

**Charles:** E aí a gente começou a matutar, lá, e aí, engraçado, eu falei pro menino lá: olha, eu sei quanto é uma milha. Aí falei pra ele: "quantos metros é um grau?" Um grau latitude. Aí ele falou: "É 111 km". A gente ficou: "sério? uma milha é 1852 metros, se 1 grau é

111 km, bora converter isso tudo pra metro". Aí a gente converteu tudo pra metro e conseguiu descobrir as 10 milhas e foi traçando na régua, todinhas as 10 milhas, e foi pegando a latitude do arrastro e colocando lá.

**Luciane:** *Arrastro é puxar a rede, jogar?*

**Charles:** É, jogar a rede e arrastar, porque dá a latitude inicial e a final. E aí a gente traçava e fazia o risco. Aí fui lá e falei pra ele, a gente não ia falar que ele estava fazendo de propósito, senão ele ia jogar a gente na água lá.

**Charles:** Falamos: "olha, eu acho que o senhor precisa ir lá naquele tal local, olha aqui, a gente fez o arrastro e marcou tudinho". Aí ele ficou olhando a carta, toda marcada e falou: "vocês fizeram, foi?". Aí foi que ele foi pra lá e a gente conseguiu a coleta das outras áreas e foi publicado o artigo, mas como eu entreguei na Polícia, tudinho, há uns anos atrás, eu não sei o que foi que deu, se ele conseguiu derrubar a tese do Ibama, mas foi legal a participação. Tem até o meu nome está lá.

**Luciane:** *E é um trabalho bem técnico. Precisa fazer leitura de carta náutica, fazer a leitura de dados e isso você aprendeu lá?*

**Charles:** Isso. E o pessoal da Aquamazon me ensinou também, um pouquinho.

**Luciane:** *E hoje, assim, tu te sentes, se tu não fosses policial, tu te sentes qualificado para trabalhar com a pesca, pra fazer alguma coisa específica relacionada à pesca a partir do que tu aprendeste na Escola?*

**Charles:** Sim. Eu acho que se eu não fosse policial, na verdade eu ia pra essa área pesqueira, era uma área que eu gostava. Na verdade, eu gostava dessa coleta de dados. Eu ia pra essa área com certeza. Esse é um trabalho acadêmico, não é um trabalho de profissão, de fosse talvez eu não teria feito a prova, eu teria ficado por lá, se tivessem, se fosse tipo, remunerado, essas coisas, tivesse uma certa, qualquer maneira uma estabilidade de como for. Mas não era, não tinha certeza do amanhã, então...

**Luciane:** *Ah, tá bom. E, aí depois que você... Já faz 6 anos que você é policial?*

**Charles:** É.

**Luciane:** *6 anos trabalhando aqui e você é Cabo, é soldado...?*

**Charles:** Eu sou Cabo. Aí, 6 anos trabalhando no interior por 3 anos, daí vim pra cá, aí tô nessa parte, como eu faço Direito.

**Luciane:** *Ah, você é estudante de Direito, hoje?*

**Charles:** Sim, estou no sexto ano.

**Luciane:** *Você é policial, faz Direito, e qual o teu projeto futuro?*

**Charles:** Na verdade a minha esposa tem uma empresa de turismo. Um dos meus nichos, assim, depois de viagem, tinha um trabalho de conclusão de curso da Escola da Pesca...

**Luciane:** *Um projeto profissional?*

**Charles:** Isso. E o meu foi relacionado ao turismo, porque eu vi um potencial financeiro, social, muito mais rentável, muito mais viável para as Ilhas. Porque todo mundo estava vindo pro lado da pesca, mas eu queria uma coisa mais abrangente que envolvesse todo mundo, não só um projeto pra mim, mas um projeto para toda a região,

**Luciane:** *Qual era a tua ideia, onde você queria implementar esse projeto?*

**Charles:** Na verdade eu tentei primeiro no Paquetá, só que eu tentei com uma cooperativa. Só que a gente não conseguiu, e eu fiquei sozinho, eu e a minha esposa, ela fez sozinha lá, e a gente tentou no Jutuba, agora como teve a pandemia a gente está mudando de local, mas continuou no Jutuba. E a gente está construindo lá, ajustando, esse ano a gente vai deixar praticamente, não vai funcionar lá, mas funcionou no começo do ano, fez uma parte, fez o cadastro.

**Luciane:** *Mas aí seria um restaurante, uma área de lazer...?*

**Charles:** É, ia ser um restaurante, questão de lazer, questão voltada ao... mais ou menos isso. Porque a gente fazia trilha, tudinho, explicava sobre a história das ilhas...

**Luciane:** *Turismo ecológico?*

**Charles:** É. Mas aí também tinha a questão do... como é praia lá tinha a questão do balneário, tinha um pouquinho de cada coisa com relação ao turismo. Se a pessoa quisesse só ficar tomando banho na praia, ficava lá tranquilo. Quisesse ir pra lá só pra beber, encher a cara, tem lá. Só pra comer. Quisesse aproveitar a questão natural das ilhas, a gente tinha um rapaz lá que apresentava as ilhas tudinho, a história das ilhas, essas coisas.

**Luciane:** *Tu fizeste esse projeto enquanto estava lá, foi teu projeto de conclusão de curso na Escola da Pesca e pensa em retomar ele agora? Tá retomando-o agora, na verdade.*

**Charles:** É, foi. E lá, quando eu vim de lá, porque eu tava no interior do Pará trabalhando, aí quando eu vim, fiquei matutando, maturando, aí eu comecei a fazer.

**Luciane:** *E, hoje, tu moras em Icoaraci?*

**Charles:** Sim, tenho, uma mulher, dois filhos...

**Luciane:** *Tu és filho de quantos, tem quantos irmãos?*

**Charles:** Só tenho dois.

**Luciane:** *Dois irmãos?*

**Charles** – É, minha mãe teve poucos filhos.

**Luciane:** *Olha, eram essas as perguntas que eu tinha pra fazer pra você. Tem alguma coisa que você queira acrescentar, alguma coisa que você acha que falou perguntar, sobre a tua experiência?*

**Charles:** Acho que não, acho até que eu falei um pouquinho demais.

### **Algumas reflexões sobre a escola e a vida nas ilhas**

**Charles:** Uma coisa que eu gostaria de falar, na verdade. É que depois que acabou a nossa turma entrou outras, mas, assim, eles, não sei na verdade como estão os outros, mas é o que demonstra. Que depois que eles pararam o regime de alternância, de internato, assim, ficou uma coisa mais... não teve mais um diferencial na Escola da Pesca, ela é uma escola como outra qualquer. Os meninos nunca vão saber, que realmente... Na verdade a Escola da Pesca era uma família, na primeira turma, então os meninos agora estão numa, é uma escola normal, que na verdade não tem nem como... eu não vejo dedicação. Fico triste por isso, porque ela conseguiu mudar a vida de muita gente, lá, não só a minha, mas, até porque o meio, ele faz a pessoa, então o nosso meio lá era de estudo, companheirismo, dedicação, então, até as pessoas que não, do próprio Outeiro que não eram acostumadas a pescar, elas começaram a se destacar também, começaram porque o meio delas era assim. Mas agora eu não vejo isso e fico triste por causa disso, por ter acabado o regime de internato.

**Luciane:** *E tu achas que... a última vez que a professora explicou, a diretora, é que eles não estavam mais dormindo na Escola, não estavam fazendo regime de internato mesmo, eles iam, assistiam a aula e voltavam pra casa. Não ficavam mais lá por alguns problemas. Tu achas que isso é ruim, que isso prejudica a proposta da Escola?*

**Charles:** Eu acho que sim. Porque o que eu entendia da proposta dela, era uma Escola de internato, com especialização na área da pesca, e que tivesse tipo um semi-internato. Então tinham direitos, deveres, regras, obrigações e isso ajudava as pessoas. Na verdade, isso formava cidadão lá, formava adultos, formava gente com compromisso, esse era o diferencial, na verdade. Teve algumas peculiaridades, mas não por culpa da Escola da Pesca. Mas se pegar a média de conhecimento dos alunos da Escola da Pesca com qualquer outra escola do Outeiro ou Icoaraci, tinha uma diferença muito grande, questão de conhecimento, muito grande. A gente praticamente vivia pra aquilo, a gente tinha todo o auxílio do governo, que eu falo questão municipal, tinha alimentação, tinha comida, tinha professores, tinha tutores. Professores viravam psicólogos, tem milhares de problemas particulares e familiares que conseguiram resolver na Escola, não foi nem

entre pai e filho. E, aí, fez muita gente ficar madura, fez muita gente saber o que queria na verdade mesmo. E se tivesse Ensino Médio lá, se tivesse continuado, teria muita gente em destaque hoje, nessa área. Talvez não tanto em pesca, mas em todas as áreas ali, então, pra mim...

**Luciane:** *Se tivesse o Ensino Médio na época que você estava lá, você teria feito lá?*

**Charles:** Teria. Todo mundo. E acho que eu não estaria aqui hoje, acredito.

**Luciane:** *Entendi. Uma boa observação. Obrigada pela tua atenção. Foi ótima a entrevista.*

**Charles:** Eu trabalho com açaí.

**Luciane:** *Você trabalha com açaí? O que você faz do açaí?*

**Charles:** A gente vende, minha esposa tem um terreno lá, do avô dela, que deu pra ela. E a gente tira açaí pra cá pra Icoaraci.

**Luciane:** *Quando você morava lá em Cotijuba, o pescado que você pescava, as coisas que você fazia eram vendidas na feira, no trapiche...?*

**Charles:** É, eu pescava com um tio meu, como lhe falei, não queria nada com nada, só queria ver a vida era beber, praticamente já estava até meio viciado em bebida, com 15 anos aí, a gente pescava, ia lá pra Cotijuba vender na rampa, ganhava na época, R\$ 25, R\$ 30 reais, era R\$ 15 pra cada, não tinha essa de mais pra mim, mias pra ti, a gente ia vender. Porque, assim, a vida na Ilha, ela é um ciclo, na verdade isso é um grande problema. Eu vou muito pra lá, muita gente fala comigo porque é como se fosse uma roda. É como se fosse, não sei se você já viu, *Game of Thrones*?

**Luciane:** *Já, gostava muito.*

**Charles:** É como se fosse aquela roda que a menina falava. Ela falava sempre numa roda e essa roda sempre se repetia, nunca mudava, então o objetivo dela era quebrar essa roda. E, aí, na Ilha existe também essa roda? Tanto é que eu me enquadrei dentro dela, nesse contexto social que eu falo. As meninas lá, elas são criadas pra ser mulher de família, elas não são criadas pra ter profissão. Tanto é que, às vezes, como eu sou casado com uma pessoa de lá e eu consegui sair dessa roda que eu falo, a gente às vezes tem um conflito porquê de certa forma ela também é prendida na roda e eu eu quero tirar ela, a gente sempre conversa, às vezes tem os problemas familiares com relação a isso. O que acontece, os homens também estão inseridos lá e o cotidiano das pessoas lá, os meninos não são criados pra estudar, são criados pra trabalhar, estudam pra ter um conhecimento, mas são criados pra trabalhar e, aí, quando chega seus 16, 17 anos, ou menos, 15, eles já querem parar de estudar, já querem trabalhar porque querem dinheiro. Porque os

adultos, eles pegam, tiram açaí de manhã, de tarde vai jogar uma bola, jogam bilhar, bebem e vão dormir. De manhã acorda de novo... Então a vida deles é isso. E tem que se amigar, se amiga sempre cedo, então com 16, 17 anos as pessoas já estão se amigando, esse é o natural. Aí vai morar, entra no ciclo também... Tipo um ciclo vicioso. Então, a Escola da Pesca conseguiu me tirar. Como eu estava com 15 anos e só queria saber de beber, já não queria estudar, acho que eu parei uns 4 ou 5 anos desisti de estudar. E, aí, quando eu vou pra lá na verdade agora, algumas pessoas viram que eu, acho que sou um dos poucos que faz Direito lá, que tenho uma profissão assim, então muitos chegam pra perguntar como eu faço, como que eu fiz e tal e eu ajudo. Tem um rapaz que eu levei até aqui pra fazer um cursinho, que ele queria fazer alguns concursos, daí eu falei: "estuda lá, faz". Porque ele tinha acabado o Ensino Médio, então a gente sempre orienta. O pessoal vai e me pergunta as coisas, às vezes eu me meto nuns problemas judiciais, pra tentar resolver, que as pessoas não sabem. Então, querendo ou não, como eu saí desse ciclo, eu acabei vendo um pouquinho de prestígio com relação às pessoas. Mas, aí, o meu objetivo mesmo era fazer o que a Escola da Pesca fazia, era tirar as pessoas daquele ciclo, mostrar que existe um mundo maior pra eles. E, infelizmente, a Escola da Pesca não conseguiu mais, que ela de certa forma entrou no ciclo, onde a maioria das escolas entraram hoje, que é o ciclo que dar aula, não entrando no mérito de... não entrando nesse mérito, mas falando o que eu acho, particularmente, independente de... muitos professores hoje trabalham só pra receber o salário, esquecem que o trabalho deles é um trabalho que é fundamental, não é à toa que é uma profissão fundamental, que é uma área fundamental. A escola, a saúde e a segurança. Se eu trabalho só pra receber o meu salário, naturalmente, se acontecer alguma coisa com a minha família eu vou ser um dos culpados porque eu exerço a segurança, então, se eu não pensar em exercer um bom trabalho, tratar as pessoas bem, mostrar que a Polícia Militar não é esse vilão que a mídia - eu estou falando a minha opinião -...

**Luciane:** *Tudo bem, pode ficar à vontade.*

**Charles:** ...Que a mídia mostra, eu vou contribuir pra uma insegurança, uma sensação de insegurança geral e as consequências que isso vai trazer pra minha família e eu faço parte, se eu entrar num ciclo que eu acho que alguns policiais entraram. E a mesma coisa os professores, eu entendo que alguns professores entraram nesse ciclo, de devido ao contexto do Brasil, que não tem jeito as pessoas, ele já tem a profissão dele, ele vai trabalhar só pra receber o salário dele no final do mês, só que ele não percebe que o



trabalho dele vai fazer mudança de vida e a geração futura depende dele. Depende também da questão estrutural, da família, mas depende dele, então, eu sinto muito... eu fico muito triste na verdade, com relação à Escola da Pesca, quando mudou essa concepção dos professores, e essa questão do regime, então ficou uma coisa muito esporádica, muito um faz de conta, muito no papel.

**Luciane:** *Perdeu seu compromisso também...*

**Charles:** Foi, com a educação, com os alunos, com tudo.

**Luciane:** *Tu falaste de alguns professores, aqui. Quando a gente guarda o nome de um professor é porque geralmente ele marcou a gente, porque são vários professores ao longo da vida. Você falou do Lins, da Amanda, do Adalto... pessoas que passaram na tua vida.*

**Charles:** É, professor Adalto, ele não foi meu professor, na verdade foi do Aquamazon. Na verdade, o conjunto dos professores lá eram muito bons, apesar de não serem concursados, mas eles tinham um nível de excelência muito grande. Eu não sei se é porque eles eram cobrados pra isso, mas também porque eles eram bons. Mas todos os professores, acho que eu me lembro de todos. Eram excelentes, eu gostava muito. A professora de Português era excepcional, a professora Valmira. Na verdade, a professora Valmira acho que foi minha melhor professora até hoje. Depois eu colocava a minha professora de Educação Cidadã, ela deu olhar muito pra questão do que o militarismo trata, porque às vezes quem tá de fora, ele acha que o militarismo é uma doutrina, e na verdade o militarismo não é doutrina, porque a doutrina ela... você coloca as questões de pensadores, de linhas de pensamento de várias pessoas e o militarismo, de certa forma, ele adentra a pessoa, porque ele não vai ensinar doutrina, ele vai melhorar. Mas melhorar em que sentido? Que era o que eu achava que era o que a professora de Educação Cidadã fazia, questão de valores morais. Não que a gente seja os melhores, mas assim, na Academia, na Escola, eles ensinavam muito a questão de honra, de moral, de amizade, com relação à Escola da Pesca, questão de família, então isso de certa forma ajudou porque nós éramos jovens, 16, 17, 18 anos também, todo mundo era jovem.

**Luciane:** *Longe de casa, também,*

**Charles:** Todo mundo só sabia fazer besteira, o que jovem faz, só besteira, então a professora de Educação Cidadã trabalhou muito essa questão, então ajudou muito a ter uma parada de reflexão. E na Escola da Pesca toda a semana eles tinham um vídeo motivacional, então dava um ânimo porque, na verdade, foi como lhe falei, eles adentraram a gente pra

gente ser pessoas melhores, pra gente conseguir seguir normas, seguir regras e isso pra qualquer profissão... que as escolas hoje não fazem, infelizmente a Escola da Pesca também não faz isso. E é isso que eu fico triste, porque essas novas gerações não vão saber o que a gente soube, o que a gente sentiu, o que a gente presenciou lá.

**Luciane:** *Obrigada pela tua reflexão.*

### **Marcos César**

Marcos Cesar tem 34 anos, se formou na Casa Escola da Pesca no ano 2009, fez parte da primeira turma da escola. Ele era morador da Ilha de Paquetá, onde viveu a sua infância e adolescência. Junto com o pai e o irmão trabalhava na pesca artesanal e coleta do camarão, uma parte do que capturavam ficava para o consumo da família e a outra era vendida. Ele fez a primeira etapa do Ensino Fundamental, 1ª a 4ª série, em uma escola na Ilha de Paquetá, um anexo da Escola Estadual Marta da Conceição, que tem sede na ilha de Cotijuba. Para chegar até a escola o Marcos, junto com seu irmão, precisava remar pela margem da ilha por uns 40 minutos. Os dois concluíram essa etapa, o irmão do Marcos, mais velho que ele, após a conclusão tentou continuar os estudos na escola Sede, mas não conseguiu, ele conta que era complicado, havia dificuldades principalmente no transporte, já o Marcos ficou sem estudar por 4 anos, até que seu pai ficou sabendo da Escola da Pesca por meio da Colônia de Pescadores de Icoaraci e juntos decidiram fazer a sua matrícula.

O Marcos é especialista na coleta do camarão por meio do matapi, uma armadilha artesanal, simple e eficiente, feita de tala de árvores, geralmente palmeiras, que são depositados nos rios com algumas iscas para atrair os camarões que entram e não conseguem sair. Mesmo sempre trabalhando com a pesca em seu depoimento ele registrou que na Escola da Pesca aprendeu muito sobre sustentabilidade, por exemplo, na sua comunidade algumas pessoas usavam essas armadilhas produzidas a partir de garrafas pet, o que era mais viável, poderiam ser utilizados mais vezes, uma vez que o matapi de tala tem uma vida útil mais curta. Mas o matapi de garrafa pet capturava camarões de todos os tamanhos, larvas e filhotes e não apenas aqueles que estavam prontos, no tamanho certo para o consumo. A partir do que aprendeu na Escola, sobre os efeitos a longo prazo de utilizar um instrumento predatório como, ele conseguiu fazer com que a sua família e outros moradores da Ilha utilizassem apenas o matapi tradicional.

Durante o período que estudou na Escola realizou estágios em empresas da indústria da pesca, onde aprofundou seus conhecimentos sobre o processamento e o beneficiamento do pescado, mas nunca trabalhou em uma empresa, sempre na pesca artesanal. Depois de concluir

o curso na Escola da Pesca ele retornou para a Ilha de Paquetá e continuou trabalhando com a pesca e a coleta do açaí, atividade que desenvolveu por mais dois anos até decidir retornar para Belém, levado principalmente pelas faltas de condições da Ilha. Na cidade, terminou o Ensino Médio e fez outros cursos, atualmente trabalha como vigilante e vive com a sua família no bairro do Tapanã, em Belém. Ele quer continuar estudando e deseja que outras escolas sejam como a Escola da Pesca.

A nossa conversa aconteceu por meio de uma ligação pelo aplicativo *WhatsApp*, mesmo morando em Belém, foi difícil marcar um encontro presencial por conta do seu trabalho como vigilante.

### **Origem Familiar**

**Luciane:** *Eu queria que você me falasse teu nome, a tua idade e qual foi o período que você estudou na Casa Escola da Pesca, o ano que você entrou e a série que você começou.*

**Marcos Cesar:** Meu nome é Marcos Cesar, eu tenho 34 anos e o período que eu estudei lá foi de 2008 a 2009. A série foi de 5ª série ao 9º ano e conclui o curso lá.

**Luciane:** *Você estava na primeira turma da Escola, na turma que iniciou os trabalhos na Escola. Como foi que você ficou sabendo da Escola? Como foi que chegou para você e para sua família a matrícula?*

**Marcos Cesar:** Sim, sim, a minha turma é daquela primeira turma da Escola. Bem, eu fiquei sabendo através da Colônia de Pesca de Icoaraci. O meu pai um dia foi em Icoaraci e a coordenadora de lá informou ele que tinha uma escola, que estava sendo inaugurada uma Escola na Ilha de Outeiro, uma escola diferenciada, perguntou se ele não tinha um filho que tivesse interesse em estudar lá, e aí o papai me informou e a gente no dia seguinte foi lá na Colônia de Pesca e a senhora me deu o endereço (da Escola da Pesca) e eu já fui lá. Quando eu cheguei lá, gostei do projeto, do que passaram, inclusive encontrei alguns amigos meus de lá da comunidade que eu morava. E, aí sim, eu já me matriculei, tudinho, e fiquei lá.

**Luciane:** *Certo. E, Marcos, o teu pai era pescador, era esse o trabalho que ele desenvolvia? Você veio de alguma ilha ou morava em Icoaraci?*

**Marcos Cesar:** Sim, ele é pescador, eu também, a minha família toda, na verdade, a gente era pescador, a gente morava na Ilha de Paquetá, uma ilha que fica bem de frente de Icoaraci e a nossa sobrevivência lá era basicamente da pesca de camarão e de peixes e do açaí.

**Luciane:** *Então, vocês são uma família de pescadores, certo? Seu pai, você. E você tem irmãos? Vocês trabalhavam com a pesca artesanal?*

**Marcos Cesar:** É, era pesca artesanal, era matapi, é malhadeira, anzol, que a gente chama de espinhel, e aí a gente vendia e também pescava para o nosso consumo. A gente tecia a rede, a gente mesmo produzia o matapi, a gente também produzia o viveiro. O viveiro que a gente chama é igual ao matapi, só que ele é bem maior, que é para prender o camarão. A gente fica prendendo o camarão que a gente pesca, a gente fica prendendo por uns dias e depois a gente vende, que é para arrumar uma quantidade maior de camarão e depois levar para feira para vender.

**Luciane:** *E vocês coletavam essa pesca lá na Ilha de Paquetá e depois traziam para Icoaraci ou vocês vendiam por lá mesmo? E uma outra coisa que eu queria saber, esse trabalho quem fazia era você, seu pai e os seus irmãos, ou tinha outras pessoas, assim? Era como se o seu pai fosse o líder?*

**Marcos Cesar:** A gente coletava o camarão, juntava aquela quantidade de camarão e levava para vender em Icoaraci, ou na Ilha de Cotijuba, também que é um pouco mais próximo do que Icoaraci, só que era mais difícil, sempre a gente ia para Icoaraci para vender o camarão. Em relação a pesca, que a gente fazia, o meu pai não tinha nenhuma empresa não, era tudo mesmo por nossa conta. E, aí, quem fazia mais era eu e o meu irmão. A minha mãe, ela não fazia, o que ela fazia era ir com a gente coletar o camarão. O papai também fazia muito pouco, então quem mais fazia era eu e o meu irmão, que fazia a rede, a gente fazia matapi, a gente fazia viveiro e era isso.

**Luciane:** *Entendi, então era uma atividade familiar e você e o seu irmão acabavam trabalhando de forma mais intensa com isso. E vocês estudavam aonde? Antes de você entrar na Casa Escola da Pesca, você estudava aonde nesse período que você estava na Ilha de Paquetá?*

**Marcos Cesar:** Eu estudava numa escola que ficava lá na Ilha mesmo de Paquetá, era a Marta da Conceição, Escola Marta da Conceição (em um anexo da escola). Eu ia a remo para lá, a gente, eu e o meu irmão estudamos lá até a 4ª série. Então, ela ficava assim um pouco distante, e aí a gente ia a remo. E quando o meu irmão saiu, que ele concluiu lá até 4ª série, fiquei lá e concluí a 4ª série e depois saí e nisso eu fiquei um período parado, sem estudar. *(Luciane, quanto tempo remando?)* Eu acho que era de uns 30 a 40 minutos remando.

**Luciane:** *Acredito que saibam nadar, saibam remar, mas a maresia é forte na Baía (do Guajará). Vocês tinham quantos anos mais ou menos?*

**Marcos Cesar:** Na verdade a gente não atravessava rio nenhum, como a escola ficava na mesma ilha que eu morava, então eu ia só beirando o rio, ia remando beirando o rio. E, assim,

não tinha tanta maresia, era bem pouca maresia. E, meu irmão, que é mais velho do que eu... lá na Ilha é assim, a gente aprende a remar, a andar de canoa, a nadar também, muito cedo. Criança com 5 ou 6 anos já sabe nadar e, então, isso não era tão difícil para a gente que já estava acostumado. Mesmo que a nossa canoa largasse, fosse pra fundo, a gente sabia nadar e tinha como a gente pegar a beira ainda, a beira do rio. Eu, assim, na época que eu estudava lá eu tinha uns 12 a 13 anos. Meu irmão, não estou lembrando a idade que ele tinha na época que ele estudava junto comigo.

**Luciane:** *Vocês estudaram lá até a 4ª série, a escola só ia até a 4ª série ou vocês saíram por outro motivo, para fazer alguma outra atividade?*

**Marcos Cesar:** A gente saiu de lá porque nós concluímos a 4ª série e lá era a única escola que tinha, não tinha outra escola que desse continuidade nos estudos por lá. Aonde tinha que, se a pessoa quisesse dar continuidade nos estudos, teria que ir para Icoaraci ou, então, para Ilha de Cotijuba. Só que a Ilha de Icoaraci e Cotijuba fica um pouco distante para a pessoa ir a remo, entendeu? Na época a gente não tinha barco motorizado, e a gente tinha essa dificuldade de se deslocar de lá para ir estudar em Icoaraci ou para Ilha de Cotijuba. Meu irmão até tentou, mas ele não conseguiu ter continuidade, foi muito difícil para ele e ele acabou deixando.

### **Ingresso na Casa Escola da Pesca**

**Luciane:** *E depois que você terminou a 4ª série você ficou quanto tempo sem estudar? Pelo que você me falou, você entrou em 2008 na Casa Escola da Pesca, você ficou quanto tempo até retornar os seus estudos lá?*

**Marcos Cesar:** Eu fiquei acho que uns 7 a 8 anos parado, sem estudar. Eu saí da Escola Marta da Conceição, lá na Ilha de Paquetá, em 2002 e, depois disso, eu fiquei, acho, uns 7 anos parado e eu conheci um amigo em Icoaraci e ele me convidou para estudar. Só que lá eu me matriculei em uma escola, só que lá eu fazia só uma aula de reforço mesmo, era só para tentar recapitular o que já tinha estudado para, assim, tentar voltar à ativa.

**Luciane:** *Como é que você ingressou na Casa Escola da Pesca? E, como foi estudar lá na Casa Escola da Pesca? O que você pode me contar de como foi, como era estudar lá?*

**Marcos Cesar:** Lá a gente tinha todas as atividades que são do Ensino Fundamental, só que tinha mais uma matéria que era uma espécie de um curso acompanhado com o Ensino Fundamental que era a qualificação inicial para o trabalho e era um curso totalmente voltado para pesca, que falava da pesca artesanal, pesca industrial, manejo de peixes, criação de peixes, de camarão, enfim. E no dia a dia, as nossas atividades, tinha aula de

manhã e tinha aula à tarde. E a gente ficava no período lá de 15 dias e 15 dias em casa, que eles chamavam de semi-internato. E a gente tinha convivência, que era totalmente tranquila, teve algumas situações desagradáveis, mas assim, a nossa convivência lá era bem tranquila mesmo. As atividades eram muito boas, os professores ficavam lá durante o dia com a gente, até mesmo aqueles professores que não tinham atividade do dia, que não era do dia (da sua aula), mas iam para lá e ficavam à nossa disposição. Também a gente fazia visitas culturais, visitas técnicas, que as visitas técnicas era, a gente visitava, por exemplo, uma criação de peixes, alguém de lá, uma pessoa responsável passava todo como era o processo de criação, de alimentação, essas coisas tudo e, no final, a gente fazia um relatório, que seria apresentado em sala de aula.

**Luciane:** *E como foi a sua adaptação na escola? Você ficou bastante tempo longe da escola e depois você volta para uma escola que você tem que ficar morando lá?*

**Marcos Cesar:** No início foi um pouco difícil sair de casa, e conviver com outras pessoas estranhas, senti um pouco de dificuldade. Mas aos poucos fui me adaptando, fui fazendo amizades, a gente tinha também brincadeiras, jogava bola juntos e, aí, no dia a dia fomos fazendo amizade e foi fluindo, umas duas semanas eu já estava bem adaptado. Na questão dos estudos eu tive bastante dificuldade porque eu passei muito tempo parado, e quando a gente retorna, assim, acaba tendo muita dificuldade. Mas, aos poucos, eu tive que me esforçar muito para conseguir acompanhar. Quando eu saí de lá, concluí o curso, eu voltei para casa, para a Ilha de Paquetá e passei mais uns dois anos lá e, depois, eu fui morar na casa de parentes, aqui para Belém, com o intuito de estudar. E, assim eu fiz, estudei, fiz uns cursos também por aqui, consegui emprego...

**Luciane:** *E lá na Escola, você já trabalhava, antes de entrar na Escola, com a pesca, com teu irmão, teu pai, com a tua família. E o que você aprendeu de novo sobre a pesca dentro da Escola? O que você via lá era uma coisa que você já vivia, era uma coisa nova, como foi esse aprendizado?*

**Marcos Cesar:** Olha, é tudo novo na verdade. Uma das coisas que eu posso te dizer que eu aprendi, o que na verdade eu consegui levar para prática, foi a pesca sustentável. A gente trabalhava com matapi de tala e, depois, surgiu o matapi feito de garrafa pet e, assim, depois de um tempo, as pessoas começaram a comprar muito matapi de garrafa pet e o matapi de tala praticamente ficou esquecido. E lá na Escola eu aprendi que o matapi de garrafa pet prejudica a sustentabilidade do meio ambiente, do camarão, porque além dele pegar os camarões grandes, pega também as larvas do camarão, que prejudica a

sustentabilidade do camarão. E eu consegui levar isso para prática, eu vendo essa situação lá, que a gente tinha bastante matapi de garrafa, eu troquei, tirei todos os matapi de garrafa pet e começamos a produzir matapi de tala e voltamos a trabalhar com matapi de tala. Foi uma das coisas que eu aprendi lá e levei para prática e até hoje meu irmão mora lá e trabalha só com matapi de tala, uma coisa que eu levei, eu eu posso dizer que eu aprendi e levei para casa.

**Luciane:** *Marco, como foi essa vivência de você ficar 15 dias na Escola e 15 dias na tua comunidade? O que você fazia no período que você não estava na Escola, mas ainda estava no período de aprendizado? Por exemplo, os 15 dias que você estava na comunidade?*

**Marcos Cesar:** O período que... os 15 dias que a gente passava em casa, a gente levava um livro, uma apostila com várias páginas para gente estudar em casa, estudar as matérias que a gente já tinha visto e também fazer pesquisa na comunidade, entrevistar os moradores, enfim, um monte de coisas que a gente levava, ficava estudando, assim, para passar os 15 dias em casa, para gente não perder o foco. A gente levava os trabalhos, a gente estudava, a gente respondia umas perguntas, (tinha) umas atividades para gente fazer, a gente fazia tudo e quando voltasse tinha que levar tudo pronto.

### **A vida na Casa Escola da Pesca**

**Luciane:** *Você ficou em 2008 e 2009, foram dois anos na escola, o que você... você gostava dessa forma que a Escola estava organizada? Você achava que era uma forma interessante? Era bom para ti esse jeito?*

**Marcos Cesar:** Eu gostei demais, gostei muito mesmo. Eu, assim, achei os estudos até mais qualificados, a pessoa aprende mais, porque é uma coisa assim, que era muito bem feito os estudos de lá, os trabalhos que a gente fazia, todos eram realizados, quando a gente tinha alguma dúvida, corria para um professor, a gente perguntava e eles esclareciam tudo o que a gente queria saber, tudo o que a gente queria estava à nossa disposição, lá. A gente tinha biblioteca, livro, computador, o que a gente precisava a gente corria lá mesmo na Escola e conseguia resolver. Se tivesse mais escolas assim, na verdade, se todas as escolas fossem nesse projeto, nossa sociedade seria outra, porque você sabe, o ser humano sai de lá com outro pensamento, saí de lá com outro pensamento, outra pessoa, na verdade. É o que eu acho, e acho que todos os colegas também da minha turma e todos os que passaram por lá, gostaram. Alguns não se adaptaram, se

matricularam, só que chegou lá passou duas semanas, no máximo, e saíam, mas a grande maioria, na nossa turma conseguiu concluir o curso tranquilo. Eu achei muito bom. Quem dera se tivesse mais escolas assim aqui em Belém, ia, sabe, ajudar muito, muito mesmo.

**Luciane:** *Tem alguma atividade, ou algum professor, alguma coisa que tenha te marcado durante esse período que você ficou na escola? Uma coisa que até hoje você lembra...*

**Marcos Cesar:** Tem sim. Foi uma atividade que tinha que apresentar em sala de aula e eu tive que... eu fiz, na verdade, umas poesias, e eu estava com dificuldade para criar essas poesias, assim, para colocar no papel, uma imagem, uma coisa assim, e eu pedi ajuda para um professor de Educação... não é, não é Educação Física, é professor de Química, o professor Marcos, infelizmente ele já faleceu. Mas me marcou muito porque foi uma atividade que ficou muito linda, fiz quatro poesias, mas ficou muito legal, foi um trabalho muito legal e que todo mundo gostou, todos os professores gostaram, os colegas gostaram, foi uma coisa muito bacana. E no final eu agradei muito ele, pela força que ele me deu, porque ele me ajudou muito, me ajudou a escolher a imagem para colocar no papel, posicionar as poesias e, me ajudou a acrescentar algumas palavras, acrescentar umas e tirar outras, ele me ajudou muito e aquilo me marcou muito enquanto eu estava lá.

**Luciane:** *E você se lembra, você ainda tem a memória de qual foi o teu projeto profissional, o teu trabalho de conclusão de curso na Escola, você chegou a fazer esse trabalho que é feito no final do curso?*

**Marcos Cesar:** Eu fiz, sim, um trabalho, sim, todos fizeram um trabalho de conclusão, só que eu não estou lembrando o nome, já tentei lembrar aqui, só que eu não consigo, faz muito tempo já...

### **A trajetória após a Casa Escola da Pesca**

**Luciane:** *Depois que você terminou a Escola o que você fez? Você foi trabalhar com a pesca, você continuou os estudos?*

**Marcos Cesar:** Então, eu finalizei lá o Ensino Fundamental e eu voltei para casa e voltei a trabalhar com a pesca, com a coleta do açaí e passei mais uns dois anos. Depois disso, eu voltei para cidade, continuei meus estudos, Ensino Médio, consegui me empregar, concluí meu Ensino Médio e estou trabalhando, até hoje.

**Luciane:** *E você trabalha com o que hoje, trabalha como vigilante?*

**Marcos Cesar:** É, atualmente ainda estou trabalhando de vigilante.



**Luciane:** *Por que você não continuou trabalhando com a pesca? Quais seriam os prós e contras?*

**Marcos Cesar:** É, assim... saí de lá de casa porque eu queria buscar algo melhor para mim, porque lá a gente tem a pesca artesanal, tem a coleta do açai, mas é uma coisa assim que não dá uma renda muito boa por mês. Então, eu vim para a cidade para tentar algo melhor para mim. Ainda tenho vontade de fazer faculdade, um curso melhor para mim, mas ainda tá faltando coragem.

**Luciane:** *E quão importante foi para você passado pela Casa Escola da Pesca? E, também, que tipo de sentimento tu tens com relação a essa Escola? Quando você pensa sobre ela, pensa no período que você ficou lá...*

**Marcos Cesar:** Infelizmente, as coisas, não só na Ilha de Paquetá, mas em todas as ilhas, elas são, assim, muito atrasadas ainda. São poucas escolas de Ensino Fundamental, não tem Escola de Ensino Médio, não tem energia, não tem Posto de Saúde, entendeu, então, é uma coisa assim, é dificultoso para a gente. Então, infelizmente, para conseguir algo melhor a gente tem que sair de lá, entendeu, então foi por isso que eu tive que sair de lá. Então foi muito importante, porque se não fosse a Casa Escola da Pesca dificilmente eu teria saído de lá da Ilha, porque como eu te falei já, é difícil a gente sair de lá para estudar em outras escolas, para gente vir para cidade. Então, se não fosse a Casa Escola da Pesca, dificilmente, difícil, difícil mesmo eu teria saído de lá. Porque com pouco estudo, com Ensino Fundamental já é difícil, imagina ter só a 4ª série, é muito complicado uma pessoa sair de lá, fazer um curso, conseguir um emprego, é muito difícil. Então, assim, foi muito importante, foi muito importante porque deu aquela iniciativa para mim, me incentivou ainda mais a buscar concluir meus estudos. E o sentimento é, assim, tenho um grande respeito pelas pessoas que trabalham lá, gosto, gostei, gosto de lá na verdade. Até hoje eu tenho contato com pessoas de lá, que trabalharam lá, inclusive a professora Edilzania, excelente profissional e excelente pessoa também. E o sentimento é de gratidão pela Escola, pelas pessoas que trabalharam lá, que atenderam a gente super bem, que ensinaram a gente, passaram conhecimento para gente, foi extremamente importante para mim.

### **Um pouco sobre os seus conhecimentos acerca do matapi**

**Luciane:** *Você estava me falando do matapi de garrafa pet, que ele é menos sustentável que o matapi de tala. Eles dizem que esse matapi de garrafa pet ele dura mais tempo do que o matapi de tala e, por isso, ele seria mais sustentável...*

**Marcos Cesar:** É, assim, o matapi de garrafa pet dura muito, sabe como é, garrafa pet dura bastante. E o matapi de tala não dura muito, as talas dele ficam podres, a armação dele começa a quebrar, entendeu. O matapi de tala é mais sustentável, como eu te falei, porque ele não coleta os camarões pequenos, porque os camarões pequenos saem entre as talas, você vê que as talas ficam um pouco separadas, então os camarõezinhos, eles saem, as larvas, os pequeninos que a gente consegue observar, eles saem tudinho entre as talas. E o matapi de garrafa pet não, eles não conseguem sair, apesar de fazer aqueles buraquinhos, que quando a gente faz matapi de garrafa pet a gente faz aqueles buraquinhos nas garrafas, mas não são o suficiente pros camarõezinhos sair, não são o suficiente. Então eles conseguem coletar todos os camarões desde a larva, os pequeninhos, tudinho, que entrar ali no matapi em garrafa pet ele coleta, então, por isso, que ele não é sustentável pro camarão, porque se coletar os pequeninhos vai chegar um tempo que não vai ter mais camarão, então, por isso que ele não é sustentável. Sem falar que não é só o camarão, o matapi, ele também pega os peixinhos. Tem peixes pequenos que entram no matapi, no caso, no matapi de garrafa, o peixinho que entra lá, ele não consegue sair. Os peixes muito pequeninhos que conseguem sair entre as talas, que consegue passar entre as talas, ele entra, mas ele consegue sair e o matapi de garrafa, não, se ele entrar, por aquele funil do matapi de garrafa pet, ele não consegue sair. Então, não é só o camarão, ele não traz prejuízo só para o camarão e sim para os outros peixes. Eu estou falando porque eu observei isso na prática, eu trabalhei com, como eu já te falei, com o matapi de garrafa pet e tal e eu consegui observar isso.

**Luciane:** *Muito, muito obrigada pela tua disponibilidade em me atender e responder às minhas perguntas. Agora eu vou pegar tudo o que você me falou, todos esses áudios, e vou transcrever, assim que eu tiver feito a transcrição vou enviar para ti, tá bom?*

**Marcos Cesar:** Tá bom, eu te agradeço também, por ter a oportunidade de estar divulgando esse projeto, projeto muito bom e te desejar uma boa sorte, que você tenha sucesso, aí, na sua trajetória, na sua conclusão, na sua faculdade, que você realize todos os seus sonhos, tudo de bom para você. Espero ter respondido todas as suas perguntas.

## **Para o trabalho e para a liberdade**

O capítulo 4 mostrou as sínteses das entrevistas realizadas, na sua organização eu procurei privilegiar os assuntos tratados e dar destaque para os pontos mais relevantes no que se refere ao processo de criação, a origem familiar e a trajetória escolar dos egressos. Das pessoas que participaram do processo de criação, instalação e do desenvolvimento da Casa Escola da Pesca, o objetivo foi caracterizar esse processo, ampliar os dados das fontes documentais e tentar exprimir as suas visões sobre o projeto, a escola e como elas, de alguma forma, deixaram suas digitais. O desejo que as entrevistas fizessem parte do trabalho foi alcançado, a ênfase foi dada neste capítulo, mas elas estão presentes em todo o texto, desde o título.

As entrevistas com os egressos registraram a condição escolar desses rapazes, a vida nas ilhas, o trabalho com a pesca e a influência da Casa Escola da Pesca em suas vidas. Eu tinha a expectativa que as suas falas pudessem revelar a prática da Pedagogia da Alternância, mas isso não aconteceu diretamente, o que não significa que ela não estivesse presente. Por exemplo, quando eles dizem: “antes de entrar na Casa eu não gostava de estudar e lá aprendi a ter disciplina”, percebo que o estudo em tempo integral foi favorável no sentido de estimular o método e a organização dos estudos.

Além disso, a presença constante de professores, dedicados exclusivamente à escola, organizando as atividades, trabalhando nas aulas e cobrando os alunos, foi outro fator destacado. De acordo com a fala dos alunos, eles se sentiam vistos, acolhidos, podiam ser ouvidos sobre as suas dúvidas e incentivados a estudar. É interessante perceber que esses elementos subjetivos fazem muita diferença quando falamos sobre o acesso a direitos de pessoas pobres e vulneráveis, como o direito à educação, do acesso regular à escola<sup>25</sup>, do acesso ao trabalho. Frequentar uma boa escola, ter acesso a uma alimentação digna e ser reconhecido e validado como sujeito de direito são fatores que promovem a elevação da sua autoestima e isso tem reflexos em outros elementos da escolarização, como a permanência.

Outro ponto que revela como a forma de organização da escola foi positiva para os alunos, é quando eles relatam que o ingresso na Escola da Pesca foi um diferencial em suas

---

<sup>25</sup> Essa conclusão já havia sido percebida em outra pesquisa intitulada “A segurança da navegação em comunidades ribeirinhas da Amazônia - pesquisa e formação”, com financiamento do Departamento de Infraestrutura e Transporte - DNIT e da UFPA, realizada entre 2018 e 2019. Na qual participei como pesquisadora. Um dos objetivos da pesquisa foi o de identificar o impacto, em sala de aula, do uso das lanchas do transporte escolar (projeto Caminhos da Escola). Os alunos, famílias e professores entrevistados afirmavam que houvera pouco impacto no processo de ensino e aprendizagem, no entanto, eles se sentiam satisfeitos de terem um transporte seguro, uma lancha para eles, bem feita e própria, eles se sentiam bem com isso e tinham mais vontade de ir para a escola.

vidas, foi um ponto fora da curva. Eles descrevem nas entrevistas a pouca (e em alguns momentos nenhuma) possibilidade de mudança social para quem vive nas ilhas, para eles é um lugar que não oferece nada, além de pobreza e abandono, é como se o roteiro da vida de quem vivesse lá já estivesse traçado, parece duro ler isso, mas esses foram o testemunho deles, a vida de quem vive em áreas rurais é difícil e parece não haver perspectivas no horizonte. Sair de lá, daquele território seria uma forma de dar uma chance a si mesmo, uma fuga.

Isso é bem contraditório, porque de um lado a Pedagogia da Alternância desenvolvida no Brasil, à brasileira, em constante diálogo com a Educação do Campo, objetiva o desenvolvimento do território, a promoção da participação política dos sujeitos, a ampliação de novas formas de trabalho e das condições dignas para a vida no campo. E nesse caso, temos uma escola pensada para trabalhar com a Alternância, com a formação para o trabalho com a pesca, para promover o território das ilhas e os alunos egressos declaram que a maior contribuição da escola foi fazê-los perceber que tinha um mundo fora dali.

As suas falas me levaram a compreender as contribuições, que eu atribuo à Pedagogia da Alternância, que objetiva a formação de sujeitos líderes e chefes rurais, como queria Granereau, mas no caso dos alunos da Escola da Pesca, esses rapazes das ilhas se tornaram líderes não do seu território, mas das suas vidas. Isso não ocorreu, entre outras coisas, porque a Pedagogia da Alternância praticada lá foi apenas uma inspiração nas Casas Familiares Rurais e nas Escolas Famílias Agrícolas, uma inspiração que se limitava a reproduzir a alternância entre dois espaços e pelo uso de algumas práticas pedagógicas, como o plano de estudos, as visitas e viagens, os estágios e o projeto de vida do aluno.

No que foi apresentado pelos idealizadores como uma construção orientada pelas bases de outra escola, a Escola do Mar em Santa Catarina, prevalecia uma visão imediatista, de que apenas a criação de uma escola seria capaz de relaxar as tensões e seria uma resposta para as demandas daquela população. No entanto, os realizadores do projeto entenderam que junto com essas necessidades e a busca pela efetivação de direitos, havia um contexto de abandono sistêmico e as famílias deveriam ser incluídas, por meio de associações, das cooperativas e incentivo ao empreendedorismo local.

Quando ouvimos os alunos eles pouco falam sobre a participação das suas famílias na escola, também falam pouco da participação no território das ilhas, eles relatam que conheceram novos lugares, novos municípios, novas formas de manejo com o pescado, o uso de instrumentos mais sofisticados de navegação, ficou a impressão de que houve um

desligamento com o território das ilhas e a conexão com outras realidades. E isso foi bom e ruim, do ponto de vista dos objetivos da escola.

É como se pela escola eles tivessem alcançado a oportunidade de estudar e isso representou um avanço pessoal, embora não tenha permanecido apenas nesse nível, eles foram transmissores desses saberes para as suas famílias, de alguma forma o que aprenderam e experienciaram foi levado, por meio deles, até as suas comunidades, só que a repercussão foi pequena. Em um nível pessoal e subjetivo foi maior, pois eles conseguiram “quebrar a roda”, avançaram nos estudos, terminaram o Ensino Médio, entraram numa faculdade, tiveram um emprego, vivem em outro estado, passaram em um concurso público etc. Nas entrevistas fica claro que os alunos atribuem essas conquistas à escola. É esse elemento que chamo de liberdade.

### **A liberdade**

Em princípio não havia nenhuma intenção explícita para tratar sobre a categoria liberdade na tese, o trabalho não ia nessa direção, mas por meio da análise dos dados e de uma “conclusão em andamento” apresentada na qualificação e após a avaliação da banca, tratar sobre liberdade se tornou imperativo.

“O ingresso na escola da pesca, não foi um ingresso para o trabalho com a pesca, foi um ingresso para a vida”. Foi a partir dessa afirmação, que estava na primeira conclusão do texto, versão da qualificação, que decidi colocar, naquele momento, como subtítulo da tese o questionamento – escola para o trabalho ou para a liberdade? A banca reconheceu a provocação, mas também me alertou, uma vez levantadas essas categorias, eu deveria explicá-las. Liberdade e Trabalho não são substantivos autoexplicativos, eu deveria ir em busca dos seus significados e atribuir sentidos a eles dentro do texto.

Fazendo um esclarecimento e ao mesmo tempo, me autoajudando a explicar a categoria liberdade, devo dizer: não houve nenhuma intenção de afirmar que a Casa Escola da Pesca libertou os alunos, no sentido de libertá-los daquele território, das ilhas, ainda que eu infira que a escola possa ter permitido isso, reconheço que não foi uma ação intencional. Tão pouco, a libertação do trabalho da pesca, porque estaria considerando este como uma forma de punição.

A intenção era afirmar: - olha, vocês criaram e fundaram uma escola para o trabalho com a pesca, mas “o que” saiu de lá não foram apenas melhores pescadores, foram pessoas mais livres, capazes de decidir sobre o seu futuro e de fazer escolhas, como por exemplo, ser ou não ser pescador. Mas para explicar isso, que não era liberdade no sentido de “fazer o que

eu quero” e menos ainda flertar com a liberdade liberal e individualista, fui em busca das diversas concepções acerca da liberdade.

O meu objetivo nesse tópico é poder tratar da categoria liberdade demonstrando como a construção do conceito, para em seguida mostrar como ele dialoga com os achados da pesquisa a partir de uma concepção identificada em obras marxianas<sup>26</sup>, onde a liberdade é tratada como um valor, que quando alcançado pelos trabalhadores, o permite adquirir uma visão elevada das coisas, que resgata o seu caráter humano mais profundo. Humanidade que é rebaixada, humilhada e depreciada na sociedade de classes, principalmente em virtude da exploração. Nesse sentido, liberdade não é reconhecida como um valor de escolha individual, mas que envolve o imaterial e o coletivo.

Para compreender melhor sobre a Liberdade primeiramente retornei as obras básicas, os dicionários de filosofia, que abrem muitos caminhos e indicam diversas compreensões e que nos fazem retornar a algumas origens, que de vez em quando, são necessárias para limpar as nossas lentes. Recorri a três dicionários, o *Dicionário de Filosofia*, de Ferrater Mora (1991), o *Dicionário de Política*, de Norberto Bobbio (1993), e o *Dicionário de Gramsci*, organizado por Guido Liguori e Pasquale Voza (2017). Em seguida, já mais consciente do sentido que buscava, me aprofundi em algumas obras de Marx: *Reflexões de um jovem sobre a escolha de uma profissão* (1835), *Ideologia Alemã* (1846), *Manifesto do Partido Comunista* (1848) e no *Caderno 10* de Antônio Gramsci, no Brasil a edição 1 dos Cadernos, de Carlos Nelson Coutinho.

O dicionário de Mora (1991) apresenta um longo verbete e inicia com a visão dos Gregos acerca da liberdade, me aprofundo nessas definições, porque elas são as bases das definições futuras que teremos de liberdade. Os gregos utilizam o termo em três sentidos: liberdade natural, liberdade social ou política e liberdade pessoal.

A liberdade chamada de natural é entendida como a possibilidade de negar a “ordem cósmica predeterminada”. Essa ordem cósmica pode ser entendida de duas formas: como o modo de operar do destino ou como ordem da natureza. O autor se refere ao primeiro como “liberdade perante o destino”. Os gregos não consideram muito importante quem possui essa liberdade, pois só pode virar as costas ao destino, aquele que não interessa ao destino, nesse sentido, ser livre é não contar ou contar muito pouco para a história.

---

<sup>26</sup> De acordo com os autores, e possível observamos o amadurecimento da categoria liberdade nas obras de Marx. Começando por um manuscrito publicado em 1835, uma redação escolar com o título: *A escolha profissional de um jovem*, assim como em *A questão judaica* e *O capital*.

Do outro lado, os homens que foram escolhidos para cumprir o seu destino não são livres, eles não podem fazer o que quiserem, mas são livres em outro sentido, num sentido superior, pois estão realizando uma necessidade superior, que é o destino.

Quando a ordem cósmica é a ordem natural, a liberdade assume uma outra problemática, “trata-se até que ponto e em que medida um indivíduo pode subtrair-se à estreita imbricação interna dos acontecimentos naturais” (MORA, 1991, p.235), em um sentido metafísico, alma e corpos estão separados e as almas são livres por conta da sua composição, são mais leves e finas. Nessa mesma ordem natural, há uma outra visão, que sustenta que liberdade anda junto com a razão. Nessa “o homem só é livre como ser racional e disposto a (sic) atuar como ser racional” (idem). A vida dos homens e todas as coisas estariam determinadas nesse cosmos, a liberdade é a consciência, a racionalidade, de que tudo está predeterminado. Para esse sentido, apenas os sábios são livres, pois apenas eles possuem consciência plena dessa condição.

Ainda na concepção grega de liberdade, temos a liberdade social ou política, também reconhecida como autonomia ou independência. Está relacionada à vida em comunidade. A liberdade é a capacidade de governar o próprio destino inseridos em uma comunidade, sem a interferência de outras comunidades. Em se tratando dos indivíduos de uma mesma comunidade, a liberdade está em agir de acordo com as próprias leis.

A liberdade pessoal, também pode ser entendida como autonomia e independência, mas nesse caso em relação a coação vinda da sociedade, do Estado. Está relacionada à liberdade imposta pelo indivíduo a si mesmo, que resultaria na separação da comunidade. Há ainda outras perspectivas, como o estoicismo, para a qual a liberdade é dispor de si mesmo. Para o cristianismo, liberdade não é ausência de coação ou o livre arbítrio, assim a liberdade foi definida pelos escolásticos e muito bem traduzida por São Paulo: “faço não o bem que quero, mas mal que não quero”<sup>27</sup>, com a orientação divina.

Para Gregos e cristãos a liberdade está fora de nós e não está na possibilidade de “fazer o que quero”. É poder escolher dentro de determinadas condições, atravessadas de condicionalidades. Está fora de nós, está no cosmos ou na divindade. Em outra perspectiva, como para o espanhol Ortega y Gasset (1962): “o homem está condenado a ser livre”. Liberdade pode ser graça, pode ser infortúnio, dependendo da concepção a escolha se torna um peso, assim como ter a possibilidade de escolher. Sendo, inclusive, melhor ter algo ou alguém escolhendo por nós, a liberdade é não ter que escolher.

---

<sup>27</sup> Está na Bíblia, Romanos, 7:19/20.

Os filósofos contratualistas, Locke, Rousseau e Hobbes dedicam-se à questão da liberdade mediada pelo contrato social. A liberdade do estado de natureza, a liberdade natural, não se sustenta sem os contratos. Para Hobbes, se livre o homem se torna o lobo do homem. Para Locke, é necessário um poder mediador exercendo o mínimo poder como garantia de liberdade. Já para Rousseau o homem é naturalmente bom, livre e feliz até a chegada da propriedade privada e o poder mediador mais uma vez se faz necessário.

Bobbio, em seu dicionário de política discute a liberdade a partir da relação entre liberdade e não liberdade, por meio de várias afirmações, até que no verbete v.i., trata da liberdade como satisfação das necessidades fundamentais. “A liberdade da necessidade se refere a ausência de necessidades e a presença de um nível de vida satisfatório para todos” (BOBBIO, 1993, p. 709).

Nesse sentido liberal, a liberdade vai sempre estar atrelada a uma “obrigação” como o contrato social e uma vigilância para ser assegurada. Isso vincula a liberdade a entes superiores: o Estado, a propriedade ou mesmo a ausência de dependência de outros, nesse caso, o Estado enquanto provedor. Os sujeitos, por meio da sua posição, alcançam ou não a liberdade, e no que decorre dessas condições são impostas quais as condições dessa escolha, quais as opções. Caberia perguntar, inclusive, se em determinados contextos existe liberdade de escolha de fato.

Para Antônio Gramsci, a liberdade está relacionada a fatores humanos, significa questionar-se sobre “o que o homem pode se tornar”, se pode controlar o seu próprio destino” e qual é a importância que tem sua vontade e sua concreta atividade na criação de si mesmo e na sua vida” (GRAMSCI, 2001, p.412). A liberdade pode ser compreendida como potência humana, um dever. Por exemplo, o que os homens e mulheres podem vir a ser se lhe forem ofertados a mais extrema cultura, os mais altos conhecimentos da humanidade, especialmente aos que pertencem à classe trabalhadora?

Manacorda (2012) em seu livro *Marx e a Liberdade*, trata Marx como um liberal comunista, afirmação que soa estranha aos ouvidos, mas ele explica: “Marx pertence à antiga cepa dos liberais progressistas, para os quais o valor máximo é a liberdade [...] reivindica a liberdade para todos” (NOSELLA, 2012). Manacorda considerava Marx um liberal e vai à essência do que esse termo significa, do seu sentido de liberdade. Ele explica, para o liberalismo, liberdade e igualdade de oportunidades. Para o comunismo, liberdade e igualdade plena para todos.

Nesse sentido, liberdade é liberdade do trabalho necessário. Liberdade é a riqueza real. Embora Marx não possua uma obra dedicada a discutir a liberdade, é possível extrair de seus



escritos uma noção sobre essa categoria. Além disso, assim como Manacorda<sup>28</sup>, concordo que Marx era um humanista, preocupado com as condições humanas e as suas transformações. E nesse sentido, liberdade revela-se como um elemento humano.

Quando falamos da liberdade em Marx, pensamos de imediato na relação Reino da Necessidade e Reino da Liberdade discutidos na obra *O capital*. A necessidade é o trabalho explorado, a mais valia, as obrigações. Enquanto o reino da liberdade é aquele que existe fora desse espaço que rebaixa a condição humana. É o espaço da fruição humana, da expansão das capacidades humanas. Para ser omnilateral é necessário ser livre, para ser inteiro também, para a transformação da sociedade por meio da revolução social é necessário liberdade. Através dessa discussão é possível fazer a conexão com o trabalho e a educação.

### **Trabalho e Educação**

Sobre o conceito de trabalho também me foi cobrado a sua conceitualização. A questão semântica se fez presente e foi necessário recorrer à sua construção histórica. Sobre isso, Frigotto (2010) inicia suas considerações afirmando que as categorias e conceitos são representações para explicar a realidade. Quando esse conceito ou categoria não possui uma explicação precisa sobre o que pretende retratar, a categoria pode se tornar abstrata e ideológica, podem ainda encaminhar para a dissimulação do seu papel na ordem social.

Isso acontece com a categoria trabalho, e com outras também, são categorias que recebem diversos sentidos. Para evitar essa imprecisão é importante situar o trabalho historicamente e colocá-lo em sua concretude. Nosella (2005), afirma que trabalho não é uma categoria homogênea, “a noção de trabalho não é uma vaga ideia que se aplica indistintamente a qualquer atividade que o homem faz para sobreviver [...] A história força a diferenciar e a qualificar as diferentes formas e concepções de trabalho humano.” (idem)

Nosella (2005) e Frigotto (2010), partem dessa premissa, tomando o trabalho como uma categoria histórica, nesse sentido, “a sua forma concreta e o sentido que lhe é atribuído estão vinculados aos diferentes modos sociais de produção da existência” (FRIGOTTO, 2010, p.1). Nosella (2005), em um texto produzido no interior da IV Conferência Brasileira de Educação, busca traduzir a historicidade da categoria trabalho e sua relação com a educação. No material, ele também explica, sobre os perigos da superficialidade teórica e do tratamento de categorias

---

<sup>28</sup> No artigo “O humanismo de Marx e o industrialismo de Gramsci”, Manacorda defende a ideia de que Marx era um humanista.

de forma a-histórica. Foi no espaço daquela conferência que foram discutidas diversas ideias que foram levadas para a Constituinte em 1988.

Por ocasião daquela conferência, realizada em Goiânia no ano de 1986, houve uma discussão sobre as produções sobre trabalho, relação entre trabalho e conhecimento, consciência e educação do trabalhador. Havia indicativos de que não se encontrava uma formação clara sobre esses conceitos na área que discutia o trabalho e a educação, o motivo seria a insuficiência e ou superficialidade teórica no trato com a questão. A área<sup>29</sup> hoje conhecida como Trabalho e Educação ainda estava arrumando a casa, por exemplo, seus membros se questionavam sobre qual seria o foco, o trabalhador ou o trabalho, a educação para o trabalho, para o trabalhador ou pelo trabalhador. A categoria trabalho foi escolhida como categoria fundamental e ponto de partida “justamente por ser o trabalho, na organização da sociedade, o princípio educativo primeiro” (NOSELLA, 2005, p. 29).

Nesse texto da Conferência Brasileira de Educação, o autor localiza mesmo que em amplas linhas, a evolução do conceito de trabalho e as suas conexões com a Educação. O título chama bastante atenção “Trabalho e Educação” do tripalium da escravatura ao labor da burguesia; do labor da burguesia à poièsis socialista”. O autor parte de três momentos históricos, o primeiro do trabalho como escravidão ou servidão, onde o trabalho era um castigo e os homens livres desfrutavam do não trabalho. A palavra *tripalium* faz a referência a um instrumento de tortura, três paus que pode ser exemplificada como um asterisco, usando para causar dor e sofrimento. E como se educa um escravo? De acordo com Nosella, pelo aprimoramento das habilidades manuais e pela repressão da criatividade do trabalho mental, da criatividade humana. “Educação era sinônimo de repressão, pois equivalia a cortar qualquer asa dos trabalhadores para que não voasse para longe do seu feudo ou do tripalium do qual naturalmente faziam parte” (NOSELLA, 2005, p. 32).

O trabalho como labor é o resultado das consolidações das relações capitalistas, marcado, no momento inicial, pela presença das máquinas, elas seriam o novo fogo<sup>30</sup> de conhecimento, que pensavam, poderiam relaxar a mão e os corpos dos trabalhadores e libertá-los do *tripalium*. Assim como, pela nova divisão do trabalho, onde somos livres para vender a nossa força de trabalho. Desse modo, a preocupação da educação seria formar a mão-de-obra de forma adequada às suas novas funções e os serviços e de divulgar as novas ideologias sobre o trabalho.

---

<sup>29</sup> A área em questão é o GT9 da ANPED.

<sup>30</sup> Aqui o autor fez referência ao mito de Prometeu e Epimeteu. Na história Prometeu rouba o fogo do conhecimento e dá aos mortais. Por isso ele condenado por Zeus, seu fígado era eternamente devorado por uma águia, que comia o órgão de dia e a noite se regenerava.

A poiésis é definida pelo autor como as ações criativas, sociais e políticas, a poésis socialista não significa ‘o não trabalho’. Primeiro, há a compreensão de que as máquinas não estão à serviço dos trabalhadores, nem pela redução das horas de trabalho, nem pelo relaxamento dos seus corpos, mas o entendimento que elas operam em função da acumulação capitalista. Baseado em Marx, Nosella defende que a solução não fugir das máquinas, ao contrário, é necessário compreendê-la como resultado das relações humanas e o que deve ser mudado são as relações sociais.

Na poiésis, não há o abandono do trabalho, mas o reconhecimento de que o verdadeiro trabalho do homem também é “político, criativo, combativo, de solidariedade” (NOSELLA, 2005, p.36). Para a consolidação dessa concepção é necessário a superação da divisão entre teoria e prática, e para isso a educação é fundamental. Ele advoga em nome de uma pedagogia criativa, concreta e não autoritária, enquanto crítica as posturas assistencialistas ou mesmos as pedagogias de preparação de mão-de-obra, que arrumam “melhor a embalagem” para ser vendida no mercado de trabalho:

Nessa perspectiva, a nova concepção de trabalho dos séculos XIX e XX, na forma como a classe trabalhadora a elaborou, é essencialmente o conjunto das atividades sociais marcadas pela superação da divisão entre teoria e prática. Em outras palavras, saber se relacionar com a máquina é, sobretudo, possuir conhecimento científico, tecnológico e político. (NOSELLA, 2005, p.36-37).

A partir dessa perspectiva é sinalizada a superação do entendimento da educação como preparação para o mercado de trabalho e a visão esvaziada de sujeito como uma mercadoria. Nesse sentido, a educação não tem a função preparatória e adaptadora, nem o trabalho seria o resultado da venda de sua força. O trabalho é a formação, a constituição de si mesmo, uma atividade complexa, criativa e, sobretudo, humana. Sua relação com a educação estaria no processo de superação do apartamento entre teoria e prática, do trabalho com as mãos e o trabalho com a cabeça, o papel da escola e da educação seria ofertar a mais alta cultura, a cultura mais extrema<sup>31</sup>, para que o trabalhador se reconheça enquanto sujeito histórico e transformador da sociedade.

A partir das reflexões dessa obra foi possível exemplificar como o trabalho pode ser compreendido e diferenciado, reafirmando a necessidade de avançar a sua compreensão histórica. Os três momentos utilizados pelo autor não fazem parte de uma linha do tempo, que descrevem essa evolução. O trabalho análogo à escravidão ainda existe, assim como persiste a

---

<sup>31</sup> Sobre cultura extrema ver Silva, L.T. e Nosella, P.A (2019).

ideia de que as etapas da Educação Básica (Ensino Fundamental e Médio) devem preparar os pobres para o mercado de trabalho.

Assim como, estão em pleno processo de consolidação novas formas e sentidos do trabalho, como analisa Ricardo Antunes em suas obras<sup>32</sup>, como por exemplo, a flexibilização do trabalho, a uberização dos trabalhadores, o trabalho digital, o teletrabalho. Novos termos<sup>33</sup> e novos conceitos são criados para explicar essas novas (velhas) relações. Por isso, a percepção de Nosella e Frigotto são muito válidas, devemos sempre analisar a categoria trabalho numa perspectiva histórica.

As diversas visões sobre o trabalho, estão e estiveram presentes na prática da Escola da Pesca, que por muitas vezes se chocaram com a visão, posso dizer, esperada pela autora, ao analisar a prática da Pedagogia da Alternância, é possível inferir nos documentos e nas entrevistas que a preparação instrumental é muito forte, assim como a preparação para o trabalho e o vínculo disso com a superação da pobreza, ou seja, o trabalho desprendido da sua função social e histórica,

A preparação profissional é uma ponte para o emprego, isso estava presente na fala dos ex-alunos, eles narram sobre as técnicas que aprenderam na Casa Escola da Pesca, e sobre como isso os favoreceu para conseguir um emprego. Além disso, eles demonstram em suas falas esses conhecimentos técnicos, como isso, de algum modo dialogavam com algumas questões da comunidade, como quando egresso Marcos César fala do instrumento de coleta do camarão, matapi.

Desse modo, não reconheço a liberdade em oposição ao trabalho, ou ainda, a liberdade no sentido de liberação da sua condição, seja ela a ribeirinha, pescadora, camponesa ou da atividade do trabalho com a pesca. Mas liberdade no sentido de reconhecimento das suas potencialidades, no reconhecimento de que é possível fazer escolhas, mesmo inseridos em uma determinada realidade.

Nas relações pedagógicas mediadas com ausência de liberdade são reconhecidas na literatura educacional como tendências autoritárias, não-críticas ou reprodutivistas (LUCKESI, 1994; SAVIANI, 2008). São tendências criticadas pelos autores, entre outras coisas, por impor uma visão unilateral da figura do professor e do conhecimento diante dos alunos. No contexto pedagógico, a liberdade assume um caráter ativo, especialmente por parte dos alunos, que pode

---

<sup>32</sup> Ver *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho* (1999).

<sup>33</sup> O último termo que tive conhecimento se chama “quiet quitting” em tradução livre “saída lenta”. O termo representa um conjunto de atitudes que os trabalhadores adotam quando querem ser sair do emprego, como fazer o trabalho mais lentamente, não responder e-mails ou mensagens etc. O trabalho remoto durante o período da pandemia tem influência sobre esse comportamento, assim como, a discussão da diminuição da jornada de trabalho na Europa e Estados Unidos.

ser traduzido na liberdade de expressão, de participação, de produção, na liberdade de errar ao longo do processo de ensino e aprendizado.

Essa condição de liberdade é inclusive reconhecida como libertadora, pois os sujeitos não apenas aprendem e se desenvolvem em um ambiente mais educativo, mas isso gera efeito interno de libertação. As tendências progressistas da educação, em oposição às autoritárias, emanam a ampliação do nível de consciência de alunos e professores e são capazes de encaminhar a transformação social (LUCKESI, 1994, p.64).

Na obra escrita durante seu exílio, *Educação como Prática da Liberdade*, Freire (1999) analisou as mudanças que o Brasil passava, de um modelo econômico agrário-exportador para industrial, e desenvolveu a “teoria do trânsito”, aquele momento, não era uma simples mudança na econômica, era a mudança de uma época, de novos anseios, novos valores, novas tarefas.

Freire não estava apenas interessado na inserção dos sujeitos naquele momento, apenas como mão de obra, ele queria que as pessoas estivessem conscientes dele, dessa mudança, da sua participação e da sua função. Isso motivou o desenvolvimento de seu método de alfabetização. Pretendia a integração do homem e não apenas acomodação ao momento.

Integração que pressupõem a libertação da sua condição de oprimido, ou seja, que as pessoas pudessem ter consciência da sua condição, da sua realidade e assim ter condições de participação, de exercício da liberdade.

Para sustentar essa ideia, ele analisa a construção histórica do Brasil e chega à tese de nossa “inexperiência democrática”. Desde a colonização nunca foi dada voz ao povo brasileiro ou a oportunidade de participar. Sofríamos de um mutismo, no entanto, para participar do processo democrático é necessário o diálogo, logo, deveríamos aprender a falar, num país de analfabetos. Seu método é construído neste sentido, para dar voz às pessoas que nunca tiveram chance de falar, dos que estavam na condição de oprimidos.

A promoção da alfabetização de adultos, naquele momento, foi marcada pelas condições especiais da sociedade brasileira. Foi uma tentativa de resposta a esse momento, a passagem para esta nova sociedade e para novos sujeitos, que seriam ou deveriam ser sujeitos de si mesmos, conscientes da sua historicidade, responsáveis social e politicamente. A proposta de Freire pressupõe a elevação desse homem de mero objeto, para sujeito, elevação como libertação.

No sentido assumido na tese e construído a partir dos autores é possível afirmar que a Casa Escola da Pesca, por meio da formação ofertada, ampliou a capacidade de decisão dos jovens, ampliando a liberdade portanto. Ampliou sua capacidade, em um sentido freiriano, de

que eles pudessem perceber a sua própria realidade e a partir daí tomar decisões, como continuar os estudos, ir morar em outro bairro, cidade ou estado.

## CONCLUSÕES

Esta tese teve como objetivo central apresentar a história da Casa Escola da Pesca, descrever as suas origens e desenvolvimento do tempo e captar por meio dos alunos egressos e da sua prática da Pedagogia da Alternância, um pedaço da história da Educação do município de Belém. O questionamento sugestivo do título, se transformou em uma afirmação, para o trabalho e para a liberdade, uma forma de demonstrar que essa escola instituiu um projeto voltado para o trabalho, pela oferta da formação inicial em pesca e aquicultura aliada ao Ensino Fundamental e Médio, e promoveu a liberdade dos alunos, em um sentido mais particular e subjetivo, ao lhes autorizar a liberdade das suas decisões e sobre a sua própria vida.

Para chegar à essas afirmações foi necessário retomar as análises da relação trabalho e educação, sempre atenta ao contexto da escola, a região da Amazônia brasileira, onde convivem formas de trabalho altamente modernas e tecnológicas e o trabalho artesanal e até mesmo escravo, tive que perceber como a Casa Escola da Pesca estava situada no tempo, como essa escola lá no interior da ilha de Caratateua se relacionava com orientações políticas resultado de discussões em nível internacional, aquilo do particular como expressão do desenvolvimento geral. Além disso, havia o desejo de caracterizar a prática da Pedagogia da Alternância realizada pela Casa.

O fio condutor da Alternância, não foi suficiente para “segurar” a tese ao longo de todo o trabalho, eu acredito que ele se encaixou melhor no capítulo 3, quando tratei do plano pedagógico da CEPE. Isso foi percebido a partir da fala do entrevistados, pouca menção à Alternância e uma fala mais direcionada as experiências vividas na Escola da Pesca. Outro fio condutor precisou ser construído, posso dizer que duas ideias o constituem, a relação trabalho e educação e a separação entre campo e cidade, ambos me permitiram dialogar com a Pedagogia da Alternância.

Na sua origem a Pedagogia da Alternância desejava formar chefes e lideranças rurais, capazes de desenvolver o seu território, no entanto na realidade brasileira é possível perceber que os jovens conseguem se desenvolver, mas o território não. A causa disso pode ser identificada como resultado da profunda ruptura entre campo e cidade. O campo, o rural, as ilhas se tornam lugar de saudade, de visita, de lembranças e a cidade um amontoado de gente, de pessoas em busca de uma oportunidade. A cidade e o campo são espaços que compõem a dialética de um território inteiro, mas essa relação é cada vez mais apartada. A Pedagogia da Alternância ainda não discute isso de maneira clara e incisiva.

Na análise da prática da Escola da Pesca foi possível perceber que o trabalho como princípio educativo, ainda não foi plenamente compreendido ou mesmo conhecido. De forma mais transparente, a CEPE buscava preparar os alunos para o exercício da profissão, por meio da instrumentalização e da formação rápida, em parte justificada pelo fato de a escola receber pessoas que estão em distorção idade-série ou em busca de um emprego e de dar uma resposta a problemas sociais vindo das ilhas. De forma implícita ela possibilitou aquilo que Gramsci chama de dilatação do espírito.

O projeto da Casa Escola da Pesca faz parte de um momento particular da cidade de Belém, que almejava por meio da educação a promoção da educação ambiental e de um desenvolvimento sustentável, assim como a Escola Bosque. Ambas as instituições ainda estão atuantes na cidade de Belém, a Escola Bosque consegue manter um lugar de destaque, uma função estratégica, ela produz e direciona ações. A Escola da Pesca possui uma relação íntima com os moradores das ilhas, mas um pouco ofuscada pela Funbosque. Existe a intenção de que a Escola da Pesca se torne uma escola independente e autônoma no futuro, uma instituição própria voltada para pesca e a culinária do pescado.

Ao longo do trabalho eu já havia mencionado como as entrevistas foram fontes de informação e de inspiração, agora, eu quero ressaltar que a análise das fontes também foi fonte de conhecimento metodológico sobre a realização de uma pesquisa. Eu sei que não é recomendado fazer citação nas conclusões, mas aqui é importante, quando Peter Burke (1997) fala sobre a ampliação das fontes, como resultado do movimento da Escola do Annales, é preciso entender que o autor não se refere apenas ao formato da fonte que se amplia, mas das nossas possibilidades de análise. As diversas fontes nos permitem entender o mesmo objeto sob vários pontos de vista, além disso, permite entender esse objeto em um processo de evolução e de disputa pelos grupos que o constituem.

A criação da Casa Escola da Pesca foi motivada pelo desejo de tratar um problema social, a pobreza da população ribeirinha. Escola e problema foram interpretados e traduzidos pelas diversas visões que participaram do processo de criação e de instalação, e isso só foi possível de ser percebido por conta da análise dos documentos, das observações e das entrevistas. Entre os grupos que estiveram presentes nesse processo fazem parte a herança viva da escola, que são os ex-alunos, a conversa com eles foi essencial para identificar isso e poder constatar a diferença entre o perfil desejado de aluno e o de fato alcançado pela escola.

A partir das perguntas que foram lançadas aos entrevistados eu pude entender melhor porque as linhas do projeto da escola ora pareciam indicar o caminho para uma política de



promoção do desenvolvimento econômico e sustentável da região insular. Mas também, indicavam um caminho para a elevação social dos sujeitos por meio da escolarização e da preparação para o trabalho. Em determinado momento os documentos me diziam, a escola deverá atender assuntos macros da economia, a cadeia produtiva, as indústrias da pesca, assim como em outros momentos sinalizavam pela escola de base Freiriana, pela consolidação da educação do campo, elementos que na prática são contraditórios, opostos, mas que pareciam tentar se encontrar.

Nas entrevistas eu percebi que esses dois caminhos se cruzavam, pois estavam presentes nos discursos dos envolvidos e isso foi transmitido aos documentos. Quero dizer, foi possível defender a inclusão dos trabalhadores da pesca na cadeia produtiva do pescado da região, defender melhoria do território das ilhas, tudo isso sendo mediado pela Escola da Pesca, por meio da escolarização dos filhos dos trabalhadores da pesca. No que de fato aconteceu, ao permitir a ampliação dos conhecimentos e acesso às informações dos sujeitos, a escola elaborou, mesmo sem intenção, uma rota de fuga para os alunos e eles foram.

A escola para o trabalho cumpre sua função, os alunos demonstram em suas falas que tiveram acesso a novas formas de manejo, de realização da aquicultura, conhecimento sobre os instrumentos de navegação. A formação para o trabalho foi alcançada, mas eles também alcançaram a sua liberdade.

Após a conclusão de seus estudos na escola, os alunos revelaram atuar em outra atividade profissional, mesmo assim, a disciplina, o conteúdo ensinado e a dedicação aos estudos aprendidos na escola possibilitaram ferramentas para que eles pudessem ter sucesso em outras áreas da sua vida.

Eu defendo a liberdade, por que quando o jovem filho de pescador ou camponês tem o poder de escolher permanecer ou não em seu território, ele tem um salto de consciência, no sentido marxiano, ele passa a ver o mundo de uma forma mais ampliada, nasce um devir, no sentido: do que essa pessoa pode vir a ser. Ser capaz de poder decidir sobre o estar ou não em um território em continuar ou não os estudos, isso deveria ser um direito ou apenas uma escolha trivial, mas estamos em uma sociedade tão miserável, que alcançar essa capacidade e mais ainda alcançá-la por meio da educação é uma vitória.

Por isso, eu entendo a fala dos rapazes, egressos, da escola da pesca: se não fosse aquela escola, a gente ia continuar na ilha, por que continuar na ilha é ruim para eles (na visão deles, na experiência de vida deles), quem continua na ilha fica sempre do mesmo jeito. Ou seja, eles querem e desejam fazer outras escolhas e quem permitiu essa abertura de possibilidades foi a

escola. Em sua compreensão esses jovens entenderam que o que as ilhas ofereciam era pequeno e eles poderiam ter muito mais. Não entendo como um abandono do campo, mas como a compreensão de que eles poderiam fazer e viver muito mais e aquele território, infelizmente não poderia ofertar isso a eles naquele momento. Agora, eu também acredito que essa não é uma compreensão permanente, pode mudar.

A análise das entrevistas realizadas revelou que a instituição teve um impacto significativo na mudança de vida e na ampliação da perspectiva dos entrevistados em relação ao trabalho e à família. É possível afirmar que o estudo na Escola da Pesca proporcionou a liberdade para os egressos, embora eles continuem enfrentando condições de exploração na sociedade capitalista.

A escola poderia ter trabalhado pela construção de um sentimento positivo de pertencimento e de capacidade de mudanças, mas ela não o fez, existem alguns indicadores que revelam isso como a falta um currículo mais espelhado na realidade, partir da realidade concreta para transformá-la, como dizia Freire. A escola tem que mostrar o mundo e as suas possibilidades e coisas boas, mas também tem que incluir a transformação do seu território, faltou mais reconhecimento do território, faltou mais conexão com a realidade.

De qualquer forma a pesquisa revelou mais o que esteve presente (mesmo com as faltas), e isso merece destaque, pois foi isso que fez sentido para os alunos, como o acolhimento, a disciplina, a dedicação aos estudos, o cotidiano em um ambiente de atividades coletivas, as trocas com os colegas e professores, a relação entre teoria e prática, as viagens de estudos, os estágios e outros fatores que foram discutidos ao longo da tese.

A experiência vivida por esses rapazes e ouvidas nas entrevistas demonstraram que a escola cumpriu um papel de mudança, talvez não a mudança que a Pedagogia da Alternância quer, ou que o Movimento por uma Educação do Campo quer, ou que os Movimentos sociais das ilhas querem, em resumo, fazer com que as cabeças boas vivam no campo e sejam capazes de resolver os problemas dos territórios, que auxiliem no seu desenvolvimento e na sua transformação.

O problema de Granereau, de formar chefes e líderes rurais, permanece com um outro sentido, é necessário transformar o território e isso apenas políticas sociais e econômicas transformadoras de fato poderão fazer. A escola sozinha, por mais alternativa ou inclusiva que se proponha não tem essa capacidade, é ingênuo achar que ela tem, mas ainda, achar que o indivíduo sozinho tem essa capacidade.

“Como toda parte se relaciona com o todo, ao compreendermos uma instituição, amplia-se a possibilidade de compreensão da Educação”; como disse Sanfelice para explicar sobre por que pesquisar a história de uma instituição educativa. Ao me dedicar ao estudo sobre as origens e o desenvolvimento da Escola Municipal Casa Escola da Pesca consegui entender o significado da palavra instituição, aquela que institui, que cria, que funda etc.

Para compreender as particularidades desta escola precisei conhecer sobre a cadeia produtiva do pescado da região, entender a expressão geográfica de Belém e as relações entre o continente e as ilhas, revelando, por meio das entrevistas, a identidade dos sujeitos, egressos da escola e dos professores, além de tentar captar a identidade da sua prática pedagógica, que se materializa na Pedagogia da Alternância.

Tudo isso me deu condições de realizar algumas afirmações, a criação da Casa Escola da Pesca resultou em diferentes resultados para os sujeitos envolvidos. Na perspectiva das pessoas que participaram do processo de criação e desenvolvimento do projeto, a Escola é o resultado de ações para as populações da região insular. Para os ex-alunos, a Casa Escola da Pesca foi um meio de transformação das suas vidas, foi a partir do ingresso na escola que eles começaram a ter perspectivas de mudanças de vida.

Uma vez que o objetivo da Escola era formar filhos de pescadores e trabalhadores da pesca, tem-se a ideia primeira de que o seu objetivo é formar melhores pescadores, quando a gente conhece uma parte desses ex-alunos, e eles deixaram claro em seus depoimentos, que o ingresso na escola “da pesca”, não foi um ingresso para a pesca, foi um ingresso para a vida.

Eu não acho que alcancei tudo o que queria com essa pesquisa, em parte fui atropelada pela pandemia, o que me impediu de conhecer a fundo as comunidades ribeirinhas onde os alunos vivem, eu também tinha a disposição de produzir um panorama da situação atual da escola o que não foi possível. Talvez, essa possa ser a função de novas pesquisas. De qualquer forma acredito que a ideia central foi alcançada, reconstruir o processo de criação da Casa Escola da Pesca.

Relembrando a epígrafe, o trabalho e a busca pela liberdade são ações conscientes dos seres humanos e a escola é uma das suas expressões, toda as escolas e instituições educacionais deveriam encaminhar para a libertação, talvez isso não aconteça, ou mesmo essa percepção não seja captada, mas por conta da pesquisa aqui realizada isso foi possível.

A Escola da Pesca me revelou, que uma instituição é o resultado de diversas vontades, desejos e concepções, enfrentando uma série de desafios, tanto internos quanto externos, como a complexidade do sistema educacional, a escassez de recursos financeiros e a falta de

infraestrutura adequada, além da necessidade de melhoria no quadro docente e na coordenação pedagógica, mas ela vai ser sempre humana e o fator humano é incontrolável, quem poderia imaginar onde a passagem por uma escola poderia levar esses jovens. Me sinto feliz por ter conseguido captar isso e por ter produzido esse trabalho.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### LEGISLAÇÃO E DOCUMENTOS DO MUNICÍPIO DE BELÉM E DO ESTADO DO PARÁ

BELÉM. **Lei nº 7.603, de 13 de janeiro de 1993**. Dispõe sobre o Plano Diretor do município de Belém e dá outras providências. Belém: Câmara Municipal, [1993]. Disponível em: [http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/coletanea/PDF/n\\_urban\\_p/pdu\\_belem.pdf](http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/coletanea/PDF/n_urban_p/pdu_belem.pdf). Acesso em: 02 mar. 2020.

BELÉM. **Lei nº 7.682, de 5 de janeiro de 1994**. Dispõe sobre a Regionalização Administrativa do Município de Belém, delimitando os respectivos espaços territoriais dos Distritos Administrativos e dá outras providências. Belém: Câmara Municipal, [1994a]. Disponível em: <https://cm-belem.jusbrasil.com.br/legislacao/583592/lei-7682-94>. Acesso em: 14 mar. 2020.

BELÉM. **Lei nº 7.684, de 12 de janeiro de 1994**. Dispõe sobre o Plano Diretor das Ilhas de Caratateua e Mosqueiro e dá outras providências. Belém: Câmara Municipal, [1994b]. Disponível em: <https://cm-belem.jusbrasil.com.br/legislacao/847404/lei-7684-94>. Acesso em: 14 mar. 2020.

BELÉM. **Lei nº 7.722, de 07 de julho de 1994**. Dispõe sobre o Sistema Municipal de Ensino de Belém. Belém: Câmara Municipal, [1994c]. Disponível em: <https://cm-belem.jusbrasil.com.br/legislacao/582746/lei-7722-94>. Acesso em: 14 mar. 2020.

BELÉM. **Lei nº 7.747, de 02 de janeiro de 1995**. Autoriza o Poder Executivo a criar o Centro de Referência em Educação Ambiental - Escola Bosque "professor Eidorfe Moreira", na ilha de Caratateua, distrito de Outeiro, município de Belém, e dá outras providências. Belém: Câmara Municipal, [1995]. Disponível em: [http://www.belem.pa.gov.br/semaj/app/Sistema/view\\_lei.php?lei=7747&ano=1995&tipo=1](http://www.belem.pa.gov.br/semaj/app/Sistema/view_lei.php?lei=7747&ano=1995&tipo=1). Acesso em: 14 mar. 2020.

BELÉM. **Lei nº 8.655, de 30 de julho de 2008**. Dispõe sobre o Plano Diretor do município de Belém e dá outras providências. Belém: Câmara Municipal, [2008]. Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/planodiretor/paginas/planodiretoratual.php>. Acesso em: 20 mar. 2020.

CASA ESCOLA DA PESCA – CEPE. **Plano Pedagógico do Curso Técnico em Recursos Pesqueiros**. Belém, 2017.

CASA ESCOLA DA PESCA – CEPE. **Projeto Político Pedagógico**. Belém, 2013.

COSTA, Duciomar. **Mensagem à Câmara Municipal. Belém**. 2005. Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/segep/mensagem/apresentacao.htm>. Acesso em: 15 dez. 2020.

GUEIROS, Hélio. **Mensagem à Câmara Municipal de Belém**. Belém, 1993a.

GUEIROS, Hélio. Planejamento Estratégico. *In*: GUEIROS, Hélio. **Programa de Trabalho da Gestão 1993/1996**. Belém, 1993c.

GUEIROS, Hélio. **Programa de Trabalho da Gestão 1993/1996**. Belém, 1993b.

GUEIROS, Therezinha Moraes. Sistema de Educação no município de Belém. **Caminhos da Educação**. Série Planejamento 3. Belém: PMB/SEMEC, 1996, p. 9-18.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELÉM (PMB) (Pará). **Decreto Municipal n.º 29.205, de 13 de setembro de 1996**. Dispõe sobre a regulamentação do art. 2º, da Lei nº 7.722/94, institui o Subsistema Educacional de Unidades para o Desenvolvimento Sustentável e dá outras providências. 1996. Disponível em:

[http://www.belem.pa.gov.br/semaj/app/Sistema/view\\_lei.php?lei=29205&ano=1996&tipo=2](http://www.belem.pa.gov.br/semaj/app/Sistema/view_lei.php?lei=29205&ano=1996&tipo=2). Acesso em: 20 mar. de 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELÉM (PMB) (Pará). Decreto n.º 64.342/2010, de 24 de agosto de 2010b. Abre Unidade Orçamentária na Fundação Escola Bosque. **Diário Oficial do Município de Belém**: 2do caderno, ano LII, no. 11.687, p.2, 27 de agosto 2010

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELÉM (PMB) (Pará). **Decreto n.º 64.342/2010, de 24 de agosto de 2010b**. Abre Unidade Orçamentária na Fundação Escola Bosque. Publicado no Diário Oficial do Município de Belém. Ano LII 11.687.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELÉM (PMB) (Pará). Gabinete da Presidência da Fundação Escola Bosque. **Portaria n.º 031/2010**. Belém, 02 de fevereiro de 2010a. Assunto: Cria a Casa Escola da Pesca.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELÉM (PMB). Secretaria Municipal de Educação. **Série Pesquisa Realidade Educacional**. 3 volumes. Pará: Núcleo Setorial de Planejamento, 1995.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELÉM (PMB). Secretaria Municipal de Educação. **Projeto Casa Escola da Pesca**; Projeto 1. Pará. Fevereiro de 2007a.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELÉM (PMB). Secretaria Municipal de Educação. **Projeto Casa Escola da Pesca**; Projeto 2. Pará. Maio de 2007b.

## LEGISLAÇÃO E DOCUMENTOS – BRASIL

BRASIL. Conselho Nacional de Educação/CEB. **Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, Conselho Nacional de Educação/CEB, 1996. <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=84611>. Acesso em: 10 dez. 2019.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação/CEB. **Parecer n.º 1, de 1º de fevereiro de 2006**. Dias letivos para a aplicação da Pedagogia de Alternância nos Centros Familiares de Formação por Alternância (CEFFA). Brasília: Conselho Nacional de Educação/CEB, 2006. Disponível em: [http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/mn\\_parecer\\_1\\_de\\_1\\_de\\_fevereiro\\_de\\_2006.pdf](http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/mn_parecer_1_de_1_de_fevereiro_de_2006.pdf). Acesso em: 15 dez. 2019.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação/CEB. **Resolução nº 01, de 3 de abril de 2002.** Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Brasília: Conselho Nacional de Educação/CEB, 2002. Disponível em: [http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/mn\\_resolucao\\_%201\\_de\\_3\\_de\\_abril\\_de\\_2002.pdf](http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/mn_resolucao_%201_de_3_de_abril_de_2002.pdf). Acesso em: 10 dez. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 1.344, de 30 de novembro de 2016.** Altera a Portaria MEC nº 1.071, de 20 de novembro de 2015, que regulamenta o cômputo das matrículas em instituições comunitárias que ofertam educação do campo e que tenham como proposta pedagógica a formação por alternância e dá outras providências. Brasília: Ministério da Educação, 2016. Disponível em: <https://abmes.org.br/arquivos/legislacoes/Port-MEC-1344-2016-11-30.pdf>. Acesso em: 09 dez. 2019.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto nº 5.154, de 23 de julho de 2004.** Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Profissional e altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e de outras providências. Brasília: Presidência da República, 2004. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2004/decreto/d5154.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5154.htm). Acesso em: 12 dez. 2019.

## NOTÍCIAS DE JORNAIS

BEMERGUY, ERCIO. Morre Mariano Klautau. *In: O mocoorongu. Blog de Ercio Bemerguy.* Alter do Chão, 10 de novembro de 2010. Disponível em: <https://ercioafonso.blogspot.com/2010/11/morre-mariano-klautau.html>. Acesso em: 02 dez. 2020.

FEIO, ALDEMYR. Escola de Pesca é entregue no Outeiro. *In: Blog Jornal do Feio.* Belém, 16 de abril de 2008. Disponível em <<https://aldemyrfeio.blogspot.com/2008/04/escola-de-pesca-entregue-no-outeiro.html>> Acesso em março de 2019.

FLORENZANO, Frassinete. Nota da viúva e filho de Mariano Klautau sobre a Escola Bosque. *In: Uruatapera. Blog da Frassinete Florenzano.* Belém, 26 de outubro de 2016. Disponível em: <http://uruatapera.blogspot.com/2016/10/nota-da-viuva-e-filho-de-mariano.html>. Acesso em: 02 dez. 2020.

PINTO, Lúcio Flávio. A professora Marta da Conceição. *In: Blog do Lúcio Flávio Pinto: A agenda amazônica de um jornalismo de combate.* Belém, 4 de agosto de 2020. Disponível em: <https://lucioflaviopinto.wordpress.com/2020/08/04/a-professora-marta-da-conceicao/>. Acesso em: 14 jan. 2021.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho:** ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 1999.

ARAÚJO, R. M. L.; WEYL, Francisco. **Saberes da juventude Amazônia**: um documentário sobre as experiências de jovens egressos da Casa Familiar Rural de Gurupá/Pa. [Filme vídeo]. Belém, 2015. 1 DVD, 22 min.

ASSUNÇÃO, Marizza Felipe. **A política municipal de Educação nos anos de 1990 na Ilha de Caratateua/Belém-Pará**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2005. Disponível em: [http://ppgedufpa.com.br/bv/arquivos/File/dissertacoes2007/MARIZA\\_dissertacao.pdf](http://ppgedufpa.com.br/bv/arquivos/File/dissertacoes2007/MARIZA_dissertacao.pdf). Acesso em: 10 out. 2019.

AZEVEDO, Sérgio de. Políticas públicas: discutindo modelos e alguns problemas de implementação. *In*: SANTOS JÚNIOR, Orlando A. dos (*et. al.*). **Políticas públicas e gestão local**: programa interdisciplinar de capacitação de conselheiros municipais. Rio de Janeiro: FASE, 2003.

BACHELARD, Paul. **Apprentissage et pratiques d'alternance**. Paris: Editions de L'harmattan, 1994.

BARTHEM, Ronaldo B.; MELLO FILHO, Adauto; ASSUNÇÃO, Wyllians; GOMES, Paola F. F.; BARBOSA, Charles A. C. Estrutura de tamanho e distribuição espacial da Piramutaba (*Brachyplatystoma Vaillantii*) na foz amazônica: implicações para o manejo da pesca. **Boletim Instituto da Pesca**, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 249 – 260, 2015. Disponível em: [https://www.pesca.sp.gov.br/41\\_2\\_249-260.pdf](https://www.pesca.sp.gov.br/41_2_249-260.pdf). Acesso em: 04 jun. 2020.

BEGNAMI, João Batista. **Formação pedagógica de monitores das Escolas Famílias Agrícolas e Alternâncias**: um estudo intensivo dos processos formativos de cinco monitores. 2003. Dissertação (Mestrado Internacional em Ciências da Educação) – Universidade Nova de Lisboa, PT e Universidade François Rabelais de Tours, Fr, Belo Horizonte, MG, 2003. Disponível em: [https://run.unl.pt/bitstream/10362/391/1/begnami\\_2003.pdf](https://run.unl.pt/bitstream/10362/391/1/begnami_2003.pdf). Acesso em: 07 out. 2019.

BITTAR, Marisa; FERREIRA, Amarílio. O estado da arte na história da Educação Colonial. **Navegando pela história da educação brasileira**. 1º ed. Campinas: HISTEDBR, p. 1-23. 2006. Disponível em: [https://www.histedbr.fe.unicamp.br/pf-histedbr/marisa\\_bittar\\_e\\_amarilio\\_ferreira\\_jr\\_artigo.pdf](https://www.histedbr.fe.unicamp.br/pf-histedbr/marisa_bittar_e_amarilio_ferreira_jr_artigo.pdf). Acesso em: 14 mar. 2020.

BOBBIO, N. et al. **Dicionário de Política**. 5. ed. Brasília: UNB, 1993.

BOURDIEU, Pierre. Método científico e hierarquia social dos objetos. *In*: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007. p. 33-38.

BRETON, Hervé. La Reconnaissance et la Validation des acquis de l'expérience en France: le paradigme de l'expérientiel à l'épreuve des certifications. *In*: BIASIN, Chiara (org.). Dossier Formazione Continua e Educazione degli Adulti: le dimensioni formale, non formale e informale nel confronto fra Italia e Francia. **Lifelong Lifewide Learning**, vol 13, n. all 30, dez. 2017, p. 62-72. Disponível em: <http://www.edaforum.it/ojs/index.php/LLL/issue/view/6>. Acesso em: 14 mar. 2020.



BUFFA, Ester. Os estudos sobre instituições escolares: organização do espaço e propostas pedagógicas. *In*: LOMBARDI, Claudinei; SAVIANI, Demerval; SANDADO, Wilson; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura (orgs.). **Instituições Escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica**. Campinas: Autores Associados, 2007.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales 1929-1989: A Revolução Francesa da Historiografia**. São Paulo: UNESP, 1997.

CALDART, R. S. **Sobre a especificidade da Educação do Campo e os desafios do momento atual**. *In*: FRIGOTTO, G; CIAVATTA, M. (org.) Teoria e educação no labirinto da capital. 4ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2016. p. 317-363.

CASTRO, Edna. **Tradição e modernidade: a propósito de formas de trabalho na Amazônia**. Paper do NAEA 097, julho de 1998. ISSN 15169111.

CHARTIER, Daniel. **A l'aube des formations par alternance**. Paris: UNMFREO, 1986.

CHARTIER, Daniel *et al.* **Soixante ans d'histoire des maisons familiales rurales**. Paris: UNMFREO, 1997.

CHARTIER, Daniel. **Naissance d'une Pedagogie de L'alternance**. Paris: UNMFREO, 1978.

COMPANHIA DOCAS DO PARÁ - AUTORIDADE PORTUÁRIA (CDP). **Terminal de Outeiro**. 2021. Disponível em: <https://www.cdp.com.br/terminal-de-outeiro>. Acesso em: 09 dez. 2019.

CONFEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA DO BRASIL (CNA). **PIB do agronegócio alcança participação de 26,6% no PIB brasileiro em 2020**. Disponível em: [https://www.cnabrazil.org.br/assets/arquivos/boletins/sut.pib\\_dez\\_2020.9mar2021.pdf](https://www.cnabrazil.org.br/assets/arquivos/boletins/sut.pib_dez_2020.9mar2021.pdf). Acesso em: 29 mar. 2021.

COSTA, Ana Maria Raiol da. **A experiência educativa da casa familiar rural de Gurupá**. 2019. 141 p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciência da Educação. Programa de Pós-graduação em Educação, Belém - PA.

CURY, Carlos Roberto Jamil. Direito à educação: direito à igualdade, direito à diferença. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, p. 245-262, julho/ 2002. Disponível em <https://www.scielo.br/j/cp/a/x6g8nsWJ4MSk6K58885J3jd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 jan. 2022.

DEMO, Pedro. Educação e Desenvolvimento Sustentável: sobre o enfoque integrado do desenvolvimento. *In*: Prefeitura Municipal de Belém/PMB. Secretaria Municipal de Educação/SEMEC. **Caminhos da Educação**. Belém: PMB/SEMEC, 1996.

DICIO. **Dicionário Online de Português**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em: 20 jan. 2019.

DUARTE, Newton. As Pedagogias do "aprender a aprender" e algumas ilusões da assim chamada sociedade do conhecimento. **Revista Brasileira de Educação**, no. 18, p. 35-40, dez 2001. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/KtKJTDHPd99JqYSGpQfD5pj/?lang=pt&format=pdf>.

Acesso em: 03 out. 2019.

ECO, Umberto. **Como se Faz uma Tese**. Trad. Gilson Cesar Cardoso de Souza. 24. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

FERRARI, Glaucia Maria; FERREIRA, Oseias Soares. Pedagogia da Alternância nas produções acadêmicas no Brasil (2007-2013). **Revista Brasileira de Educação do Campo**, Tocantinópolis, v.1, n.2, p. 495-523, jul/dez 2016. Disponível em:

<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/campo/article/view/2719/9310>. Acesso em: 03 out. 2019.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Trabalho**. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM

GEAY, André. L'alternance comme processus de professionnalisation : implications didactiques. In: Wittorski, Richard. **La professionnalisation en formation: Textes fondamentaux**. Mont-Saint-Aignan: Presses universitaires de Rouen et du Havre, p. 75-87, 2016. Disponível em: <http://books.openedition.org/purh/1516>. Acesso em: 03 out. 2019.

GIMONET, Jean-Claude. **Alternance et relations humaines**. Paris: Ed. Universitaires, 1984.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do Cárcere**, volume 2. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GRANEREAU, Abbé. **Le Livre de Lauzun**. Ed. Gerbert Aurillac. Paris: Comité d'Action "Ecole et Vie Rurale", 1968.

GUERRA, Gutemberg Armando Diniz. Eidorfe Moreira e o aspecto insular de Belém. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 10, n. 3, p. 583-589, set./dez. 2015. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/gXFN8MrScRnLFRMbjsKdKcn/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 20 set. 2020.

GUILLAUMIN, Catherine. La formation en alternance en France. In: BIASIN, Chiara (org.). Dossier Formazione Continua e Educazione degli Adulti: le dimensioni formale, non formale e informale nel confronto fra Italia e Francia. **Lifelong Lifewide Learning**, vol 13, n. all 30, dez. 2017, p. 75-87. Disponível em: <http://www.edaforum.it/ojs/index.php/LLL/issue/view/6>. Acesso em: 14 mar. 2020.

GUILLAUMIN, Catherine. La formation professionnelle en France: aspects historiques, choix politiques, traductions juridiques et methodologiques. **Revista Trabalho Necessário**, v. 18, n.37,

p.351-364, set/dez 2020. <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/46296/26508>. Acesso em: 25 dez. 2020.

GUILLAUMIN, Catherine. La pedagogie de l'alternance en tant que strategie de formation professionnelle en france etat des lieux et questionnements. **Revista Humanidades e Inovação**, v.7, n.12, p. 53-62, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/3078>. Acesso em: 25 set. 2020.

GUTIÉRREZ. Gustavo. **Teologia da Libertação**. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 1975. Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ICOARACI. Companhia de Desenvolvimento Econômico do Pará - **CODEC**, 2021. Disponível em: <http://www.codec.pa.gov.br/Icoaraci/>. Acesso em: 20 mar. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6>. Acesso em: 15 mar.2020.

LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale (Orgs.). **Dicionário gramsciano (1926-1937)**. 1. ed. São Paulo: Bomtempo, 2017.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

MAGALHÃES, Benedita Alcidema Coelho dos Santos. **Educação do Campo, poder local e políticas públicas: a casa familiar rural de Gurupá-Pa, uma construção permanente**. 2009. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação) – Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2009. Disponível em: [http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/2658/1/Dissertacao\\_EducacaoCampoPoder.pdf](http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/2658/1/Dissertacao_EducacaoCampoPoder.pdf). Acesso em: 14 maio 2020.

MAGALHÃES, Benedita Alcidema Coelho Dos Santos; SILVA, Luciane Teixeira. Os Caminhos da Pedagogia da Alternância no Brasil: o que temos em comum? **Revista Humanidades e Inovações**, v. 7, n. 12, p.34-44, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2958>. Acesso em: 12 jan. 2020.

MANACORDA, Mário Alighiero. **Karl Marx e a Liberdade**. Aquele velho liberal do comunista Karl Marx. Campinas: Alínea, 2012.

MARTINS, Maria Terezinha R. Ecomuseu da Amazônia: uma experiência ao serviço do desenvolvimento comunitário no município de Belém - PA. **Cadernos do CEOM**. Ano 27, n. 41 - Museologia Social, p.315-328, 2014. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2610>. Acesso em 18 fev. 2020.

MORA, J. Ferrater. **Dicionário de Filosofia**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1991.

NOSELLA, Paolo. **Educação no campo: origens da Pedagogia da alternância no Brasil**. Vitória: EDUFES, 2013.

NOSELLA, Paolo. **O centro universitário de Jaguará do Sul: uma história de ousadia e determinação**. Jaguará do Sul: Editora UNERJ, 2001.

NOSELLA, Paolo. **Uma nova educação para o meio rural: sistematização e problematização da experiência educacional das Escolas da Família Agrícola do Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo**. 1977. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1977.

NOSELLA, Paolo; BUFFA, Ester. **Entrevistas com a educação brasileira** (realizadas entre 1985 e 1988). Campinas: Alínea, 2019.

NOSELLA, Paolo; BUFFA, Ester. **Instituições escolares: por que e como pesquisar**. Campinas: Alínea, 2009.

NOSELLA, Paolo; BUFFA, Esther. **Schola Mater: A Antiga Escola Normal de São Carlos, São Carlos: EDUFSCar/FAPESP, 1996.**

NOSELLA, Paolo. **Trabalho e educação: do tripalium da escravatura ao labor da burguesia; do labor da burguesia à poiésis socialista**. In: **Trabalho e conhecimento: dilemas na educação do trabalhador**. São Paulo: Cortez, 2005.

OLIVEIRA, Adão F. de. Políticas Públicas Educacionais: conceito e contextualização numa perspectiva didática. In: OLIVEIRA, Adão F. de; PIZZIO, Alex; FRANÇA, George (orgs). **Fronteiras da Educação: desigualdades, tecnologias e políticas**. Goiás: Editora da PUC, 2010.

ORTEGA Y GASSET, J. Origen y epílogo de la filosofía. In: J. ORTEGA Y GASSET, **Obras Completas**. Madrid, Revista de Occidente, vol. IX, 1962, p. 349-434.

PETITAT, André. **Production de l'école, prouction de la société: Analyse socio-historique de quelques moments décisifs de l'evolution scolaire en Occidente**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

QUEIROZ, Matheus Silveira de. NETO, Antônio Gomes Tomaz. Influência dos Rios Negro e Solimões nas comunidades rurais ribeirinhas no município de Iranduba – Amazonas. In: **Atas do XVIII Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada**. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, p. 1-12, 2019. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/341232962\\_A\\_INFLUENCIA\\_DOS\\_RIOS\\_NEGRO\\_O\\_E\\_SOLIMONES\\_NAS\\_COMUNIDADES\\_RURAIIS\\_RIBEIRINHAS\\_NO\\_MUNICIPIO\\_D E\\_IRANDUBA\\_-AMAZONAS](https://www.researchgate.net/publication/341232962_A_INFLUENCIA_DOS_RIOS_NEGRO_O_E_SOLIMONES_NAS_COMUNIDADES_RURAIIS_RIBEIRINHAS_NO_MUNICIPIO_D E_IRANDUBA_-AMAZONAS). Acesso em: 26 jul. 2022.

REIS, Maria Izabel Alves dos. **Gestão, trabalho e Adoecimento Docente: caminhos e descaminhos na Fundação Escola Bosque**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belém, 2009. Disponível em: [http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/2128/6/Dissertacao\\_GestaoTrabalhoAdoecimento.pdf](http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/2128/6/Dissertacao_GestaoTrabalhoAdoecimento.pdf). Acesso em: 20 out. 2019.

RIBEIRO, Marlene. Pedagogia da alternância na educação rural/do campo: projetos em disputa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.34, n.1, p. 027-045, jan./abr., 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/KMvyDjXDzMsS4FmpdR7tS6M/?lang=en&format=pdf>. Acesso em: 14 mar. 2020.

RUFINO, José Luís dos Santos. Origem e conceito do agronegócio. *In: Informe Agropecuário*. Belo Horizonte: Epamig, v. 20, n. 199, p. 17-19, jul/ago, 1999.

SANFELICE, José Luís. História das Instituições Escolares. *In: LOMBARDI, Claudinei; SAVIANI, Demerval; SANDADO, Wilson; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura (orgs.). Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica*. Campinas: Autores Associados, 2007.

SANFELICE, José Luís. História, Instituições Escolares e Gestores Educacionais. **Revista Histedbr on-line**, Campinas, n. especial, p.20–27, ago. 2006. Disponível em: [https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/4912/art4\\_22e.pdf](https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/4912/art4_22e.pdf). Acesso em: 20 out. 2019.

SANTOS, Marcos Antônio de Souza. A cadeia produtiva da pesca artesanal no estado do Pará: um estudo de caso no nordeste paraense. **Amazônia: Ci. & Desenvolvimento**, Belém, v.1, n.1, p.61-81. jul. /dez. 2005. Disponível em: <http://www.avesmarinhas.com.br/Cadeia%20produtiva%20da%20pesca%20artesanal%20Par%C3%A1.pdf>. Acesso em: 03 out. 2019.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política**. São Paulo: Cortez, 2008.

SHIROMA, E; MORAES, M<sup>a</sup> C. M.; EVANGELISTA, O. **Política Educacional**. Rio de Janeiro: DP & A., 2002.

SILVA, Lourdes Helena. **As experiências de formação de jovens do campo: Alternância ou Alternâncias?** Curitiba: Editora CRV, 2012.

SILVA, Luciane Teixeira da. A Pedagogia da Alternância na França: de uma discreta experiência a institucionalização na educação profissional. **Kiri-Kerê: pesquisa e ensino, Dossiê**, n.4, vol. 3, dez, p. 456-473, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/kirikere/article/view/33617>. Acesso em: 10 jun. 2021.

SILVA, Luciane Teixeira da; NOSELLA, P. A “cultura extrema” enquanto estratégia de hegemonia: uma análise a partir dos escritos de Antônio Gramsci. **Revista Labor**, v. 1, n. 22, p. 19-31, jul./dez. 2019. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/labor/article/view/42630>. Acesso em: 10 jun. 2021.

SOUZA, Nazaré Serrat Diniz. **Na Belém ribeirinha, a juventude e o direito à escolarização com educação profissional: análise da experiência da Casa Escola da Pesca**. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2015. Disponível em: [http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/8363/1/Tese\\_BelemRibeirinhaJuventude.pdf](http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/8363/1/Tese_BelemRibeirinhaJuventude.pdf). Acesso em 12 abril 2020.

TEIXEIRA, Edival Sebastião; BERNARTT, Maria de Lourdes; TRINDADE, Glademir Alves. **Estudos sobre Pedagogia da Alternância no Brasil**: revisão de literatura e perspectivas para a pesquisa. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.34, n.2, p. 227-242, maio/ago., 2008. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ep/a/yKbb64ckpSn6r5k3szHTHJJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 dez. 2020.

VELOSO, Tiago. **Como a formação de metrópoles ajuda a pensar o espaço urbano na Amazônia**. Amazônia Latitude, 2020. Disponível em

<https://www.amazonialatitude.com/2020/12/15/formacao-de-metropoles-pensar-mudancas-urbano-amazonia/>. Acesso em 20 abril 2021.

WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade na história e na literatura**. Trad. Paulo Henrique de Britto. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

**VOLUME II – APÊNDICES E ANEXOS**

## **APÊNDICES**

APÊNDICE 1 - Roteiro de entrevista Egressos CEPE – Ensino Fundamental

APÊNDICE 2 - Roteiro de entrevista – 26 de agosto de 2019. Professora Terezinha Gueiros e Rosivaldo Batista.

APÊNDICE 3 – Termo de consentimento livre e esclarecido



## **APÊNDICE 1 - Roteiro de entrevista Egressos CEPE – Ensino Fundamental**

Início: apresentação dos objetivos da pesquisa, apresentação da pesquisadora, esclarecimentos sobre os procedimentos: gravação, transcrição, organização e análise.

- Nome:
- Idade:
- Período em que estudou na escola? Qual série estudou? Comunidade de origem.
- Família: origem familiar, trabalho e trabalho com a pesca.
- Como ficou sabendo da Casa Escola da Pesca?
- Como foi o ingresso na escola?
- Adaptação na escola
- Memória das aulas, atividades e estágios
- Como foi a vivência com a Alternância
- Como está sendo a sua vida após a escola? O que você vai hoje?
- A partir do que você aprendeu na escola, você se sente qualificado para o trabalho com a pesca?
- O que essa escola representa, significa na sua vida?
- Qual o seu sentimento em relação à escola?

## APÊNDICE 2 – Roteiro de entrevista com os idealizadores da escola

Professora Terezinha Gueiros e Rosivaldo Batista

Início: Explicar a minha pesquisa e os seus objetivos. Explicar como vai funcionar a utilização dos dados – construção das fontes.

1. Falem um pouco sobre a trajetória escolar e profissional de vocês que os levaram até a criação da Casa Escola da Pesca.
2. Me contem sobre como foi o processo de criação da escola. Qual foi a participação ou influência de vocês nesse processo?
3. O que vocês esperavam resolver com a criação da Casa Escola da Pesca?
4. Por que a escolha da Pedagogia da Alternância?
5. Me falem sobre o clima da época (Estado, município, Brasil) clima cultural, político, era um clima favorável às “inovações educacionais”?
6. Quais eram as pessoas e instituições envolvidas no processo de criação da escola?
7. Qual era a situação educacional do município de Belém na época de fundação da escola? (urbano e insular)
8. Qual o seu sentimento em relação a Casa Escola da Pesca, na época de fundação e agora? – A Casa deu certo na opinião de vocês.

- Fotos
- Documentos
- Outras pessoas que “merecem” ser ouvidas sobre a escola.

## APÊNDICE 3 – Termo de Consentimento livre e esclarecido

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar como voluntário (a) da pesquisa<sup>1</sup> "A Casa Escola da Pesca e a formação técnica de filhos de pescadores em Belém - PA", orientada pelo prof. Dr. Paolo Nosella do programa de pós-graduação da Universidade Federal de São Carlos (PPGE-UFSCAR), realizada pela estudante de doutorado Luciane Teixeira da Silva, cujo o objetivo central é reconstruir o significado social da Casa Escola da Pesca, compreendendo a sua prática e princípios da Pedagogia da Alternância.

As entrevistas são instrumentos de coleta de dados e produção de fontes para a pesquisa em questão. Por este motivo convidamos você a participar da entrevista que será conduzida de forma aberta, com perguntas pré-estabelecidas e será gravada para fins estritamente acadêmicos (elaboração da tese, produção de artigos ou capítulos de livros)

É garantido aos participantes:

- A liberdade de se recusar a participar ou até mesmo de desfazer o termo de consentimento a qualquer momento;
- O sigilo para sua privacidade e para os dados informados durante a pesquisa, reiteramos o uso estrito para a produção da pesquisa em questão;
- Acesso a uma cópia da transcrição da entrevista impresso para sua averiguação e registro;
- Acesso ao trabalho final da pesquisa.

Para quaisquer esclarecimentos ou dúvidas sobre o projeto e a sua participação, constam neste termo os contatos telefônicos e e-mail dos pesquisadores envolvidos.

Luciane Teixeira da Silva  
Estudante de doutorado da Universidade Federal de São Carlos - Programa de pós-graduação em Educação  
Telefone: 91 987365640  
E-mail: [luciane.teixeira.silva@gmail.com](mailto:luciane.teixeira.silva@gmail.com)

Prof. Dr. Paolo Nosella - Orientador  
Professora do Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos  
telefone: 16 997017787  
E-mail: [nosella@terra.com.br](mailto:nosella@terra.com.br)

---

<sup>1</sup> O título da pesquisa eventualmente poderá ser alterado, pois enquanto um trabalho de pesquisa o mesmo passará por avaliações de banca onde a sugestão de alteração do título é uma possibilidade.

---

(Entrevistado)

---

Luciane Teixeira da Silva  
(Pesquisadora responsável)

Belém,

de 2020

## **ANEXOS**

ANEXO A - Planos de Estudos de Alternância

ANEXO B - Relatório de Acompanhamento de Visita da Alternância

ANEXO C - Projeto Casa Escola da Pesca - maio de 2007 – projeto 2

ANEXO D - Plano Pedagógico do curso Técnico em Recursos Pesqueiros - 2017

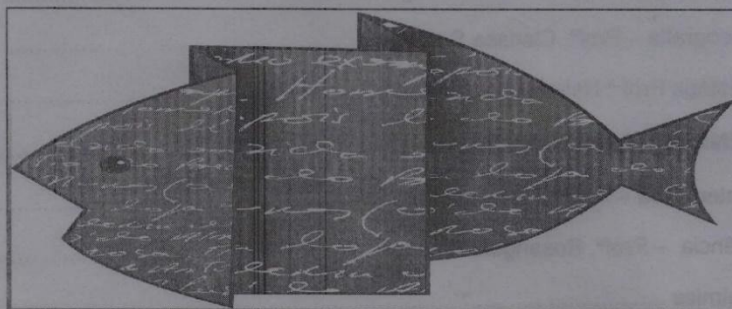
ANEXO E - Projeto Político Pedagógico - 2013

Anexo A – Plano de Estudos de Alternância – Casa Escola da Pesca – ano 2020



PREFEITURA MUNICIPAL DE BELÉM  
FUNDAÇÃO CENTRO DE REFERÊNCIA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL  
E.M.E.FUNDAMENTAL E MÉDIO “CASA-ESCOLA DA PESCA – CEPE”  
INEP: 15219038

## PLANO DE ESTUDOS DE ALTERNÂNCIA



**CASA ESCOLA DA PESCA**

### VISITAS DE ALTERNÂNCIA

CARRO	
DATA	LOCALIDADE/ BAIRRO
17/02/2020	FAMA
18/02/2020	ÁGUA BOA
19/02/2020	ITAITEUA
20/02/2020	FIDELIZ
21/02/2020	SÃO JOÃO DO OUTEIRO
21/02/2020	ICOARACI

ALUNO:

*7ª Quinzena de Alternância da Turma: T4501- 4ª Totalidade  
Temática: “Tecnologia do Pescado e Segurança Alimentar”.*

**Data de Retorno: 02/03/2020**

## Sumário

<b>1. CIÊNCIAS DA SOCIEDADE</b> .....	3
1.1 -Filosofia – Prof <sup>ª</sup> Micéla Alves.....	3
1.2 -Educação Cidadã Prof. Junior Lago .....	5
1.3 - Geografia – Prof <sup>ª</sup> . Clarissa Santos .....	10
1.4 - História Prof. <sup>a</sup> Heliane.....	11
<b>2. CIÊNCIA DA NATUREZA</b> .....	15
2.1 -Matemática – Prof <sup>ª</sup> a. Lucivane Miranda.....	15
2.2 -Ciência – Prof <sup>ª</sup> . Rosangela Amador .....	17
2.3 -Química .....	19
2.3 -Física .....	19
<b>3. CÓDIGOS E LINGUAGEM</b> .....	19
3.1 -Artes – Prof <sup>ª</sup> .....	19
3.2 -Língua Portuguesa –Prof. <sup>a</sup> . Elizete Barbosa.....	20
3.3– Inglês Prof <sup>º</sup> . Josué Luz .....	23
<b>4 - QUALIFICAÇÃO PARA O TRABALHO</b> .....	24
4.1-Tecnologia Do Pescado Prof <sup>ª</sup> . Fernanda Morais.....	24

# 1. CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

## 1.1 -Filosofia – Profª Micéla Alves

De acordo com o que foi estudado ao longo da quinzena, responda:

1. No seu entendimento, qual a importância da linguagem?

---

---

---

---

---

2. Aristóteles na abertura da sua obra Política afirma que somente o homem é um "animal político". Por quê?

---

---

---

---

---

3. No diálogo Fedro, Platão dizia que a linguagem é um "*pharmakon*". Assim sendo:

a) Qual a origem desta palavra e qual a tradução em português?

---

---

---

---

---

b) Diga quais os três sentidos principais que esta palavra possui.

---

---

---

---

---



- c) Analise a ilustração abaixo e responda em qual sentido está empregado o “pharmakon” de Platão:



4. A linguagem pode ser conhecimento-comunicação, mas também pode ser encantamento-sedução. Essa ideia da linguagem como possibilidade de conhecimento-comunicação aparece na Bíblia judaico-cristã, no mito da **Torre de Babel**. O que diz tal mito?

5. Qual a diferença entre linguagem verbal e linguagem não verbal? Explique citando na sua argumentação 02 (dois) exemplos de cada uma delas.

## 1.2 -Educação Cidadã Prof<sup>o</sup>. Junior Lago

### Questão nº1

A pesca baseia-se na retirada de recursos pesqueiros do ambiente natural. Já a aquicultura é baseada no cultivo de organismos aquáticos geralmente em um espaço confinado e controlado. A grande diferença entre as duas atividades é que a primeira, por ser extrativista, não atende as premissas de um mercado competitivo. Já a aquicultura possibilita produtos mais homogêneos, rastreabilidade durante toda a cadeia e outras vantagens que contribuem para a segurança alimentar, no sentido de gerar alimento de qualidade, com planejamento e regularidade.

Segundo a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), a aquicultura é a mais rápida das atividades agropecuárias em termos de resultados produtivos e uma das poucas capazes de responder com folga ao crescimento populacional, o que pode contribuir para o combate à fome em todo o mundo.

Faça uma pesquisa sobre a importância da tecnologia (eletrônica) para a navegação e para pesca. Fazendo referência sobre a sua importância para o desenvolvimento social.

**Obs. Entregar em forma de trabalho na próxima quinzena.**

### Direitos e deveres

O que são os direitos e deveres do cidadão? Antes de qualquer coisa, o que é ser um cidadão?

Cidadão é aquele que se identifica culturalmente como parte de um território, usufrui dos direitos e cumpre os deveres estabelecidos em lei. Ou seja, exercer a cidadania é ter consciência de suas obrigações e lutar para que o que é justo e o correto sejam colocados em prática.

Os direitos e deveres não podem andar separados. Afinal, quando cada um cumpre com suas obrigações, permite que outros exercitem seus direitos.

### Deveres

- \* Votar para escolher nossos governantes.
- Cumprir as leis.
- Respeitar os direitos sociais de outras pessoas.
- Educar e proteger nossos semelhantes.
- Proteger a natureza.
- Proteger o patrimônio público e social do País.
- Colaborar com as autoridades.

### Direitos

- Homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações nos termos da Constituição.
- Saúde, educação, moradia, trabalho, previdência social, proteção à

maternidade e à infância, assistência aos desamparados, segurança, lazer, vestuário, alimentação e transporte são direitos dos cidadãos.

- Ninguém é obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei.
- Ninguém deve ser submetido à tortura nem a tratamento desumano ou degradante.
- A manifestação do pensamento é livre, sendo vedado o anonimato.
- A liberdade de consciência e de crença é inviolável, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias.

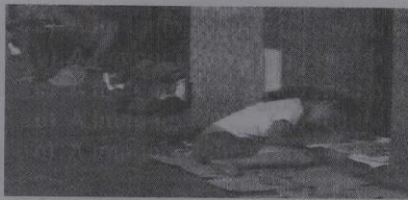
A Constituição de 1988 reserva cinco capítulos aos direitos fundamentais do cidadão, com várias categorias sobre os direitos individuais e coletivos.

Existem leis importantes que não podem deixar de ser conhecidas como o Estatuto da Criança e do Adolescente e o Estatuto do Idoso.

**Fonte:** Portal do Planalto

**OBSERVE AS IMAGENS:** Em relação aos artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, o que podemos afirmar?

Questão nº2



- A imagem acima representa o artigo XXVI
- A imagem acima representa o artigo XXVII
- A imagem acima representa o artigo XXVIII
- A imagem acima representa o artigo XXX III
- A imagem acima representa o artigo XXX I

QUESTÃO Nº3



- a) A imagem acima representa o artigo XX III
- b) A imagem acima representa o artigo XIX
- c) A imagem acima representa o artigo XXX
- d) A imagem acima representa o artigo XXII
- e) A imagem acima representa o artigo V

QUESTÃO Nº4



- a) As imagens acima representam o artigo XVIII
- b) A imagem acima representa o artigo II
- c) A imagem acima representa o artigo II e III
- d) A imagem acima representa o artigo IV
- e) A imagem acima representa o artigo V

Questão Nº5



Grêmios estudantis são organizações sem fins lucrativos que representam o interesse dos estudantes e que têm fins cívicos, culturais, educacionais, desportivos e sociais. O grêmios é o órgão máximo de representação dos estudantes na escola. Observe as legislações referentes ao direito de se associar:

LEGISLAÇÃO

Lei Federal 7.389 de 04/11/1985 - Dispõe sobre a organização de entidades representativas de estudantes de 1º e 2º Grau.  
Lei Federal 8.069 de 13/07/1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente, Art. 53

inciso IV – garante o direito dos estudantes de se organizar e participar de entidades estudantis.

**Lei Estadual 1.949** de 08/01/1992 - Assegura a livre organização dos estudantes.

**Resolução S.E. E 1.294** de 25/04/1986 - Aprova modelo de estatuto dos grêmios estudantis.

Marque a alternativa correta, ou seja, referente ao artigo da Declaração dos Direitos Humanos que mais se refere ao Grêmio Estudantil do Colégio Santa Madre?

- A) Artigo XX
- B) Artigo X
- C) Artigo XI
- D) Artigo XII
- E) Artigo IX

**QUESTÃO Nº 06**

Vivemos hoje no Brasil um momento novo para justiça brasileira, chamado de delação premiada, no qual o delator que também é réu delata outras pessoas que supostamente estiveram envolvidas no mesmo crime. Contudo, a sociedade pode muitas vezes julgar os citados e condenar publicamente antes destes irem a julgamento e antes de se defender recebe os prejuízos populares. Em quais artigos na declaração dos direitos humanos, este fato é atribuído?

- A) Artigo I
- B) Artigo II
- C) Artigo III
- D) Artigos V e VII
- E) Artigos X e XI

**Questão Nº 7**



**Artigo XXII**

Todo ser humano, como membro da sociedade, tem direito à segurança social, à realização pelo esforço nacional, pela cooperação internacional e de acordo com a organização e recursos de cada Estado, dos direitos econômicos, sociais e

culturais indispensáveis à sua dignidade e ao livre desenvolvimento da sua personalidade.

**Faça uma análise crítica comparativa entre o artigo XXII e a realidade em que vivemos em nosso país?**

---

---

---

---

---

**QUESTÃO Nº8**



**O Artigo V da Declaração dos Direitos Humanos é referente a nenhuma tortura. Ressalta que** Ninguém será submetido à tortura nem a tratamento ou castigo cruel, desumano ou degradante. Sendo assim, como você apreende a imagem acima?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

QUESTÃO Nº9

Em relação à imagem abaixo faça uma analogia com um dos artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos e comente a citação da Makota Valdina?

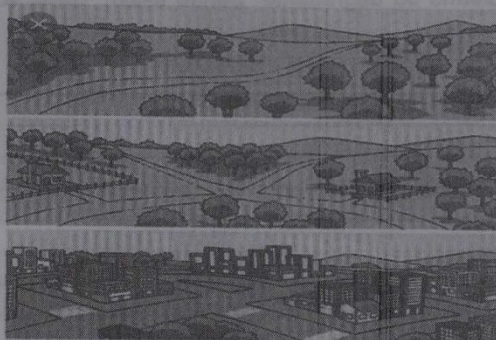


"Não sou descendente de escravos. Eu descendo de Seres Humanos que foram escravizados"  
Makota Valdina

HELENA SOUZA

1.3 - Geografia – Prof<sup>ª</sup>. Clarissa Santos

1ª) Analise o desenho a baixo e responda:

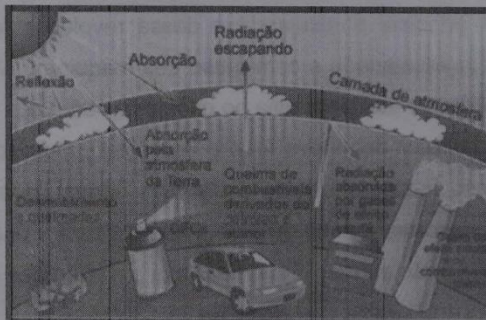


a) O que a imagem a cima está retratando?

b) Quais elementos foram diminuindo ao longo da imagem e qual a explicação para isto?

c) Qual o elemento fundamentalmente responsável pela transformação das paisagens ao longo dos anos, de forma cada vez mais intensa?

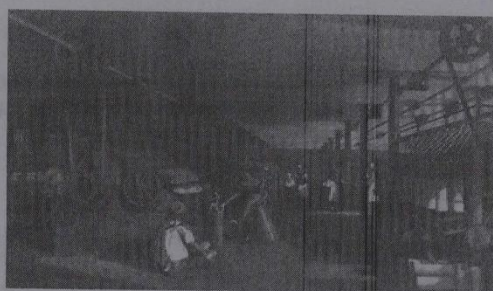
2ª) a partir da imagem responda, a qual problema socioambiental ela está se referindo e quais as principais consequências desse problema tão presente nos dias atuais?



#### 1.4 - História Prof.<sup>a</sup> Heliane

Nesta quinzena estudamos sobre A Revolução Industrial: economia, sociedade e sistema de produção industrial. Use o texto base e seu caderno de estudos em classe para resolver as atividades propostas no seu Plano de Estudos e Boa Alternância!





*Figura 1: Mulheres e crianças trabalhando em uma fábrica.*

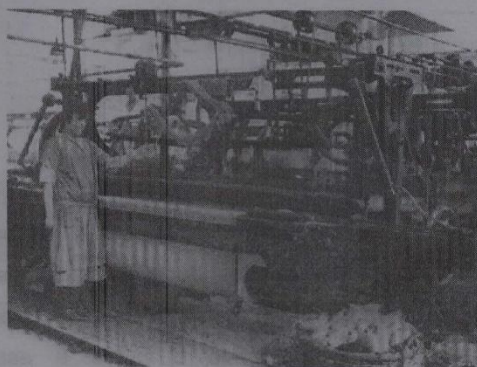
A Revolução industrial foi um conjunto de mudanças que aconteceram na Europa nos séculos XVIII e XIX. A principal particularidade dessa revolução foi a substituição do trabalho artesanal pelo assalariado e com o uso das máquinas. Até o final do século XVIII a maioria da população europeia vivia no campo e produzia o que consumia. De maneira artesanal o produtor dominava todo o processo produtivo. A Inglaterra foi precursora na Revolução Industrial devido a diversos fatores, possuir uma rica burguesia, possuía a mais importante zona de livre comércio da Europa, o êxodo rural e a localização privilegiada junto ao mar o que facilitava a exploração dos mercados ultramarinos.

Como muitos empresários ambicionavam lucrar mais, o operário era explorado sendo forçado a trabalhar até 16 horas por dia em troca de um salário baixo. Além disso, mulheres e crianças também eram obrigadas a trabalhar para sustentarem suas famílias, a mão de obra disponível em abundância, havia uma massa de trabalhadores procurando emprego nas cidades inglesas do século XVIII. A burguesia inglesa tinha capital suficiente para financiar as fábricas, comprar matéria-prima e máquinas e contratar empregados.

As máquinas a vapor, principalmente os gigantes teares, revolucionou o modo de produzir. Se por um lado a máquina substituiu o homem, gerando milhares de desempregados, por outro baixou o preço de mercadorias e acelerou o ritmo de produção. As condições de trabalho nas fábricas eram precárias, ambientes com péssima iluminação, abafados e sujos. Os salários recebidos pelos trabalhadores eram muito baixos e chegava-se a empregar o trabalho infantil e feminino, estavam sujeitos a castigos físicos dos patrões. Não havia direitos trabalhistas como férias,

décimo terceiro salário, auxílio doença, descanso semanal remunerado ou qualquer outro benefício.

A Revolução Industrial tornou os métodos de produção mais eficientes. Os produtos passaram a ser produzidos mais rapidamente, barateando o preço e estimulando o consumo. Por outro lado, aumentou também o número de desempregados. As máquinas foram substituindo, aos poucos, a mão de obra humana. A poluição ambiental, o aumento da poluição sonora, o êxodo rural e o crescimento desordenado das cidades também foram conseqüências nocivas para a sociedade.



1) No quadro abaixo faça a descrição do que significa a imagem acima.

2) Com base no texto acima sobre a Revolução Industrial e seus aspectos sociais explique o que significa Modo de Produção Industrial.

---

---

---

---

---

---

---

3) Nas alternativas abaixo assinale apenas a **CORRETA**.

a) País precursor na Revolução Industrial:

- A Inglaterra
- A França
- O Brasil

b) É **CORRETO** afirmar que a Revolução Industrial:

- tornou os métodos de produção mais eficientes. Os produtos passaram a ser produzidos mais rapidamente, barateando o preço e estimulando o consumo.
- tornou os métodos de produção mais ineficientes. Os produtos passaram a ser produzidos mais devagar, barateando o preço e estimulando o consumo.
- A Revolução Industrial tornou os métodos de produção mais eficientes. Os produtos passaram a ser produzidos mais caros, barateando o preço e estimulando o consumo.

c) Nas fábricas, as condições de trabalho era:

- precárias, ambientes com péssima iluminação, abafados e sujos.
- ótimas, ambientes com iluminação, abafados, mas limos.
- razoáveis, com boa iluminação, arejados mas sujos.

4) Ressalte os aspectos principais da Revolução Industrial retratados no filme Tempos Modernos .

---

---

---

---

## 2. CIÊNCIA DA NATUREZA

### 2.1 -Matemática – Prof<sup>ª</sup>. Lucivane Miranda.

1 - Escreva o sucessor e o antecessor dos seguintes números inteiros {0, - 98, +1024, - 72, +26 + 1, -2}. Em seguida, ordene os números na forma crescente.

2- Usando os símbolos > (maior) e < (menor), compare os números inteiros a seguir:

- a) -15 \_\_\_\_ + 15
- b) -100 \_\_\_\_ - 99
- c) + 58 \_\_\_\_ +124
- d) + 1000 \_\_\_\_ + 999

3- Responda:

- A) Qual é o sucessor de +8?
- B) Qual é o sucessor de - 6?
- C) Qual é o sucessor de 0?
- D) Qual é o antecessor de +8?
- E) Qual é o antecessor de - 6?

4 - Reescreva os números em ordem decrescente:

- A) +3, -1, -6, +5, 0
- B) -4, 0, +4, +6, -2
- C) -5, 1, -3, 4, 8
- D) +10, +6, -3, -4, -9, +1

E)  $-18, +83, 0, -172, -64$

F)  $-286, -740, +827, 0, +904$

G)  $5055, -5005, 5505, 5005, -5055, -5505$

H)  $423, -243, 234, -324, -432, 342, 243$

5 - Determine:

A) O oposto de  $+5$

B) O oposto de  $+18$

C) O oposto de  $-9$

D) O oposto de  $-15$

E) O oposto de  $+6$

F) O oposto de  $+234$

G) O oposto de  $-6$

H) O oposto de  $-1000$

6 - Considere os números:  $0, 5, 7, -5, -7$ .

A) Qual é o maior?

B) Qual é o menor?

7 - Indique o número inteiro com sinal que representa:

A) O saldo obtido por um crédito de  $20$  e um débito de  $30$ .

B) O saldo obtido por um débito de  $50$  e um crédito de  $90$  e um débito de  $60$ .

C) O saldo de gols de um time que marcou  $23$  gols e sofreu  $30$ .

D) O saldo de gols de uma equipe após uma partida que perdeu de  $7$

a  $1$ . E) A temperatura final no congelador quando ela sai de  $-5^{\circ}\text{C}$  e aumenta  $8^{\circ}\text{C}$ .

## 2.2 -Ciência – Prof<sup>ª</sup>. Rosangela Amador

### Plano de estudos 4º totalidade

Durante esta quinzena nós estudamos os **tipos de energia**. Discutimos sobre as energias renováveis e não renováveis e a importância delas para o desenvolvimento da sociedade, assim como os impactos negativos que podem causar ao ambiente e a sociedade. Responda as questões do plano de estudos abaixo, que tratam sobre o aprendizado adquirido durante as discussões em sala de aula.

1º) **Questão:** A energia é responsável pela produção de trabalho. Assim, quando há trabalho, afirmamos que existe energia envolvida. Existem vários tipos de energia, algumas são adquiridas por fontes renováveis e outras por fontes não renováveis. Explique o que são fontes de energia renováveis e não renováveis. Cite alguns exemplos desses tipos de energia.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

**2º) Questão:** Quais os tipos de fonte de energia mais utilizadas no Brasil? Explique os impactos que essas fontes de energia causam ao ambiente e a Biodiversidade?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

**3º) Questão:** Quais as vantagens e desvantagens da produção de energia através das usinas hidrelétricas?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

**4º) Questão:** Avalie as questões a seguir que tratam das fontes de energia e sua importância.

- I) As fontes de energia exercem papel importante nas atividades humanas. Delas se originam eletricidade e combustíveis, que são bens e mercadorias.
- II) São as fontes de energia mais utilizadas no Brasil: petróleo, hidrelétrica, carvão mineral e biocombustíveis.
- III) A evolução das fontes de energia teve impacto direto no trabalho humano. A energia facilitou e agilizou as atividades produtivas.

IV) No Brasil, as fontes de energia são prioritariamente as renováveis, como a energia eólica, energia solar e hidrelétrica.

Estão incorretas as alternativas:

- a) I e V
- b) II e III
- c) Apenas a alternativa III
- d) Apenas a alternativa IV
- e) Todas as alternativas

5° Questão: (ENEM 2007) – Qual das seguintes fontes de energia é a mais recomendável para a diminuição dos gases do aquecimento global?

- a) Óleo diesel
- b) Gasolina
- c) Carvão mineral
- d) Gás Natural
- e) Vento

### 2.3 -Química

### 2.3 -Física

## 3. CÓDIGOS E LINGUAGEM

### 3.1 -Artes – Prof<sup>ª</sup>.



### 3.2 -Língua Portuguesa –Prof<sup>a</sup>. Elizete Barbosa

Professora:

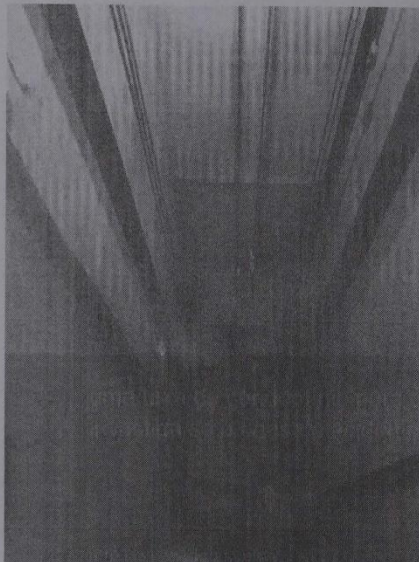


Leia o texto abaixo:

1. A fala do personagem no segundo quadrinho indica que ele quer:

- a) Ficar meditando sobre seu trabalho.
- b) Ganhar tempo até começar a trabalhar.
- c) Saborear o almoço que lhe foi servido.
- d) Trabalhar depois do almoço.

Leia o texto abaixo e responda a questão:



Elevador cai do 4° andar e fere 8 em São Carlos – SP

Um elevador despencou ontem do 4° Andar de um edifício em São Carlos, no interior paulista, com 11 pessoas dentro. O corpo de Bombeiros socorreu dez vítimas do acidente, sendo que cinco foram levadas à Santa Casa da cidade, mas apenas com ferimentos leves. Outras três pessoas tiveram escoriações. “O elevador, que tinha saído do 7° andar, tem capacidade para seis pessoas, cinco a menos que a lotação no momento do acidente.”

Funcionários da Polícia Científica do município fizeram hoje a vistoria do elevador do Edifício Ana Paula, no bairro Vila Nery. Moradores já reclamavam a substituição do antigo elevador e pagaram nos últimos meses uma taxa de condomínio para que fosse feita a troca. A Polícia Científica investiga se a causa o acidente foi mesmo o excesso de pessoas.

<http://www.globo.com>

Agência Estado. Disponível em:

2. Qual é o assunto desse texto?

- a) Uma briga no elevador.
- b) Uma morte dentro do elevador.
- c) Um acidente com um elevador.
- d) Um incêndio no elevador.

Terra Oca: espetáculo termina com participação especial das crianças

Marcos Frota sobe ao picadeiro para agradecer ao público

As aventuras do pequeno Dom Pedro II no mundo mágico de Terra Oca chegam ao fim. Na quarta parte do espetáculo do Unicirco Marcos Frota, o jovem imperador se encanta com as acrobacias da bailarina no mastro chinês. É chegada a hora, no entanto, de Pedro se despedir. Mas não sem antes rolar de gargalhar com os novos amigos.

No fim do espetáculo, o ator e trapezista Marcos Frota sobe ao picadeiro para agradecer ao público e exaltar a magia do circo!

O Palhaçaria exhibe em quatro partes o Terra Oca, espetáculo sobre as aventuras do imperador Dom Pedro II, em um mundo mágico. Dezenas de artistas se revezam nos malabares, no tecido acrobático, no trapézio e na roda Cyr. O espetáculo conta ainda com banda de música ao vivo.

Disponível em: <<http://tvbrasil.etc.com.br>>.

3. Aponte o objetivo do texto:

- a) contar uma história.
- b) dar um ensinamento.
- c) fazer uma divulgação.
- d) fazer uma piada.

Releia este período do texto:

“É chegada a hora, no entanto, de Pedro se despedir. Mas não sem antes rolar de gargalhar com os novos amigos.”

4. No período acima, a palavra “Mas” introduz:

- a) um fato que conclui o fato anterior.
- b) um fato que compensa o fato anterior.
- c) um fato que se contrasta com o fato anterior.
- d) um fato que aconteceu antes do espetáculo.

5. A expressão "No fim do espetáculo" indica uma circunstância de:

- a) lugar.
- b) modo.
- c) tempo.
- d) intensidade.

6. No segmento "[...] o ator e trapezista Marcos Frota sobe ao picadeiro para agradecer ao público e exaltar a magia do circo!", o termo "para" exprime:

- a) o tempo da subida do ator e trapezista Marcos Frota ao picadeiro.
- b) a finalidade da subida do ator e trapezista Marcos Frota ao picadeiro.
- c) a consequência da subida do ator e trapezista Marcos Frota ao picadeiro.
- d) espetáculo sobre as aventuras do imperador Dom Pedro II.

7. Em "O Palhaçaria exhibe em quatro partes o Terra Oca [...]", o numeral indica:

- a) uma fração.
- b) uma colocação.
- c) uma quantidade.
- d) uma simpatia

8. Na parte "[...] o Terra Oca, espetáculo sobre as aventuras do imperador Dom Pedro II, em um mundo mágico.", o autor do texto:

- a) apresenta o espetáculo "Terra Oca".
- b) expõe uma opinião sobre o espetáculo "Terra Oca".
- c) levanta uma hipótese sobre o espetáculo "Terra Oca".
- d) expõe uma simpatia sobre o espetáculo "Terra Oca".

9. Na oração "Dezenas de artistas se revezam nos malabares, no tecido acrobático, no trapézio e na roda Cyr.", o verbo grifado poderia ser substituído por:

- a) "alternam".
- b) "encontram".
- c) "apresentam".
- d) "representam".

### 3.3– Inglês Prof. Josué Luz

Vamos revisar os assuntos estudados nessa quinzena!

Após revisar, responda as perguntas abaixo.

## Regular Verbs

### • Regras:

→ Acrescenta-se a terminação **-ED** aos verbos regulares para formar o passado simples;

Ex: work - **worked**

want - **wanted**

→ Ao se acrescentar a terminação **-ED**, alguns verbos sofrem alterações:

▶ Em verbos terminados em **-E**, acrescenta-se apenas **-D**.

Ex: love - **loved**

### Exercícios

Passa as palavras para o passado e traduzas.

I **live** in Outeiro with my Family.

(Eu **moro** aqui em outeiro com minha família.)

\_\_\_\_\_

(\_\_\_\_\_)

They **like** to eat pizza.

(Eles **gostam** de comer pizza.)

\_\_\_\_\_

(\_\_\_\_\_)

We cook fish.

(Nós cozinhamos peixe.)

\_\_\_\_\_

(\_\_\_\_\_)

Crie uma frase durante sua alternância em português e passe para o Inglês com a ajuda de um dicionário ou da internet.

Obs: a frase deve conter 5 palavras, no mínimo.

PORTUGUÊS: \_\_\_\_\_

INGLÊS: \_\_\_\_\_

## 4 - QUALIFICAÇÃO PARA O TRABALHO

### 4.1-Tecnologia Do Pescado Prof<sup>ª</sup>. Fernanda Moraes

1 - Explique por que é importante incluir o pescado frequentemente na alimentação humana?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

2 - Julgue as alternativas abaixo e marque F para as falsas e V para as verdadeiras

- a) ( ) O pescado é um alimento rico em proteína, minerais, vitaminas e umidade.
- b) ( ) A pesca é uma prática bastante antiga, remonta ao período do homem pré-histórico.
- c) ( ) A composição química do pescado varia bastante em relação aos lipídeos (gorduras), podendo variar de 0,6 a 36%.
- d) ( ) O consumo do pescado em excesso não é recomendado, pois pode provocar perda de memória, falta de apetite, risco de desenvolver Alzheimer.
- e) ( ) Se o trabalho feito no produto é de filetagem ou de cortes em posta, só houve a aplicação das técnicas de beneficiamento do pescado.

3 - Os microrganismos são seres microscópicos pertencentes a diferentes reinos biológicos, como fungos, bactérias, protozoários e vírus, quando presentes nos alimentos estes podem ser classificados em três categorias? Cite quais são elas.



\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

4 - O que são as DTA's? Quais os principais sintomas de quem tem DTA?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

5 - O que são as Boas Práticas de Fabricação dos Alimentos (BPF)?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

---

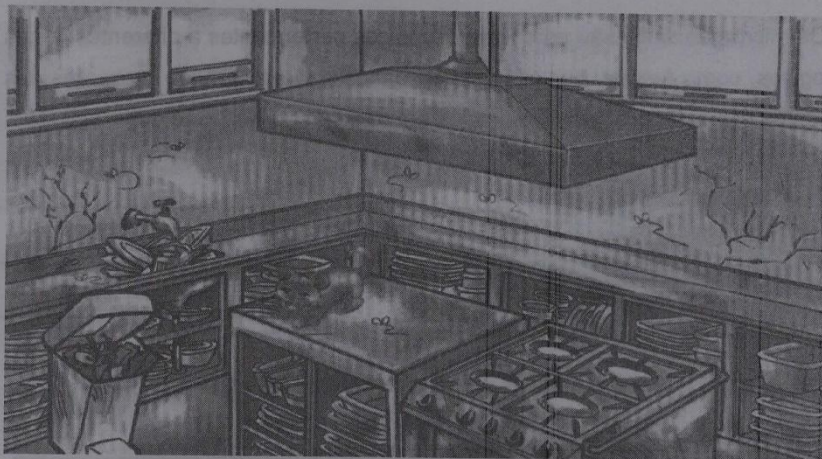
---

6 - Imagine que você é o(a) responsável pelo controle de qualidade de uma empresa de beneficiamento do pescado, e que durante a produção uma lâmpada (sem proteção) se quebrou e os cacos caíram sobre o alimento. Que tipo de contaminação esse alimento estaria exposto?

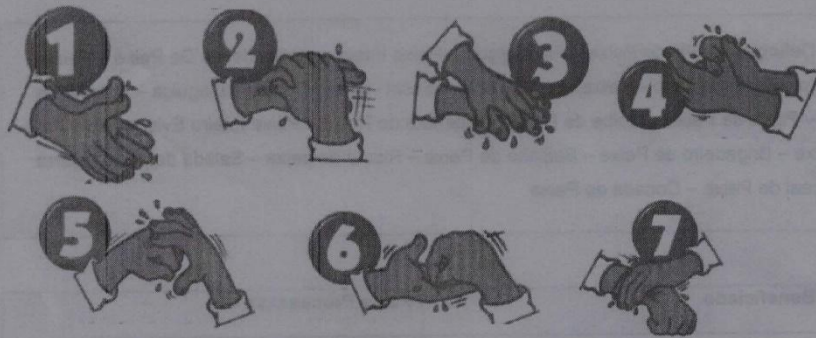
---

---

7 - Observe a figura abaixo e identifique situações indesejáveis no local de beneficiamento do pescado.



8 - Com base na figura abaixo, descreva a prática de higienização das mãos do manipulador do pescado.



---

---

---

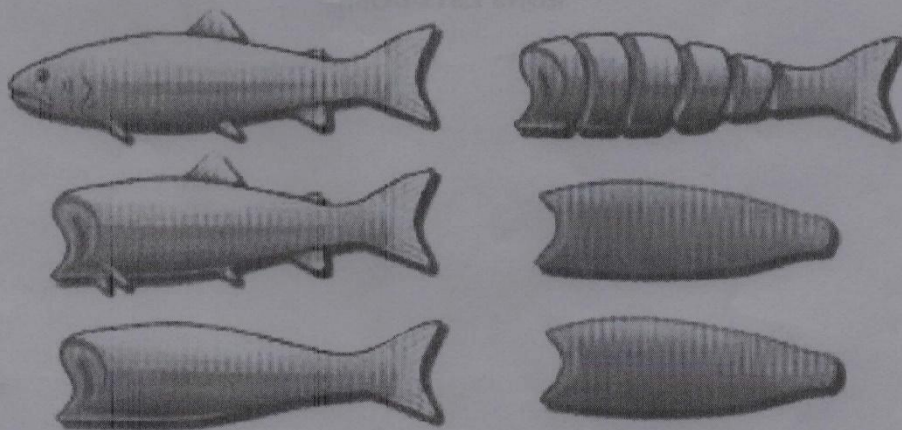
---

---

---

---

9 - Observe a figura e identifique o tipo do produto: *peixe inteiro*, *peixe eviscerado e descabeçado*, *peixe descamado*, *eviscerado e descabeçado*, *posta*, *filé com espinhas* e *filé sem espinhas*.





10 - Use os itens da lista de produtos apresentada para preencher o quadro abaixo:

Peixe Defumado – Filé de Peixe – Fishburguer - Peixe Inteiro – Almôndegas De Peixe – Peixe Salgado - Peixe Salgado – Peixe em Conserva – Sushi – Peixe Cozido – Linguiça – Bolinho de Peixe – Posta de Peixe – Quibe de Peixe – Croquete de Peixe – Peixe Inteiro Eviscerado – Patê de Peixe – Brigadeiro de Peixe – Beijinho de Peixe – Risoto de peixe – Salada de peixe - Barra de Cereal de Peixe – Cocada de Peixe

Peixe Beneficiado	Peixe Processado

**BONS ESTUDOS!!!**



**Anexo B – Relatório de Acompanhamento de Visita de Alternância - 2020**



FUNDAÇÃO ESCOLA BOSQUE PROFESSOR EIDORFE MOREIRA – FUNBOSQUE.  
ESCOLA M. E. F. CASA ESCOLA DA PESCA – CEPE.

**RELATÓRIO DE ACOMPANHAMENTO DE VISITAS DE ALTERNÂNCIA – 2020.**

**DADOS PESSOAIS:**

Nome do aluno: \_\_\_\_\_

Data da Visita: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_.

Nome do responsável: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Telefone de contato: \_\_\_\_\_

**QUESTÕES RELACIONADAS À CASA ESCOLA DA PESCA.**

1. Quinzena: _____	7. Existe(m) na família pessoa(s) com interesse em estudar na CEPE? SIM ( ) NÃO ( ).
2. Frequência do aluno: _____ %	1. Nome: _____ idade: _____
3. Nº de faltas e dias da semana: _____	Escolaridade: _____
4. Sente alguma dificuldade no âmbito escolar: _____	Estado civil : _____ Nº Filhos: _____
Justificativa do aluno e família: _____	2. Nome: _____ idade: _____
_____	Escolaridade: _____
_____	Estado civil : _____ Nº Filhos: _____
_____	_____
5. Resolveu o plano de estudos? _____	8. Possui bom relacionamento com a família?
Caso não, escrever justificativa: _____	( ) SIM ( ) NÃO
_____	Justificativa: _____
_____	_____
_____	_____
6. O aluno está afastado da escola? _____	_____
Caso sim, escrever os motivos: _____	_____



**Anexo C – Projeto Casa Escola da Pesca – ano 2007 – projeto 2**

Prefeitura Municipal de Belém  
Secretaria Municipal de Educação  
Coordenadoria de Educação

**PROJETO CASA-ESCOLA**  
**DA PESCA - CEPE**

**BELÉM**  
**MAIO/2007**

**SUMÁRIO**

I. IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO.....	03
II. APRESENTAÇÃO.....	04
III. JUSTIFICATIVA.....	05
IV. PÚBLICO ALVO / METAS.....	06
V. OBJETIVOS.....	07
VI. PERFIL PROFISSIONAL DE CONCLUSÃO.....	08
VII. ASPECTOS LEGAIS .....	09
VIII. PROJETO EDUCATIVO .....	09
IX. SELEÇÃO E FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS (Professores e Técnicos).....	18
X. ESTRUTURA ORGANO-FUNCIONAL.....	20
XI. RECURSOS .....	21
XII. ESTRUTURA FÍSICA .....	25
XIII. CRONOGRAMA .....	27
XIV- FONTES BIBLIOGRÁFICA.....	28
ANEXOS	

## **I. IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO:**

- 1.1. **Órgão responsável:** Secretaria Municipal de Educação - SEMEC.
- 1.2. **Área de atuação:** Ensino Fundamental (Educação de Jovens e Adultos-EJA).
- 1.3. **Clientela:** jovens filhos de pescadores e trabalhadores da pesca.
- 1.4. **Período de execução:** agosto de 2007 a fevereiro de 2009.
- 1.5. **Tema:** Casa / Escola de Pesca – Uma proposta alternativa de Educação para a população pesqueira da Região Insular de Belém.
- 1.6. **Equipe de Elaboração:**
  - Professora e Consultora da SEMEC: Rita Carvalho Nery Vanetta.
  - Economista e consultor da PMB: Rosivaldo Batista
  - Digitação: Elaine Porto de Oliveira
  - Assessoria técnica: Áurea Silva da Silva
  - Revisão: Prof<sup>ª</sup>. Lise Veríssimo
- 1.7. **Coordenação geral:**
  - Rosivaldo Batista.
- 1.8. **Colaboração**
  - Paulo Afonso Campos de Melo - Publicitário / Designer Gráfico

## II. APRESENTAÇÃO

Todos têm direito à Educação (Art. 26 da Declaração Universal de Direitos Humanos). Ela prepara o sujeito ao exercício de sua cidadania de forma crítica e consciente, de maneira a que os princípios democráticos de participação, integração, solidariedade e socialização de decisões comonham sua ação política.

A garantia desse direito à população residente na região insular do município de Belém tem sido prioridade da SEMEC nesta Administração que através de reformas e construções de prédios vem ampliando sua oferta de Educação Infantil e Ensino Fundamental, entregando à comunidade escolas bem equipadas e com qualidade.

Uma atenção maior tem sido dada à Educação de Jovens e Adultos através da Escola Nativa e especificamente aos filhos de pescadores e aos próprios trabalhadores da pesca que não concluíram o Ensino Fundamental ou não tiveram a chance de cursá-lo, com a implantação da Casa Escola de Pesca.

As possibilidades de um processo de desenvolvimento que integre escolaridade e qualificação para o trabalho, dessa clientela considerando suas potencialidades, necessidades de aprendizagem e as características produtivas da região, são desafios para esta administração investir na implantação deste novo Projeto. Seus fundamentos estão centrados no perfil sócio-econômico traçado pela Secretária Executiva de Trabalho, Promoção Social e Sistema Nacional de Emprego que aponta um percentual significativo de não escolaridade para o profissionais da pesca em torno de 20,5%, e de 2,3% referente a participação em cursos de capacitação técnica indispensáveis à necessidade dessa população, considerado inexpressivo exigindo uma ação pública constante, e ainda, o fato do Estado constituir no setor de pesca, uma das cadeias mais importantes em decorrência da região concentrar enorme volume de recursos hídricos, com espécies variadas de peixes e um potencial grande para agregar valores e exploração de atividades pesqueiras, industriais e artesanais de alto, estuárias, fluviais, e lacustres.

Segundo o CEPNOR, no ano de 2004 o Estado do Pará foi o primeiro na produção de pescado no Brasil, com 153.806t, representando 63,82% da Região Norte, abastecendo o mercado local, nacional, ampliando substancialmente o complexo agroindustrial do pescado nos seus diferentes elementos. Nesse complexo, a cidade de Belém, assume o papel de maior centro pesqueiro da Região Norte, exercendo grande influência sobre essas atividades nos Estados do Pará, Maranhão e Amapá. Desta forma, a implantação da Casa Escola da Pesca, com objetivo de otimizar os conhecimentos desse público, fornecendo instrumentos que lhes permita usufruir de forma mais eficiente os

rendimentos obtidos com a atividade servida de exemplo para a adoção de estratégias para pesca sustentável e modelo para outras regiões do Estado.

### **III. JUSTIFICATIVA:**

Além de participar da dieta alimentar dos ribeirinhos como principal fonte de proteína animal, os produtos da pesca funcionam, também, como fonte de geração de renda à população envolvida; entretanto, sua produção varia de acordo com o período de safra e entressafra (dezembro, janeiro, fevereiro e março), quando os cardumes se dirigem à foz dos rios e fica difícil sua captura, com conseqüente baixa no mercado.

Este quadro agrava-se pelo fato de poucos pescadores possuírem barcos próprios, o que os abriga a parcerias com proprietários de barcos, que exigem 50% da produção sem nenhum outro tipo de despesa, como combustível, manutenção e mão-de-obra. Tal situação leva o pescador à procura de outras atividades de renda, como a de coleta do açaí, nos meses de setembro, outubro e novembro.

Este segmento da pesca artesanal destaca-se tanto no volume de produção quanto no contingente de pessoal envolvido, além de sua importância aos abastecimentos locais, regionais e nacionais, segundo RUFINO: 1999.

*“As análises das atividades produtivas vinculadas ao setor primário da economia como é o caso da pesca artesanal, requer um novo enfoque, o qual deve estar fundamentado nas concepções de agronegócio e cadeia produtiva”.* (p. 15)

Perceber a importância da pesca sob um novo enfoque é considerá-la em sua totalidade como uma atividade econômica estratégica para o desenvolvimento da região e para a viabilidade da ocupação ribeirinha. No nível regional, o recurso pesqueiro é uma fonte de renda de grande potencial. Assim, a maneira como é explorado, e quem se beneficiam dessa exploração, serão decisivos para assegurar a sustentabilidade da população.

Atualmente, a Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca, a partir de dados do seguro defeso de 2004 do Ministério do Trabalho e Emprego, contabilizou aproximadamente 70.000 pescadores analfabetos em todo o país, sendo que, deste total, 13.984 encontram-se no Pará, ou seja, o Estado possui o maior índice de analfabetismo entre os pescadores brasileiros.



No que se refere à escolaridade da população pesqueira do Pará, a média/ano de estudo é de três, índice abaixo da média nacional, de 5,7. e da média regional no meio rural, de 4 anos (Petrere Junior, 2004).

Em face dessa realidade é urgente que os órgãos governamentais proponham soluções alternativas pautadas nas necessidades locais, ofertando à família do pescador uma educação de qualidade, voltada a seus interesses e desenvolvimento, atendendo também as diferenças históricas e culturais. Esta, pois, é a proposta do Projeto Casa/Escola de Pesca-CEPE a ser instalada no distrito de Icoaraci, local considerado ideal por sua posição geoestratégica, que facilita o acesso à população-alvo e a proximidade com as empresas pesqueiras, parceiras importantes no desenvolvimento do processo.

Nas ilhas de Cotijuba, Jutuba, Paquetá e Caratateua existem associações de pescadores que estão diretamente ligadas à Colônia de Pescadores de Icoaraci, que conta atualmente com 864 pescadores.

A proposta Pedagógica da CEPE tem como fundamentação teórica e metodológica a Pedagogia da Alternância, que pressupõe um currículo diferenciado, baseado na realidade de vida dos pescadores, com seus ritmos, tempos e traços culturais específicos, contemplando o seu mundo.

A CEPE constitui-se, portanto, de um Projeto-Piloto do Sistema Municipal de Educação de Belém que se propõe a oferecer, aos filhos de pescadores e trabalhadores da pesca, a oportunidade de conhecerem e dominarem novas tecnologias – que se mostram mais eficientes nas atividades laborais pesqueiras, no trato com o meio ambiente na preservação das águas e das espécies – bem como de conhecerem melhor seus direitos enquanto sujeitos críticos, transformadores e empreendedores, aptos a dialogarem com as instituições às quais se encontram vinculados.

#### **IV. PÚBLICO ALVO / METAS**

- Jovens da região insular de Belém.
- Pescadores e trabalhadores da pesca.
- Familiares dos pescadores.

## METAS

- Atender inicialmente 30 alunos, com projeção futura para 90, em nível de educação formal; e 200, em cursos livres de qualificação profissional;
- Participação efetiva, na CEPE, de 100% da comunidade pesqueira de Belém e suas ilhas;
- Envolver todas cooperativas, sindicatos da indústria da pesca, federações e associações pesqueiras da região;
- Implementar uma Associação, dentro da comunidade pesqueira, para compartilhar o gerenciamento da CEPE;
- Alfabetizar e garantir continuidade de estudo em pelo menos 20% aos trabalhadores da pesca e filhos de pescadores com baixa escolaridade integrantes dessas comunidades.

## V. OBJETIVOS:

Através da implementação da CEPE, cujo programa integra o Ensino Fundamental, a qualificação para o trabalho e as vivências comunitárias, objetiva-se:

- Garantir à clientela o acesso a um processo educativo que forneça uma formação integral, adequada ao contexto sócio-político local, permitindo torná-los sujeitos empreendedores, ecológicos e multiplicadores de informações e tecnologias, bem como atuantes como futuros profissionais da pesca e/ou aqüicultores; aquele que trabalha de cultivo do mar
- Contribuir para o fortalecimento da identidade profissional do trabalhador da pesca por meio da aplicação de conhecimentos técnicos e científicos;
- Favorecer uma participação mais efetiva das organizações representativas do setor pesqueiro;
- Garantir uma prática pedagógica que fomente nos alunos, futuros profissionais, o sentido de comunidade e desenvolvimento associativo, valorizando seus saberes e

ampliando as possibilidades de construção democrática de suas histórias, suas vozes e seus registros;

- Viabilizar sistemas produtivos que propiciem renda planejada e permanente às famílias dos pescadores;
- Sensibilizar, motivar e qualificar tecnicamente professores e técnicos para a construção de uma práxis pedagógica fundamentada no desenvolvimento de processos de ensino-aprendizagem caracterizados pelos fazeres preconizado no presente Projeto;

Em caráter de extensão propõe-se:

- Atender a necessidade de alfabetização dos trabalhadores da pesca, aquícultores e seus familiares, numa perspectiva de educação continuada, considerando o seu contexto sócio-político e o desafio de fortalecer sua participação na construção de espaços democráticos. *com participação política. (inserção social)*

## **VI. PERFIL PROFISSIONAL DE CONCLUSÃO**

Ao concluir o itinerário da Qualificação Profissional de Formação Inicial em Pesca espera-se que os concluintes sejam capazes de:

1. Afirmar sua dignidade enquanto pessoa, cidadão e profissional: *(Resol / individual)*
  - Estabelecendo um processo de reflexão, fixação de rumos, de definição de projetos de trabalho e de vida.
  - Efetuando seu projeto de desenvolvimento profissional, com base em suas potencialidades, suas necessidades de aprendizagem e características de seu contexto de trabalho.
  - Identificando problemas e necessidades de seu grupo/comunidade, planejando e participando de iniciativas concretas com vistas a sua superação.
  - Convivendo e trabalhando em grupo, assumindo responsabilidades, valorizando a diversidade de opiniões e a resolução negociada de conflitos.
  - Continuando seu processo de aprendizagem tanto pela inserção no sistema formal (ensino médio) quanto pela identificação e pelo aproveitamento de outras oportunidades educativas e profissionais.
2. Utilizar recursos tecnológicos como instrumentos de facilitação e/ou viabilização de sua aprendizagem e ações profissionais:
  - Servindo-se do computador para as diferentes tarefas.

- Identificando equipamentos eletrônicos de navegação e pesca como a GPS, sonda, guincho, bússola, barômetro, termômetro e rádio.
  - Conhecendo o funcionamento, manutenção de motores marítimos (mecânica naval)
  - Avaliando a meteorologia com a identificação de ondas, ventos, marés e previsões .
3. Exercer com habilidade a prática da piscicultura (com espécies alimentícias e ornamentais) e da cunicultura (criação de camarões):
- Construindo os tanques.
  - Utilizando técnicas de conservação do pescado (defumação, filetagem, congelamento)
  - Comercializando seu produto.
4. Praticar a agricultura e produção familiar.
5. Construir artefatos de pesca
6. Conhecer, interpretar e cumprir a legislação ambiental e sanitária, direcionando suas ações dentro desses requisitos legais (unidade de conservação, defesa, preservação, código de condutas, técnicas de manejo e legalização).
7. Conhecer e distinguir as diferentes formas de organização dos profissionais da pesca (associações, sindicatos, cooperativa, fundação, etc)

## **VII. ASPECTOS LEGAIS**

O Projeto da CEPE apóia-se na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional N.º 9394/96, capítulo II, referente à Educação Básica, Artigos 37 e 38, que dizem respeito aos que não tiverem acesso à continuidade de estudos no Ensino Fundamental e Médio na idade própria. No que se refere à qualificação para o trabalho, que vai complementar a formação dos alunos, o resgate legal está consubstanciado nos Artigos 39 a 42 de referida Lei, e nos referenciais Curriculares Nacionais da Educação Profissional de Nível Técnico. *ed. profissional*

Dessa forma, o Projeto será encaminhado ao Egrégio Conselho Municipal de Educação, para apreciação, aprovação e emissão de parecer respectivo.

## **VIII. PROJETO EDUCATIVO**

### **1. Aspectos Referenciais**

#### ***Casa / Escola de Pesca***

A Casa / Escola de Pesca – CEPE, criada para atender uma clientela específica da região insular de Belém, está sendo concebida como um Centro de Educação em nível fundamental que contempla a qualificação para o trabalho e as vivências comunitárias. Espelha-se na estrutura administrativa e pedagógica das Casas Familiares Rurais (Maisons Familiales Rurales) instituídas na França desde 1935, e hoje disseminadas em várias partes do mundo, como nos casos dos Estados do Pará e Santa Catarina, no Brasil, e identificadas pela utilização da Pedagogia da Alternância. Nossa referência mais próxima é a Casa Familiar do Mar, em São Francisco do Sul, litoral norte de Santa Catarina.

No Sistema Municipal de Educação a CEPE caracteriza-se como unidade de ensino destinada a alunos na faixa etária de 15 anos que tenham concluído as quatro séries iniciais do Ensino Fundamental, apresentando um tratamento diferenciado na estruturação de seu currículo.

## 2. Metodologia

*Alternância no projeto da cepe*

A proposta pedagógica da CEPE está pautada na Pedagogia da Alternância, que se caracteriza pelo desenvolvimento de uma metodologia de estudo-trabalho, em que os alunos se tornam participantes ativos do processo de ensino e aprendizagem, através da relação prática-teoria-prática, tendo como princípio básico a integração entre educadores / monitores, alunos, famílias e comunidade.

A Pedagogia da Alternância é concebida como um projeto educativo, na medida em que contribui para a promoção e o desenvolvimento global do educando, em vista de seu princípio ativo, integrador, num contexto sócio-geográfico e profissional concreto; ao dar à atividade escolar um sentido novo, no qual as necessidades de aprendizagem afloram, na tentativa de resolver situações problemáticas, valorizando o aprender pelo fazer concreto nas “experiências” vivenciadas no trabalho cotidiano e em outras situações requeridas; ao articular ritmos com situações diferentes, espaço e tempo para criar sinergias-sintonias de relações; e ao favorecer o processo de formação pessoal e integrar a Escola, a Família e a realidade sócio-profissional.

No cronograma de atividades o tempo é distribuído em períodos de estudo na Escola em regime integral, e períodos de trabalho na família/comunidade. Na Escola os alunos

*estudo ≠ trabalho*

constroem seus conhecimentos de forma interdisciplinar, observando o currículo proposto e experimentam práticas possíveis de serem aplicadas no seu ambiente de origem. Este período, que é realizado em regime de internato, permite aos jovens experiências de cooperação e vivência comunitária, em vista da formação global, a partir da realidade dos próprios alunos. O período de trabalho no campo propicia-lhes desenvolverem as atividades produtivas familiares, colocando em prática o aprendizado teórico ao mesmo tempo em que pesquisam a origem e funcionamento dos mecanismos econômicos de sua comunidade, sem fazerem distinção ou separação entre aprendizado teórico e aprendizado prático. Este segundo período e, mais os estágios nas empresas, permitem ao educando participar das atividades econômicas (pesca e aqüicultura) e engajar-se nas organizações, colocando em prática o saber e as técnicas aprendidas na Escola. *1. estágio em sala*

A mediação pedagógica deste trabalho acontece através de um conjunto de instrumentos pedagógicos que visam a estimular a curiosidade e a criatividade do aluno, seu espírito de observação, com o registro sistemático e a análise dos dados observados e das questões surgidas.

Dentre estes instrumentos destacam-se:

*• observação  
• registro  
• análise*

**a) Plano de Formação:**

É uma espécie de contrato que expressa a política de formação dos alunos dentro de cada período, constituindo-se um compromisso entre todos que dele fazem parte: a clientela alvo – os alunos; os parceiros da formação – os pais, professores ou monitores de estágio, os colaboradores, os órgãos públicos e instituições privadas.

Nesse contrato também serão especificadas as finalidades de formação, o reconhecimento de uma proposta pedagógica com ritmos e instrumentos apropriados; o reconhecimento e a valorização dos resultados a serem atingidos, em termos de informação à qualificação para o trabalho e os meios de certificação.

**b) Plano de Estudo:**

- Instrumento de trabalho que orienta a realização das atividades previstas para o período fora da Escola, bem como o diálogo com a família e o

levantamento de sua realidade, com os procedimentos a serem seguidos. O Plano de Estudo é o início da alternância.

**c) *Mostra de Resultados ou Oficinas de Construção do Conhecimento, que consiste em:***

- Apresentar os dados coletados junto à família e aos centros pesqueiros;
- Analisar e organizar os dados no coletivo; e
- Elaborar o texto da realidade, - *↳ Educação em comunidade*

Esta oficina possibilita a construção de sínteses e a obtenção de algumas respostas aos problemas levantados pelos estudantes, bem como discussões e propostas.

**d) *Visitas de Estudos:***

São programadas periodicamente para locais específicos, concebidas como laboratórios vivenciais com a finalidade de permitir aos alunos a observação prática do que se apresenta teoricamente na Escola com o objetivo de:

- Confrontar experiência pessoal com outros;
- Oportunizar aos jovens expressarem-se;
- Estabelecer pontos de comparação;
- Ampliar conhecimentos.

**e) *Visita às Famílias***

É realizada pelo educador responsável, devendo acontecer no período em que os cursistas retornam as suas comunidades. Seu objetivo é conhecer a realidade de cada aluno para melhor orientá-lo em seu processo de formação, estimulando a participação da família e da comunidade nesse processo educativo.

É o momento em que o educador responsável acompanha passo a passo as atividades programadas nos planos de formação e de estudo, avaliando seus resultados.

**f) *Estágios ou Oficinas Experimentais***

No transcorrer do Curso serão realizados estágios nas empresas de pesca com a finalidade de pôr o aluno em contato com instituições diferentes, compartilhando, aprofundando conhecimentos, confrontando diferentes realidades, observando as formas empregadas na solução dos problemas encontrados, de modo a que se torne agente de

melhorias à família e à comunidade, na aplicação dos conhecimentos científicos adquiridos na Casa Escola.

**g) *Portfólio ou Relatório de Vida:***

É o livro de vida do aluno. Um documento onde o aluno registra suas observações, reflexões, estudos e aprofundamentos. Uma sistematização racional de reflexão e ação provocada pelo plano de estudo

**h) *Livro de Alternância ou Diário de Campo***

Material circulante entre as comunidades, para registro de informações, cujo objetivo centra-se na troca de informações entre as famílias, instrutores, parceiros, com relato das atividades dos estudantes e sua participação nas ações.

**3. Organização Curricular:**

A Organização Curricular do Projeto CEPE caracteriza-se por sua flexibilidade, integrando ao Ensino Fundamental a qualificação para o trabalho e as vivências comunitárias, pressupondo uma nova perspectiva de ação interdisciplinar, com vistas ao desenvolvimento de saberes, conhecimentos, competências e valores de solidariedade e cooperação requeridos nos tempos atuais.

Para o **Ensino Fundamental**, a CEPE prevê estratégias para a terminalidade neste nível, criando e validando múltiplas formas e múltiplos espaços de aprendizagem, que proporcionarão ao aluno condições de continuidade dos estudos no Ensino Médio.

A **qualificação para o trabalho**, constituindo-se em uma das três dimensões da organização curricular, está presente em todos os momentos do processo formativo, de forma articulada e integrada às outras dimensões (Ensino Fundamental e vivências comunitárias), com uma carga horária total de 2400h assim distribuídas: Iniciação ao mundo do trabalho e Formação Técnica específica

**As vivências** comunitárias caracterizam o “Ser Cidadão”, quando os alunos realizam, coletivamente, um exercício prático de cidadania, buscando conhecer melhor a realidade social da comunidade em que vivem; reconhecendo seus direitos sociais; e vivenciando atitudes



cooperativas e solidárias voltadas à melhoria da qualidade de vida dentro da escola enquanto estudante e fora, na comunidade enquanto cidadão.

#### 4. Carga Horária

DISCRIMINAÇÃO	MESES	SEMANAS
Curso de Ensino Fundamento e Qualificação para o Trabalho	15	60
Semanas letivas de ensino presencial na CEPE	08	32
Semanas letivas de aula na propriedade/comunidade ou campo	07	28

#### Funcionamento da CEPE:

Horário Integral – totalizando 08 horas diárias / 40 horas semanais

Horário de Atividade no campo ( propriedade/ comunidade), conforme a atividade

#### Duração da hora/ aula

- 50 minutos

Horas/ Aula - Ano	1º período	2º período	3º período
Presenciais	420	420	420
Campo	380	380	380

Total de Dias Efetivos	Total de Horas	
Presenciais	160	1.280
Campo	140	1.120
<b>TOTAL</b>		<b>2.400</b>
Prática Profissional (estágio Supervisionado)		300

#### 5. O Curso

O curso está organizado em 03 (três) períodos ou módulos com carga horária de 2400 (duas mil e quatrocentas) horas. Cada módulo tem duração prevista para 05 (cinco) meses, funcionando em regime de tempo integral (oito horas diárias) totalizando 800 (oitocentas) horas, com período de alternância na escola e no campo a cada 15 dias.

Na rotina semanal da Escola estão previstas horas presenciais (40), que incluem as atividades em sala de aula, visitas orientadas à instituições públicas e privadas, pesquisa de campo, participação em eventos culturais, científicos, práticas relacionadas ao campo de qualificação profissional, estágio supervisionado e as vivência comunitárias, sob a supervisão de um educador (monitor ou técnico). As horas não presenciais são dedicadas às leituras e atividades requeridas no curso e à elaboração dos instrumentos que compõem o dossiê exigido

no plano de formação, individualmente ou em pequenos grupos, nos espaços e tempos mais convenientes aos educandos.

O início do curso está previsto para setembro de 2007 e conclusão em dezembro de 2008, conforme seqüência programada.

1º período - setembro a dezembro de 2007

2º período - fevereiro a junho de 2008

3º período - agosto a dezembro 2008

As disciplinas obrigatórias constituintes de Base Nacional Comum e as Complementares serão ministradas utilizando metodologia interdisciplinar com ênfase nos aspectos referentes à qualificação para o trabalho.

Na Educação Cidadã estão previstas temáticas e ações voltadas para a educação sexual, ética, religião, vivências comunitárias e outras.

Na seqüência está a matriz curricular deste curso com as disciplinas e estudos obrigatórios necessários aos fins a que se propõe, com a respectiva carga horária.

### 5.1 - Matriz Curricular.

LEI N° 9.394/96 DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL E REFERÊNCIAS CURRICULARES E NACIONAIS DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E DECRETO N° 5154/05-C.N.E.	DISCIPLINAS DE ESTUDOS OBRIGATÓRIOS	PERÍODOS						
		1°		2°		3°		
		PRESENCIA	CAMP	PRESENCIA	CAMP	PRESENCIA	CAMP	
		L	O	L	O	L	O	
BASE NACIONAL COMUM	Língua Portuguesa	06	03	06	03	06	03	
	Matemática	05	03	05	03	05	03	
	Arte	03	02	03	02	03	02	
	Ciências Físicas e Biológicas	05	03	05	03	05	03	
	História	04	02	04	02	04	02	
	Geografia	04	02	04	02	04	02	
	Ed. Física	03	02	03	02	03	02	
	Educação Cidadã	06	02	04	02	04	02	
	PARTE DIVERSIFICADA	Língua Estrangeira Moderna (inglês)	03	01	03	01	03	01
		Informática	03	-	03	-	03	-
Qualificação para p trabalho		10	08	10	08	10	08	
CARGA HORÁRIA		52	28	52	28	52	28	

#### Observações:

- Carga Horária diária : 8 horas
- Carga Horária semanal: 40 horas (5 dias)
- Carga Horária Mensal : 160 horas (4 semanas)
- Cada Período é constituído de 5 meses (160 x 5 = 800 horas)
- 3 períodos de 800 horas totalizam 2.400 horas de curso.

## 5.2- Conhecimentos Específicos

Nº Conhecimentos Específicos-Qualificação para o trabalho	
1	Família, comunidade e cidadania.
2	O jovem e a Casa/Escola da Pesca
3	Ecossistemas e ambientais costeiros
4	Comercialização
5	Origem da vida: ávida na água: classificação dos seres vivos/a vida na terra: ecossistema do município
6	Conservação e legislação ambiental: unidades de conservação, defesa, preservação, e código de conduta de pesca.
7	Recursos marítimos
8	Meteorologia: ondas, ventos, marés e previsão.
9	Oceanografia: física, química e geográfica.
10	Agricultura e produção familiar
11	Saneamento ambiental (solo, lixo, agrotóxicos, água)
12	Sistema aquático: ambiente marinho, água doce, salinidade, biologia e cadeia alimentar.
13	Organização do trabalho: trabalho o mundo do Brasil formal e informal, organização de negócios: microempresa, empresa familiar, ONG, associação, cooperativa, educação fiscal.
14	Piscicultura: espécies, alimentação, construção de tanques, redes e comercialização.
15	Conservação do pescado, defumação, filetagem, congelamento, comercialização.
16	Turismo: históricos do município, cultura patrimônio e Folclore.
17	Turismo: Aquático e ecoturismo, salvatagem e culinária.
18	Pesca artesanal de camarão: embarcação pretechos, captura, conservação e comercialização.
19	Carpintaria naval: construção, reforma, pintura, recuperação, conservação

	de tipos de embarcações	
20	Criações: camarão, peixe e molusco: sistema de cultivo, qualidade da água, produtividade primária, técnica primária, técnicas de manejo e legalização.	
21	Tecnologia da pesca: material de pesca, fibras usadas, fios e cabos, conservação e petrechos de pesca e processamento.	
22	Pesca artesanal e piramutaba	
23	Pesca comercial: caracterização (apetrechos e tipos de frutas), divisão do trabalho, documentação do pescador, legislação e embarcação.	
24	Carcinocultura	
25	Pesca artesanal: feiticeira caceiro, espinhel espera.	
26	Equipamentos eletrônicos na navegação e pesca: GPS, sonda, guincho, bússola, barômetro, termômetro e rádio.	
27	Mecânica naval: funcionamento, manutenção, motores Marítimos.	
28	Apresentação da idéia do projeto	
29	Curso de tecnologia da pesca	
30	Cronograma. Orçamento e projeto de vida	
31	Aproveitamento do sub-produto do peixe-compostagem/hodorlizados/adubo orgânico	
32	Associativismo e cooperativismo	
33	Empreendedorismo	
34	Estudo de mercado pesqueiro	
35	Recursos financeiros, capital e crédito.	
36	Apresentação do projeto de vida	

## 6. Avaliação

A concepção de avaliação da CEPE vai além da visão tradicional que focaliza o controle externo do aluno mediante notas ou conceitos, para ser compreendida como parte integrante e intrínseca do processo educacional, sem restringir-se a julgamentos sobre sucessos ou

fracassos do aluno, mas entendida e assumida como um conjunto de atuações cujo objetivo centra-se em alimentar, sustentar e orientar a intervenção pedagógica.

Deve acontecer contínua e sistematicamente, avaliando os agentes do processo no cotidiano, acompanhando-os nas atividades e nos trabalhos desenvolvidos em períodos dentro e fora do convívio escolar. A proposta é de uma avaliação horizontal, onde tanto o aluno quanto o educador/monitor possam expressar suas dificuldades, necessidades de retomarem e/ou prosseguirem seus planos de trabalho por meio da auto ou heteroavaliação.

A conclusão de cada unidade ou período culmina com uma avaliação geral do Conselho de Classe, envolvendo representante de alunos, pais, monitores e técnicos.

#### **IX . SELECÃO E FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS (Professores e Técnicos)**

É da responsabilidade da Coordenação do Projeto a abordagem inicial dos profissionais (Professores e Técnicos) sobre o desenvolvimento desses, de forma a fomentar entusiasmo e interesse, bem como informações sobre o caráter pedagógico e de qualificação para o trabalho, bem como a especialização dentro da metodologia prevista.

Dentre os requisitos para a seleção dos candidatos deve-se considerar:

- A evidência de seu efetivo interesse em assumir a docência na CEPE, com o compromisso de permanecer na turma durante todo o período da execução do Projeto;
- Seu comprometimento com o sucesso escolar dos alunos;
- Sua experiência com práticas comunitárias;
- Seu dinamismo na prática pedagógica;
- Seu interesse em manter-se atualizado.
- Projeto de Trabalho

A formação dos profissionais que constituirão o quadro de pessoal da CEPE iniciar-se-á logo após a seleção e antes do início do período letivo, em ação essencial e contínua aprimorada por momentos de reflexão, análise crítica e estudos — expressos em construções, elaborações e verificações que fundamentem o projeto político pedagógico.

**1) Formação Inicial:**

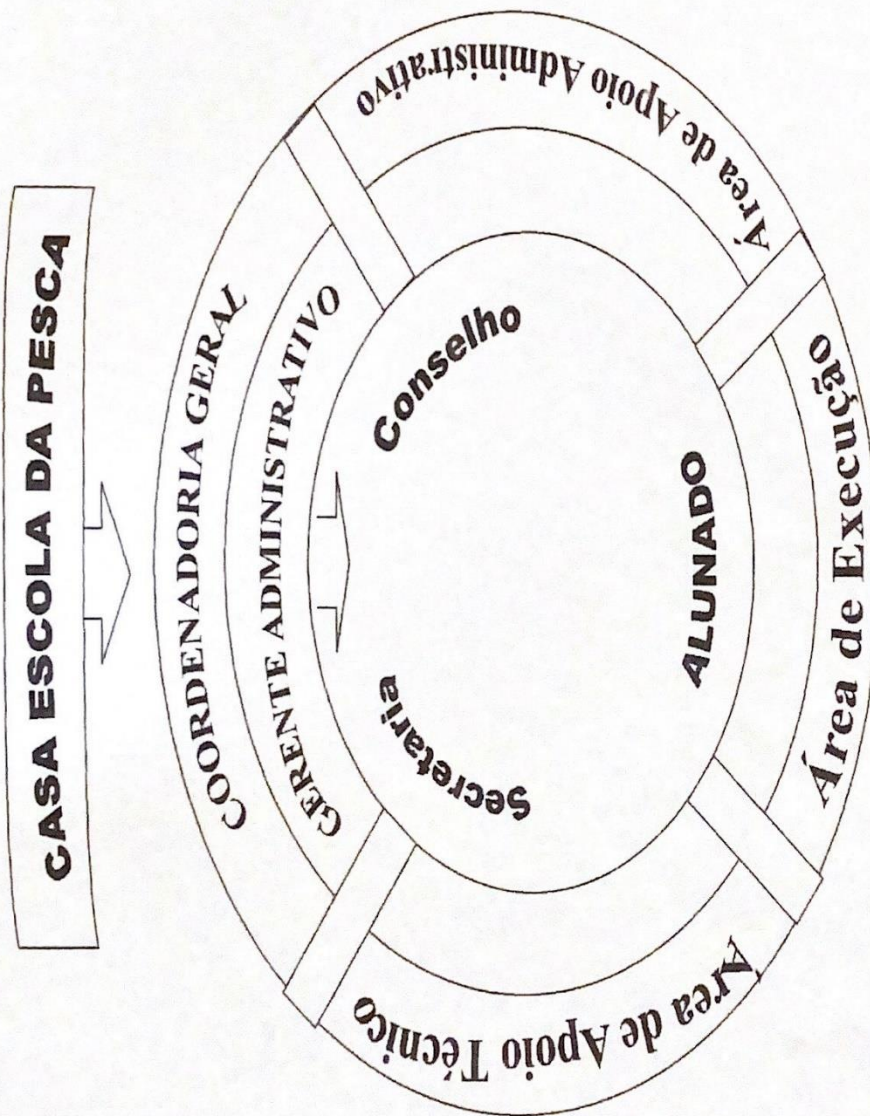
Será realizada antes do período letivo, com carga horária total de 50h, distribuídas em 10 dias. Deve configurar-se em estudo, construção da teia e planejamento de forma coletiva do processo pedagógico a ser executado.

**2) Formação Continuada:**

Acontecerá periodicamente (semanal ou quinzenal), com carga horária total de 100 horas, distribuídas em 20 dias, com duração de 4 horas, durante 12 meses. Sua perspectiva é ampliar o conhecimento e os saberes do profissional, garantindo sua atuação com qualidade investindo na construção e interação coletiva.

A formatação desses momentos será expressa através da realização de oficinas, debates, seminários e culminâncias de trabalhos traduzidos nas diversas formas de expressão e linguagem.

X. ESTRUTURA ORGANO-FUNCIONAL





## XI. RECURSOS

### 1. Recursos Humano

	<b>TOTAL</b>
1.1 – Docentes	15
a) Para a Educação Fundamental (Base Nacional)	09
b) Para a Parte Diversificada/ Qualificação para o trabalho	06
1.2 – Administrativos	08
- Coordenador Geral	01
- Gestor (pedagogo)	01
- Secretário	01
- Governanta	01
1.3 Operacionais	04
- Cozinheira	01
- Ser. Gerais	02
- Caseiro	01

### 2. Recursos Materiais

Os recursos materiais estão relacionados no quadro que segue, na quantidade necessária para a sua utilização durante o período de execução do projeto e/ou de acordo com a necessidade de cada ambiente.

2.1 - Para o aluno (Kit Escolar)

2.2 – Materiais de Consumo

2.3 – Higiene e Limpeza

2.4 – Enxoval copa/cozinha/refeitório

2.5 - Enxoval dormitórios

2.6 – Mobiliário

- Para salas de aula

Obs: O cardápio alimentar no período de permanência dos alunos na escola será elaborado pela nutricionista da Escola bosque

- Para dormitórios

- Sala de estar

- Secretaria

● 2.7 – Equipamentos Eletrodomésticos

- Televisão 20"

- Microsystem

- Aparelho de DVD

- Computadores

- Fogão, geladeira, freezer

- Máquina de lavar roupa

### **3. Recursos Financeiros**

● Os recursos financeiros necessários para implantação e implementação da CEPE estão relacionados e quantificados no quadro seguinte, de acordo com as necessidades levantadas.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO  
 COORDENADORIA DE EDUCAÇÃO - PROJETO CASA ESCOLA DE PESCA - CEPE  
 ORÇAMENTO: QUADRO DE FONTES E USOS

DESPESA	UNID	QUANT TOTAL	VALOR		FONTE
			MENSAL	TOTAL	
1 - PESSOAL (COORDENAÇÃO)	H/M	270	32.846,50	591.237,00	SEMEC
A contratar	H/M	108	5.428,00	97.704,00	SEMEC
Professores	H/M	162	27.418,50	493.533,00	FUNBOSQUE
2 - KIT ALUNO - Corrente	U	30	25,92	466,50	SEMEC
3 - MATERIAL DE EXPEDIENTE - Corrente	Diversas	1	259,77	4.675,80	SEMEC
4 - MAT. COPA/COZINHA/REFEITÓRIO	Diversas	1	535,83	9.645,00	SEMEC
Corrente		1	76,17	1.371,00	SEMEC
Capital		1	459,67	8.274,00	SEMEC
5 - MAT. HIGIENE E LIMPEZA - Corrente	Diversas	1	376,70	6.780,60	SEMEC
6 - MOBILIÁRIO/EQUIP. SALA DE AULA - Capital	U	1	106,11	1.910,00	SEMEC
7 - MOBILIÁRIO MAT. DE CONSUMO P/QUARTOS ALUNOS	Diversas	1	402,50	7.245,00	SEMEC
Corrente		1	152,50	2.745,00	SEMEC
Capital		1	250,00	4.500,00	SEMEC
8 - MOBILIÁRIO/EQUIP. P/SALA DE TV-BIBLIOTECA - Capital	Diversas	1	218,33	3.950,00	SEMEC
9 - MOBILIÁRIO/EQUIP. P/SECRETARIA - Capital	Diversas	1	175,00	3.150,00	SEMEC
10 - OUTRAS DESPESAS CORRENTES	Diversas	1	8.390,00	151.020,00	SEMEC
Aluguéis casa/veículo	U	2	2.500,00	45.000,00	SEMEC
Gasolina/gás de cozinha/água/tarifas públicas	Diversas	1	1.940,00	34.920,00	SEMEC
Alimentação Pessoal Coordenação	U	14.040	1.950,00	35.100,00	SEMEC
Alimentação Alunos	U	14.400	2.000,00	36.000,00	FMAE
<b>TOTAL</b>			43.336,66	780.059,90	
<b>1. PESSOAL</b>			32.846,50	591.237,00	
A contratar			5.428,00	97.704,00	SEMEC
Professores			27.418,50	493.533,00	FUNBOSQUE
<b>2. CORRENTE</b>			9.281,05	167.058,90	
Alimentação escolar alunos			2.000,00	36.000,00	FMAE
Outras despesas			7.281,05	131.058,90	SEMEC
<b>3. CAPITAL</b>			1.209,11	21.764,00	SEMEC
I- CUSTOS EMBUTIDOS (Professor)			27.418,50	493.533,00	FUNBOSQUE
II- CUSTOS A DESEMBOLBAR			15.918,16	286.526,90	FMAE
Alimentação escolar alunos			2.000,00	36.000,00	FMAE
Pessoal a contratar, Capital e outras despesas Correntes			13.918,16	250.526,90	SEMEC

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO  
 COORDENADORIA DE EDUCAÇÃO  
 PROJETO CASA ESCOLA DE PESCA - CEPE  
 ORÇAMENTO: LIBERAÇÃO DOS RECURSOS

ORÇAMENTO: QUADRO DE FONTES E USOS	UNID	QTE TOTAL	CUSTO		FORMA DA LIBERAÇÃO DE RECURSOS/VALORES			
			MENSAL	TOTAL	IMEDIATA <sup>1</sup>	MENSAL (18 Meses)	SEMESTRAL	
							jun/08	jan/09
1 - PESSOAL (COORDENAÇÃO)	H/M	270	32.846,50	591.237,00		32.846,50 x 18		
A contratar	H/M	108	5.428,00	97.704,00		5.428,00 x 18		
Professores	H/M	162	27.418,50	493.533,00		27.418,50 x 18		
2 - KIT ALUNO - Corrente	U	30	25,92	466,50	466,50			
3 - MATERIAL DE EXPEDIENTE - Corrente	Diversas	1	259,77	4.675,80	1.558,60		1.558,60	1.558,60
4 - MAT. COPACOZINHA/REFEITÓRIO	Diversas	1	535,83	9.645,00	9.645,00			
Corrente		1	76,17	1.371,00	1.371,00			
Capital		1	459,67	8.274,00	8.274,00			
5 - MAT. HIGIENE E LIMPEZA - Corrente	Diversas	1	376,70	6.780,60		376,70 x 18		
6 - MOBILIÁRIO/EQUIP. SALA DE AULA - Capital	U	1	106,11	1.910,00	1.910,00			
7 - MOBILIÁRIO MAT. DE CONSUMO P/QUARTOS ALUNOS	Diversas	1	402,50	7.245,00	7.245,00			
Corrente		1	152,50	2.745,00	2.745,00			
Capital		1	250,00	4.500,00	4.500,00			
8 - MOBILIÁRIO/EQUIP. P.SALA DE TV-BIBLIOTECA - Capital	Diversas	1	218,33	3.930,00	3.930,00			
9 - MOBILIÁRIO/EQUIP. P.SECRETARIA - Capital	Diversas	1	175,00	3.150,00	3.150,00			
10 - OUTRAS DESPESAS CORRENTES	Diversas	1	8.390,00	151.020,00	53.700,00	1.940,00 x 18	23.700,00	38.700,00
Aluguéis casa/veículo	U	2	2.500,00	45.000,00	30.000,00			15.000,00
Gasolina/gás de cozinha/água	Diversas	1	990,00	17.820,00		990,00 x 18		
Tarifas públicas	Diversas	1	950,00	17.100,00		950,00 x 18		
Alimentação Pessoal Coordenação	U	780	1.950,00	35.100,00	11.700,00		11.700,00	11.700,00
Alimentação Alunos	U	800	2.000,00	36.000,00	12.000,00		12.000,00	12.000,00
TOTAL			43.336,66	780.059,90	81.605,10	632.937,60	25.258,60	40.258,60
PESSOAL			32.846,50	591.237,00		591.237,00		
CORRENTE			10.005,41	167.058,90	59.841,10	41.700,60	25.258,60	40.258,60
CAPITAL			1.209,11	21.764,00	21.764,00			

1 Imediata - 3 meses antes do início do Projeto

## **XII. ESTRUTURA FÍSICA**

As características da CEPE, enquanto Escola de Educação Fundamental e qualificação profissional de (formação inicial) com base na pedagogia da alternância, pressupõem uma estrutura física diferenciada não só para atender as práticas requeridas nos diferentes programas, mas também a permanência e a convivência dos alunos no dia-a-dia e nos períodos que caracterizam o regime de internato.

Deve-se partir da concepção de um local onde o aluno será estimulado a construir seu próprio conhecimento e seu perfil profissional, o que requer uma organização de tal forma que contribua e promova a interação entre os diferentes segmentos na Escola como um todo, desde a Escola micro até a Escola macro. Essa estrutura pode ter início com a parte básica ampliando gradativamente, na medida em que os programas a exigirem.

### **1 – INSTALAÇÃO NECESSÁRIA PARA O FUNCIONAMENTO DA “CASA ESCOLA DA PESCA”**

- a) Salas de aula no mínimo de 02 (duas)
- b) Alojamento (com beliches e colchões)
- c) Banheiros masculinos e femininos;
- d) Uma cozinha com despensa e máquina de lavar roupas;
- e) Um refeitório com capacidade para 40 pessoas;
- f) Sala de professores equipada;
- g) Alojamento para dois (2) monitores;
- h) Sala do Coordenador;
- i) Auditório/ Sala de TV;
- j) Secretaria e Sala de documentações;
- k) Almoxarifado para instrumentação de pesca (redes, ferramentas, etc...);
- l) Sala de Informática;
- m) Lavanderia ou tanque para os jovens lavarem a roupa;
- n) Espaço para a biblioteca.

- 2 – ATIVIDADES COMPLEMENTARES – No decorrer da implantação da “**Casa Escola da Pesca**”, deverão ser implantadas outras atividades que complementarão à atividade principal, ajudando na formação dos jovens.
- a) Espaço para aulas de carpintaria e artesanato, proporcionando conhecimento para os jovens e suas famílias;
  - b) Espaço para exposição de peças e artefatos da Região Amazônica;
  - c) Espaço para aulas de máquinas e equipamentos náuticos;
  - d) Espaço para implementação de um restaurante-escola, visando à formação de mão-de-obra da família do pescador em culinária da pesca e mariscos; *Escola criativa de gestão.*
  - e) Laboratórios *de beneficiamento do pescado*
  - f) Construção de píer para atração de embarcações;
  - g) Espaço para implementação de uma Unidade de Verticalização da Produção do Pescado.

**XIII - CRONOGRAMA**

Ações	Meses											
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
1-Formação do grupo de trabalho para a elaboração do Projeto CEPE												
2-Elaboração do projeto / reunião com entidades representativas do setor												
3-Encaminhamento à Secretária e ao Prefeito, para aprovação												
4-Escolha e adequação do local para a instalação da CEPE (reforma, mobiliário, equipamentos)												
5-Vista à Casa Familiar do Mar, em São Francisco do Sul, Santa Catarina												
6-Seleção e formação dos recursos humanos (Funcionários, Professores e Técnicos)												
7-Inscrição, seleção e matrícula de alunos												
8-Encaminhamento ao Conselho Municipal de Educação												
9-Inauguração da CEPE.												
10-Acompanhamento / Avaliação do Projeto												

#### **XIV. FONTES BIBLIOGRÁFICAS**

- DEMO, Pedro. **Avaliação Qualitativa**. Editora: Autores Associados, 1996.
- ESPÍRITO SANTOS, Ruy César do: **Pedagogia da Transgressão**. Editora: Papirus, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 6ª edição. São Paulo, Paz e Terra – 1997.
- \_\_\_\_\_. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1988.
- \_\_\_\_\_. e MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: Leitura do mundo, leitura da palavra**. RJ: Paz e Terra, 1990.
- GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Práxis**. São Paulo, Cortez Editora – 1995.
- GADOTTI e ROMÃO, Moacir e José E. (Orgs). **Educação de Jovens e Adultos: Teoria Prática e Proposta – 2ª edição**. São Paulo, Cortez: Instituto Paulo Freire, 2000. Guia da Escola Cidadã, v. 5.
- LUCK, Heloisa. **Pedagogia Interdisciplinar: Fundamentos teórico-metodológicos**, 5ª edição, Petrópolis, Vozes, 1998.
- MACEDO, Elizabeth, Inês Barbosa de Oliveira, Luiz Carlos Manhães; Nilda Alves (org). **Criar Currículo no Cotidiano**. São Paulo: Cortez, 2002. \_\_\_\_\_ (Série Cultura, memória e currículo, v.I).
- MARKET, Werner (org). **Formação Profissional no Brasil**. Rio de Janeiro: Para Todos, 1997.
- MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. Cortez Editora, 2001.
- \_\_\_\_\_. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. São Paulo: Beltrand, 2001.
- Parâmetros Curriculares do MEC.**
- PROGRAMA, **Vento Norte: Projeto Político Pedagógico – Caderno Metodológico da CUT – Região Norte**, 2001.



PROJETO - CASA DO MAR

REVISTA ESCOLA CIDADE de Porto Alegre, **Aprender e Ensinar Participando**,  
Porto Alegre , SEMEC nº. 7 – 1994

RUMMERT, Sônia Maria. **Educação e Identidade dos Trabalhadores: As**  
concepções do capital e do trabalho. São Paulo: Xamã; Niterói: Intertexto, 2000.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **Globalização e Interdisciplinaridade: o Currículo**  
**integrado**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SCHWENDIER, Sônia Fátima, Marcos Gehrke, Maria Aparecida Zanetti (Orgs);  
elaboração Elisiani Vitória Tiepolo. **Formação de Educadores e Educadoras: O**  
**planejamento na alfabetização de jovens e adultos**. Curitiba: Editora Gráfica  
Popular, 2003.

**PARCERIAS** – Como se trata de uma escola especial e singular é importante a participação de parceiros para conseguir os objetivos proposto no projeto pedagógico.

#### **PREFEITURA MUNICIPAL DE BELÉM**

- SEMEC- A Secretária Municipal de Educação será peça vital para viabilidade para implantação do projeto pedagógico.
- FUNBOSQUE-A Fundação com sua proposta de atuar do Desenvolvimento Sustentável nas Ilhas vem ratificar a sua importância com a implantação da Casa Escola da Pesca na Ilha de Caratateu.
- SECON- Deverá dar apoio na extensão de Assistência Técnica aos pescadores.
- FUNDO VER-O-SOL- Órgão de fundamental importância na qualificação dos jovens, através de convênios a serem firmados com instituição de ensino superior visando a qualificação profissional na área de pesca e aquicultura.
- FMAE- Como se trata de uma escola especial em regime semi-internato, o fornecimento de alimentação é importante para os alunos no processo de aprendizagem.

#### **UFRA / CEFET**

- Administração de Cursos
- Oferta de Estágios

#### **FEDERAÇÃO DOS PESCADORES – Colônia dos Pescadores**

- Articulação com as Colônias e Associações de Pescadores.
- Mobilização da comunidade pesqueira.

#### **SINDICATO DA INDÚSTRIA DA PESCA DO PARÁ- Estágios para os alunos nas Indústrias de Pesca localizadas no Município de Belém**

- Oferta de espaço para aulas práticas
- Oferta de Estágios

## **ANEXOS**

### RELAÇÃO DE EQUIPAMENTOS NECESSÁRIOS

#### Equipamentos de Cozinha

	DISCRIMINAÇÃO	QUANT.	ESPÉCIE	VALOR UNITÁRIO	VALOR TOTAL
1	Geladeira	01	Unidade		
2	Freezer vertical	01	Unidade		
3	Fogão industrial com forno, quatro bocas	01	Unidade		
4	Liquidificador industrial/domestico	10	Unidade		
5	Fogão de gás	02	Unidade		
6	Caldeirão com capacidade para 27L	02	Unidade		
7	Panelão com capacidade para 20L	02	Unidade		
8	Panela de pressão com 10L	01	Unidade		
9	Frigideira com 25 cm de diâmetro	02	Unidade		
10	Frigideira com 20 cm de diâmetro	02	Unidade		
11	Bacia de alumínio grande	02	Unidade		
12	Bacia de alumínio médio	02	Unidade		
13	Bulhe para café 02L	01	Unidade		
14	Escorredor de macarrão em alumínio 45 cm de diâmetro	02	Unidade		

15	Concha de aço inox aprox.14x33cm	02	Unidade		
16	Concha de aço inox aprox. 10x33 cm	02	Unidade		
17	Colher de aço inox grande	03	Unidade		
18	Taxo de alumínio aprox.13L	02	Unidade		
19	Escumadeira aprox. 14x 36 cm	02	Unidade		
20	Garrafa térmica 01 litro	02	Unidade		
21	Garrafão térmico 03 litros	02	Unidade		
22	Colher de sopa	40	Unidade		
23	Garfo de mesa	40	Unidade		
24	Faca de mesa	40	Unidade		
25	Colher de chá	24	Unidade		
26	Xícara de chá ou canecas	24	Unidade		
27	Leiteira de alumínio 02L	02	Unidade		
28	Faca p' legumes inox cabo plástico	02	Unidade		
29	Faca de aço inox cabo plástico 25cm	02	Unidade		
30	Faca serrilhada em inox p/pão	02	Unidade		
31	Chaleira de alumínio 05L	01	Unidade		
32	Bandeja para refeição inox 04 divisões	50	Unidade		
33	Assadeira em alumínio 30x45cm	02	Unidade		
34	Assadeira em alumínio 25x40 cm	02	Unidade		
35	Balde de plástico 60L com tampa	02	Unidade		
36	Tijela plástica tipo merenda escolar	50	Unidade		
37	Pratos	50	Unidade		
38	Balde de plástico 30L,com tampa	03	Unidade		
39	Cutelo aço inox cabo plástico	02	Unidade		
40	Pano de copa	24	Unidade		
41	Caneco plástico tipo merenda escolar	50	Unidade		
42	Copo descartável p/água	50	Cento		
43	Copo descartável p/café	50	Cento		
44	Espremedor de frutas industrial	01	Unidade		

45	Balde plástico 15L sem tampa c/alça	04	Unidade		
46	Pano de chão	30	Unidade		
47	Guarda talheres com tampa , plástico	05	Unidade		
49	Uniforme completo para cozinheira	04	Unidade		

## Equipamentos de Suporte Tecnológico

	DISCRIMINAÇÃO	QUANT.	ESPÉCIE	VALOR UNITÁRIO	VALOR TOTAL
1	Antena parabólica	01	Unidade		
2	Receptor	01	Unidade		
3	Televisor 20 polegada	01	Unidade		
4	DVD	01	Unidade		
5	Suporte para televisor e vídeo	01	Unidade		
6	Filmadora	01	Unidade		
7	Fitas cassetes virgens	50	Unidade		

## Materiais de Primeiros Socorros

	DISCRIMINAÇÃO	QUANT.	ESPÉCIE	VALOR UNITÁRIO	VALOR TOTAL
1	Algodão				
2	Gaze				
3	Esparadrapo				
4	Água oxigenada				

Obs: O material de primeiros socorros ficará a critério da equipe da SESPA.

## Material de Higiene Pessoal de Ambiental

	DISCRIMINAÇÃO	QUANT.	ESPÉCIE	VALOR UNITÁRIO	VALOR TOTAL
1	Sabão em barra 500 g	10	Caixas		
2	Detergente liquido para louça 480 ml	10	Caixas		
3	Sabão em pó caixa grande	100	Unidade		
4	Lixeira plástica com tampa 20L	05	Unidade		
5	Saco plástico para lixo 20L	2.000	Unidade		
6	Esponja de aço (bombril)	150	Pacote		
7	Papel higiênico	10	Fardo		
8	Pá de lixo em aluminio	05	Unidade		
9	Água sanitária	10	Caixas		
10	Esponja	200	Unidade		
11	Detergente liquido com amoníaco	150	Litro		
12	Desinfetante liquido pinho	150	Litro		



OBS: Poderão ser indicados outros materiais de higiene pela equipe da SESPA.

Material de Consumo

	DISCRIMINAÇÃO	QUANT.	ESPÉCIE	VALOR UNITÁRIO	VALOR TOTAL
1	Papel camurça cores variadas	60	Folha		
2	Papel fantasia (presente) cores variadas	50	Folha		
3	Papel carmem cores variadas	50	Folha		
4	Papel 40 kg	200	Folha		
5	Papel laminado vermelho	20	Folha		
6	Papel laminado verde	20	Folha		
7	Papel laminado azul	20	Folha		
8	Papel laminado amarelo	20	Folha		
9	Papel laminado prateado	20	Folha		
10	Papel madeira	200	Folha		
11	Papel krafite	200	Folha		
12	Papel cartão cores variadas	50	Folha		
13	Gizão de cera 12 cores	50	Caixas		
14	Caneta esferográfica azul	100	Unidade		
15	Caneta esferográfica preta	100	Unidade		
16	Caneta esferográfica vermelha	100	Unidade		

17	Caneta hidrográfica 12 cores	60	Jogo		
18	Pincel pilot 12 cores	60	Jogo		
19	Cartolina branca	100	Folha		
20	Cartolina azul	100	Folha		
21	Cartolina amarela	100	Folha		
22	Cartolina verde	100	Folha		
23	Borracha branca carbex 40/40	100	Unidade		
24	Pincel atômico 12 cores	10	Jogo		
25	Borracha incolor	100	Unidade		
26	Tesoura sem ponta inox pequena	30	Unidade		
27	Cola colorida caixa c/ 6 cores	30	Caixa		
28	Cola branca 90 g cx/24 unidade	30	Caixa		
29	Tinta guache preta 500g	10	Pote		
30	Tinta guache azul 500g	10	Pote		
31	Tinta guache vermelha 500g	10	Pote		
32	Tinta guache branca 500g	10	Pote		
33	Tinta guache amarela 500g	10	Pote		
34	Tinta guache verde 500g	10	Pote		
35	Fita gomada larga	30	Rolo		
36	Fita durex larga	30	Rolo		
37	Fita crepe larga	30	Rolo		
38	Fita crepe estreita	30	Rolo		
39	Fio sinsal	30	Rolo		
40	Régua 50cm	30	Unidade		
41	Régua 30cm	50	Unidade		
42	Percevejo	10	Caixa		
43	Clips 4x4	150	Caixa		
44	Grampo para grampeador 26/6	150	Caixa		
45	Stencil a álcool azul carbex cx/100unid	50	Caixa		
46	Álcool para mimeógrafo	150	litro		

47	Lápis de cor caixa grande 12 cores	250	Caixa		
48	Tinta para carimbo cor preta	05	Unidade		
48	Almofada para carimbo tam.médio	02	Unidade		
49	Tesoura inox média cabo polipropileno	20	Unidade		
50	Reabastecedor de pincel atômico azul	05	Unidade		
51	Reabastecedor de pincel atômico preto	05	Unidade		
52	Reabastecedor de pincel atômico vermelho	05	Unidade		
53	Reabastecedor de pincel atômico verde	05	Unidade		
54	Reabastecedor de pincel atômico amarelo	05	Unidade		

Material Básico para a Alimentação.

	DISCRIMINAÇÃO	QUANT.	ESPÉCIE	VALOR UNITÁRIO	VALOR TOTAL
1	Cafê				
2	Leite em pó				
3	Açúcar				
4	Farinha de mandioca				
5	Farinha de trigo				
6	Feijão				
7	Arroz				
8	Macarrão				
9	Batata				
10	Ervilha				
11	Ovos				
12	Leite condensado				
13	Suco industrializado				
14	Refrigerante				

15	Água mineral				
16	Alho				
17	Tempero arisco				
18	Óleo				
19	Cebola				
20	Maionese				
21	Sal				
22	Manteiga				
23	Azeitona				
24	Salsicha				
25	Charque				
26	mortadela				
27	Carne bovina				
28	Peixe				
29	Tomate				

OBS: As quantidades dos alimentos básicos deverão ser estipuladas, por módulo de viagem, pelo DAE, através de percapta.

**PLANO PEDAGÓGICO DO CURSO (PPC) TÉCNICO EM RECURSOS  
PESQUEIROS**

**O PERFIL DO EGRESSO**

O Técnico em Recursos Pesqueiros estará habilitado para o planejamento e execução de atividades relacionadas à pesca extrativa, ao controle de qualidade, captura, desembarque, processamento e beneficiamento do pescado, auxiliam na condução da embarcação à área de pesca, à operação de equipamentos de navegação, à utilização de procedimentos de armação, à construção e à manutenção de utensílios de pesca, à promoção da extensão pesqueira, à análise do mercado e à promoção da comercialização de produtos pesqueiros, estando apto para atuar na gestão dos diversos elos da cadeia produtiva da pesca.

O Ensino médio Técnico em Recursos Pesqueiros tem como propósito conjugar habilidades e competências que permitam, também, ao profissional, nas diferentes linhas de produção (reprodução, larvicultura e engorda), o manejo na criação de organismos aquáticos como peixes, camarões, moluscos e plantas aquáticas, em viveiros, gaiolas, açudes, lagoas e canais de igarapés.

Assim como supervisionar e operacionalizar sistemas de produção aquícola, analisar projetos que envolvam aspectos de mercado, localização, caracterização, custos e rentabilidade nos diferentes setores da atividade pesqueira e da aquíicultura. Além de administrar, gerenciar e desenvolver técnicas para, da melhor maneira, utilizar os recursos aquáticos na produção sustentável e contínua de bens e serviços, aplicando a legislação e normas ambientais pesqueiras e sanitárias vigentes, além de outras inerentes à área.

Portanto, o aluno deve ser capaz de atuar de forma empreendedora e abrangente no atendimento as demandas sociais da região em que atua, de conhecer, compreender e aplicar com ética e responsabilidades profissionais, além de compreender as necessidades do contínuo aprimoramento de suas competências e habilidades como Técnico em Recursos Pesqueiros.

**MATRIZ CURRICULAR**

Os quatro semestres seqüenciais constituem a organização curricular com uma carga horária total de 1.730 horas, sendo 240 horas destinadas às atividades práticas (estágio),

produção do trabalho de conclusão de curso e vivência no tempo comunidade ligada à formação profissional nas áreas da Pesca extrativa, Aqüicultura e Beneficiamento do pescado.

A Matriz Curricular do Curso Técnico em Recursos Pesqueiros está sistematizada em módulos, com o primeiro, segundo e quarto módulos constituídos de três quinzenas e o terceiro módulo formado por quatro quinzenas (QUADRO 1). Estes módulos foram planejados dentro de uma sequência lógica, complementando-se à medida que os educandos avançam de um módulo para o outro.

#### QUADRO 1 - DESENHO CURRICULAR DISCRIMINADA EM CARGA HORÁRIA E HORA-AULA

MÓDULOS	DISCIPLINAS	CHt	CHp
I MÓDULO (3 QUINZENAS)	Metodologia Científica I	30	10
	Introdução à Pesca e Aqüicultura	40	20
	Introdução à Limnologia	40	20
	Educação Ambiental	30	10
	Fundamentos de estatística	25	15
	Saúde, Higiene e Segurança do Trabalhador na pesca e Aqüicultura	40	20
	Marinharia e Confeção de apetrechos de pesca	30	30
	Tecnologia Pesqueira	60	20
II MÓDULO (3 QUINZENAS)	Biologia aquática e Pesqueira	60	20
	A embarcação e sua Navegação	60	20
	Máquinas, Motores e Equipamento Pesqueiro	50	30
	Estatística Pesqueira	30	10
	Administração e Legislação dos Recursos Pesqueiros	40	20
	Extensão Pesqueira	50	10
III MÓDULO (4 QUINZENAS)	Piscicultura	80	20
	Tecnologado Pescado	80	20
	Topografia e Construções Aqüícolas	40	20
	Associativismo e cooperativismo pesqueiro	30	10
	Estágio supervisionado I	0	150
IV Módulo (3 quinzenas)	Metodologia Científica II	20	10
	Fundamentos de nutrição e patologia na aqüicultura	60	20
	Ranicultura e produção de plantas aquáticas	30	10
	Empreendedorismo no agronegócio da cadeia produtiva do pescado	30	10
	Carcinicultura	40	20

	Fundamentos de Economia e Comercialização	40	20
	Extração e Cultivo de Moluscos	30	10
	Estágio supervisionado II	60	30
<b>CARGA HORÁRIA TOTAL: 1.730 horas</b>			

**Legenda: CHt – Carga horária teórica; CHp – Carga horária prática**

### **EMENTAS CURRICULARES**

**Metodologia Científica I:** Método Científico; Pesquisa; Projeto e Relatório de Pesquisa e Visita Técnica; Trabalhos Científicos; Publicações Científicas; Referências Bibliográficas; Elaboração e interpretação de documentos técnicos.

**Introdução à Pesca e Aqüicultura:** Conceitos básicos aplicados à pesca e aqüicultura. Histórico da pesca e aqüicultura no mundo e no Brasil. Classificação da pesca e aqüicultura nacional. A atual situação da pesca e aqüicultura no Brasil e no Pará. Políticas públicas para a pesca e aqüicultura no Brasil e no Pará. Principais espécies capturadas e cultivadas (características básicas, exigências, finalidades e técnicas). A aqüicultura litorânea paraense. A aqüicultura associada ao aproveitamento de áreas degradadas por outras ações humanas.

**Introdução à Limnologia:** Composição da água doce; Classificação das águas interiores; Bacias fluviais e lacustres. Estuários. Propriedades físicas dos corpos límnicos: densidade, salinidade, temperatura, luz, turbidez, condutividade elétrica. Propriedades químicas dos corpos límnicos: Alcalinidade, pH, gases dissolvidos, substâncias inorgânicas e orgânicas. Comunidades biológicas dos corpos límnicos: Plâncton, benton, perifiton, necton e macrófitas. Uso da água na aqüicultura. Indicadores da qualidade de água para aqüicultura / Monitoramento da qualidade da água. Correção da qualidade da água. Componentes e funcionamento do sistema tampão da água.

**Educação Ambiental:** Conceito e Histórico da Educação Ambiental (EA); Definições de desenvolvimento sustentável e suas aplicações; Poluição, eutrofização e demais impactos relacionados aos organismos aquáticos; Sensibilização aos problemas ambientais; Estratégia de ensino na prática de educação ambiental. Ações diretas e práticas de educação ambiental nos setores da pesca e aqüicultura. Legislação pertinente.

**Fundamentos de estatística:** Fundamentos da Estatística. Métodos estatísticos fundamentais e análise quantitativa de dados. Estatística descritiva, amostragem, estimação. Testes de hipóteses e análises de variância. Apresentação de dados graficamente. Histograma. Medidas de posição e dispersão: média, moda e mediana.

**Saúde, Higiene e Segurança do Trabalhador na pesca e Aquicultura:** Introdução à Higiene, Saúde e Segurança do Trabalho (Conceito de Acidente do Trabalho, Conceito de Doença do Trabalho, Conceito de Doença Ocupacional, Porque prevenir um Acidente do Trabalho). CIPA – Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (NR-5) (Definição de CIPA, Finalidade de uma CIPA, Constituição de uma CIPA). (Conceito e Objetivo de EPI – Equipamento de Proteção Individual e EPC - Equipamento de Proteção Coletivo (NR – 6) ( Finalidades e Funcionalidades, Exigências legais para o Empregador e Empregados), Riscos Profissionais (Risco Físico, Risco Químico, Risco Biológico, Risco Ergonômico, Risco de Acidentes).

Prevenção e Combate à Incêndio em embarcações (Química do fogo, Triângulo do fogo, Classes de incêndio, Equipamentos de combate a incêndio em geral, Agentes extintores, Extintores de incêndio, NR – 23 (Norma Regulamentadora de Proteção contra Incêndio). Fundamentos da segurança no Mar (Generalidades, Equipamentos de Sobrevivência e Salvatagem no Mar). Equipamentos de Comunicação, Emprego e Manutenção dos Equipamentos de Salvatagem). Instruções para Sobrevivência como náufrago. Noções de Sobrevivência na Água. Necessidades básicas para sobrevivência.

Perigos que ameaçam a sobrevivência. Material de Salvatagem. Primeiros Socorros (Equipamentos de Primeiros Socorros específicos para Sobrevivência no Mar, Caixas de Primeiros Socorros obrigatórias para Embarcações, Orientações Gerais para o Atendimento, Parada Cardíaca, Parada Respiratória, Afogamentos, Sangramentos, Hemorragias, Fraturas, Queimaduras e Insolações, Remoção de Acidentados, DST, Drogas). Legislação do Brasil sobre saúde e segurança no trabalho.

**Marinharia e Confecção de Apetrechos de Pesca:** Conceito de marinharia. Embarcações pesqueiras (Descrição geral: generalidades, proa, popa, bordos, casco, linha d'água, calado, borda, convés, cobertas, anteparas, porões, etc. Navegabilidade). Classificação dos aparelhos de pesca. Ferramentas e acessórios necessários na construção de apetrechos de pesca. Nós e união de cabos. Materiais utilizados na confecção dos equipamentos com linha e anzóis, anzóis, chumbadas, destorcedores ou giradouros. Arames de aço e outros, fios, cordões e cabos. Flutuadores, Materiais utilizados na confecção dos equipamentos com panagens. Cabos, armações, etc. Peso, chumbadas, correntes para arrastos. Materiais para confecção de portas. Materiais para redes de cerco atuneiras e redes traineiras, Panagens e telas. Confecção de aparelhos de captura com linha e anzóis, Linha de mão e pargueira. Espinheis de fundo e de superfície. Confecção de aparelhos de captura com panagens, covos, cercados e currais.



Redes diversas (emalhar, tarrafas, arrastos, puçás, cercos etc.), Reparos de aparelhos de captura. Equipamentos com linha. Equipamentos com panagens.

**Tecnologia Pesqueira:** Generalidades e características do setor pesqueiro. Exploração racional de recursos pesqueiros. Pesca artesanal e industrial. Frota pesqueira nacional. Classificação dos Aparelhos de Pesca. Embarcações pesqueiras. Técnicas de captura em águas interiores e marinhas. Seletividade dos aparelhos de pesca. Construção de equipamentos. Operação de embarcações. Operações de equipamentos eletrônicos de comunicação. Operação de equipamentos de captura. Segurança nas atividades pesqueiras: riscos de acidentes, riscos ambientais. Equipamentos de proteção, ergonomia. Segurança em trabalhos com embarcações e equipamentos de pesca. Sinistros a bordo de embarcações de pesca. Plano de fuga e evacuação em caso de incêndio a bordo da embarcação. Material de emergência para pronto atendimento (maca, máscaras, farmácia para curativos, talas unidade portátil de oxigênio).

**Biologia Aquática e Pesqueira:** Conceitos básicos; Taxonomia e ecologia dos principais grupos aquáticos. Classificação, biologia, anatomia e fisiologia de moluscos, crustáceos, peixes, e quelônios (Identificação e caracterização dos quelônios da Amazônia). Fundamentos básicos para a compreensão da biologia dos estoques pesqueiros regionais: Principais métodos de avaliação da dinâmica de populações pesqueiras na área. Métodos de abordagem da ecologia trófica e reprodutiva de peixes e camarões. Conhecer a biologia reprodutiva e os aspectos fisiológicos das espécies mais relevantes economicamente, socialmente e para aquíicultura. Avaliar a viabilidade econômica e a potencialidade biológica das espécies nativas.

**A embarcação e sua Navegação:** Introdução à Navegação. Auxílio à navegação, projeções cartográficas. Agulhas náuticas. Conservação de rumos e marcações. Instrumentos para a navegação. Leis e regulamentos para navegação. Projeções cartográficas. Cartas náuticas. Conversões de rumos e marcações. Instrumentos de auxílio à Navegação. Informática para a navegação. Leis e regulamentos para a navegação.

**Máquinas, Motores e Equipamentos Pesqueiros:** Noções sobre o funcionamento das máquinas envolvidas no processamento do pescado. Instalações industriais. Estudo do mecanismo, funcionamento e instalações de motores de combustão interna, elétricos e de geradores de energia elétrica. Noções sobre maquinaria de bordo de pesqueiros. Mecanismo de transmissão e geração de energia. Compressores. Equipamentos de convés. Bombas

hidráulicas. Instalações frigoríficas: refrigeração, equipamentos frigoríficos. Isoterma: cálculo de cargas térmicas, câmaras frigoríficas, congelamento e resfriamento.

**Estatística Pesqueira:** O que é estatística aplicada (tipos de variáveis, população e amostra). Estatística descritiva (medidas de posição e dispersão) Regressão linear Análise de variância. Aplicações informáticas no Excel. Teoria de amostragem biológica pesqueira. Apresentação de Dados Estatísticos: Tabelas, série estatística, distribuição de frequência, gráficos. Medidas de Posição: Média, mediana, moda. Medidas de dispersão: Amplitude; variância e desvio padrão. Probabilidades: Definição de probabilidade como frequência relativa; lei das probabilidades; distribuição de probabilidades (discreta e contínua). Elaboração de gráficos e tabelas a partir de dados biológicos.

**Administração e Legislação dos Recursos Pesqueiros:** Objetivos e métodos da regulamentação da pesca industrial. Administração da pesca artesanal. Métodos de controle da pesca continental e da aquíicultura. Política e legislação pesqueira no Brasil. História, conceitos e modelos de desenvolvimento sustentável. Importância do planejamento na administração pesqueira. Operações administrativas na atividade aquícola: levantamento, regulamentação e fiscalização. Uso de dados estatísticos no acompanhamento da pesca. Características da atividade pesqueira e seus efeitos nos estoques. Legislação sobre recursos pesqueiros continentais e marinhos: aquíicultura continental e marinha, reservatórios, esforço de pesca, defeso da pesca. Código de conduta do pescador. Legislação na aquíicultura. Uso das Águas Públicas da União para a Aquíicultura, Licenças para Projetos de Aquíicultura. Impactos sociais e econômicos da regulamentação das pescarias e suas dificuldades de implementação.

**Extensão Pesqueira:** Conceitos; Objetivos; Origem do trabalho de extensão pesqueira no Brasil; Perfil do técnico extensionista de pesca; Relações interpessoais; Administração de conflitos; Liderança (distinção entre chefe e líder; o papel do líder no processo de motivação de sua equipe); Trabalho em equipe; Políticas públicas para desenvolvimento da pesca e da aquíicultura; Associativismo; Crédito; Assistência técnica; Desenvolvimento local.

**Piscicultura:** Definição de piscicultura. Histórico e cenário (nacional e regional). Princípios básicos da piscicultura. Características gerais dos cultivos. Aproveitamento dos ambientes aquáticos. Sistemas de cultivo. Anatomia, fisiologia e morfologia dos principais organismos cultivados. Nutrição e alimentação dos organismos. Fundamentos e técnicas de manejo (preparação de viveiros escavados: fertilização e calagem, povoamento dos viveiros: densidade e aclimação, Manutenção da qualidade da água: parâmetros físico-químicos. Manejo das principais espécies cultivadas durante o cultivo: biometria e repicamento,

Arraçoamento, Despesca e manejo pós-despesca). Cultivo de peixes em tanques rede: definições, características, manejo, vantagens e desvantagens. Capacidade de suporte: limite de instalação de tanques-rede. Determinação de espécies cultiváveis: avaliação da viabilidade econômica, ambiental e a potencialidade biológica das espécies para cultivo em tanques rede. A piscicultura na Amazônia. Principais parasitoses e doenças.

**Tecnologia do pescado: Introdução ao estudo do pescado:** Definição de pescado; Evolução tecnológica da indústria pesqueira; Classificação de espécies pesqueiras; Produção e comercialização de pescado no Brasil e no mundo: dados estatísticos. **Reconhecimento das características do pescado:** Avaliação do estado de frescor do pescado; Anatomia e composição química do pescado. **Microbiologia do pescado:** Microrganismos na higiene e tecnologia do pescado; Intoxicação e infecção alimentar pelo pescado. **Manuseio do pescado a bordo:** Higiene do barco; Cuidados com o pescado a bordo: peixes; camarões e lagostas; lulas; Emprego de gelo; Conservação do pescado por ação do frio. **Deterioração do pescado:** Transformações e ocorrências *post mortem*; Alterações físicas e químicas no processamento. **Processamento do pescado:** Salga; Defumação; Conservas enlatadas; Produtos derivados do pescado; Aproveitamento de subprodutos do pescado. **Controle de qualidade na indústria pesqueira:** Conceito, elaboração e aplicação da APPCC/ HACCP (Análise de Perigos e Pontos Críticos de Controle); BPF (Boas Práticas de Fabricação) aplicada a indústria pesqueira; PPHO (Procedimento Padrão de Higiene Operacional); Legislação brasileira aplicada à indústria pesqueira.

**Topografia e Construções Aquícolas:** Levantamento planialtimétrico, Avaliação dos locais propícios à aqüicultura, Construções Aquícolas, Avaliações e planejamentos de obras Aquícolas. Construção de pequenas barragens de terra. Abastecimento de água em aqüicultura: Instalações hidráulicas. Construção de monges e adutoras para viveiros. Drenagem em aqüicultura: Instalações e legislação ambiental básica.

**Associativismo e Cooperativismo Pesqueiro:** Associativismo e Cooperativismo: histórico e conceitos básicos. As diversas formas de associativismo. A importância do associativismo no “Processo Educativo”. O Associativismo como um instrumento de exercício da cidadania. História do cooperativismo. Ramos do Cooperativismo Brasileiro. Principais diferenças entre as sociedades cooperativas, associativas, mercantis e sindicatos. O papel das sociedades cooperativas e associativas no desenvolvimento da pesca e da aqüicultura. Associativismo e Cooperativismo pesqueiro: experiências locais, no Brasil e no mundo. Procedimentos para a

formação de uma cooperativa. Procedimentos para a formação de uma associação. Exemplos de estatutos.

**Estágio Supervisionado I:** Atividades práticas ligadas a formação profissional nas áreas: - Pesca extrativa (estocagem de material de pesca e de pescado a bordo; uso de material de pesca e navegação, armação de barcos pesqueiros e extensão pesqueira); - Aqüicultura (sistemas de reprodução, larvicultura, engorda e despesca); - Beneficiamento do pescado (recebimento, processamento, estocagem, embalagem e transporte de produtos pesqueiros) em entidades públicas ou privadas.

**Empreendedorismo no agronegócio da cadeia produtiva do pescado:** O conceito de empreendedorismo, introdução ao estudo do empreendedorismo. História resumida do empreendedorismo no agronegócio. Competências/ Habilidades de um empreendedor (MEC/SEBRAE). Definição do Agronegócio; Princípios do Agronegócio; Arranjos Produtivos Locais – APLs; Pesquisa de Mercado; Marketing; Elaborando um Plano de Marketing; Plano de negócios: conceito, histórico, aplicação e formatação básica; - Elaboração de um Plano de Negócios. Como desenvolver um negócio. Avaliação de negócios.

**Fundamentos de Economia e Comercialização:** Introdução à Economia. A economia como ciência social. A metodologia da ciência econômica. Microeconomia vs. Macroeconomia. Conceitos fundamentais da Economia. Circuito econômico. Rendimento nacional. Ótica da produção. Ótica do rendimento. Ótica da despesa. Igualdades contábilísticas e contas nacionais. Teoria de mercados e preços. Procura de produtos. Oferta de produtos. Formação de preços. Principais tipos de mercados. Externalidades e bens públicos. O papel do Estado. Teoria econômica da produção e dos produtos marginais. Relações fator-produto. Relações fator-fator. Substituição de fatores. Custos de produção de curto e longo prazo. Articulação da função de produção com as funções de custos. A produção de dois ou mais produtos. Economias de escala e Marketing, Agentes, Características do mercado de Pescado, Produção e Consumo. Canais de Comercialização, Planejamento Financeiro, Margens de Comercialização.

**Metodologia Científica II:** Trabalho de conclusão de curso. Fundamentação teórico-prática do projeto. Estruturação do trabalho de conclusão do curso. Elaboração e defesa do trabalho de conclusão do curso.

**Fundamentos de Nutrição e Patologia na Aqüicultura:** Nutrição de peixes, camarões e outros animais de importância na aqüicultura. Noções sobre cadeias alimentares, anatomia e fisiologia do sistema digestivo e atração dos animais pelo alimento. Exigências nutricionais

(proteínas e aminoácidos, lipídios, energia, carboidratos, vitaminas e minerais) de peixes e camarões. Formulação e produção de rações. Estratégias de alimentação. Dietas especiais para as fases de maturação, larvicultura e engorda de animais aquáticos. Introdução ao Estudo dos Parasitas de Peixes e Crustáceos. Principais; termos utilizados em ictioparasitologia; Fatores que predisõem ao parasitismo e ações do parasito sobre o hospedeiro. Parasitos de peixes e crustáceos. Protozoa e Ciliophora. Monogenea. Digenea. Cestoda. Nematoda. Acantocephala. Crustacea e outros parasitos.

**Ranicultura e Produção de Plantas Aquáticas:** Técnicas utilizadas no cultivo de algas. Importância econômica do cultivo de microalgas. Ranicultura: aspectos biológicos da rã, pré-requisitos para instalação de ranários comerciais, setor de reprodução, setor de desenvolvimento embrionário, setor de estocagem, setor de girinagem, pré-engorda, setor de engorda, manejo alimentar e manejo sanitário.

**Empreendedorismo no agronegócio da cadeia produtiva do pescado:** O conceito de empreendedorismo, introdução ao estudo do empreendedorismo. História resumida do empreendedorismo no agronegócio. Competências/ Habilidades de um empreendedor (MEC/SEBRAE). Definição do Agronegócio; Princípios do Agronegócio; Arranjos Produtivos Locais – APLs; Pesquisa de Mercado; Marketing; Elaborando um Plano de Marketing; Plano de negócios: conceito, histórico, aplicação e formatação básica; - Elaboração de um Plano de Negócios. Como desenvolver um negócio. Avaliação de negócios.

**Carcinicultura:** Introdução a carcinicultura (histórico e cenário, estadual, nacional e internacional). Princípios básicos da carcinicultura; Propriedades da água; Espécies cultiváveis, Características gerais dos cultivos. Aproveitamento dos ambientes aquáticos. Sistemas de cultivo. Qualidade da água na carcinicultura. Anatomia, fisiologia e morfologia dos principais organismos cultivados. Nutrição e alimentação dos organismos. Principais parasitoses e doenças. Fundamentos e técnicas de manejo. A carcinicultura: manejo das principais espécies cultivadas. A carcinicultura de água doce e marinha. A carcinicultura no Brasil e na Amazônia. Identificação dos estágios larvais de espécies cultiváveis. Sistemas de Berçários: Caracterização e manejo. Seleção e preparação da área para a construção de viveiros. Manejo de viveiros ou tanques de engorda: povoamento (densidade), biometria, qualidade da água, despescas (final e seletiva) e arraçoamento.

**Fundamentos de Economia e Comercialização:** Introdução à Economia. A economia como ciência social. A metodologia da ciência econômica. Microeconomia vs. Macroeconomia. Conceitos fundamentais da Economia. Circuito econômico. Rendimento nacional. Ótica da

produção. Ótica do rendimento. Ótica da despesa. Igualdades contabilísticas e contas nacionais. Teoria de mercados e preços. Procura de produtos. Oferta de produtos. Formação de preços. Principais tipos de mercados. Externalidades e bens públicos. O papel do Estado. Teoria econômica da produção e dos produtos marginais. Relações fator-produto. Relações fator-fator. Substituição de fatores. Custos de produção de curto e longo prazo. Articulação da função de produção com as funções de custos. A produção de dois ou mais produtos. Economias de escala e Marketing, Agentes, Características do mercado de Pescado, Produção e Consumo. Canais de Comercialização, Planejamento Financeiro, Margens de Comercialização.

**Extração e Cultivo de Moluscos:** Principais técnicas de captura. Introdução à malacocultura. Produção de microalgas para alimentação de larvas. Taxonomia, anatomia, fisiologia, ciclo reprodutivo, obtenção de sementes, estruturas e manejo para o cultivo de mexilhão, ostra e pectínídeos. Espécies cultivadas. Situação dos cultivos no mundo e no Brasil. Cuidados na implantação de cultivos de moluscos. Tipos e estruturas de cultivo. Manejo e engorda. Maturação e manutenção de Reprodutores. Análises de crescimento e índice de condição. Depuração de moluscos bivalves.

**Estágio supervisionado II:** Atividade teórico-prática do projeto ligada a formação profissional nas áreas de Pesca extrativa, Aqüicultura e Tecnologia do Pescado (produção do trabalho de conclusão de curso e vivência no tempo comunidade).



PREFEITURA MUNICIPAL DE BELÉM  
FUNDAÇÃO CENTRO DE REFERÊNCIA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL  
E.M.E.F.M.CASA-ESCOLA DA PESCA – CEPE

# *Projeto Pedagógico*



**E. M. CASA ESCOLA DA PESCA**  
**Ilha de Caratateua (Belém-Pará)**  
**2013**

“A libertação não se dá somente no campo cognitivo, mas deve acontecer, essencialmente, nos campos socioculturais e político, pois o ato de conhecer não é apenas cognitivo, mas político, e se realiza no seio da cultura.”

Paulo Freire



## SUMÁRIO

### APRESENTAÇÃO

I Justificativa	5
II A CEPE no Contexto da FUNBOSQUE	8
2.1 – Identificação	8
2.2 – Localização	8
III – CARACTERÍSTICA DA MANTENEDORA	8
3.1 – Localização e Entorno	11
3.2 – Características e finalidades da Casa-Escola da Pesca	11
IV – OBJETIVOS E METAS DA CASA-ESCOLA DA PESCA – CEPE	12
4.1 – Dos objetivos	12
4.2 – Das metas	13
V – REQUISITOS DE ACESSO	13
VI – PERFIL PROFISSIONAL DE CONCLUSÃO	13
VII – EIXOS NORTEADORES DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DA CEPE	15
7.1 – Educação de Jovens e Adultos – EJA	15
7.2 – Educação Ambiental	17
7.3 – Qualificação Profissional de Formação Inicial em Pesca e Aquicultura	18
7.4 – Vivências Comunitárias	21
VIII - ASPECTOS LEGAIS	22
IX – ORGANIZAÇÃO CURRICULAR	24
X – METODOLOGIA	26
XI – AVALIAÇÃO	28
XII – INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO INDIVIDUAL E COLETIVO	30
XIII – ESTÁGIO SUPERVISIONADO	31
XIV – INSTALAÇÕES E EQUIPAMENTOS	31
XV – PESSOAL TÉCNICO E DOCENTE	34
XVI – CERTIFICAÇÃO	35

Referências

36

ANEXO

## I. APRESENTAÇÃO

O Projeto Político Pedagógico da Casa Escola da Pesca para atender o Ensino Fundamental e Médio vem explicar de maneira sucinta a forma como será ministrado o ensino formal integrado à qualificação profissional e à formação técnica em pesca e aqüicultura, tendo em vista que o Ensino Médio irá complementar as práticas educativas trabalhadas no Ensino Fundamental, modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

A elaboração deste documento envolveu a participação de docentes, coordenação pedagógica e administrativa, alunos e comunidade escolar, pois parte-se do pressuposto que o trabalho construído coletivamente exige responsabilidades e compromissos de todos os envolvidos no processo.

Segundo Libâneo (2004) essa forma de ver a dinâmica da vida da escola leva a considerar a organização escolar como uma instituição aberta, cuja estrutura e processos de organização e gestão são constantemente construídos pelos que nela trabalham (gestor, coordenadores pedagógicos, professores e funcionários) e pelos seus usuários (alunos, pais, comunidade próxima). Para tanto faz-se necessário a qualificação teórica de seus integrantes de modo que todos estejam capacitados a análise da prática e, com isso, saberes, experiências, na própria situação de trabalho.

Nesse sentido considera-se que a EJA é uma educação possível e capaz de mudar significativamente a vida das comunidades ribeirinhas, e com isso permiti-los reescrever sua história de vida, pois educar é muito mais que reunir pessoas em uma sala de aula e transmitir-lhes um conteúdo pronto, e por isso defende-se aqui que é papel do professor compreender melhor o aluno e sua realidade diária, e assim acreditar nas possibilidades do ser humano buscar seu crescimento pessoal e profissional.

Para Arbache (2001) a educação de jovens e adultos requer do educador conhecimentos específicos no que diz respeito ao conteúdo, metodologia, avaliação, atendimento, entre outros, para trabalhar com essa clientela heterogênea e tão diversificada culturalmente.

O Projeto Político Pedagógico da CEPE vislumbra um processo de desenvolvimento das aprendizagens que integre escolaridade, qualificação profissional em nível de Ensino Fundamental e habilitação técnica em nível de Ensino Médio por meio de ações educativas que considerem as potencialidades, necessidades de aprendizagem, expectativas de vida dessa clientela e as características produtivas de suas regiões, pois é nesse enfoque que será possível

definir a identidade institucional da Casa Escola da Pesca, e assim terá cumprido sua função social de oferecer o ensino de qualidade num processo de formação profissional.

Segundo Pinto (2000) educar jovens e adultos no atual cenário educativo não é apenas ensiná-los a ler e escrever seu próprio nome, mas oferecer-lhes uma escolarização ampla e com mais qualidade, porém essa mudança requer atividades contínuas e não projetos isolados que, na primeira dificuldade, são deixados de lado para o início de outro. Além disso, a educação de jovens e adultos não deve se preocupar apenas em reduzir números e índices de analfabetismo. Deve ocupar-se de fato com a cultura do educando, e com a preparação para o mercado de trabalho, pois conforme previsto nas diretrizes curriculares da EJA suas funções consiste em reparar, qualificar e equalizar o ensino.



**Figura1: Laboratório de Tecnologia do Pescado**

Assim, considera-se relevante a escola oferecer o Ensino Fundamental e Ensino Médio na modalidade Educação Jovens e Adultos, uma vez que a incumbência da escola consiste em fomentar conhecimentos atualizados, além de esforçar-se para praticar métodos alternativos e atuais de ensino para que seja possível trabalhar a realidade pessoal dos educandos.

Portanto, o presente documento foi organizado em unidades que evidenciam e justificam os aspectos fundamentais das práticas educativas e se está possibilitando aos educandos reescreverem de forma crítica o que precisa ser transformado da realidade social em que vivem.

### 1.1 Justificativa

O Projeto Político Pedagógico da Casa-Escola da Pesca foi elaborado para oferecer o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, integrado à qualificação profissional e a habilitação técnica em recursos pesqueiros, partindo do pressuposto de que o atendimento de jovens e adultos será para aqueles que se encontramna faixa etária de 15 a 24 anos para o Ensino Fundamental, e 18 anos completos para o Ensino Médio, oriundos de comunidades pesqueiras pertencentes a região ribeirinha do Município de Belém.

Arbache (2001) comenta a necessidade de superar a descontinuidade das ações institucionaisisoladas, que fragmentam e impedem a compreensão da problemática educacional. É preciso desafiar o encaminhamento de possíveis resoluções que levem à simplificação de questões essenciais no processo educativo da EJA, pois dessa forma será possível reduzir problemas de mera exposição de números e indicadores descritivos, e passa-se a visualizar a educação de jovens e adultos levando em conta a especificidade e a diversidade cultural dos sujeitos que a ela recorrem tornando-se um caminho renovado e transformador na escola.

Nesse enfoque justifica-se que o PPP da escola emerge da necessidade de oportunizar a formação de jovens ribeirinhos que por falta de escolas de Ensino Fundamental e Médio em suas localidades acabam por ter seus direitos anulados, e com isso a CEPE organizou esse projeto procurando cumprir sua função social principalmente com as populações ribeirinhas.

Sendo assim, compreende-se que oportunizar o ensino formal de qualidade ao homem amazônida integrado à qualificação profissional no Ensino Fundamental e habilitação técnica em Recurso Pesqueiro no Ensino Médio torna-se fundamental, pois Moura (2004<sup>a</sup>) enfatiza que não se pode discutir o acesso à educação sem antes refletir, ainda que não exaustivamente, sobre o modelo de desenvolvimento socioeconômico do país com o objetivo de lançar um olhar mais amplo sobre a sociedade brasileira. Um olhar que nos permita enxergar as partes, o todo e as inter-relações existentes.

Percebe-se então que a escola deve compreender a necessidade social, cultural e econômica dos seus alunos, pois caso contrário, o ensino ficará limitado à imposição de um padrão, um modelo pronto e acabado em que se objetiva apenas ensinar a ler e escrever, de forma mecânica, e na verdade o que se pretende com a educação de jovens e adultos é dar oportunidade igual a todos àqueles que estão alijados do processo educativo.

Fundamentado nesse pressuposto a Casa Escola da Pesca organiza suas práticas educativas na Pedagogia da Alternância, adotada nas Casas Familiares Rurais dos cinco Continentes, justamente por se tratar de uma proposta pedagógica contextualizada às peculiaridades e necessidades educacionais das comunidades ribeirinhas como alternativa viável para a promoção da solução das problemáticas que envolvem a educação das comunidades que necessitam de escola que ofereça infraestrutura para abrigá-los por não terem condições de ir e vir todos os dias para cidade em busca de escolas de ensino médio.

Segundo Azevedo (1998) a Pedagogia de Alternância trabalha em sincronia com a escola e o trabalho, fazendo com que o jovem continue estudando e ao mesmo tempo não se desvincule da família, auxiliando com sua mão de obra; além disso, a proposta visa o desenvolvimento do meio em que o aluno vive, promovendo o desenvolvimento tecnológico, econômico e sociocultural de sua família, e conseqüente da comunidade, propiciando-lhe condições de fixar-se ao seu meio.

A pedagogia da alternância desenvolvida na Casa Escola da Pesca foi organizada para atender as especificidades e necessidades educacionais dos alunos que vivem principalmente em áreas ribeirinhas, ofertando um ensino de qualidade, e, por conseguinte deve utilizar mecanismos diferenciados, a saber: atendimento educacional em tempo integral durante quinze dias, plano de estudos para os alunos aplicarem na prática o que aprenderam na teoria; socialização do plano de estudos no retorno da alternância; visitas de alternância para a escola conhecer a realidade dos alunos e esclarecer dúvidas do plano de estudo; visitas técnicas para que o aluno adquira na prática saberes elementares de pesca e aquicultura; vivências comunitárias; estágios supervisionados e outros fazeres específicos da pedagogia da alternância.

Batistela (1997) define Pedagogia da Alternância como sendo “alternância de tempos de estudo e de períodos de trabalho”, e assim, justifica-se que a pedagogia da alternância surgiu como proposta pedagógica para mediar as necessidades educacionais da população que não tem condições de frequentar escolas regulares, pois fica evidente que essa forma de organizar o ensino torna o caminho viável para a solução das grandes problemáticas que envolvem a educação no campo, já que sua proposta de formação integral da pessoa humana visa difundir a filosofia formadora por alternância, compreendendo tanto escola como o meio sócio-profissional como ambientes de aprendizagem contínua, em seus aspectos de abordagem filosófica.

Azevedo (1998) afirma que é necessário também que a educação valorize os costumes, as crenças, a música, isto é, a cultura como um todo, para que o agricultor, representado pelo jovem, possa cada vez mais ter gosto pela vida campesina, resgatar a autoconfiança e autoestima e que possa sentir orgulho de ser agricultor e exercer sua profissão com dignidade.

Percebe-se assim que fica evidente a necessidade de disponibilizar aos educandos um modelo pedagógico que contemple suas especificidades, pois essa é a demanda mais emergente que a escola deve priorizar, e que merece atendimento eficaz e à altura de suas necessidades.

Azevedo (1998) comenta que a pedagogia da alternância por empregar, na execução do processo de ensino-aprendizagem, princípios educativos modernos, tais como o envolvimento e a participação dos pais na educação formal dos filhos e na gestão da escola, embasamento teórico construtivista e adoção de método dialético de ensino, a Pedagogia da Alternância constitui-se numa proposta educacional inovadora.

A Casa Escola da Pesca organiza suas ações fundamentadas nas diretrizes curriculares da EJA, com intuito de efetivar o currículo interdisciplinar com práticas educativas diferenciadas, justamente porque a pedagogia da alternância da CEPE baseia-se na realidade de vida dos pescadores, respeitando seus ritmos e vivências, traços culturais específicos, lutas e conquistas, além de fornecer instrumentos que lhes permitam usufruir da forma mais eficiente os rendimentos obtidos com a atividade estratégica de pesca e aquíicultura sustentáveis, servindo de exemplo para outros municípios do estado do Pará, ou até mesmo regiões do Brasil.

Moreira e Silva (1999) enfatiza que os professores convivem com situações delicadas como a de ter que trabalhar com alunos jovens e adultos, com diferentes necessidades de aprendizagem e expectativas, bem como níveis socioculturais diversos, e que não podem excluir nenhum deles, mas tentar desenvolver um trabalho que atenda às suas particularidades, e ainda tendo que lidar com conflitos gerados pelo currículo prescrito e pelo que é posto em prática em sala de aula.

Compreende-se então que a escola nesse enfoque deve estabelecer interação entre educador e educando, e com isso serão efetivados novos métodos de aprendizagem, como monitoramento das vivências comunitárias, justamente porque nesse momento o educador passa a ser o mediador do processo, pois além das atividades de sala de aula acompanha as

ações que acontecem na casa, e nessa troca trabalha hábitos e atitudes, além de orientações dos conhecimentos a serem ensinada na língua escrita, com a preocupação de que seus alunos estejam compreendendo o sentido do sistema de escrita, mas sempre relacionando com suas experiências de vida.

As Diretrizes curriculares de EJA, estabelecidas na Res. CNE/CEB 03/2010, Art. 10 define que as Instituições de Ensino poderão ofertar cursos na modalidade Educação Jovens e Adultos em nível fundamental e médio integrado à Educação Profissional de nível médio, obedecendo à legislação vigente, e autorizado pelo Conselho do Sistema de Ensino.

Compreende-se então que a relação entre as dimensões técnica e teórica precisam ser enfatizadas e materializadas no Ensino Fundamental e complementadas no Ensino Médio, seja no projeto político pedagógico da escola, na organização curricular, ou mesmo nas práticas cotidianas, para que o trabalho seja compreendido como práxis humana e como práxis produtiva, para que não haja dissociação entre a formação geral e a formação para o trabalho.

Segundo o documento base do PROEJA (2007) a proposta foi constituída na confluência de ações complexas, desafios políticos e pedagógicos que estão postos e o sucesso dos arranjos possíveis só materializar-se-ão e alcançarão legitimidade a partir da franca participação social e envolvimento das diferentes esferas e níveis de governo em um projeto que busque não apenas a inclusão nessa sociedade desigual, mas a construção de uma nova sociedade fundada na igualdade política, econômica e social, e em um projeto de nação que vise uma escola vinculada ao mundo do trabalho numa perspectiva radicalmente democrática e de justiça social.

O PPP da escola foi elaborado para atender às especificidades do Ensino Fundamental atrelado à qualificação profissional, e o Ensino Médio Técnico na modalidade de educação de jovens e adultos integrado a habilitação técnica em recursos pesqueiros.

As ações educativas irão considerar todas as possibilidades para desenvolver as atividades econômicas e estratégicas para o desenvolvimento social, cultural da região, e ainda viabilizar formação profissional para alavancar o desenvolvimento das comunidades ribeirinhas em nível regional, e para isso serão utilizados recursos pesqueiros para geração de trabalho e renda.



Paiva (2003) reitera que o educador que atua na educação de jovens e adultos deve ter uma formação especial, que lhe permita compreender os anseios e necessidades dessas pessoas tão especiais, além de saber lidar com os sentimentos delas.

Por isso, fica evidente a necessidade da educação ser vista como um conjunto de elementos importantes ao desenvolvimento intelectual, social e integral do educando, e assim romper com a ideia da política que cada um faz a sua parte, no sentido de que se execute apenas a função a que foi destinado sem a preocupação com a atividade-fim, e passar a cuidar da atividade meio para que a atividade fim tenha sucesso.

Baracho (2006) afirma que o princípio educativo se dá no processo de trabalho, tanto na ação reflexiva, quanto no manuseio do processo de trabalho que visa interagir para a transformação da realidade.

Assim, constata-se que a educação de jovens e adultos por alternância para ser efetivada exige a interação entre a base familiar e os conhecimentos científicos adquiridos na escola, justamente pela necessidade de controlar os saberes repassados pelos monitores durante os estágios, pois trata-se de alunos, e a família entra contribuindo para efetivação da teoria em prática.

Para Ramos (2008) o que se pretende é configurar uma identidade para o Ensino Médio, construída com base em uma concepção curricular unitária, com diversidade de formas, cujo princípio é a unidade entre trabalho, cultura, ciência e tecnologia.

A escola propõe trabalhar o ensino de forma integrada ao ensino profissional, e por isso deve-se pensar em desenvolver as atividades práticas como beneficiamento do pescado desenvolvidas no laboratório de tecnologia do pescado, tendo em vista a necessidade de geração de trabalho e renda para os jovens e adultos que necessitam agregar os conhecimentos teóricos e práticos para sua inserção no agronegócio, e ainda para o desenvolvimento da cadeia produtiva do pescado.

Paiva (2004) comenta que se a escola pretendesse trabalhar a formação humana, no seu sentido lato, com acesso ao universo de saberes e conhecimentos científicos e tecnológicos produzidos historicamente pela humanidade, precisa fazer de maneira articulada o mundo profissional, que permita-lhe compreender o mundo do trabalho, e a partir disso, atuar na busca de melhoria das próprias condições de vida e da construção de uma sociedade socialmente justa.

Em face dessa realidade torna-se urgente que os órgãos governamentais proponham soluções alternativas pautadas nas necessidades locais, ofertando à família do pescador uma educação de qualidade, voltada a seus interesses e desenvolvimento, atentando também para as diferenças históricas e culturais.

A proposta da Casa-Escola da Pesca-CEPE instalada no distrito de Outeiroé ofertar o Ensino Fundamental na modalidade jovens e adultos integrado a qualificação profissional, assim como oportunizar aos egressos dessa modalidade o Ensino Médio integrado a habilitação técnica em recursos pesqueiros, cujo propósito consiste em promover atividades educativas e práticas que aproxime os conhecimentos trazidos pelos ribeirinhos com os técnicos científicos ofertados pela escola, uma vez que os educandos residem em áreas de posição geoestratégica, ou seja às proximidades das empresas pesqueiras, o que facilita a parceria com essas organizações, sendo assim o desenvolvimento do processo fica bem mais acessível e prazeroso.

Segundo Rocha (2003) a pedagogia da alternância busca em seu projeto pedagógico unir o estudo e as atividades sócio profissionais (o trabalho da família e seu cotidiano). Essa busca acontece por meio da alternância, justamente porque procura unir a vida do jovem em seu convívio familiar diário com os conhecimentos gerais e técnicos adquiridos na escola, a cada idas e vindas nesse processo, novas interrogações, experiências, inquietações e pesquisas se delineiam no ambiente sócio profissional.



Figura 2: Curso de Inclusão Digital

A proposta da escola consiste em trabalhar as atividades desenvolvidas na escola atreladas a realidade de vida do jovem, já que esta concepção pedagógica concebe que a prática ensina mais que as muitas teorias contidas nos livros e postulados educacionais, e com isso os ensinamentos da escola confrontados com o convívio familiar e sócio-profissional são entendidos como ambientes de igual importância e potencial de aprendizagem.

Em resumo, a pedagogia da alternância apropria-se da proposta de promover uma “formação integral”, que observa todas as áreas de constituição da pessoa humana, e uma de suas premissas básicas é a de que o conhecimento só tem valor se puder transformar a realidade e melhorar a vida dos educandos.

O PROEJA (2007) afirma que a formação humana impõe produzir um arcabouço reflexivo que não atrele mecanicamente educação-economia, mas que expresse uma política pública de educação profissional integrada com a educação básica para jovens e adultos como direito, e efetivada em projeto de desenvolvimento, para fazer frente aos desafios de inclusão social e da globalização econômica.

Portanto, a escola propõem-se oferecer aos filhos de pescadores e trabalhadores da pesca, a oportunidade de conhecerem e dominarem as novas tecnologias que se mostrem mais eficientes nas atividades laborais pesqueiras e aquícolas, na convivência harmoniosa com o meio ambiente, na preservação das águas e das espécies, bem como no conhecimento de seus direitos enquanto sujeitos críticos, transformadores e empreendedores, aptos a dialogarem com as instituições às quais estão vinculados.

## II. A CEPE NO CONTEXTO DA FUNBOSQUE

### 2.1 Identificação

A Casa-Escola da Pesca-CEPE faz parte do Sistema Municipal de Educação vinculada à Fundação-FUNBOSQUE como unidade de ensino destinada a Educação de jovens e adultos –EJA.

A organização do ensino apresenta um tratamento diferenciado na estruturação de seu currículo, ofertando Ensino Fundamental e Médio, na modalidade de Educação Jovem e Adulto integrados à qualificação profissional em pesca e aquicultura e habilitação técnica em recursos pesqueiros respectivamente, utilizando as vivências comunitárias como pressuposto para formação cidadã, uma vez que esta forma de integração pressupõe uma nova perspectiva de ação interdisciplinar em que o educando participa ativamente das ações oportunizadas,

gerandonovos saberes e fazeres, condizentes com a formação técnica em pesca e aquicultura e recursos pesqueiros.

## 2.2 LOCALIZAÇÃO

A CEPE está sediada na região insular do município de Belém-Capital do Estado do Pará, na Rua Evandro Bona, Passagem São José nº 70, Bairro Itaiteua-Distrito do Outeiro - Ilha de Caratateua.

## III CARACTERIZAÇÃO DA MANTENEDORA

A Funbosque, instituída pela Lei Municipal n.7.747 de 2 de janeiro de 1995, reordenada pelas Leis Delegadas n.2 de 20 de novembro de 1995 e n.3 de 28 de dezembro de 1995, criado pelo Decreto Municipal n.2883/96 de 13 de junho de 1996, com sede neste município, na rua Nossa Senhora da Conceição, s/n, Distrito de Outeiro, Ilha de Caratateua, é uma Fundação de direito público, sem fins lucrativos, com prazo de duração indeterminado, vinculado ao gabinete do Prefeito.

### 3.1 Localização e Entorno

A Ilha de Caratateua possui uma área total de 31.449,07 Km<sup>2</sup>, sendo 11.934,29 Km<sup>2</sup> de área urbana e 19.514,77 Km<sup>2</sup> de área rural, com acesso pela Rodovia Augusto Montenegro, situada na coordenada geográfica entre os paralelos de 01° 13' e 01° 17', entre os meridianos de 48° 25' e 48° 30'. É separada da sede do Distrito de Icoaraci a sudoeste, e da Ilha de Mutum, a sudeste pelo Furo do Rio Maguari, da Baía de Santo Antônio, e da Ilha de Mosqueiro, a noroeste do município.

A Ilha de Caratateua mais conhecida como Outeiro, teve seu início na história, quando várias de suas áreas serviram de cemitérios para os índios nos tempos antes da fundação de Belém (especialmente no bairro que atualmente se chama Itaiteua). Os índios a denominaram de Caratateua, que no dialeto Tupi-guarani, quer dizer, “lugar das grandes batatas” e os portugueses a batizaram de Outeiro, que quer dizer “pequenos morros”.

Em abril de 1731, o Governador da Província do Grão-Pará, Capitão Geral Alexandre de Souza Freire, concedeu Outeiro a terceiros (através da carta das sesmarias, que oficializava a doação de terras a particulares, objetivando sua ocupação).

A colonização de Caratateua teve prosseguimento no ano de 1893, no momento da criação da colônia de Outeiro (Núcleo Modelo de Colonização). Uma segunda hospedaria foi implantada na antiga colônia agrícola, que funcionava nas dependências do atual Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Praças (CFAP); em 14 de abril de 1893, 14 famílias Italianas iniciaram em definitivo a colonização da Ilha de Outeiro.

Até meados de 1990, Outeiro era subordinado ao Distrito Administrativo de Icoaraci. No ano de 1994, no dia 12 de janeiro, foi decretado pelo prefeito Hélio Gueiros a criação de oito Administrações Regionais de Belém. Assim, Outeiro passaria a ser Distrito e teria sua autonomia, sendo criado na época o plano diretor das ilhas de Outeiro e Mosqueiro, passando a vigorar a partir da gestão do Prefeito Edmilson Rodrigues em 1997, que oficializou a organização administrativa de Belém em 08 distritos.

A Lei n.7806, de julho de 1996, dispõe apenas sobre a existência de quatro bairros na ilha: Brasília, São João do Outeiro, Itaiteua e Água Boa. Entretanto, existem também as localidades do Fidélis, do Fama e do Tucumaeira. O bairro mais antigo é o de Itaiteua onde se originou a concentração populacional na ilha. Composta de sete praias: do Amor, do Barro Branco, dos Artistas, Grande, da Brasília e do Redentor constituindo-se numa alternativa de lazer à população da Grande Belém, que se intensificou com a construção da ponte Enéas Pinheiro, que liga Icoaraci a Outeiro.



Figura 3: Visão aérea de Itaiteua

**Caratateua**, conhecida popularmente como Outeiro, é uma ilha de Belém, ligada ao continente por meio de ponte sobre o rio Maguari, e Ponte Enéas Pinheiro, distante 25 km do centro da capital. É banhada pela baía do Guajará, por águas doces, turvas, de característica

barrenta. Possui **aproximadamente 67.353 mil habitantes**, é a mais próxima da capital. Apresenta os três tipos de solo: varzea, igapó e terra firme, permitindo as culturas intensiva e extensiva. Possui orla de belíssimas praias de rio, como atrativos cenários para atividades de turismo e lazer social.

Atualmente, segundo IBGE (2000?) o Distrito de Outeiro (DAOOUT), possui uma população de 26.225 habitantes, sendo sua área de extensão de 111,395 ha e densidade demográfica 235,42, distribuídas em sete bairros (Brasília, São João do Outeiro, Água Boa, Fama, Tucumacira, Fidelis e Itaiteua).

**A Escola Bosque foi planejada para servir de centro de referência para a construção do conhecimento do homem para com a natureza, pois a ideia era fazer a instituição integrar a rede de ensino, do infantil ao médio, para formar técnicos em ciências ambientais em fauna, flora, ecoturismo e magistério.**

No momento da inauguração da Escola Bosque, em 1996, a estrutura econômica local era de baixa renda das famílias. As condições de vida da população eram precárias e deficientes. A mão de obra vinculava-se ao emprego informal, condicionada à venda de alimentos nas praias com inúmeras tabernas, pequenos armarinhos e mercearias que compunham o perfil econômico da ilha.

**No que tange à educação, a comunidade outeirense conta com as Escolas de Ensino Fundamentale Médio, pertencentes aos Sistemas Municipais e Estaduais, a saber:**

**Unidades Escolares Municipais:**

- Escola Bosque Prof. Eidorfe Moreira (São João do Outeiro)
- Escola Municipal Monsenhor José Maria Azevedo (Itaiteua)
- Escola Municipal Helder Fialho (Brasília)

**Unidades Escolares Estaduais:**

- Escola Estadual do Outeiro (São João do Outeiro)
- Escola Estadual Geny Gabriel (Água Boa)
- Escola Estadual da Brasília (Brasília)
- Escola Estadual Franklin de Menezes (São João do Outeiro)
- Escola Estadual Colônia do Fidelis (Itaiteua)

### 3.2 CARACTERÍSTICAS E FINALIDADES DA CASA-ESCOLA DA PESCA

A CEPE caracteriza-se como **Unidade de Ensino** que já oferece Ensino Fundamental, e passará a ofertar a habilitação Técnica em nível médio para os alunos que moram nas ilhas, e que não possuem escolas de ensino médio nas proximidades de suas residências, nesse sentido, os alunos **ganham a oportunidade de continuar seus estudos em uma escola que possui um currículo diferenciado, organizando suas atividades educacionais de acordo com os pressupostos teóricos da Pedagogia da Alternância, cuja proposição consiste em:**

- a) Fomentar a Educação ambiental com ênfase na pesca e aqüicultura em seu sistema escolar **para atender à comunidade ribeirinha** de Belém;
- b) Desenvolver práticas educativas que envolvam pesquisas e socialização de atividades;
- c) Promover viagens e visitas de estudo, como princípio científico e educativo na busca de alternativas viáveis à formação profissional;
- c) Desenvolver programas com a comunidade nas questões ambientais, dando ênfase à sistemas alternativos de manejo da pesca e aqüicultura com enfoque desenvolvimento sustentável;
- d) Realizar convênios de cooperação e colaboração com instituições públicas e privadas para realizar visitas técnicas e/ou estágios supervisionados;
- e) Proporcionar atividades práticas de beneficiamento do pescado, visando o aperfeiçoamento técnico em recurso pesqueiro;
- f) **Construir o projeto profissional de vida do aluno (PPVA) com bases nas atividades educativas desenvolvidas nos dois anos do Ensino Médio;**
- f) **Atuar no monitoramento da qualidade de manejo da pesca e da aqüicultura incluindo-se o monitoramento das ilhas que será efetuado em consonância com a Prefeitura Municipal de Belém.**
- g) Organizar ações profissionais conforme orientação do Catálogo Nacional de Cursos Técnicos para formação de técnicos em recursos pesqueiros;
- h) Preparar tanques e viveiros para o cultivo das espécies, assim como realizar ações de controle da qualidade de água e do solo.
- i) Realizar a preparação, oferta e ajuste da alimentação das espécies cultivadas, acompanhando seu desenvolvimento e sanidade.

j) Processar e beneficiar o pescado para produção de alimentos dentro da cadeia produtiva.

## IVOBJETIVOS E METAS PARA O ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

### 4.1 Dos objetivos

As atividades educativas da escola estão fundamentadas em programas que integram o Ensino Fundamental com a qualificação profissional e o Ensino Médio Técnico em Recursos Pesqueiros e as vivências comunitárias, cujos objetivos estão assim definidos:

- ✓ Garantir à clientela o acesso ao processo educativo no Ensino Fundamental e promover o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental no Ensino Médio;
- ✓ Promover atividades que fomentem a educação integral adequada ao contexto sociopolítico local para torná-los sujeitos empreendedores, ecológicos e multiplicadores de informações e tecnologias, bem como atuantes como profissionais técnicos em recursos pesqueiros;
- ✓ Contribuir para o fortalecimento da identidade do técnico em recurso pesqueiro por meio da aplicação de conhecimentos tecnológicos e científicos;
- ✓ Articular com organizações representativas do setor pesqueiro a inserção de alunos nas linhas de produção;
- ✓ Garantir aprofundamento das práticas pedagógicas que fomentem o sentido de comunidade e desenvolvimento associativo;
- ✓ Desenvolver atividades educativas para a valorização dos saberes e a construção de suas histórias, suas vozes e seus registros;
- ✓ Viabilizar aulas práticas de beneficiamento do pescado para o desenvolvimento dos sistemas produtivos que propiciem geração de trabalho e renda para os alunos e extensivamente às famílias;
- ✓ Sensibilizar, motivar e qualificar tecnicamente professores e coordenadores pedagógicos funcionários para a construção de uma práxis pedagógica fundamentada para o desenvolvimento sustentável dessas comunidades;
- ✓ Implantar a partir de 2014 o Curso técnico de nível Médio para alunos egresso da CEPE;
- ✓ Possibilitar a continuidade de estudos aos alunos concluintes do Ensino Fundamental.

### 4.2 Das metas

- ✓ Atender 70 alunos no Ensino Fundamental com projeção futura para 150 em nível de Ensino Médio, e 200 em cursos livres de qualificação profissional;



- ✓ Atender inicialmente 60 alunos, com projeção futura para 120 em nível de Ensino Médio, e 200 pessoas em cursos livres de qualificação profissional;
- ✓ Qualificarem parceria com outros órgãos e instituições públicas e privadas 10% da comunidade pesqueira de Belém e ilhas atendidas pela CEPE em atividades de cursos livres, palestras e projetos de extensão voltados às áreas de pesca, aquicultura e recursos pesqueiros;
- ✓ Implantar em parceria com órgãos e instituições públicas e privadas pelo menos um (01) projeto piloto de pesca, aquicultura e/ou recurso pesqueiro por ilha atendida pela CEPE, servindo de Unidade Modelo de desenvolvimento sustentável comunitário.

#### V REQUISITOS DE ACESSO AO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

A Casa-Escola da Pesca para atender o Ensino Fundamental e Ensino Médio no ano letivo de 2014 exige do candidato os seguintes requisitos:

- 5.1 Ter 15 anos para ingresso no Ensino Fundamental, e 18 anos para o Ensino Médio;
- 5.2 Ter concluído o Ensino Fundamental para o ingresso no Ensino Médio;
- 5.3 Ser filho de pescador, aquicultor e/ou trabalhador da pesca;
- 5.4 Ter 18 anos completos até janeiro de 2014 (em caráter excepcional);
- 5.5 Apresentar documentação escolar compatível ao ingresso na 3ª e 4ª totalidade para o Ensino Fundamental, e documentos de conclusão do Ensino Fundamental para o ingresso no Ensino Médio;
- 5.9 Os responsáveis dos alunos menores de 18 anos e alunos maiores de 18 anos deverão assinar no início do ano letivo um termo de permanência e de boa vivência, em modelo próprio da CEPE contendo os dados essenciais do mesmo;
- 5.10 O candidato deverá residir por uma semana para adaptação às vivências na CEPE e então assinar o contrato de permanência.

#### VI. PERFIL PROFISSIONAL DE CONCLUSÃO

Ao concluir a qualificação profissional e habilitação Técnica em recurso pesqueiro espera-se que os concluintes sejam capazes de:

- 6.1 Afirmar sua dignidade como pessoa, cidadão e profissional;
- ✓ Estabelecer um processo de reflexão, ação e reflexão para fixação de rumo, definição de projetos de trabalho e de vida;
- ✓ Efetivar seu projeto de desenvolvimento profissional, com base em suas potencialidades, suas necessidades de aprendizagem e características de seu contexto de trabalho;
- ✓ Identificar problemas e necessidades de seu grupo/comunidade, planejando e participando de iniciativas concretas com vistas a sua superação;

✓ Conviver e trabalhar em grupo, assumindo responsabilidades, valorizando a diversidade de opiniões e a resolução negociada de conflitos;

✓ Continuar seu processo de aprendizagem tanto pela inserção no Ensino Médio, assim como pela formação profissional em pesca e aquicultura, e ainda pelo aproveitamento de outras oportunidades educativas e profissionais;

6.2 Utilizar recursos tecnológicos de informação e comunicação como instrumentos de facilitação e/ou viabilização de sua aprendizagem e ações profissionais;

✓ Identificar equipamentos eletrônicos de navegação e pesca como a sonda, GPS (*Global Positioning System*); monitoramento por satélite, guincho, bússola, barômetro, termômetro e rádio, além de conhecer o funcionamento e manutenção de máquinas e motores marítimos (mecânica naval);

✓ Avaliar a meteorologia com a identificação de ondas, ventos, marés e previsões;

6.3 Exercer com habilidade a prática da piscicultura (como espécies alimentícias e ornamentais) e de carcinicultura, ranicultura, mitilicultura, ostreicultura e quelônios por meio de:

a) Construção de tanques, viveiros e tanque-rede;

b) Práticas de manejo hídrico e alimentar adequados à atividade aquícola;

c) Utilização de técnicas de conservação do pescado (Salga, defumação, filetagem, resfriamento e congelamento);

d) Aproveitamento de resíduos do pescado (pele, escamas, carapaças e vísceras);

e) Formas de comercialização do produto final;

f) Praticar a agricultura por meio de horta escolar;

g) Conhecer, interpretar e cumprir a legislação ambiental e sanitária, direcionando suas ações dentro desses requisitos legais (unidade de conservação, defesa, preservação código de condutas, técnicas de manejo e legalização);

h) Conhecer e distinguir as diferentes formas de organização social dos profissionais da pesca como os sindicatos, associações, cooperativas, fundação, colônia e federação de pescadores.

## VII EIXOS NORTEADORES DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DA CEPE

### 7.1 Educação de Jovens e Adultos – EJA (em tempo integral)

A Educação de Jovens e Adultos – EJA, comentada na Resolução do CNE/CEB nº 1 (2002) em seu Art. 3º determina que, “o Poder Público, considerando a magnitude da

importância da educação escolar para o exercício da cidadania plena e para o desenvolvimento de um país cujo paradigma tenha como referências a justiça social, a solidariedade e o diálogo entre todos, independente de sua inserção em áreas urbanas ou rurais, deverá garantir a universalização do acesso da população do campo à Educação Básica e à Educação Profissional de Nível Técnico”.

De posse desses conhecimentos, a Casa-Escola da Pesca propõe que as atividades educativas trabalhadas no Ensino Fundamental e Médio, na modalidade Educação de Jovens e Adultos aconteçam por meio de currículo interdisciplinar, justamente para que o aluno seja capaz de construir seu conhecimento a partir da relação com o outro, e com o objeto a ser conhecido, sendo necessário o rompimento da organização sequencial do currículo e das disciplinas estruturadas que fragmentam a realidade social.

Este caráter, interdisciplinar e contextualizado os conteúdos curriculares estão organizados para que o ato educativo como se trata de totalidade do conhecimento precisa ser desvelado em sua essência, e a partir desse processo seja construído e aprofundado os conhecimentos e experiências pertencentes ao educando nas diferentes áreas do conhecimento.

A proposta pedagógica da CEPE fundamenta-se teórica e metodologicamente na Pedagogia da Alternância, pois desenvolve o currículo interdisciplinar para as ações educativas tanto no Ensino Fundamental como no Ensino Médio, considerando os saberes e fazeres baseados na realidade de vida dos pescadores, seus ritmos, tempos e traços culturais específicos, contemplando o seu mundo.

Nesta proposta, a educação torna-se um ato de criação crítica do saber, que por sua vez torna-se um instrumento da realidade, e que proporciona aos sujeitos envolvidos no processo condições de valorização de sua cultura e a construção de sua cidadania.

Esta concepção acolhe a idéia de reflexão, cuja prática se coloca mais como um processo de investigação do que como um contexto de aplicação, colocando o educando como sujeito histórico, construtor das possibilidades do ato pedagógico.

Para Soares (2002) as práticas desenvolvidas nos movimentos sociais, nas organizações não governamentais, nos governos municipais, nas Universidades foram ressignificando a educação de jovens e adultos, e temos uma diversidade de projetos resultantes do rompimento com a padronização que marcou a educação de jovens e adultos.

Desse modo, a lógica tradicional é rompida, pois a estrutura que orienta uma matriz curricular rigidamente organizada e fragmentada não satisfaz às novas demandas da EJA, e exige que as escolas comecem a tratar a ação educativa de forma global e totalizante, gestada no diálogo democrático, na liberdade de pensar, julgar e agir.

A CEPE se organiza nesta perspectiva por entender que as características de aprendizagem devem ser exploradas por metodologias e abordagens apropriadas, pois as práticas na Educação de Jovens e Adultos devem:

- Tirar proveitos das experiências trazidas pelos discentes;
- Propor a resolução de situações-problemas relacionadas ao seu cotidiano.
- Realizar atividades educativas que explore as diversas áreas do conhecimento.
- Envolver os alunos no planejamento de ações que fomentem responsabilidade pela aprendizagem.
- Disponibilizar conteúdos significativos para a realidade socioambiental e histórica dos alunos;
- Realizar práticas educativas que trabalhe a elevação da autoestima dos alunos;
- Envolver os alunos nas atividades de desporto e lazer, além de projetos e eventos da escola.
- Oportunizar aos alunos o acesso às práticas de beneficiamento do pescado, para que se torne um ambiente real de trabalho.

Para complementar as atividades educativas desenvolvidas no Ensino Fundamental da EJA, o Decreto nº 5.840/2006, em seu art. 4º determina que os cursos de educação profissional técnica de nível médio do PROEJA deverão contar com carga horária mínima de duas mil e quatrocentas horas, assegurando-se cumulativamente:

- I - a destinação de, no mínimo, mil e duzentas horas para a formação geral;
- II - a carga horária mínima estabelecida para a respectiva habilitação profissional técnica; e
- III - a observância às diretrizes curriculares nacionais e demais atos normativos do Conselho Nacional de Educação para a educação profissional técnica de nível médio, para o ensino fundamental, para o ensino médio e para a educação de jovens e adultos.

E para complementar as determinações o Decreto nº 5.840/2006, em seu Art. 8º enfatiza que os diplomas de cursos técnicos de nível médio desenvolvidos no âmbito do PROEJA terão validade nacional, conforme a legislação aplicável.

Com base nas diretrizes curriculares e no Catálogo Nacional de Cursos Técnicos (2012) a Casa Escola da Pesca deverá assegurar a oferta adequada do Ensino Fundamental integrado à qualificação profissional, assim como o Ensino Médio integrado à Habilitação técnica em Recursos Pesqueiros para atender a comunidade ribeirinha de Belém, e regiões vizinhas que necessitam de atendimento educacional.

A Resolução CNE/CEB 1, de 3 de abril (2002) em seu Art. 8º define que as parcerias estabelecidas visando ao desenvolvimento de experiências de escolarização básica e de educação profissional, sem prejuízo de outras exigências que poderão ser acrescidas pelos respectivos sistemas de ensino, observarão:

- I - articulação entre a proposta pedagógica da instituição e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a respectiva etapa da Educação Básica ou Profissional;
- II - direcionamento das atividades curriculares e pedagógicas para um projeto de desenvolvimento sustentável;
- III - avaliação institucional da proposta e de seus impactos sobre a qualidade da vida individual e coletiva;
- IV - controle social da qualidade da educação escolar, mediante a efetiva participação da comunidade do campo.

Sendo assim, as práticas educativas serão desenvolvidas com bases na construção, e ou/ continuidade de projetos educativos e de vida, de forma refletida e consciente, pois considera-se as características sociais e culturais e as individualidades dos alunos. Nesse processo serão compartilhados saberes de professores e alunos, ou seja, de indivíduos com histórias próprias, propiciando a construção do sujeito em formação.

## 7.2 Educação Ambiental

O Meio Ambiente é o espaço percebido e vivido diariamente pelas simbioses dos seres vivos, incluindo nesta categoria a participação dos seres humanos. Reigota (2002, p.14) afirma que o meio ambiente é um espaço determinado no tempo, no sentido de procurar delimitar as fronteiras e os momentos específicos que permitam ampliar o conhecimento.



Figura 4: Adubação por compostagem para Horta      Figura 5: Revitalização das Trilhas da CEPE

Pensar a educação ambiental como elemento inovador dentro do contexto atual precisa ultrapassar as estruturas rígidas do passado e centrar em uma escala holística que não perceba os fatos e acontecimentos de forma fragmentada, mas totalmente interligados.

A educação ambiental concentra seus esforços na efetivação da cidadania, no caráter conscientizador, na necessidade de transformação, mudanças para hábitos individuais e coletivos de vida humana sustentável.

Para Oliveira (2002) o setor produtivo entende que a sobrevivência não é mais suficiente para garantir o seu sucesso, mas deve buscar longevidade com qualidade, em parceria com o meio ambiente e tendo como cúmplice a sociedade com a qual convive, e para qual devem demonstrar sua preocupação com a qualidade da vida dessa e das futuras gerações, e a busca de sua sustentabilidade.

Então, percebe-se a necessidade de aprofundar cada vez mais as ações sobre a sustentabilidade ambiental, e por isso a CEPE fundamenta suas ações no sentido de analisar os fatores que dificultam o desenvolvimento da dimensão socioambiental, para, a partir de então realizar projetos que ajudam a minimizar os impactos ambientais.

A Constituição Federal de 1988, em seu artigo 225, parágrafo primeiro estabelece o caráter público do meio ambiente e assegura: “Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida”.

Sendo assim fica entendido que compete ao homem perceber que a degradação dos recursos naturais nos dias atuais é algo que precisa ser superado por toda a sociedade, haja vista que a Constituição Federal determina, que “o Poder Público e a coletividade tem o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações”.

Nesse enfoque a educação ambiental é compreendida como eixo norteador que caminha e dialoga com diferentes ciências. Partindo dessa premissa, pode-se dizer, então, que os conhecimentos construídos na Casa-Escola da Pesca serão impulsionados por meio da complexidade das questões ambientais. Assim, a escola lança-se ao desafio de realizar ações significativas de forma a contribuir positivamente na vida de cada aluno.

Murrieta (2003) alerta que o desenvolvimento sustentável vem romper com o *laissez-faire* ambiental, e impõe o compromisso da presente geração com as futuras, sob o enfoque da longevidade.

Portanto, fica entendido que compete a sociedade em geral o resgate dos valores de sustentabilidade, haja vista que a reconstrução da sustentabilidade do planeta é tarefa difícil e complexa, pois a desconstrução dos valores morais, e éticos são fatores que devem ser aprimorados, para que assim seja reconstruída a viabilidade social das gerações presentes e futuras.

### 7.3 QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL EM PESCA E AQUICULTURA E HABILITAÇÃO TÉCNICA EM RECURSOS PESQUEIROS

O Ensino Fundamental e Médio oferecido na modalidade Jovens e Adultos na Casa Escola da Pesca foi organizado de forma integrado à qualificação profissional e habilitação técnica em Recursos Pesqueiros para atender uma clientela que reside nas ilhas ribeirinhas do município de Belém, e que por falta de condições financeiras acabam por ficarem sem concluir a educação básica.

Constatou-se um diferencial nesses jovens e adultos que necessitam trabalhar para sustentar suas famílias, e, por conseguinte não podem desenvolver uma escolaridade, nesse contexto a CEPE utiliza a Pedagogia da Alternância como proposta diferenciada para atender às peculiaridades dessa comunidade, uma vez que esse processo educacional está fortalecido pelo espírito de liderança, solidariedade e consciência ecológica.

Para Arroyo (1998) quando nos voltamos para os vínculos entre educação e trabalho, percebemos que o mundo da produção de bens, os processos de trabalho e as relações sociais mudam e nessas transformações os seres humanos se transformam, formam e aprendem, se individualizam como seres históricos.

Por isso, entende-se que em virtude dos alunos residirem em locais que possuem ricos mananciais aquáticos com variedades e qualidades de peixes, somados a uma relativa

facilidade de captura, torna-se necessário utilizar esses **saberes empíricos para transformá-los em práticas educativas que estimulem o educando a permanecer na escola, a aprender de forma prática aquilo que na verdade é alimento do homem amazônida.**

A educação profissional estabelecida na LDB 9394/96, não substitui a educação básica e nem com ela concorre, pois a valorização de uma não representa a negação da importância da outra. A melhoria da qualidade da educação profissional, de acordo com o Parecer nº 16/99, pressupõe uma educação básica de qualidade e constitui condição indispensável para o êxito num mundo pautado pela competição, inovação tecnológica e crescentes exigências de qualidade, produtividade e conhecimento.



Nessa perspectiva aCASA-ESCOLA DA PESCA, insere-se com um novo modelo de Educação no Estado do Pará, justamente para fazer a integração das práticas pedagógicas do Ensino Fundamental e Médio com a qualificação profissional, e habilitação técnica em Recursos Pesqueiros, por entender que as ações interdisciplinares são fundamentais para o desenvolvimento de saberes, conhecimento, emancipação e valores de solidariedade e cooperação requeridos nos tempos atuais.



Para Rabelo (2002) um dos princípios da escola é instrumentalizar o aluno para que ele se constitua como um ser autônomo capaz de expressar suas ações e seu pensar frente às diversas situações em que se encontra. Desta maneira, à medida que a escola busca propostas alternativas para desenvolver o processo ensino aprendizagem voltadas ao campo ambiental, torna-se primordial que busque a superação dos paradigmas tradicionalmente enraizados no espaço escolar.

Sendo assim, a qualificação profissional e habilitação técnica em Recursos Pesqueiros serão desenvolvidas por meio de práticas interdisciplinares que fomentem as seguintes ações:

### 7.3.1 ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

A Casa-Escola de Pesca foi criada para atender uma clientela específica da região ribeirinha de Belém, e organizou seu currículo para oferecer o Ensino Fundamental e Médio integrado à qualificação profissional e habilitação técnica em Recursos Pesqueiros.

A presente proposta fundamenta-se na estrutura administrativa e pedagógica das Casas Familiares Rurais (Maisons Familiales Rurales) instituídas na França desde 1935, e atualmente disseminadas em várias partes do mundo, como é o caso do Estado de Santa Catarina que utiliza a Pedagogia da Alternância como pressuposto para atender uma população diferenciada, pois trata-se de ribeirinhos que não tem condições de atravessar as ilhas para cursarem o ensino médio regular.

No Sistema Municipal de Educação de Belém, a CEPE caracteriza-se como unidade de ensino destinada a alunos na faixa etária de 15 a 24 anos para o Ensino Fundamental, e a partir de 18 anos para o ingresso no Ensino Médio, desde que tenham concluído o Ensino Fundamental.

A Organização Curricular da CEPE caracteriza-se por sua flexibilidade, integrando ao Ensino Fundamental e Médio à qualificação profissional e habilitação técnica em Recursos Pesqueiros, pressupondo-se uma nova perspectiva de ação interdisciplinar, com vistas ao desenvolvimento de saberes, conhecimentos, competências e valores de solidariedade e cooperação requeridos nos tempos atuais.

Para o Ensino Fundamental e Médio, a CEPE prevê estratégias para a terminalidade em cada nível, criando e validando múltiplas formas e múltiplos espaços de aprendizagem, que proporcionarão ao aluno condições de terminalidade dos estudos.

No Ensino Fundamental a Qualificação Profissional em Pesca e Aquicultura foi pensada nas dimensões da organização curricular, pois está presente em todos os momentos do processo formativo, de forma articulada e integrada às outras dimensões, **Ensino Fundamental e Vivências Comunitárias**, com uma carga horária total de 4.470h.

**O Ensino Médio está organizado em 03 (três) semestres com carga horária total de 4.020 horas (quatro mil e vinte horas) e 300 (trezentos) dias letivos de Curso.** Cada semestre funciona em regime de tempo integral (oito horas diárias), e 800 (oitocentas) horas semestrais, com período de alternância na escola, e no campo a cada 15 dias.

Na rotina semanal da Escola estão previstas 50 (cinquenta) horas, que incluem as atividades em sala de aula, visitas técnicas, orientadas às instituições públicas e privadas, pesquisa de campo, participação em eventos culturais, científicos, práticas relacionadas ao campo da qualificação profissional, estágios supervisionados e as vivências comunitárias, sob a supervisão de um educador (monitor ou técnico).

Os dias de Alternância são dedicados às leituras e exercícios referentes às atividades e práticas elaboradas no Plano de Estudos, realizadas individualmente ou em grupos.

### 7.3.2 VIVÊNCIAS COMUNITÁRIAS

São ações que se caracterizam por trabalhar a formação do “ser cidadão”. Os alunos realizam coletivamente um exercício prático de cidadania, além de conhecerem melhor a realidade social da comunidade em que vivem, e passam a reconhecer seus direitos sociais e vivenciam atitudes cooperativas e solidárias voltadas à qualidade de vida.

Para Rodrigues (2008) à luz dos princípios da alternância, no processo educativo, uma grande importância é dada aos problemas de todas as ordens que são vividos no cotidiano. A ideia de indagar, buscar compreender os problemas, buscar soluções aos problemas que vivenciam não faz da abordagem pedagógica da alternância um puro imediatismo nem um pragmatismo.

Percebe-se assim que as vivências comunitárias buscam não somente a formação do jovem para o mercado de trabalho, mas principalmente para a vida em sociedade, e por isso é facilmente compreensível entender o porquê do desenvolvimento dessas atividades no processo ensino aprendizagem na proposta de formação por alternância, uma vez que o aluno precisa adquirir esses saberes para utilizar nos estágios supervisionados.

## PLANO DE ESTUDO

Trata-se de uma pesquisa participativa realizada no meio sócio-profissional sobre um tema específico contemplada para cada alternância no plano de formação. É o principal instrumento metodológico para articular saberes do meio familiar com os saberes científicos, pois parte de questionamento e estuda situações concretas do presente.

Esse Plano de Estudo segue algumas etapas como: hipótese, fato concreto, análise, comparação, reflexão e idéia geral.

Segundo Zamberlan (2001) o Plano de Estudo é um instrumento da alternância e do Plano de Curso Orgânico (PCO), pois é por meio dele que acontece a integração da vida com o conhecimento aprendido na escola, criando no aluno o hábito de ligar a reflexão com a ação e de partir da experiência para a sistematização científica. Ele constitui a base para o diálogo entre o aluno e meio familiar. É feito de questões elaboradas em conjunto na escola, e a partir de um diálogo entre alunos e monitores, tendo por base a realidade objetiva do jovem.

Segundo Rocha (2003) o plano de estudo não é um tempo para descobrir o que fazer, mas para descobrir o que está fazendo. O Plano de Estudo vai auxiliar no descobrimento e expressão da realidade. É através dele que a oralidade dos alunos é transformado em conteúdo escrito que também servirá de subsídio para as atividades pedagógicas.

As experiências são realizações concretas decorrentes da dinâmica do Plano de Estudo, e segundo MEC (2006) as experiências ocorrerão a cada vez que este deixa o espaço escolar, e locomove-se com destina ao lugar onde mora. É nesse momento em que reflexões, pesquisas, debates e o contato com outras realidades serão confrontadas com a realidade local, e muito do que de positivo foi construído no período em que o aluno passou na escola será aplicado na prática.

Percebe-se a importância do plano de estudo na formação de um curso que necessita integrar o ensino formal ao profissional, visto que é nesse momento que o aluno faz o confronto entre teoria e prática. No retorno da alternância esse plano de estudo precisa ser socializado para esclarecer dúvidas e os possíveis equívocos existentes.

Portanto, é nessa fase que a pedagogia da alternância consolida sua proposta pedagógica, tendo em vista que possibilita ao aluno a interação entre os conhecimentos construídos na escola a partir da prática e a ela voltar, possibilitando por meio dessa interação a busca de alternativas aos problemas enfrentados pela família e comunidade.

## VISITAS DE ALTERNÂNCIA

Esta ferramenta metodológica, assim como a anterior, exerce um papel importantíssimo na pedagogia da alternância, justamente porque, é por meio dessas visitas que estreita-se o relacionamento entre os monitores e coordenadores pedagógicos e as famílias dos alunos e suas comunidades.

As visitas são realizadas pela equipe de monitores para acompanhar e orientar os estudantes e suas famílias em suas atividades sócio profissionais, cujas finalidades sociais, pedagógicas e técnicas consistem em ampliar seus conhecimentos sobre as comunidades e famílias, e isso contribui diretamente para que as atividades pedagógicas possam fazer intervenções nas próprias visitas, pois a troca de experiências e do diálogo dos saberes tornam-se as principais características das visitas de alternância.

## VISITAS TÉCNICAS

Esta ferramenta é mais que uma forma de ligar os conhecimentos da vida com os demais. As visitas técnicas têm por finalidade levar o aluno a observar na prática em ambiente externo àquele em que vivem. Segundo Rocha (2003) desta forma a escola possibilita que os alunos convivam com diferentes experiências existentes, seja no campo agrícola ou social. Ao longo desta viagem o aluno observa, pergunta e se informa acerca do assunto, e essa convivência estimula a curiosidade para observar experiências fora da sua realidade comunitária.

Essas visitas técnicas assim como todas as atividades são ferramentas utilizadas para ampliar os conhecimentos, e deverão ter relação com os temas contemplados na quinzena, já que tem a função de auxiliar no processo de aprendizagem prática. Tem por finalidade promover o contato com outras realidades confrontando conceitos promovendo reflexão e ampliação de conhecimentos teórico-práticos.

### 7.3.3 ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Com base na Lei nº 11.788/2008 em seu Capítulo I, Art. 1º, § 1 e 2, no transcorrer do Curso serão realizados Estágios Supervisionados em indústrias, empresas de pesca e fazendas aquícolas, sendo que no Ensino Fundamental serão 150 horas, e no Ensino Médio 240 horas, cuja finalidade é pôr o aluno em contato com instituições de diferentes fazeres na área da pesca e aquicultura para proporcionar vivências em ambientes de trabalho para compartilhar e

aprofundar conhecimentos, confrontando diferentes realidades, observando as formas empregadas na solução dos problemas encontrados, de modo a que se torne agente de melhoria na família e na comunidade.

#### 7.3.4 PROJETO PROFISSIONAL DE VIDA DO ALUNO (PPVA)

Este projeto não é uma atividade a ser comparada com as atividades acadêmicas convencionais das escolas tradicionais. Ele é mais que isso. É a expressão das aspirações, anseios, práticas, aptidões, e da capacidade de empreendimento do jovem em formação. Tem natureza prática e aplicabilidade real, seja para a comunidade, ou para o mercado.

No desenvolvimento do projeto cada aluno recebe a orientação de um orientador que acompanhará cada passo do projeto, trabalhando a sua definição, ajudando a buscar soluções, buscar informações, dirimir dúvidas, animar, incentivar, estimular a ampliação das capacidades individuais existentes em detrimento do coletivo, superar medos, bloqueios.

A socialização do projeto acontece por meio de portfólio, momento em que a coordenação pedagógica, professores, e parceiros acompanham a explanação dos saberes adquiridos na escola e transformados para uma necessidade e/ou viabilidade para suas necessidades locais.

Este projeto transforma-se em uma ação concreta de inserção profissional na perspectiva de ocupação e geração de renda, pois a escola deve articular com seus parceiros para conseguir linha de crédito para financiar projetos, como o “Pronaf Jovem”, que por meio de recursos federais coloca a disposição dos jovens rurais, recursos para o financiamento de suas propostas produtivas.

Em síntese, diante da necessidade da oferta de educação profissional na área de Recursos Pesqueiros, o Ministério da Educação por meio dos Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Profissional de Nível Técnico recomenda:

✓ A adoção de desenhos curriculares e de alternativas metodológicas inovadoras, dinâmicas, que substituam o modelo centrado nas aulas tradicionais, de forma quase que exclusiva ou com ênfase absoluta, por um ambiente pedagógico caracterizado por aulas operatórias, por workshops e oficinas nas quais os alunos trabalhem em projetos concretos e experimentais característicos da área, por oferecer espaços de discussão fundamentada do que está fartamente disponível para ser ouvido, visto e lido no mundo fora do espaço escolar, por seminários e palestras com profissionais atuantes, por visitas culturais e técnicas;

- ✓ A busca de alternativas de gestão em recursos educacionais, tais como acordos, convênios, patrocínios ou parcerias, que viabilizem constante renovação ou atualização tecnológica, condição essencial para que a educação profissional não faça do processo de produção uma ficção;
- ✓ O estudo e a implantação de formas mais flexíveis de organização do trabalho escolar e de estabelecimento de vínculos contratuais com professores, de maneira a possibilitar a contribuição de profissionais efetivamente engajados na atividade produtiva, atualizados e responsáveis por produções reconhecidas pela sua qualidade, cuja disponibilidade e interesse não se ajustem aos esquemas pedagógicos e administrativos convencionais.

Assim o cidadão atual não será pura e simplesmente massa a ser informada, e modelada, mas sim, um sujeito-cidadão capaz de construir e reconstruir a si mesmo através de atividades que garantam aos futuros profissionais da pesca o sentido de comunidade e desenvolvimento associativo, valorizando seus saberes e ampliando as possibilidades de construção democrática de suas histórias, suas vozes e seus registros.

#### 7.4 CARGA HORÁRIA

DISCRIMINAÇÃO	SEMESTRE	QUINZENA
Quinzenas letivas na CEPE	03	12
Quinzenas letivas na alternância	03	12
Curso de Ensino Médio/EJA e Habilitação Profissional Técnica	18 MESES	

#### 7.5 FUNCIONAMENTO

Horário Integral – totalizando 10 horas diárias / 50 horas semanais

Atividade de Alternância: durante os quinze dias em que o aluno esta na comunidade.

#### 7.6 Duração da hora/aula

- 50 minutos

### VIII ASPECTOS LEGAIS

A CEPE apoia-se na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional N°9394/96, capítulo II, referente à Educação Básica, Artigos 37 e 38, que dizem respeito aos que não tiverem acesso à continuidade de estudos no Ensino Fundamental e Médio na idade própria. No que se refere à qualificação para o trabalho, que vai complementar a formação dos alunos,

o resgate legal está consubstanciado nos Artigos 39 a 42 da referida Lei, e nos Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Profissional de Nível Técnico.

As Diretrizes Curriculares da EJA destacam que a Educação de Jovens e Adultos, como modalidade da Educação Básica, deve considerar o perfil dos alunos e sua faixa etária ao propor um modelo pedagógico, de modo a assegurar:

**Equidade:** distribuição específica dos componentes curriculares, a fim de propiciar um patamar igualitário dos componentes curriculares, de formação e restabelecer a igualdade de direitos e de oportunidades em face do direito à educação;

**Diferença:** identificação e reconhecimento da alteridade própria e inseparável dos jovens e dos adultos em seu processo formativo, da valorização do mérito de cada um e dos seus reconhecimentos e valores.

Ainda segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para EJA essa modalidade deve desempenhar três funções:

**Função reparadora:** Não se refere apenas à entrada de jovens e adultos no âmbito dos direitos civis, pela restauração de um direito a eles negado, o direito a uma escola de qualidade, mas também ao reconhecimento da igualdade ontológica de todo e qualquer ser humano de ter acesso a um bem real, social e simbolicamente importante, mas não se pode confundir a noção de reparação com a de suprimento. Para tanto, é indispensável para o modelo educacional que crie situações pedagógicas satisfatórias para atender às necessidades de aprendizagem específicas de alunos jovens e adultos.(PARECER CNE/CEB 11/2000, p.7)

**Função equalizadora:** Relaciona-se à igualdade de oportunidades, que possibilite oferecer aos indivíduos novas inserções no mundo do trabalho, na vida social, nos espaços da estética e nos canais de participação. A equidade é a forma pela qual os bens sociais são distribuídos tendo em vista maior igualdade dentro de situações específicas. Nessa linha, a EJA representa uma possibilidade de efetivar um caminho de desenvolvimento a todas as pessoas, de todas as idades, permitindo que jovens e adultos atualizem seus conhecimentos, mostrem habilidades, troquem experiências e tenham acesso a novas formas de trabalho e cultura. (PARECER CNE/CEB 11/2000, p .9)

**Função qualificadora:** Refere-se à educação permanente com base no caráter incompleto do ser humano, cujo potencial de desenvolvimento e de adequação pode ser atualizar em quadros escolares e não escolares. Mais que uma função, é o próprio sentido da educação de jovens e adultos.(PARECER CNE,CEB 11/2000, p.11)

Para Soares (2002, p. 9) “a realização da V CONFITEA (Conferência Internacional de Educação de Jovens e Adultos) em Hamburgo, na Alemanha, em 1997, deu um grande impulso para que as diversas iniciativas ligadas a EJA se articulassem”. Os documentos produzidos na Confitea demonstram que a EJA deve seguir novas orientações devido ao processo de transformações socioeconômicas e culturais vivenciadas a partir das últimas décadas do século XX, levando em conta que o desenvolvimento das sociedades exige de seus membros capacidade de descobrir e potencializar os conhecimentos e aprendizagem de forma global e permanente.

A produção de conhecimento e a aprendizagem permanente, ao longo da vida, constituem fatores essenciais na mudança educacional requerida pelas transformações globais.

Os quatro pilares educativos propostos - aprender a ser, aprender a conhecer, aprender a fazer e aprender a conviver constituem fatores estratégicos para a formação dos cidadãos. O respeito aos conhecimentos construídos pelos jovens e adultos em sua vida cotidiana serão considerados a partir do desenvolvimento do homem, pela a sua existência de mundo.

Em 2000, em Dacar, no Senegal foi aprovada a Declaração de Jomtien a qual afirma que toda criança, jovem e adulto tem o direito humano de se beneficiar de uma educação que satisfaça suas necessidades básicas de aprendizagem, no melhor e mais pleno sentido do termo, e que inclua aprender a aprender, a fazer, a conviver e a ser. E afirma ainda que esta educação se destina a captar os talentos e o potencial de cada pessoa, bem como desenvolver a personalidade dos alunos, para que possam melhorar suas vidas e transformar suas sociedades.

A Declaração de Jomtien (2000) estabelece que a educação deva assegurar que as necessidades de aprendizagem de todos jovens e adultos sejam atendidas pelo acesso equitativo à aprendizagem, à habilidade para a vida, e a programas de formação para a cidadania.

Neste contexto, compreende-se que é fundamental que as equipes gestora responsável pela educação conheçam, discutam e aprofundem essas orientações, estabelecendo princípios para uma atuação coerente com sua realidade da mesma forma, o conhecimento das especificidades da Educação de Jovens e Adultos e o registro das ações desenvolvidas por essa modalidade da educação básica precisam constituir uma preocupação das secretarias de educação das diferentes instâncias do nosso sistema educacional.



## IX METODOLOGIA

A presente proposta pedagógica está pautada na Pedagogia da Alternância, que se caracteriza pelo desenvolvimento de uma metodologia de estudo-trabalho, onde a aprendizagem acontece em espaços e territórios diferenciados de trabalho, em que os alunos se tornam participantes ativos do processo de ensino e aprendizagem, por meio da relação prática-teoria-prática, tendo como princípio básico a integração entre educadores/monitores, alunos, famílias e comunidade.

A Pedagogia da Alternância desenvolvida na CEPE implicano processo de ensino alternado, três semanas de estudos na Escola e três semanas no campo. Por meio dessa prática metodológica, os jovens filhos de pescadores de comunidades pesqueiras, terão suas atividades planejadas durante três semanas, onde os mesmos trocarão experiências de cooperação e vivências comunitárias (dia e noite), com o objetivo de ajudar na aprendizagem teórica-prática, assim para estimular as interações entre os sujeitos.

O jovem tem a oportunidade de vivenciar novas experiências de aprendizagem, refletir sobre a sua atuação de vida, conviver com pessoas diferentes num processo contínuo de avaliação, uma vez que o ensino diferenciado possibilita uma aprendizagem prática-teórica-prática prazerosa para o aluno.

A pesquisa, como princípio científico e educativo, faz parte integrante de todo processo emancipatório, no qual se constrói o sujeito histórico autossuficiente, crítico e político, participante, capaz de reagir contra situação de objeto e de não cultivar os outros como objeto.

Diante disso, a pesquisa como diálogo passa a ser construída no processo cotidiano integrante do ritmo de vida, produto e motivo de interesses sociais em confronto, base da aprendizagem que não se restrinja à mera reprodução.

Sendo assim essas práticas na acepção mais simples pode significar conhecer, saber, informar-se para sobreviver, e com isso enfrentar a vida de modo consciente, uma vez que a qualificação profissional é integrada concomitantemente com a formação educacional em nível de Ensino Fundamental, a fim de permitir ao jovem e adulto possa atuar no futuro como um profissional qualificado em pesca e aquicultura, e ao final do Ensino Médio receba uma habilitação técnica em recursos pesqueiros.

## X AVALIAÇÃO

A avaliação é parte integrante do processo ensino-aprendizagem, uma vez que o objetivo não é verificar por meio de uma medição de notas, a quantidade de informações apreendida pelo aluno, e sim levar em consideração suas vivências.

A avaliação deve servir como instrumento de diagnóstico do processo, oferecendo elementos para uma revisão de postura de todos os componentes deste processo. Dessa forma, restringir a avaliação a um conceito obtido em uma prova não retrata com fidelidade o aproveitamento obtido, daí a necessidade de se considerar, na avaliação, não somente o produto, mas principalmente o processo.

Assim, torna-se necessário considerar a avaliação como um recurso a serviço do desenvolvimento do aluno, que o leve a assumir um compromisso com a aprendizagem. Tomando a avaliação nessa perspectiva e em todas essas dimensões percebe-se que ela ocorre sistematicamente durante todo o processo de ensino-aprendizagem e não somente após o fechamento de etapas de trabalho, como é o habitual. Isso possibilita ajustes constantes, no mecanismo de regulação do processo, que contribui efetivamente para que a tarefa tenha sucesso. Avaliar a aprendizagem, portanto, implica avaliar o ensino oferecido.

#### **10.1 A AVALIAÇÃO NA PEDAGOGIA DE PROJETOS**

A pedagogia de projetos estimula a introdução de atividades mais dinâmicas na relação ensino/aprendizagem. Atividades cooperativas, baseadas no diálogo, em que professores e alunos interagem no processo permanente de construção de conhecimentos. Essa modalidade, que pretende produzir aulas mais favoráveis à aprendizagem, também imprime um novo desenho ao processo de ensino, exigindo uma redefinição das ações relacionadas ao ensinar e aprender.

Tradicionalmente, avaliar tem se confundido com as possibilidades de medir a quantidade de conhecimentos adquiridos pelos alunos, considerando o que foi ensinado pelo professor. No entanto, a dinâmica estabelecida pela pedagogia de projetos tira os pontos de apoio para os procedimentos e instrumentos de avaliação que comparam o desempenho do aluno ao resultado previsto, gerando uma medida (traduzida em nota ou conceito), que orienta a produção da hierarquia, oferecendo elementos para a classificação, o que justifica a seleção e a exclusão.

Se a pedagogia de projetos tem como fundamento a compreensão da aprendizagem como ato dinâmico, compartilhado e processual, a avaliação classificatória se configura a

partir de uma concepção mecanicista de aprendizagem, que valoriza as capacidades de armazenamento e de reprodução do que foi ensinado. Nesse caso, estabelecem-se práticas contraditórias no cotidiano escolar: por um lado, o convite à diferença, por outro lado, o enquadramento dos alunos.

Pode-se, com isso, prever que, no processo de realização do projeto, não sendo avaliados o comportamento do aluno, seus hábitos e atitudes, sua capacidade de trabalhar em grupo, seu espírito de liderança, sua iniciativa, atributos que se referem ao seu modo de interagir com os demais sujeitos, deixando em segundo plano sua aprendizagem.

Uma possibilidade de conectar a avaliação ao processo estabelecido pela Pedagogia de Projetos é torná-la uma prática de investigação dos processos desenvolvidos e dos resultados apresentados, incorporando alunos e professores como sujeitos interativos no desenvolvimento do projeto que está sempre atravessada de conhecimentos, desconhecimentos e aprendizagens.

Como prática de investigação, expõe a natureza coletiva e dialógica da avaliação por envolver diversas pessoas, diversos pontos de vista e várias possibilidades de compreensão. Em vez de conclusões que definem o lugar do aluno, esta modalidade de avaliação encontra no processo do aluno espaço para perguntas. Perguntas que trazem a multiplicidade de sentidos, a complexidade e a heterogeneidade com que os sujeitos encarnados tecem as práticas pedagógicas.

Desta forma, o enfoque da avaliação muda. O importante não é a atribuição de nota ou conceito, interessa coletivamente a compreensão do processo ensino-aprendizagem para permitir a ampliação do conhecimento. Ampliar para onde? Para o que se revela, no processo, desconhecido, necessário, interessante, desejado, significativo.

Como a Pedagogia de Projetos trabalha na perspectiva do movimento e da diferença, a avaliação precisa estar conectada ao permanente movimento de construção de conhecimentos, aqui traduzido pela idéia de ainda não saber, que traz para a avaliação a ênfase no processo permanente e estimula o diálogo e o encontro de diferenças, ou seja, a palavra ainda alimenta o processo de investigação.

Assim, o aluno pode ir se sentindo livre para dar a resposta, mesmo que diferente da resposta padronizada, por que sua resposta será admitida como conhecimento e, como tal, é considerada parcial e provisória.

Nesse caso, o erro deixa de representar a ausência de conhecimento válido, sendo apreendido como pista que indica como o aluno está articulando os conhecimentos que já possui com os novos conhecimentos que vão sendo elaborados na realização do projeto, permitindo uma melhor compreensão dos conhecimentos consolidados, dos desconhecimentos presentes e dos conhecimentos necessários e em processo de construção.

## XI INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO INDIVIDUAL E COLETIVA

✓ **Seminário:** o processo avaliativo precisa diagnosticar se o desenvolvimento do aluno acontece na leitura, escrita e oralidade, visto que a formação integral orientada pela LDB propõe que a escola utilize metodologias diferenciadas como é o caso do seminário.

✓ **Atividade Escrita:** por meio de atividades escritas os docentes poderão utilizar provas, resumos e resenhas para perceber o desempenho do educando no entendimento das atividades propostas.

✓ **Plano de Estudos:** Instrumento de trabalho que orienta a realização das atividades previstas para o período de Alternância, bem como o diálogo com a família e o levantamento de sua realidade, com procedimentos a serem seguidos;

✓ **Projeto de Vida do Aluno:** é um documento produzido pelo educando ao final do Curso e auxiliado por um professor-orientador, será um meio de o jovem aprofundar e concretizar as pesquisas dos Planos de Estudos, buscando conhecer melhor a realidade socioeconômica, política e profissional do mundo que o cerca.

## XII INSTALAÇÕES E EQUIPAMENTOS

A Escola apresenta uma estrutura física diferenciada. Situa-se num bosque, às margens de um furo do rio Maguari. Dispõe de uma sala de aula, três dormitórios com banheiros: masculino e feminino, cozinha e refeitório, biblioteca, laboratório de tecnologia pesqueira, auditório reversível em sala de aula, lavanderia, sala de professores e trapiche ou píer para atracação de embarcações de pequeno porte.

Os equipamentos desses espaços são os seguintes:

Nº	ITENS	QUANTIDADE
1.	Aparelho de DVD	01
2.	Aparelho de fax	01

3.	Aparelho de TV	02
4.	Aparelho telefônico	02
5.	Armário em aço 02 portas c/ 04 prateleiras	01
6.	Armário em aço c/ 04 vãos sobrepostos	02
7.	Armário em madeira c/ 2 portas e uma prateleira	02
8.	Balança Computadorizada 15 kg	01
9.	Banco em madeira	01
10.	Banco em madeira 03 lugares	02
11.	Bebedouro elétrico tipo garrafão em inox	02
12.	Beliche em madeira	18
13.	Bicama/sofá em madeira	01
14.	Bomba d'água centrífuga	01
15.	Botijão a gás 13 kg	02
16.	Caçarola de 20 L.	01
17.	Cadeira em madeira	15
18.	Caixa d'água de 1000L	01
19.	Câmera Digital Olympus X-775	01
20.	Colchão de solteiro Ortobom	36
21.	Conjunto p/ educação de adulto composto mesa/cadeira madeira c/ ferro tubular	40
22.	Conjunto para professor mesa/cadeira madeira c/ ferro tubular	01
23.	Conjunto para refeitório em madeira c/ dois bancos	04
24.	Escorredor grande	01
25.	Espreguiadeira em madeira c/ encosto regulável	04
26.	Estante pequena em madeira	02
27.	Estante s/ portas com 06 prateleiras	04
28.	Estantes de Ferro	04
29.	Estabilizador 500VA MICROLINE	02
30.	Extrator de Suco industrial	01

31.	Ferro à Seco para passar roupa	02
32.	Fogão 06 bocas doméstico	01
33.	Fogão industrial de 04 bocas s/ forno	01
34.	Freezer horizontal 01 tampa	01
35.	Frigideira grande	01
36.	Fronhas	72
37.	Geladeira	01
38.	Guarda-roupa 16 portas em madeira de 4m X 0,60m X 2,70m	02
39.	Guarda-roupa 4 portas em madeira de 1,70m X 0,60m X 2,70m	01
40.	Impressora HP Deskjet	01
41.	Kit de merenda escolar (copo, prato e colher)	50 Kit's
42.	Lâmpada de emergência	06
43.	Lavadora de roupa Industrial 10 kg	01
44.	Lençóis de cama de solteiro c/elástico	72
45.	Lençóis de solteiro	72
46.	Liquidificador Industrial 4 litros	01
47.	Lixeira em madeira	06
48.	Mesa c/ 04 gavetas em madeira	04
49.	Mesa de Centro em madeira	01
50.	Mesa Rack em madeira c/ prateleira p/ TV e DVD	01
51.	Mesa redonda em madeira	02
52.	Micro System CD	01
53.	Microcomputador c/ monitor	03
54.	Panela de Pressão 10L.	01
55.	Panelão de 40 L.	01
56.	Poltrona em madeira	08
57.	Projeter EPSON 5S POWERLITE	01
58.	Quadro Branco c/ moldura em alumínio	01
59.	Quadro Branco c/ moldura em madeira	01

60.	Quadro de aviso de cortiça c/ moldura em alumínio	04
61.	Quadro de aviso grandeem madeira	01
62.	Roçadeira Still Mod. FS 38 AUTO	01
63.	Tacho 22L.	01
64.	Tacho de 12L.	01
65.	Toalha de banho	72
66.	Toalha de rosto	72
67.	Travesseiro	36
68.	Vasos em madeira	04
69.	Ventilador de parede	02
70.	Ventilador de teto	12

### XIII PESSOAL TÉCNICO E DOCENTE

A Casa-Escola da Pesca conta com um corpo técnico e docente e de apoio composto por profissionais devidamente habilitados para o exercício da função, constituído por 19 funcionários, incluindo servidores efetivos e contratados.

Nº.	Nome	Qualificação Profissional	Função	Registro/Autorização	Sit. Funcional
1.	MARIA DE FÁTIMA F.SEABRA	L. Plena em Pedagogia	Diretora	Decrº. MEC 1841 Diploma nº. 074/2000	EFETIVA
2.	SANDRA REGINA GOMES TRINDADE	L. Plena em Pedagogia	Coordenadora Pedagógica	Decreto nº. 35.456/54 Diploma nº. 2264/2001.	EFETIVA
3.		Ensino Médio	Secretário Escolar	-	CONTRATADO
4.	MARIA VERA LÚCIA	Engenheiro de Pesca	Coordenadora do Curso	-	CONTRATADA
5.	ANDRE LUIZ OLIVEIRA NASCIMENTO	Técnico em Aquicultura	Técnico em Aquicultura		CONTRATADO
6.	HELIANE MONTEIRO DA COSTA	L. Pleno em História	Professor	Diploma registrado nº 1089 em 17/12/2003	CONTRATADA
7.	ANTONIO MARCOS MACHADO BORGES	Química Industrial	Professor	Decreto Federal nº. 47.340 Registro nº. 270/99.	CONTRATADO
8.	ODIMAR DO CARMO MELO	Bacharel e L. Plena em Geografia	Professor	Decreto Federal nº. 35.456 Registro nº. 186/2007.	CONTRATADA
9.	JHONATTA DOS SANTOS MELO	L. Pleno em Educação Física	Professor	Diploma Registrado nº 37633 de 16/06/2008.	EFETIVO
10.	DIONISIO RIBEIRO SERRAO	L. Pleno em Matemática	Professor	Portaria Ministerial nº. 171/85 Registro nº. 0087/2007.	CONTRATADO
11.	NORMA PEREIRA BORGES	Bacharel e L. Plena em Ciências Sociais	Professora	Decreto nº. 35.456/54 Registro nº.	CONTRATADA
12.	GRACILIANO CARVALHO FILHO	Ensino Fundamental	A.S. GERAIS	Memº GABS	CONTRATADO
13.	ADRIANA MATOS DA SILVA	Ensino Fundamental	Merendeira	PORTARIA Nº	EFETIVA

### XIV CERTIFICAÇÃO E DIPLOMAÇÃO

O aluno para receber o Certificado de Conclusão do Ensino Fundamental/EJA e Qualificação Profissional em Pesca e Aquicultura deverá concluir os três semestres letivos e o Estágio Supervisionado.

O aluno para receber a Diplomação no Ensino Médio /EJA na modalidade Educação Jovens e Adultos, integrado a Habilitação Técnica em Recursos Pesqueiros deverá cumprir o que determina o Catálogo Nacional de Cursos.

Os alunos que concluírem disciplinas do segundo e terceiro módulo poderão receber certificação intermediária, e ao final dos três semestres letivos mais Estágio Supervisionado receberão o Diploma de Conclusão do Técnico em Recursos Pesqueiro.

#### XV DESENHO CURRICULAR

Vide Matriz Curricular do Ensino Fundamental e Matriz Curricular do Ensino Médio.

#### REFERÊNCIAS



ARBACHE, Ana Paula Bastos. A formação do educador de pessoas jovens e adultas numa perspectiva multicultural crítica. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro. Papel Virtual Editora, 2001.

ARROYO, M. O direito do trabalhador à Educação. In: **Trabalho e Conhecimento: Dilemas na Educação do Trabalhador**. São Paulo-SP: Cortez, 1998.

AZEVEDO, A..A. **A formação de técnicos agropecuários e a alternância no Estado de São Paulo: uma proposta inovadora**. Tese de Doutorado, Marília; 1998.

BARACHO, Maria das Graças. ; MOURA, Dante. Henrique; PEREIRA, Ulisséia. Ávila; SILVA, Antônia. Francimar. Algumas reflexões e proposições acerca do ensino médio integrado à educação profissional técnica de nível médio. IN: **Ensino médio integrado à educação profissional: integrar para quê?** Brasília: Ministério da educação, 2006, p. 17-39.

BATISTELA, A. C. **Filosofia e Posicionamento Para a Educação no Meio Rural Pedagógico da Alternância**. Dissertação de Mestrado, Porto Alegre – RS, 1997

BRASIL. Constituição 1988: **Texto Constitucional de 5 de Outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nº 1/92 a 19/98 e Emendas constitucionais de Revisão nº a 6/94- Ed atual em 1988-** Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 1998.

\_\_\_\_\_. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Programa de Integração da Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA. **Documento Base**. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/setec> Acesso 07.04.2006.

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2002.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Educação Profissional: **Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Profissional de nível técnico – Área profissional: Recursos Pesqueiros**. Brasília, 2000.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Programa de integração da educação profissional técnica de nível médio na modalidade de jovens e adultos PROEJA. **Documento Base**, Brasília: MEC, 2007.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. *Saberes da Terra: Programa Nacional de Educação de Jovens e Adultos Integrada com Qualificação Social e Profissional para Agricultores(as) Familiares*. Brasília: MEC, out. 2005.

BELÉM. Secretaria Municipal de Educação. **Escola Cabana: Regimento Escolar da Rede Municipal de Ensino**. Belém-Pará, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 2005.

LIBÂNEO, José Carlos. Organização e Gestão da escola: teoria e prática. 5 ed. Goiania, GO: Alternativa, 2004.

MURRIETA, M. V. S. **Direito Ambiental e a exploração de recursos naturais: um estudo do setor madeireiro em Portel/ Marajó** – Belém: Paka-tatu, 2003.

OLIVEIRA, J. H. R. de. **M.A.I.S. MÉTODO PARA AVALIAÇÃO DE INDICADORES DE SUSTENTABILIDADE ORGANIZACIONAL**. Tese de doutoramento em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2002.

PAIVA, Jane. *Educação de Jovens e Adultos: direito, concepções e sentidos*. Tese de Doutorado em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense. Niterói: UFF, 2003.

PINTO, Álvaro Vieira. *Sete lições sobre educação de adultos*. 11 Edição. São Paulo. Cortez, 2000.

RABELO, Scotti Rabelo. **A construção da escrita pelo surdo**. Goiânia: UCG, 2002.

RODRIGUES, João Assis. **Práticas discursivas de reprodução e Diferenciação na pedagogia da alternância**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Educação. Vitória – ES. 2008.

RAMOS, M. N. **O Projeto Unitário de Ensino Médio sob os Princípios do Trabalho, da Ciência e da Cultura**. In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. (Org.). *Ensino Médio: Ciência, Cultura e Trabalho*. Brasília, 2008.

ROCHA, Isabel Xavier de Oliveira. *Dissertação apresentada na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação*. Riacho de Santana. 2003.

SECRETARIA de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente. **Entre rios e florestas: brincando com a educação ambiental**. Belém, SECTAM, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de Identidade: Uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SOARES, Leôncio J. Gomes. *Processos de inclusão/exclusão na educação de jovens e adultos*. Belo Horizonte: Revista Presença Pedagógica, v.5. n.30,2002.

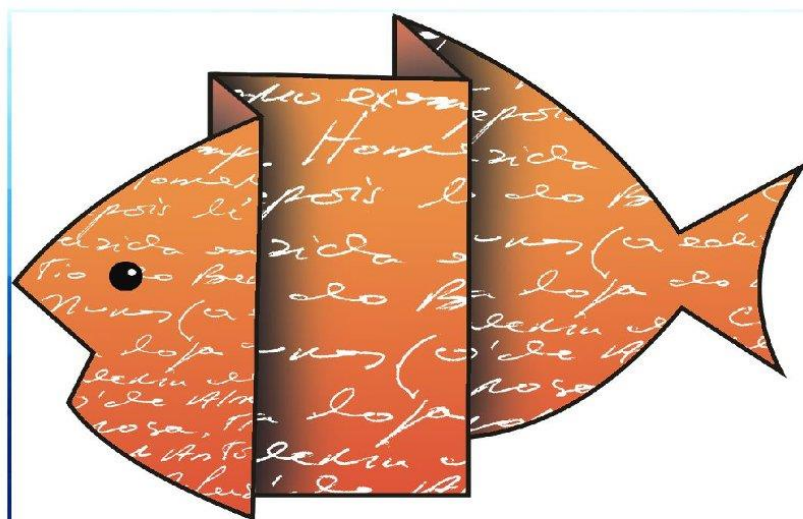
ZAMBERLAN, S. **Pedagogia da Alternância**. Coleção Francisco Giusti, Gráfica Mansur Ltda, 2001.



PREFEITURA MUNICIPAL DE BELÉM  
FUNDAÇÃO CENTRO DE REFERÊNCIA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

CASA-ESCOLA DA PESCA – CEPE

## PLANO DE CURSO PARA ENSINO MÉDIO



**CASA-ESCOLA DA PESCA**

Ilha de Caratateua (Belém-Pa)

2013

**SUMÁRIO**

I – IDENTIFICAÇÃO.....	3
II – JUSTIFICATIVA.....	3
III – OBJETIVO.....	5
IV – RECURSOS.....	6
4.1 – Materiais.....	6
4.2 – Humanos.....	6
V – ESPAÇO FÍSICO.....	6
5.1 – Atividades complementares.....	7
VI – ESPECIFICAÇÃO.....	7
6.1 – Clientela.....	7
6.2 – Número de aluno/turma.....	8
6.3 – Duração da carga horária.....	8
6.4 – Funcionamento da CEPE.....	8
VII – CURRÍCULO.....	9
VIII – AVALIAÇÃO.....	9
IX – SELEÇÃO E FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS.....	10
9.1 – Formação inicial.....	11
9.2 – Formação continuada.....	11
X – METAS.....	12
XI – INSTITUIÇÕES PARCEIRAS.....	13

## IDENTIFICAÇÃO

**Entidade Mantenedora:** Fundação Bosque - FUNBOSQUE

**C.G.C/CNPJ:** 00.986.621/0001-96

**Insc. Municipal:** nº 146919-8

**Insc. Estadual:** Isento

**Endereço:** Av. Nossa Senhora da Conceição, s/n – Bairro: São João do Outeiro

CEP: 66840-040. Ilha de Caratateua (Belém/Pará)

**Nome do Estabelecimento:** Casa-Escola da Pesca - CEPE

**Endereço:** Rua Evandro Bona, Passagem São José, nº. 70 – Bairro: Itaiteua

CEP: 66842-090, Ilha de Caratateua/Belém-Pará.

## I JUSTIFICATIVA

Perceber a importância da implantação do Curso Técnico em Recursos Pesqueiros, na modalidade Jovens e adultos, torna-se fundamental nesta Instituição de Ensino justamente porque é um curso que vai complementar os conhecimentos dos alunos adquiridos a partir do Ensino Fundamental nas atividades pesqueiras de suas ilhas.

De acordo com o Catálogo Nacional dos Cursos Técnicos (2012) os conhecimentos adquiridos no curso técnico de Recursos pesqueiro propicia a realização de atividades de cultivo de peixes, camarões, ostras, mexilhões, rãs e algas, bem como atividades de pesca extrativa em rios, mares e lagos. Prepara tanques e viveiros para produção aquícola. Auxilia na condução de embarcação a áreas de pesca, realizando operações de embarque e desembarque. Realiza procedimentos de armação. Beneficia pescado.

Por isso justifica-se a relevância dessas práticas durante o curso justamente porque irão contribuir para o desenvolvimento da região, e ainda alavancar com o desenvolvimento econômico em nível regional, visto que os recursos pesqueiros constituem-se em fontes de renda de grande potencial.

Assim, a escola por meio de atividades práticas, estágios supervisionados, e visitas técnicas oportunizam aos alunos diversas atividades que possibilitaram a exploração e beneficiamento do pescado em suas diversas áreas de atuação, e com isso certamente a escola estará assegurando a sustentabilidade dos recursos naturais existentes na região.

A importância do curso também se justifica devido trabalhar a dieta alimentar dos ribeirinhos, como principal fonte de proteína animal, pois os produtos derivados da pesca funcionam, também, como fonte de geração de renda à população envolvida. Entretanto, sua produção varia de acordo com o período de safra e entressafra (dezembro, janeiro, fevereiro e março), pois é quando os cardumes se dirigem à foz dos rios e fica difícil sua captura, com conseqüente baixa no mercado.

Este quadro agrava-se pelo fato de poucos pescadores possuírem barcos próprios, o que abriga a parcerias com proprietários de barcos, que exigem 50% da produção sem nenhum outro tipo de despesa, como combustível, manutenção e mão-de-obra, e essa situação leva o pescador a procurar outras atividades de renda, como: coleta do açaí, nos meses de setembro, outubro e novembro.

Este segmento da pesca artesanal destaca-se tanto no volume de produção quanto no contingente de pessoal envolvido, além de sua importância aos abastecimentos locais, regionais e nacionais, segundo Rufino (1999) as análises das atividades produtivas vinculadas ao setor primário da economia como é o caso da pesca artesanal, requer um novo enfoque, o qual deve estar fundamentado nas concepções de agronegócio e cadeia produtiva.

Segundo o Catálogo Nacional dos Cursos Técnicos (2012) o curso de Recursos Pesqueros oferece outras possibilidades de temas a serem abordados na formação como: piscicultura, carcinicultura, ostreicultura, mitilicultura, ranicultura e produção de plantas aquáticas. Reprodução, larvicultura, nutrição. Pesca e embarcações náuticas. Equipamentos de pesca. Beneficiamento do pescado.

Ressalta-se aqui a importância da proposta da Casa-Escola da Pesca-CEPE a ser instalada no distrito de Outeiro, local considerado ideal por sua posição geoestratégica, que facilita o acesso à população-alvo e a proximidade com as empresas pesqueiras, parceiras importantes no desenvolvimento do processo.

Nas ilhas de Cotijuba, Jutuba, Paquetá, Ilha Nova, e Caratateua existem associações de pescadores que estão diretamente ligadas à Colônia de Pescadores de Icoaraci, contando atualmente com 864 pescadores.

A proposta Pedagógica da CEPE tem como fundamentação teórica e metodológica a Pedagogia da Alternância, que pressupõe um currículo diferenciado, baseado na realidade de vida dos pescadores, com seus ritmos, tempos e traços culturais específicos, contemplando o seu mundo.

A CEPE constitui-se, portanto, de uma iniciativa educacional da Secretaria Municipal de Educação de Belém, e ao propor aos filhos de pescadores e trabalhadores da pesca, a oportunidade de conhecerem e dominarem novas tecnologias que se mostram mais eficientes nas atividades laborais pesqueiras e aquícolas, no trato com o meio ambiente na preservação das águas e das espécies - bem como fazê-lo conhecer melhor seus direitos como sujeitos críticos, transformadores e empreendedores, aptos a dialogarem com as instituições às quais se encontram vinculados.

## II OBJETIVO

A implantação do Ensino Médio, na modalidade de Educação de Jovens e Adulto-EJA, integrado a habilitação Técnica em Recursos Pesqueiros na CEPE acontecerá por meio do programa que integra o ensino formal com o ensino técnico, cujo objetivo fundamenta nas seguintes ações:

- ✓ Garantir à clientela o acesso a um processo educativo que forneça uma formação integral, adequada ao contexto sociopolítico local, permitindo torná-los sujeitos empreendedores, ecológicos e multiplicadores de informações e tecnologias, bem como cidadãos atuantes como futuros profissionais de Recursos Pesqueiros;
- ✓ Contribuir para o fortalecimento da identidade profissional do trabalhador da pesca e aquíicultura por meio da aplicação de conhecimentos técnicos e científicos;
- ✓ Favorecer a participação mais efetiva das organizações representativas do setor pesqueiro;
- ✓ Garantir uma prática pedagógica que fomente nos alunos, futuros profissionais, o sentido de comunidade e desenvolvimento associativo, valorizando seus saberes e ampliando as possibilidades de construção democrática de suas histórias, suas vozes, experiências e seus registros;
- ✓ Viabilizar sistemas produtivos que propiciem renda planejada e permanente às famílias dos pescadores;
- ✓ Sensibilizar, motivar e qualificar tecnicamente professores e técnicos para construção de uma práxis pedagógica fundamentada no desenvolvimento de processos de ensino-aprendizagem caracterizados pelos fazeres preconizados no Projeto Político Pedagógico;

Em caráter de extensão propõe-se atender a necessidade de terminalidade do Ensino Fundamental na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - EJA dos trabalhadores da

pesca e aquicultores e seus familiares, numa perspectiva de educação continuada qualificada para o trabalho, considerando o seu contexto sociopolítico e o desafio de fortalecer sua participação na construção de espaços democráticos.

### III PERFIL PROFISSIONAL DE CONCLUSÃO

Ao concluir a qualificação profissional e habilitação Técnica em pesca e aquíicultura espera-se que os concluintes sejam capazes de:

6.1 Afirmar sua dignidade como pessoa, cidadão e profissional;

- ✓ Estabelecer um processo de reflexão, ação e reflexão para fixação de rumo, definição de projetos de trabalho e de vida;
- ✓ Efetivar seu projeto de desenvolvimento profissional, com base em suas potencialidades, suas necessidades de aprendizagem e características de seu contexto de trabalho;
- ✓ Identificar problemas e necessidades de seu grupo/comunidade, planejando e participando de iniciativas concretas com vistas a sua superação;
- ✓ Conviver e trabalhar em grupo, assumindo responsabilidades, valorizando a diversidade de opiniões e a resolução negociada de conflitos;
- ✓ Continuar seu processo de aprendizagem tanto pela inserção no sistema formal do Ensino Médio, assim como pela formação profissional em pesca e aquíicultura, e ainda pelo aproveitamento de outras oportunidades educativas e profissionais;

6.2 Utilizar recursos tecnológicos de informação e comunicação como instrumentos de facilitação e/ou viabilização de sua aprendizagem e ações profissionais;

- ✓ Identificar equipamentos eletrônicos de navegação e pesca como a sonda, GPS (*Global Positioning System*); monitoramento por satélite, guincho, bússola, barômetro, termômetro e rádio, além de conhecer o funcionamento e manutenção de máquinas e motores marítimos (mecânica naval);
- ✓ Avaliar a meteorologia com a identificação de ondas, ventos, marés e previsões;

6.3 Exercer com habilidade a prática da piscicultura (como espécies alimentícias e ornamentais) e de carcinicultura, ranicultura, mitilicultura, ostreicultura e quelônios por meio de:

- ✓ Construção de tanques, viveiros e tanque-rede;
- ✓ Práticas de manejo hídrico e alimentar adequados à atividade aquícola;
- ✓ Utilização de técnicas de conservação do pescado (Salga, defumação, filetagem, resfriamento e congelamento);
- ✓ Aproveitamento de resíduos do pescado (pele, escamas, carapaças e vísceras);



- ✓ Formas de comercialização do produto final;
- ✓ Praticar a agricultura e produção familiar por meio de horta escolar;
- ✓ Conhecer, interpretar e cumprir a legislação ambiental e sanitária, direcionando suas ações dentro desses requisitos legais (unidade de conservação, defesa, preservação código de condutas, técnicas de manejo e legalização);
- ✓ Conhecer e distinguir as diferentes formas de organização dos profissionais da pesca em associação, sindicatos, cooperativas, fundação, colônia e federação de pescadores.

#### **IV ORGANIZAÇÃO CURRICULAR**

A Casa-Escola de Pesca – CEPE foi criada para atender uma clientela específica da região ribeirinha de Belém, e organizou seu currículo para oferecer o Ensino Fundamental e Médio integrado a qualificação profissional e habilitação técnica para o trabalho em atividade de Recursos Pesqueiros.

A presente proposta fundamenta-se na estrutura administrativa e pedagógica das Casas Familiares Rurais (Maisons Familiales Rurales) instituídas na França desde 1935, e atualmente disseminadas em várias partes do mundo, como é o caso Santa Catarina que utiliza a Pedagogia da Alternância como pressuposto para atender uma população diferenciada, pois trata-se de ribeirinhos que não tem condições de atravessar as ilhas para cursarem o ensino médio regular.

No Sistema Municipal de Educação de Belém, a CEPE caracteriza-se como unidade de ensino destinada a alunos na faixa etária de 15 a 24 anos para o Ensino Fundamental, e 18 anos para o ingresso no Ensino Fundamental, e que tenham concluído o Ensino Fundamental.

A Organização Curricular da CEPE caracteriza-se por sua flexibilidade, integrando ao Ensino Fundamental e Médio a qualificação profissional e habilitação técnica em Recursos Pesqueiros, pressupondo-se uma nova perspectiva de ação interdisciplinar, com vistas ao desenvolvimento desaberes, conhecimentos, competências e valores de solidariedade e cooperação requeridos nos tempos atuais.

Para o Ensino Fundamental e Médio, a CEPE prevê estratégias para a terminalidade neste nível, criando e validando múltiplas formas e múltiplos espaços de aprendizagem, que proporcionarão ao aluno condições de terminalidade dos estudos no Ensino Médio Técnico.

No Ensino Fundamental a Qualificação Profissional em Pesca e Aqüicultura foi pensada nas dimensões da organização curricular, pois está presente em todos os momentos

do processo formativo, de forma articulada e integrada às outras dimensões, Ensino Fundamental e Vivências Comunitárias e com uma carga horária total de 4.470h.

O Ensino Médio está organizado em 03 (três) semestres com carga horária total de 4.020 horas (quatro mil e vinte horas) e 300 (trezentos) dias letivos de Curso, e cada semestre tem duração de 06 (seis) meses, funcionando em regime de tempo integral (oito horas diárias), com 800 (oitocentas) horas semestrais, com período de alternância na escola, e no campo a cada 15 dias.

Na rotina semanal da Escola estão previstas 50 (cinquenta) horas, que incluem as atividades em sala de aula, visitas técnicas, orientadas às instituições públicas e privadas, pesquisa de campo, participação em eventos culturais, científicos, práticas relacionadas ao campo da qualificação profissional, estágios supervisionados e as vivência comunitárias, sob a supervisão de um educador (monitor ou técnico).

Os dias de Alternância são dedicados às leituras e exercícios referentes as atividades práticas elaboradas no Plano de Estudos, realizadas individualmente ou em grupos.

As práticas curriculares da Casa Escola da Pesca são diferenciadas das escolas regulares justamente porque atendem os pressupostos da pedagogia da alternância, a saber:

## **V. CRITÉRIOS DE APROVEITAMENTO DE CONHECIMENTOS E EXPERIÊNCIAS ANTERIORES**

A concepção de avaliação da CEPE vai além da visão tradicional que focaliza o controle da aprendizagem do aluno mediante notas ou conceitos, para ser compreendida como parte integrante e intrínseca do processo educacional, sem restringir-se a julgamentos sobre sucessos ou fracassos do aluno, mas entendida e assumida como um conjunto de atuações cujo objetivo centra-se em fomentar e sempre reorientar a intervenção pedagógica.

Os critério de aproveitamento devem acontecer sistematicamente, pois considera-se o conhecimento trazido pelo aluno. acompanhando-os nas atividades e nos trabalhos desenvolvidos em períodos dentro e fora do convívio escolar.

A proposta é de uma avaliação horizontal, em que tanto o aluno quanto o educador possam expressar suas dificuldades, necessidades de retomarem e/ou prosseguirem seus planos de trabalho por meio da auto ou heteroavaliação.

A mediação pedagógica deste trabalho acontecerá por meio de um conjunto de instrumentos pedagógicos que visam estimular a curiosidade e a criatividade do aluno, seu espírito de observação, com o registro sistemático e a análise dos dados observados e das questões surgidas.

## VI. CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

A avaliação é parte integrante do processo ensino-aprendizagem, uma vez que o objetivo não é verificar por meio de uma medição de notas, a quantidade de informações apreendida pelo aluno, e sim, levar em consideração suas vivências, para que façam parte integrante e intrínseca do processo educacional.

A avaliação deve servir como instrumento de diagnóstico do processo, oferecendo elementos para uma revisão de postura de todos os componentes deste processo. Dessa forma, restringir a avaliação a um conceito obtido em uma prova não retrata com fidelidade o aproveitamento obtido, daí a necessidade de se considerar, na avaliação, não somente o produto, mas principalmente o processo.

Assim, torna-se necessário considerar a avaliação como um recurso a serviço do desenvolvimento do aluno, que o leve a assumir um compromisso com a aprendizagem. Tomando a avaliação nessa perspectiva e em todas essas dimensões percebe-se que esta ocorre sistematicamente durante todo o processo de ensino-aprendizagem e não somente após o fechamento de etapas de trabalho, como é o habitual. Isso possibilita ajustes constantes, no mecanismo de regulação do processo, que contribui efetivamente para que a tarefa tenha sucesso. Avaliar a aprendizagem, portanto, implica avaliar o ensino oferecido.

## VII. INSTALAÇÕES E EQUIPAMENTOS

A Escola apresenta uma estrutura física diferenciada. Situa-se num bosque, às margens de um furo do rio Maguari. Dispõem de uma sala de aula, três dormitórios com banheiros: masculino e feminino, cozinha e refeitório, biblioteca, laboratório de tecnologia pesqueira, auditório reversível em sala de aula, lavanderia, sala de professores e trapiche ou píer para atracação de embarcações de pequeno porte. Os equipamentos desses espaços encontram-se descritos abaixo:

Nº	ITENS	QUANTIDADE
71.	Aparelho de DVD	01
72.	Aparelho de fax	01

73.	Aparelho de TV	02
74.	Aparelho telefônico	02
75.	Armário em aço 02 portas c/ 04 prateleiras	01
76.	Armário em aço c/ 04 vãos sobrepostos	02
77.	Armário em madeira c/ 2 portas e uma prateleira	02
78.	Balança Computadorizada 15 kg	01
79.	Banco em madeira	01
80.	Banco em madeira 03 lugares	02
81.	Bebedouro elétrico tipo garrafão em inox	02
82.	Beliche em madeira	18
83.	Bicama/sofá em madeira	01
84.	Bomba d'água centrífuga	01
85.	Botijão a gás 13 kg	02
86.	Caçarola de 20 L.	01
87.	Cadeira em madeira	15
88.	Caixa d'água de 1000L	01
89.	Câmera Digital Olympus X-775	01
90.	Colchão de solteiro Ortobom	36
91.	Conjunto p/ educação de adulto composto mesa/cadeira madeira c/ ferro tubular	40
92.	Conjunto para professor mesa/cadeira madeira c/ ferro tubular	01
93.	Conjunto para refeitório em madeira c/ dois bancos	04
94.	Escorredor grande	01
95.	Espreguiadeira em madeira c/ encosto regulável	04
96.	Estante pequena em madeira	02
97.	Estante s/ portas com 06 prateleiras	04
98.	Estantes de Ferro	04
99.	Estabilizador 500VA MICROLINE	02
100.	Extrator de Suco industrial	01

101.	Ferro à Seco para passar roupa	02
102.	Fogão 06 bocas doméstico	01
103.	Fogão industrial de 04 bocas s/ forno	01
104.	Freezer horizontal 01 tampa	01
105.	Frigideira grande	01
106.	Fronhas	72
107.	Geladeira	01
108.	Guarda-roupa 16 portas em madeira de 4m X 0,60m X 2,70m	02
109.	Guarda-roupa 4 portas em madeira de 1,70m X 0,60m X 2,70m	01
110.	Impressora HP Deskjet	01
111.	Kit de merenda escolar (copo, prato e colher)	50 Kit's
112.	Lâmpada de emergência	06
113.	Lavadora de roupa Industrial 10 kg	01
114.	Lençóis de cama de solteiro c/elástico	72
115.	Lençóis de solteiro	72
116.	Liquidificador Industrial 4 litros	01
117.	Lixeira em madeira	06
118.	Mesa c/ 04 gavetas em madeira	04
119.	Mesa de Centro em madeira	01
120.	Mesa Rack em madeira c/ prateleira p/ TV e DVD	01
121.	Mesa redonda em madeira	02
122.	Micro System CD	01
123.	Microcomputador c/ monitor	03
124.	Panela de Pressão 10L.	01
125.	Panelão de 40 L.	01
126.	Poltrona em madeira	08
127.	Projetor EPSON 5S POWERLITE	01
128.	Quadro Branco c/ moldura em alumínio	01
129.	Quadro Branco c/ moldura em madeira	01

130.	Quadro de aviso de cortiça c/ moldura em alumínio	04
131.	Quadro de aviso grandeem madeira	01
132.	Roçadeira Still Mod. FS 38 AUTO	01
133.	Tacho 22L.	01
134.	Tacho de 12L.	01
135.	Toalha de banho	72
136.	Toalha de rosto	72
137.	Travesseiro	36
138.	Vasos em madeira	04
139.	Ventilador de parede	02
140.	Ventilador de teto	12

### VIII - PESSOAL DOCENTE E TÉCNICO

A Casa-Escola da Pesca conta com um corpo técnico e docente e de apoio composto por profissionais devidamente habilitados para o exercício da função, constituído por 19 funcionários, incluindo servidores efetivos e contratados.

Nº.	NOME	QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL	FUNÇÃO	REGISTRO/AUTORIZAÇÃO	SITUAÇÃO FUNCIONAL
14.	MARIA DE FÁTIMA F.SEABRA	L. Plena em Pedagogia	Diretora	Decrº. MEC 1841 Diploma nº. 074/2000	EFETIVA
15.	SANDRA REGINA GOMES TRINDADE	L. Plena em Pedagogia	Coordenadora Pedagógica	Decreto nº. 35.456/54 Diploma nº. 2264/2001.	EFETIVA
16.	JOSIVALDO GONÇALVES LOBATO	Ensino Médio	Secretário Escolar	-	CONTRATADO
17.	MARIA VERA	Engenheiro de Pesca	Coordenadora do Curso	-	CONTRATADA
18.	MARCIO	Técnico em Aqüicultura	Técnico em Aqüicultura	Decreto Federal n. 2208 Portaria MEC 646/97 Registro nº. 387/2008.	CONTRATADO
19.	ANDRE	Técnico em Aqüicultura	Técnico em Aqüicultura		CONTRATADO
20.	HELIANE	L. Pleno em História	Professor	Diploma registrado nº 1089 em 17/12/2003	CONTRATADA
21.	ÂNTONIO MARCOS MACHADO BORGES	Química Industrial	Professor	Decreto Federal nº. 47.340 Registro nº. 270/99.	CONTRATADO

22.	ODIMAR	Bacharel e L. Plena em Geografia	Professora	Decreto Federal nº. 35.456 Registro nº. 186/2007.	CONTRATADA
23.	JHONATTA	L. Pleno em Educação Física	Professor	Diploma Registrado nº 37633 de 16/06/2008.	EFETIVO
24.	EDILZANE ALMEIDA CORRÊA	L. Plena em Ciências Naturais	Professora	Portaria Conjunta nº. 608/07 Registro nº. 008/2007.	CONTRATADA
25.	WALMIRA DE NAZARÉ FERREIRA PASCOAL	L. Plena em Língua Portuguesa e Espanhol	Professora	Portaria 2829/2001 Registro nº 098/2007	CONTRATADA
26.	LEILA	L.Plena em Educação Artística	Professora	Portaria nº. 529/80 Registro nº. 504/2002.	CONTRATADA
27.	DIONISIO	L. Pleno em Matemática	Professor	Portaria Ministerial nº. 171/85 Registro nº. 0087/2007.	CONTRATADO
28.	NORMA	Bacharel e L. Plena em Ciências Sociais	Professora	Decreto nº. 35.456/54 Registro nº.	CONTRATADA
29.	GEORGE WILLIAM DA SILVA E SILVA	Superior Completo	Motorista	Memº GABS	CONTRATADO
30.	GRACILIANO CARVALHO FILHO	Ensino Fundamental	A.S. GERAIS	Memº GABS	CONTRATADO
31.	ADRIANA MATOS DA SILVA	Ensino Fundamental	Merendeira	PORTARIA Nº	EFETIVA

## IX. CERTIFICADOS E DIPLOMAS

No Ensino Fundamental, após concluir os três semestres letivos e o Estágio Supervisionado o aluno receberá o Certificado de Conclusão do Ensino Fundamental/EJA e de Qualificação Profissional em Pesca e Aquicultura.

O Ensino Médio /EJA será ofertado na modalidade Educação Jovens e Adultos, integrado a Habilitação Técnica em Recursos Pesqueiros, para cumprir o determina o Catálogo Nacional de Cursos os alunos após concluírem módulos poderão receber certificação intermediárias, e ao final dos três semestres letivos, mais o Estágio Supervisionado receberão o Diploma de Conclusão do Técnico em Recursos Pesqueiro, conforme matriz curricular do curso.

## X METAS

## PROCESSO DE IMPLANTAÇÃO - 2014

Ações / Meses	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
1-Formação do grupo de trabalho para a elaboração do Projeto	X											
2-Elaboração do Projeto/reunião com entidades representativas do setor		X	X	X	X	X						
3-Inscrição, seleção e matrícula dos alunos	X	X									X	X
4-Funcionamento da 1ª turma de Ensino Médio.				X								
5-Funcionamento dos Cursos livres de qualificação profissional com instituições parceiras				X		X			X			



**X INSTITUIÇÕES PARCEIRAS****UFRA-CEPNOR-IBAMA / IFET-PA / CAPITANIA DOS PORTOS DA AMAZÔNIA ORIENTAL – CPAOR / SENAR/ E OUTROS**

- ✓ Oferta de Cursos livres de qualificação profissional em pesca e aquicultura.

**FEDERAÇÃO DOS PESCADORES DO ESTADO DO PARÁ e COLÔNIA DE PESCADORES**

- ✓ Articulação com as colônias, cooperativas, sindicatos e associações de pescadores;
- ✓ Mobilização da comunidade pesqueira.

**SINDICATO DA INDÚSTRIA DE PESCA DO PARÁ – SINPESCA (Oferta de espaço para aulas práticas e Estágio Supervisionado).**

- ✓ Pesqueira Maguary;
- ✓ Amasa
- ✓ UFRA (Estação de Piscicultura de Castanhal)
- ✓ Instituto Acquamazon;
- ✓ Ecomar (Vigia Pará).